VIDAS DOS SANTOS

Padre Rohrbacher

EDITORA DAS AMERICAS

AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

VIDAS DOS SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR

JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO

PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME XIII

EDITÔRA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

Caixa Postal 4468

SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† PAULO ROLIM LOUREIRO

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Propriedade literária e artística da
EDITÔRA DAS AMÉRICAS

Vidas dos Santos

Julho

14.º DIA DE JULHO

SÃO BOAVENTURA

Doutor da Igreja

São Tomás, cognominado o Anjo da escola, tinha um amigo íntimo, igualmente santo, um doutor e um religioso, não, porém, da mesma ordem. Queremos falar de São Boaventura, glória e ornamento da ordem de São Francisco. Foi cognominado Doutor seráfico, por causa da devoção extraordinária, da ardente caridade e do conhecimento profundo que tinha das ciências eclesiásticas. Nasceu em 1221, em Bagnarea, na Toscana. Seu pai e sua mãe, ambos recomendáveis pela piedade, chamavam-se João de Fidenza e Maria Ritelli. Recebeu no batismo o nome de João; mas logo depois o de Boaventura, pelo motivo que vamos dizer.

Na idade de quatro anos, foi atacado de uma doença tão perigosa que os médicos perderam a esperança de lhe salvar a vida. Sua mãe pediu-lhe a cura por meio de fervorosas orações e, depois, foi lançar-se aos pés de São Francisco de Assis, rogando-lhe, com lágrimas, intercedesse junto a Deus, por uma criança que lhe era tão cara. O santo comovido, pôs-se em oração e o doente ficou tão completamente

curado, que não experimentou mais nenhum incômodo durante o tempo em que aprouve ao Senhor chamá-lo a si. Tendo-o visto, quando estava prestes a terminar a vida mortal, predisse-lhe tôdas as graças com que a divina misericórdia o cobriria e exclamou de repente num êxtase profético: *Ó buona ventura!* palavras que significavam: Ó feliz acontecimento! Daí vem o nome de *Boaventura* dado ao nosso santo. Sua mãe, cheia de gratidão, consagrou-o ao Senhor, com um voto e tomou grande cuidado de lhe inspirar, desde os primeiros anos, vivos sentimentos de piedade. Acostumou-o também, desde cedo, à prática da renúncia, da humildade e da obediência. O filho correspondia a todos os cuidados; pareceu inflamado do amor de Deus, logo que foi capaz de O conhecer. O progresso que fêz nos estudos causou espanto aos mestres; mas os que fêz na ciência dos santos, foram ainda mais extraordinários. Seu maior prazer era saber por quantos títulos pertencia a Deus e procurar todos os meios de só viver para êle.

Quando chegou à idade de vinte e dois anos, entrou na ordem de São Francisco e recebeu o hábito das mãos de Haymon, então geral. Haymon, inglês de nascimento, tinha ensinado teologia em Paris. Gregório mandou-o, na qualidade de núncio a Constantinopla, com a incumbência da revisão do breviário e das rubricas da igreja romana. São Boaventura, nos diz êle mesmo, em seu prólogo da vida de São Francisco, entrou naquela ordem e fêz seus votos, pela gratidão, por lhe ter São Francisco conservado a vida, com suas orações e com a resolução de servir a Deus com todo o fervor, de que fôsse capaz.

Pouco tempo depois, mandaram-no a Paris, para lá terminar os estudos com o célebre Alexandre de

Hales, cognominado o Doutor irrefragável. A morte levou-lhe o mestre em 1245 e êle seguiu, depois, as lições de João de la Rochelle, sucessor. Unia a muita penetração um juizo excelente, o que fazia que, nas matérias mais sutis se ativesse sòmente ao estritamente necessário ou, pelo menos, útil para libertar a verdade dos sofismas, sob os quais, adversários

Sêlo da Faculdade de Teologia de Paris.
Século XIV.

minuciosos, procuravam embaraçá-lo. Tornou-se muito hábil no conhecimento da filosofia escolástica e nas partes mais sublimes da teologia; mas referia todos os seus estudos à glória de Deus e à santificação da alma e tinha o cuidado de se premunir contra a dissipação e uma vã curiosidade; por isso, soube conservar em si o espírito de recolhimento e de oração. Jamais desviava de Deus a atenção;

invocava as luzes do Espírito Santo, no comêço de cada uma de suas ações; nutria o fervor com freqüentes aspirações, que tornavam contínua a oração. A recordação das chagas de Jesus Cristo que eram o objeto ordinário de suas meditações, inflamava-o de amor pelo Salvador; imaginava ver o nome em tudo o que lia e muitas vêzes, os olhos se lhe enchiam de lágrimas.

São Tomás de Aquino veio vê-lo e perguntou-lhe em que livros tinha aprendido aquela sagrada ciência: Eis, respondeu êle, mostrando-lhe o crucifixo, eis a fonte onde vou haurir meus conhecimentos. Estudo Jesus e Jesus crucificado: tinha ainda horas marcadas para se ocupar ùnicamente da oração, que considerava, com razão, o princípio da graça e a chave que abre o céu. Tinha sabido, de São Paulo, que sòmente o Espírito Santo nos pode iniciar no conhecimento dos segredos e dos desígnios de Deus e gravar nos corações o amor das santas máximas; que sòmente êle pode dar-se a conhecer e que sua luz, como a do sol, se manifesta por si mesma; essa luz nos ilumina a alma e nos manifesta interiormente o nosso dever. Sabia ainda que o dom da oração é comunicado sòmente aos que antes se dispuseram a receber a presença sensível do Espírito Santo pela compunção, bem como pela prática da penitência, da humildade e da renúncia. Por essas diferentes virtudes separou-se para ser admitido aos favores inefáveis do espôso celeste. Sua vida era tão pura, suas paixões estavam tão perfeitamente submissas, que Alexandre de Hales, costumava dizer, falando dêle, que não parecia ter pecado em Adão. O espírito de mortificação era o principal meio que empregava para se manter na inocência; as austeri-

dades eram extraordinárias. Notava-se-lhe, entretanto, no rosto certa alegria, que provinha da paz interior de que gozava. Ouviam-no, muitas vêzes, repetir esta máxima: A alegria espiritual é o sinal mais certo da graça de Deus que habita numa alma. (1) À prática da mortificação acrescentava a das maiores humilhações. Se se tratava de servir aos doentes, procurava sempre exercitar os misteres mais baixos e repugnantes. Não temia expor a vida, dedicando-se àqueles cujas doenças eram mais perigosas e mais capazes de causar repugnância à natureza. A humildade só lhe fazia descobrir em si mesmo imperfeições e faltas e tinha um cuidado extremo em ocultar o que lhe poderia atrair a estima dos homens. Quando o brilho das virtudes o traía contra sua vontade, abraçava novas humilhações para diminuir a alta idéia que dêle se concebia ou pelo menos, para fortificar-se contra o veneno da vanglória e satisfazer o amor que tinha pela abjeção. A crermos nêle, era o mais indigno dos pecadores, não merecendo respirar o ar, nem viver sôbre a terra.

Muitas vêzes sua humildade lhe impedia aproximar-se da Sagrada Mesa, embora ardesse do mais inflamado desejo de se unir todos os dias ao terno objeto de seus afetos; mas Deus fêz um milagre para acalmar-lhe os ardores e recompensar-lhe o amor. Eis de que maneira é narrado, nos atos de sua canonização. "Muitos dias se haviam passado, sem que ousasse apresentar-se à Mesa Sagrada; mas, enquanto ouvia a missa e meditava na Paixão de Jesus Cristo, o Salvador, para coroar-lhe a humildade e o amor, colocou-lhe na bôca, pelo ministério de um anjo, uma

(1) **Specul. discipul. pars** I, c. III.

parte da hóstia consagrada que o padre tinha nas mãos." Êsse favor o inundou de uma torrente de delícias; depois daquele tempo comungou mais freqüentemente e cada uma de suas comunhões era acompanhada das mais doces consolações.

São Boaventura preparou-se pelo jejum, pela oração e outras boas obras, a receber o sacerdócio, a fim de obter uma medida de graça proporcionada às funções sublimes que devia exercitar. Desejava o sacerdócio, mas sempre com temor e tremor, e quanto mais lhe conhecia a excelência e a dignidade, mais se humilhava, considerando que estava para ser honrado com êle. Tôdas as vêzes que subia ao altar, viam-se, pelas lágrimas e pelo exterior, os sentimentos de humildade e de amor com que os oferecia; tinha em mãos e recebia na alma o Cordeiro sem mancha. Fêz, para sua ação de graças, depois da missa, a bela oração que começa por estas palavras: *Transfige, dulcissime Domine,* e cuja recitação a Igreja recomenda a todos os sacerdotes que acabam de celebrar o santo sacrifício. Julgando-se chamado, na qualidade de padre, a trabalhar especialmente pela salvação do próximo, nada descuidou, para corresponder perfeitamente à missão. Pregou a palavra de Deus com tanta fôrça e unção, que conseguia maravilhosamente acender nos ouvintes o fogo sagrado, que nêle mesmo ardia. Para mais fàcilmente obter os meios de bem cumprir a importante função, escreveu o livro intitulado *Pharetra* ou aljava, que outra coisa não é senão um resumo de pensamentos mui tocantes, tirados dos Padres da Igreja.

No mesmo tempo, encarregaram-no de ensinar no interior do convento. Depois da morte de João

de La Rochelle, foi nomeado para preencher-lhe a vaga na cátedra pública da universidade. Tinha sòmente vinte e três anos e devia ter vinte e cinco, para poder desempenhar aquêle cargo; mas julgaram poder dispensar da regra, em favor de Boaventura. Seus raros talentos bem depressa lhe granjearam admiração universal. Continuou, como antes, a estudar aos pés do crucifixo.

Alexandre IV terminou, em 1256, a disputa que havia surgido entre a universidade de Paris e os regulares; convidaram São Tomás e São Boaventura para receberem juntos o barrete de doutor. Os dois santos, em vez de disputarem-se o passo, quiseram ceder o primeiro lugar um ao outro. Não se deixaram convencer pelas razões que pretensos interêsses de ordem fazem, às vêzes, se aleguem; pareciam invejosos sòmente das prerrogativas que se fundam na humildade. São Boaventura insistiu tão fortemente que São Tomás foi obrigado a consentir em passar por primeiro; assim, êle triunfou ao mesmo tempo de si mesmo e do amigo.

O rei São Luís tinha uma estima particular por São Boaventura. Muitas vêzes o fazia almoçar com êle e o consultava sôbre os negócios mais difíceis. Rogou-lhe que compusesse, para seu uso, um ofício da Paixão de Jesus Cristo. Boaventura escreveu, assim, uma regra para Santa Isabel, irmã do rei e para seu mosteiro de Longchamps, habitado por clarissas mitigadas. Seu livro *du Gouvernement de l'âme* suas *Méditations* para cada dia da semana e a maior parte de seus outros pequenos tratados foram ainda escritos a pedido de diversas pessoas da côrte, que faziam profissão de piedade. Reina em tôdas as suas obras uma unção que comove os corações mais insen-

síveis. O santo doutor encerra em poucas palavras um grande sentido; cada palavra faz nascer os mais belos sentimentos. Não poderíamos ler demasiadamente suas meditações sôbre os sofrimentos do Homem-Deus; sentiríamos como que passarem a nós os afetos ardentes que experimentava à vista de um mistério que é o prodígio da misericórdia divina, que oferece um modêlo perfeito de virtude, e que é fonte de todo bem.

Eis o que diz o célebre Gerson dos escritos de São Boaventura: "De todos os doutôres católicos, Eustáquio (pois é assim que se pode traduzir o nome de Boaventura) parece-me o mais próprio a esclarecer o espírito e a inflamar o coração. Seu *Breviloquioum* e seu *Itinéraire*, sobretudo, são escritos com tanta fôrça, arte e concisão, que nada há que se lhes possa comparar, nesse gênero. (1) As obras de São Boaventura, diz êle em outro lugar, parecem-me as mais próprias para a instrução dos fiéis. São sólidas, seguras, piedosas e devotas; nelas não encontramos as sutilezas, nem vãs questões de escolástica que tinham tanta aceitação na época. Não há, em lugar algum, doutrina mais elevada, mais divina e mais capaz de conduzir à piedade." (2)

O que acaba de ser dito convém principalmente aos tratados de piedade que São Boaventura compôs. Aí se mostra por tôda parte impregnado da humildade mais profunda, zeloso partidário da pobreza, perfeitamente desapegado das coisas da terra, ardente de amor de Deus e cheio de terna devoção para com Jesus padecente. Via-se que o pensamento dos bens

(1) Gerson, **De libris quos religiosi legere debent.**

(2) **L. de exam. doctrinarum.**

do céu o ocupava contìnuamente e que nada desejava tanto como levar os outros a os desejar com vivo ardor. "Deus mesmo, dizia êle, os espíritos bem-aventurados e todos os habitantes da côrte celeste, nos esperam com impaciência e desejam o momento em que estaremos juntos, em sua felicidade. Poderíamos não desejar com tôda a alma, sermos admitidos em sua santa companhia? Qual será nossa confusão quando aparecermos diante dêles, se, neste vale de lágrimas não tivermos elevado a alma acima dos objetos visíveis, para sermos já, na disposição do coração, habitantes dessa região feliz!" (1) Faz ver claramente que não podia exprimir os transportes de alegria que sentia, tôdas as vêzes em que pensava na união futura de sua alma com Deus, na morada da imortalidade bem-aventurada. Contìnuamente lembrava o arrebatamento que os santos experimentavam e os vivos sentimentos de gratidão de que estavam animados, considerando, de um lado, o estado imutável de que gozavam, e, de outro, a situação dos homens que viviam sôbre a terra, no meio de uma multidão de inimigos temíveis e dos quais muitos caíam todos os dias no inferno. O coração ficava-lhe fortemente comovido quando pensava nessa multidão inumerável de anjos e de santos, todos distintos uns dos outros pela diversidade de coroas, de sorte que, entretanto, cada qual goza de sua felicidade e da dos outros, por efeito da caridade que a todos une e faz de todos a mesma coisa em Deus. A exemplo de Santo Anselmo perguntava muitas vêzes ao coração, tão pobre, tão frágil e tão cheio de miséria, sôbre a terra, como poderia, sem uma

(1) **Soliloq., exercit. IV, c. I et II.**

graça extraordinária, sustentar todo o pêso da eterna felicidade.

Apesar do atrativo que São Boaventura tinha pelos exercícios da vida interior, não deixava de se apresentar exteriormente, quando a glória de Deus o exigia; prestava-se até às funções exteriores, para a utilidade do próximo, mas as animava e santificava pelo espírito de oração e pela prática do recolhimento.

Enquanto ensinava teologia em Paris foi eleito geral de sua ordem num capítulo que se reuniu em Roma, em 1256, no convento chamado *Ara Coeli*. Embora só tivesse trinta e cinco anos, o Papa Alexandre IV confirmou-lhe a eleição. Sabendo dessa notícia foi tomado de viva dor; prostrou-se por terra, com os olhos banhados de lágrimas, para implorar o socorro de Deus na contingência em que se encontrava e pôs-se a caminho de Roma. Sua presença era tanto mais necessária na Itália, quanto a ordem dos Franciscanos era então perturbada por dissensões intestinas. Havia irmãos que eram de uma severidade inflexível pela observância da regra; outros pediam se mitigasse o rigor com algumas supressões. O novo geral, apenas chegou, restaurou a calma com suas exortações, mistas de fôrça, de doçura e de caridade. Todos os irmãos se reuniram sob o superior comum e foram todos animados por um só e mesmo espírito.

Voltando a Paris, São Boaventura visitou os conventos de sua ordem, que encontrou pelo caminho. Mostrou por tôda parte que tinha aceitado o cargo de primeiro superior, sòmente para dar mais perfeitamente exemplo da caridade e da humildade. Era muito compassivo, e via-se em tudo, que se considerava servo de seus religiosos. A multiplicidade de

suas ocupações nada lhe tirava dos exercícios de piedade; sabia tão bem regular o tempo que o encontrava suficiente para cada coisa. Estando em Paris, compôs várias obras. Muitas vêzes, retirava-se a Mantes, a fim de ficar menos dissipado. Vê-se ainda aí a pedra que lhe servia de travesseiro, quando repousava. Em 1260, reuniu um capítulo geral em Narbona e lá, de acôrdo com os definidores, deu uma forma nova às antigas constituições, acrescentou-lhes algumas regras que julgou necessárias e reduziu tudo a doze capítulos. Consentiu também em se encarregar, como lhe pediam, do encargo de escrever a vida de São Francisco de Assis. De Narbona foi ao monte Alverne, e assistiu à dedicação de uma igreja. Quis conversar com Deus em um pequeno oratório construído em lugar onde o fundador da ordem recebera as impressões milagrosas das chagas do Salvador. Sua oração foi longa, sublime e acompanhada de um êxtase. Escreveu seu *Itinéraire de l'âme pour aller à Dieu*, que já conhecemos.

Quando São Boaventura estava na Itália, reuniu tôdas as memórias de que tinha necessidade, para escrever a vida de São Francisco; foi aos lugares, interrogou as pessoas que tinham sido testemunhas dos principais fatos que êle narra. Lendo essa vida, nota-se que o autor estava cheio de virtudes heróicas, que tinham brilhado em seu bem-aventurado pai. São Tomás veio visitá-lo um dia quando ainda escrevia a obra, e viu-o pela porta da cela, completamente absorto na contemplação. "Retiremo-nos, disse, então, e deixemos um santo escrever a vida de um santo."

De Pádua, onde tinha assistido à transladação das relíquias de Santo Antônio, São Boaventura foi

reunir em Pisa o capítulo geral de sua ordem. Lá exortou os religiosos, ainda mais com os exemplos do que com as palavras, ao amor do silêncio e do retiro. Deu provas inequívocas de terna devoção à Santíssima Virgem e não foi a primeira vez que manifestou seus sentimentos a tal respeito. Imediatamente depois de sua eleição para superior-geral, colocou sua ordem sob a proteção especial da Mãe de Deus. Traçou-se um plano de exercícios, regulados em sua honra, e compôs seu *Mircir de la Vierge,* onde se estende sôbre as graças, as virtudes e os privilégios de que Maria foi favorecida. Acrescentou várias orações que eram a expressão terna e respeitosa dos sentimentos de seu coração. Fêz também uma paráfrase muito tocante sôbre a *Salve Rainha.* Publicando louvores da Mãe, quis satisfazer o amor que tinha pelo Filho e obter o aumento de sua glória. Para estender os limites do reino de Jesus Cristo, mandou, pela autoridade do Papa, pregadores a várias nações bárbaras. Foi uma grande pena, para êle não os poder acompanhar e não ter a liberdade de expor sua vida entre os infiéis.

Em 1265, o Papa Clemente IV nomeou São Boaventura para o Arcebispado de York, não duvidando de que sua escolha era agradável à Inglaterra. O Santo, mal disso foi informado, rogou a Deus o livrasse do perigo ao qual se julgava exposto; foi, depois, prostrar-se aos pés do Papa e chegou, por fim, à fôrça de lágrimas, e de instâncias a se desfazer de um pêso que se julgava incapaz de carregar. No ano seguinte, reuniu em Paris o capítulo-geral da ordem. Foi naquele que se reuniu em Assis, que determinou se rezaria o *Angelus* tôdas as manhãs, às seis horas, em honra ao mistério da Encarnação.

São Boaventura. Segundo uma pintura a fresco de João de Fiesole, no Vaticano. Século XV.

São Boaventura contribuiu muito para a eleição do sucessor do Papa Clemente IV, que se fêz em 1272. A escolha dos cardeais caiu sôbre um santo: Thibaud, arcediago de Liège, nascido em Palisance e que então se encontrava na Palestina. Tomou êle o nome de Gregório X. São Boaventura, temendo que o Papa o quisesse elevar às dignidades eclesiásticas, deixou a Itália e veio a Paris. Compôs nessa cidade o seu *Hexameron* ou a explicação da obra dos seis dias. Mal tinha acabado a obra, recebeu um breve de Roma, pelo qual soube, ao mesmo tempo, que fôra feito cardeal, e nomeado arcebispo de Albano. Gregório ordenava ao santo que aceitasse e partisse para Roma, sem demora. Fêz, ao mesmo tempo, partir núncios, que o deviam encontrar no caminho, para lhe entregar os sinais da dignidade de Cardeal. Os núncios alcançaram-no a quatro léguas de Florença, no convento dos Franciscanos de Migel. Quando chegaram, êle estava ocupado na cozinha, num dos mais baixos misteres da comunidade, em lavar os pratos. Pediu licença para terminar o que estava fazendo. Isso feito, tomou o chapéu que lhe tinham levado, e foi encontrar-se com os núncios, que passeavam no jardim, prestar-lhes as homenagens devidas ao seu caráter; depois, saiu do convento para continuar a viagem. O Papa, em Orvieto, veio encontrá-lo em Florença e quis, êle mesmo, realizar a cerimônia de sua sagração; ordenou-lhe, depois, que se preparasse para falar no concílio geral que tinha sido convocado em Lião, para a reunião dos gregos e dos latinos. (1)

(1) **Acta SS., Godescard, 14 de julho.**

Pode-se ver, na História da Igreja, como São Boaventura com seu amigo São Tomás e outros, procurou conciliar tôdas as ciências, principalmente a filosofia pagã com a doutrina cristã; como São Boaventura em seu *Itinéraire de l'âme vers Dieu,* São Tomás, em sua doutrina sôbre a graça, o autor da *Imitação* sobrepujam Bossuet, Fénelon, Malebranche e Pascal.

Boaventura era geral de sua ordem, quando assistiu ao concílio ecumênico de Lião. Foi encarregado pelo Papa São Gregório X de ser presidente do concílio e preparar a matéria de que aí se devia tratar. Caiu doente depois da terceira sessão; entretanto, assistiu ainda à quarta, na qual o logoteta ou o grande chanceler de Constantinopla abjurou o cisma; mas no dia seguinte, as fôrças abandonaram-no a ponto de êle ser obrigado a ficar em casa. Depois, só se ocupou dos exercícios de piedade. A serenidade que lhe transparecia no rosto revelava a tranqüilidade de sua alma. O Papa administrou-lhe o sacramento da Extrema-Unção, como prova a inscrição que se via ainda em 1731, no quarto onde morreu. Durante a enfermidade, sempre conservou os olhos presos ao crucifixo. A bem-aventurada morte deu-se no domingo, 15 de julho de 1274. Estava no seu qüinquagésimo-terceiro ano de vida, e foi chorado por todo o concílio, pela doutrina, eloqüência, virtudes e maneiras tão amáveis, que conquistavam o coração de todos os que o viam. Enterraram-no em Lião, na casa da ordem, isto é, dos frades menores. O Santo Papa, quis oficiar os funerais. Todos os Padres do concílio a êle assistiram, com tôda a côrte de Roma. Pedro de Tarentásia, cardeal Bispo de Óstia, da ordem dos irmãos pregadores, fêz o elogio fúnebre

O papa Sixto V (1585-1590). Segundo uma gravura contemporânea.

do santo e sôbre estas palavras de Davi: Eu vos choro, irmãos, meu irmão, Jonatas! E comoveu mais com as lágrimas, suas e dos ouvintes, do que com a eloqüência do discurso feito no momento.

São Boaventura foi canonizado por Sixto IV, no ano de 1482. Sixto V colocou-o no número dos doutôres da Igreja, como Pio V já tinha pôsto Santo Tomás. Lemos nos atos de sua canonização a história de vários milagres operados por sua intercessão. A peste atacou a cidade de Lião em 1628; fizeram uma procissão na qual se levaram algumas relíquias do servo de Deus e imediatamente o flagelo cessou as devastações. Outras cidades também foram libertadas de várias calamidades públicas invocando o mesmo santo. (1)

* * *

(1) Acta SS., e Godescard, 14 de julho.

SÃO FÉLIX (*)

Bispo

Segundo a tradição de Como, São Félix foi o primeiro bispo daquela cidade. Sôbre êle, o que se sabe, tirou-se da correspondência de Santo Ambrósio — cartas III e IV — que era amigo do Santo e foi quem o elevou ao episcopado e o enviou a Como, onde a evangelização ia pouquíssimo adiantada.

São Félix levou para Nosso Senhor um sem-número de almas, a maior parte dos habitantes da diocese. Para tal, jamais se deu repouso, acreditando que o que era necessário fazer por Jesus devia ser feito sem perda de tempo. Isto lhe valeu, da parte de Santo Ambrósio, quentes elogios.

São Félix edificou a primeira catedral de Lodi, que colocou debaixo da proteção de São Carpóforo. Faleceu em 390. A festa, em Como, realiza-se a 8 de outubro, mas no martirológio romano vêmo-la a 14 de julho.

* * *

SANTO HÉRACLAS (*)

Bispo e Confessor

As fontes da história de Héraclas são Eusébio — *História Eclesiástica,* livro IV, capítulos XV, XXVI, XXXI, XXXV, e livro VII, capítulo VII.

A escola cristã de Alexandria, fundada por Panteno, devia atingir o auge da celebridade com Orígines, no princípio do século III.

Os alunos, então, foram tão numerosos que o mestre se viu obrigado a arranjar um auxiliar — Héraclas.

"Héraclas, diz-nos Eusébio, era homem zeloso, preocupado com as coisas santas, eloqüentíssimo e não desprovido de filosofia". O mestre deu-lhe a direção daqueles que estavam no início do curso, reservando os mais adiantados para si mesmo.

Nascido numa família pagã, era irmão de Plutarco, o qual foi o primeiro a se converter ao cristianismo e o primeiro mártir que a perseguição de Severo fêz na dita escola de Alexandria: morreu acoroçoado pelo mestre e sustentado pelos condiscípulos.

Héraclas iniciou o estudo, afincadamente, de filosofia, depois de 202, possìvelmente sob a direção do filósofo cristão Amônio, ao mesmo tempo que se

dava às ciências profanas e se aplicava às Santas Escrituras. Em 215, foi feito padre.

Héraclas conquistou grande celebridade: Júlio, o Africano, o autor das *Cronografias*, viajou até Alexandria exclusivamente para vê-lo.

Com a morte de Demétrio, bispo de Alexandria, Héraclas assumiu aquêle alto pôsto, o qual deixou depois de dezesseis anos, quando a morte o colheu, em 247 ou 248.

Embora passasse uma grande parte da vida a ensinar, não consta que tivesse escrito qualquer trabalho.

* * *

BEM-AVENTURADO HUMBERTO DE ROMANOS (*)

Confessor

Humberto nasceu em Romanos, não longe de Valença, em 1200, de pais piedosos e hospitaleiros, que gostavam de receber os monges que, de viagem, passavam pela cidade. Humberto observava os religiosos, escutava o que se conversava, deixando-se seduzir pcr tudo aquilo que ouvia.

Enviado muito jovem para a universidade de Paris, estudou com afinco, sempre se colocando nos primeiros lugares. Era, numa palavra, o estudante modêlo. Doce e contemplativo, fêz-se religioso.

Tendo escolhido os Pregadores, tomou-lhes o hábito a 30 de novembro de 1224. Dêste ano até 1238, o bem-aventurado foi leitor do convento de Lião, depois prior, peregrinando, mais tarde, à Terra Santa.

Quando João, o Teutônico, mestre-geral da ordem, faleceu, em 1253, no dia de Todos os Santos, um capítulo-geral reuniu-se em Buda, na Hungria, para a escolha do sucessor. Humberto, naquela ocasião, foi eleito por unanimidade.

Como mestre-geral, teve o bem-aventurado Humberto um duro comêço: a ordem teve de combater

pela vida, atacada que foi por mestres da universidade de Paris e por clérigos regulares, invejosos da influência da ordem, a qual Humberto entregou, para ser defendida, nas mãos de Alberto, o Grande e de Tomás de Aquino.

Foi o bem-aventurado Humberto um dos grandes animadores da vida dominicana, sempre imperturbável e grande diante das tempestades que lhe rugiram em tôrno, desenfreadas e feias. Observando a pobreza, a penitência, o estudo, o ofício, a pregação, a administração, escreveu tratados sôbre os votos, sôbre as Regras e as Constituições, sôbre os *ofícios* da ordem e a maneira de pregar, que devia ser simples e de cunho popular.

Em 1263, deixou o alto cargo que exerceu com precisão. Desde então passou a viver retirado, consagrado ao estudo e à pregação.

Falecido em 1277, em Valença, o bem-aventurado Humberto de Romanos foi o quinto mestre-geral da ordem dos Irmãos Pregadores.

* * *

BEM-AVENTURADO GASPARDO DE BONO (*)

Confessor

Gaspardo de Bono nasceu em Valença, na Espanha, em 1530. Depois de ter tentado o comércio, sem sucesso, resolveu fazer-se soldado.

Um dia, num combate, foi sèriamente ferido. Ainda em dúvida quanto a carreira a seguir, aquêle ferimento decidiu-lhe a vida: prometeu que, se se curasse, iria professar entre os Mínimos, cujo fundador, São Francisco de Paula, fôra canonizado quarenta e um anos atrás, em 1519.

Ouvido por Deus, curado, Gaspardo deixou as armas e foi bater à porta dos humildes irmãos, que levavam vida de grande austeridade. Era em 1560, e os superiores, felizes por serem procurados por tal *recruta*, que tinha fama de enérgico e de ter combatido cristãmente, sem paixão e crueldade, acolheram-no na ordem, de braços abertos.

Durante tôda a vida religiosa, Gaspardo foi perseguido por insidiosas dores físicas. A elas, com verdadeiro espírito cristão, juntava duras penitências, com os olhos voltados para Jesus, para o reino eterno, que não se conquista senão bravamente, combatendo o bom combate.

Por duas vêzes, Gaspardo foi eleito corretor (1), cargo que exerceu com imenso zêlo, com grande prudência e não menor caridade.

Com invejável fama de santidade, da qual procurava fugir com tôdas as veras, o bem-aventurado Gaspardo de Bono faleceu no convento de Valença no dia 14 de julho de 1604, com setenta e quatro anos de idade.

Durante a vida, Gaspardo foi um incansável propagador do culto de São José, padroeiro, como se sabe, dos moribundos. É por isso que se diz que o virgem espôso da Virgem Maria deve ter ido, na hora da morte do ex-soldado do século, ao encontro do soldado de Cristo.

O papa Pio VI beatificou-o no ano da graça de 1786.

* * *

(1) **Corrigo, is, exi, ctum, ere: endireitar o que está torto, corrigir, emendar. Corretor, oris; o corretor, o que emenda, o censor.**

BEM-AVENTURADO RICARDO LANGHORNE (*)

Mártir

Ricardo Langhorne foi uma das primeiras vítimas da chamada "Conspiração papista", o *Popish plot,* tramado por Titus Oates e por êle levado a *bom têrmo* naquele triste período da história religiosa da Inglaterra.

Acusado e prêso, Ricardo foi trancafiado numa prisão, em Newgate, no dia 7 de outubro de 1678. A 14 de fevereiro do ano seguinte, depois de mais de quatro meses de severíssima detenção, foi julgado e condenado, com cinco jesuítas da cidade.

Ricardo defendeu-se com brilho e arregimentou as mais idôneas testemunhas, em vão. Oates, maquiavélico, sobrepujou-o, lançando mão de tôdas as mentiras que encontrava.

Afinal, Ricardo obteve um *sursis,* porque julgavam que fizesse revelações. Decepcionados os contrários, sem as imaginadas revelações, ouvindo-o dizer sòmente que tudo o que lhe impingiam era requintada falsidade, encerraram definitivamente o caso.

Langhorne era homem de grande fortaleza de espírito. Originário de Bedford, ao norte de Londres,

findou-se em Tyburn, com serena coragem, a 14 de julho de 1679. Ao povo disse sincera e ardorosamente tudo quanto de falso lhe haviam feito — longo discurso que, depois da morte, foi publicado na íntegra.

— Eu morro como membro, disse — e como membro indigno — da Igreja católica, apostólica, do Cristo, mencionada nos três símbolos da Fé santos e oficiais. Desta Igreja, Nosso Senhor Jesus Cristo é o chefe invisível, que a ilumina, guia, protege, governa com seu Santo Espírito e sua graça. Desta Igreja o bispo de Roma, sucessor de Pedro, príncipe dos Apóstolos, é o chefe visível com seu govêrno e sua unidade.

Depois, foram as últimas palavras:

— Desejo estar contigo, meu Jesus. Estou prestes...

— — — —

No mesmo dia, em Incourt, Brabante, Santa Ragenufla, virgem, no século VII. Segundo a lenda, Ragenufla era filha de nobre família, tendo fugido da casa dos pais para escapar ao casamento que lhe contrataram. Morreu de fome na floresta que se alongava nas vizinhanças. Paulo Mourreau escreveu um trabalho sôbre Santa Ragenufla, em que delineia tudo o que se sabe sôbre a Santa: história, lenda, culto, etc. É o artigo *Une petite sainte de chez nous — Sainte Ragenufle d'Incourt, dans le Folklore brabançon.*

Em Cantorbéry, São Deusdedit, bispo e confessor. Nascido no Wessex, foi sucessor de Honório, o último dos companheiros de Santo Agostinho.

Consagrado por Itamar, bispo de Rochester, São Deusdedit, que no século se chamou Frithon, faleceu durante uma epidemia, em 664. Eleito, supõe-se, em dezembro de 654, governou a Igreja de Cantorbéry por pouco mais de nove anos. Os acontecimentos que marcaram tal período são ignorados.

Em Magnésia, Santo Onésimo, apelidado o Taumaturgo, confessor (século IV). Os milagres dêste santo confessor foram tais que lhe deram aquêle sobrenome. Nascido em Cesaréia da Palestina, fugiu de casa e buscou um mosteiro de Éfeso. Os pais, sentidíssimos, conta-se, choraram tanto que acabaram por ficar cegos. Quando foi da perseguição de Diocleciano, ocorreu a fuga dos monges do mosteiro em que se fixara: Onésimo procurou os pais, curou-os, sem se dar a conhecer, depois tornou a Magnésia, onde faleceu.

Em Tronchiennes, São Basin, mártir. No século XII ou XIII conservavam-se em Tronchiennes relíquias que se julgavam fôssem de Basin e da filha Aldegonda. Diz-se que Basin fôra rei e construíra três igrejas naquela cidade. Aldegonda, cega, fôra curada numa delas. Basin, morto numa batalha contra arianos, recebeu o título de mártir. Tudo, porém, não se baseia em nada de positivo, querendo alguns que tais personagens nem sequer existiram.

No mosteiro de Soignies, São Vicente, abade, desaparecido em 687, no século Maldegário, que fôra casado com Valtrudes. Fundador do mosteiro de Soignies, foi o seu primeiro abade.

Em São Trond, São Liberto, mártir, que diz-se, foi ressuscitado por São Rambaldo.

Na Tessália, São José, arcebispo da Tessalônica, confessor, aparentado com o ilustre Teodoro Studita.

Nascido em 761, era filho de Fotino, funcionário do fisco imperial, e de Teoctista, irmã de São Platão. Arcebispo em fins de 806, faleceu em 832.

Em Alt-Kinsburgo, perto de Eger, na Boêmia, o bem-aventurado Hroznata, mártir, em 1217.

Em Santa Helena, na Savóia, o bem-aventurado Bonifácio de Savóia, arcebispo de Cantorbéry. Nascido em 1207, era filho de Tomás I, conde de Savóia, e de Margarida de Faucigny. Destinado à Igreja, pelo pai, logo se deu à vida religiosa. Tendo uma sobrinha tornado rainha da Inglaterra, o rei, com o qual se casou, Henrique III, fêz com que todos os parentes de Bonifácio buscassem a Ilha. Eleito o nosso Santo arcebispo de Cantorbéry, o papa Inocêncio IV ratificou a escolha a 17 de setembro de 1243. Faleceu, quando a caminho da terra natal, no dia 14 de julho de 1270.

Na diocese de Beauvais, o bem-aventurado Guilherme, abade, desaparecido em 1131.

Em Roma, São Justo, soldado, sob o tribuno Cláudio, que, pela aparição milagrosa de uma cruz, acreditou em Jesus Cristo e tendo sido batizado, deu todos os bens aos pobres. Prêso depois, pelo governador Magnécio ordenou êsse juiz o açoitassem com golpes de nervo de boi, lhe colocassem um capacete quente na cabeça e o atirassem a um braseiro; mas, não tendo sofrido mal algum, nem num fio de cabelo, exalou o espírito, continuando a confessar o nome do Senhor. — Em Sínope, na província do Ponto, São Focas, bispo dessa cidade e mártir que, sob o império de Trajano, tendo sofrido com coragem a prisão, as correntes, o ferro e o fogo por amor de Jesus Cristo, voou ao céu. Suas relíquias, levadas a

Viena no Delfinado, descansam na Igreja dos Santos Apóstolos. — Em Cartago, São Cir, bispo, de quem Santo Agostinho fêz o panegírico no dia de sua festa. — Em Brescia, Santo Otaciano, Bispo. — Em Deventer nos Países-Baixos, São Marcelino, padre e confessor. — Em Roma, São Camilo de Lélis, cuja festa se celebra a 18 dêste mês.

15.º DIA DE JULHO

SANTO HENRIQUE

Rei da Germânia e imperador.

Henrique, II do nome, como rei, I como imperador, era neto de Henrique, irmão de Oton I e por isso, descendia de Carlos Magno e do famoso Saxão Witikindo. Era o parente mais próximo de Oton III, que tinha morrido sem filhos. Chamaram-no Henrique II por consideração a Henrique, o Passarinheiro, chamaram-no também Côxo, mas é mais conhecido pelo título de santo, que recebeu depois da morte.

A dignidade real tinha-lhe sido predita por São Wolfgango, Bispo de Ratisbona. O duque Henrique, pai dêste, levara-lhe os filhos para lhe receberem a bênção e o santo Bispo chamou a Henrique de rei, a Bruno, seu irmão de Bispo; a Gisela, sua irmã mais velha de rainha; e chamou de abadêssa à caçula, que tinha batizado. A predição realizou-se ao pé da letra. Bruno foi bispo de Augsburgo e Gisela, rainha da Hungria. Depois da morte de São Wolfgango, seu mestre, o jovem Henrique veio rezar em seu túmulo; o santo apareceu-lhe em sonho e disse: Olha atentamente o que está escrito no muro. Henrique

leu apenas estas palavras: *Depois de seis.* Depois de ter acordado, julgou que se dizia que morreria, depois de seis dias e deu muitas esmolas aos pobres. No fim de seis dias, vendo que gozava de saúde, julgou que eram seis meses; e no fim de seis meses, julgou dever morrer depois de seis anos, mas no sétimo ano foi eleito rei e conheceu então o verdadeiro sentido da predição.

Foi coroado em Mogúncia, pelo arcebispo Vilegiso, a 7 de junho do ano 1002 e deram-lhe a santa lança como sinal de seu poder. A 10 de agôsto, dia de São Lourenço, Cunegunda, espôsa do rei Henrique, foi coroada rainha em Paderborn, pelo mesmo arcebispo de Mogúncia; ela também foi posta no número das santas. O rei Henrique viveu com ela em perfeita continência, como se fôsse sua irmã; e Deus permitiu que, para tornar público êsse exemplo de tão rara virtude, Cunegunda fôsse exposta a uma rude provação. Sua reputação foi atacada e Henrique mesmo desconfiou de sua fidelidade. Ela ofereceu-se para justificar-se pelo ferro em brasa, segundo as leis do país e caminhou em pás de arado, avermelhadas ao fogo, sem sentir mal algum. (1)

Às virtudes de um santo, unia Henrique as qualidades de um herói. Teve que sustentar várias guerras: a primeira em 1002, contra um de seus competidores, Hermano, duque da Suábia. Hermano atacou e saqueou a cidade e a igreja de Estrasburgo, que estava do lado de Henrique; se dava a Henrique o conselho de fazer o mesmo com a cidade e a igreja

(1) **Vit. S. Henr., 15 julii; S. Cuneg., 3 mart. Acta SS.**

de Constança, que estava do lado de Hermano. O novo rei respondeu com doçura: Não praza a Deus que, para castigar o arrebatamento de Hermano eu me oponha àquele que me deu a coroa real. Saqueando Constança, por Estrasburgo, eu não diminuiria minha perda, mas a duplicaria. Além disso, é mau adquirir um reino e arriscar nisso a alma. Deus me coroou não para violar as igrejas, mas para castigar os que as violam. Antes do fim do ano, o duque Hermano veio apresentar-se a êle descalço e pediu-lhe perdão de joelhos, o que obteve, cedendo à igreja de Estrasburgo, uma abadia em compensação.

Santo Henrique restaurou o bispado de Merseburgo e fundou um novo em Bamberga, que submeteu imediatamente à Igreja romana. Em 1014, foi coroado imperador pelo Papa Bento VIII com essas cerimônias.

A 22 de fevereiro, festa da Cátedra de São Pedro, o rei Henrique fêz sua entrada em Roma, acompanhado pela rainha Santa Cunegunda, sua espôsa, rodeado de doze senadores, seis dos quais tinham a barba raspada e seis a barba comprida, com bastões na mão. Assim, chegou à igreja de São Pedro, onde o Papa Bento o esperava. Mas, antes de lá ser introduzido, o Papa perguntou-lhe se queria ser o fiel patrono e defensor da igreja romana e conservar a êle e a seus sucessores, a fidelidade em tôdas as coisas. O rei respondeu devotamente que o queria. E o Papa o consagrou e coroou imperador, com a rainha sua espôsa e mandou suspender diante do altar de São Pedro, a coroa que Henrique usava antes. No mesmo dia, o Papa deu um grande banquete ao

imperador e à imperatriz no palácio de Latrão. (1) Assim o narra o Bispo Dittmar.

O monge Glaber, que escrevia no mesmo tempo, acrescenta uma circunstância: que o Papa tinha mandado fazer uma bola de ouro, adornada de dois círculos de pedras preciosas, com uma cruz de ouro, fincada em cima. A bola representava o mundo, a cruz a religião de que o imperador devia ser o protetor, as pedras, as virtudes de que êle se deveria adornar. O Papa deu essa bola na presença de todos, ao imperador Henrique, que a recebeu com prazer e disse ao Papa: Quereis, Santo Padre, dizer-me, com isso, como devo governar. Depois, olhando para a bola, acrescentou: Êsse presente não pode ser mais conveniente à minha pessoa do que àqueles que calcaram aos pés as pompas do mundo para seguir livremente a cruz; e mandou ao mosteiro de Cluny, julgado então o mais regular de todos, e ao qual já tinha feito ricos presentes. Glaber, diz no mesmo lugar, por ocasião da coroação de Santo Henrique: Parece-nos um decreto muito conveniente e excelente para manter a paz, isto é: que nenhum príncipe empreenda ousadamente usar o cetro do império romano; ninguém se possa chamar imperador, nem sê-lo, a não ser aquêle que o Papa da Sé romana tiver escolhido por seu mérito, como próprio para a república, e ao qual êle tiver dado as insígnias do império. (2)

Estas palavras e êstes fatos mostram-nos, cada vez mais, o que os imperadores do Ocidente eram para os Papas. Êsses imperadores eram os defensores titulares da Igreja romana, contra os infiéis, os

(1) Ditmar, l. VII, p. 400.

(2) Glaber, l. I, c. V.

hereges, os cismáticos e os sediciosos. Defender a Igreja romana eis o que prometiam à sua sagração. Assim sendo, era muito natural, como nota Glaber, que o chefe da igreja romana, o Papa, escolhesse o príncipe cristão, que ela devia ter para protetor.

A exemplo de Oton I, o imperador Santo Henrique deu ao Papa Bento um diploma assinado por êle, três bispos, três abades e vários senhores, no qual reconhecia, ratificava e confirmava todos os direitos temporais, pertencentes à Santa Sé, tôdas as doações que lhe tinham sido feitas por Pepino e Carlos Magno. Nesse diploma, como no de Oton, de que é cópia, vemos a reserva, não, da soberania do imperador, como diz Fleur, mas do poder então atribuído aos imperadores, na constituição do Papa Eugênio e de seus sucessores, isto é: que todo o clero e tôda a nobreza de Roma, se comprometeram por juramento a não eleger o Papa, a não ser de maneira canônica e que o novo eleito, antes de ser consagrado, se comprometeria pelo mesmo juramento, na presença dos enviados do imperador ou em presença de todo o povo, a conservar o direito de todos. Vemos por estas palavras do diploma, que não se trata aqui de soberania pròpriamente dita, mas do direito reservado pelos Papas, mesmo aos imperadores, como defensores da Igreja romana, de velar, para que a eleição do Papa se fizesse canônicamente e para que o novo Papa jurasse conservar os direitos de todo o mundo. (1)

Quando o Imperador Henrique estava em Roma, perguntou aos padres porque, depois do Evangelho,

---

(1) **Labbe, t. IX, p. 815. Mansi, t. XIX, p. 331.**

não cantavam o Símbolo, como se fazia nas outras Igrejas. Responderam que a Igreja romana, não tendo sido jamais contaminada por nenhuma heresia, não tinha necessidade de declarar a fé pelo Símbolo. Todavia, o imperador persuadiu ao Papa Bento que o fizesse cantar na missa solene.

O imperador Henrique, voltando à Alemanha, passou por Cluny, para visitar o abade Santo Odilon, pelo qual tinha tal afeto, que o visitava freqüentemente e o levava às vêzes à côrte. Nessa visita, deu ao mosteiro a coroa, o cetro, o pomo, o hábito imperial e um crucifixo, tudo de ouro, pesando cem libras. Depois de ter conseguido associar-se a essa santa comunidade, recomendou-se às suas orações e deu-lhe muitas terras na Alsácia. São Meinwere, Bispo de Paderborn, que acompanhava o imperador, aproveitou a ocasião para pedir a Santo Odilon alguns monges, a fim de fundar um mosteiro perto da cidade. Levou também o pêso do pão, a medida do vinho, o livro da regra, o dos hinos e um antifonário; e, quando veio de volta, fundou, perto de Paderborn, uma capela, em honra de São Bento que se tornou depois famoso mosteiro. Introduziu igualmente a reforma, mas sem dificuldade, no mosteiro de Corbie, em Saxe, onde a vida dos monges era excessivamente relaxada.

No meio das grandezas, riquezas, guerras, vitórias, boas obras e enfermidades, pois várias lhe experimentaram a paciência, o imperador santo Henrique aspirava a uma coisa ainda melhor: deixar tôdas as riquezas, tôdas as grandezas, para abraçar a humildade do claustro. Êle amava particularmente o bem-aventurado Ricardo, abade de São Vito ou Vannes de Verdun; havia-lhe feito, mais de uma vez, valiosos

donativos em ouro, prata e adornos. Um dia, veio ver as novas construções dos lugares regulares, que o santo abade tinha restaurado; e entrando no claustro assistido de um lado pelo Bispo Haimon e do outro pelo abade Ricardo, disse estas palavras do Salmo: "Aqui é o meu descanso para sempre, aqui a habitação que escolhi!" O Bispo notou as palavras do imperador e disse ao abade, em particular: Se retiverdes êste príncipe e o fizerdes monge, como êle deseja, perdereis todo o império! O abade refletiu sèriamente e achou um expediente para contentar o imperador, sem prejudicar o Estado.

Êle o fêz vir ao meio da comunidade e o interrogou sôbre suas intenções. O imperador respondeu com lágrimas que tinha determinado deixar o hábito do século e servir a Deus, naquele mesmo lugar, com os monges. Quereis, perguntou o abade, segundo a regra e segundo o exemplo de Jesus Cristo ser obediente até à morte? O imperador respondeu que queria de todo o coração. E eu, retorquiu o abade, vos recebo por monge e, desde agora, me encarrego do cuidado de vossa alma. Por isso quero que façais, com o temor de Deus, tudo o que eu vos ordenar. O imperador prometeu-o e Ricardo continuou: Quero, portanto, e vô-lo ordeno, que volteis a governar o império, que Deus vos confiou e que, por vossa firmeza em administrar a justiça, procureis segundo o vosso poder, a salvação de todo o estado. O imperador obedeceu, mesmo contra vontade e retomou o govêrno do império; mas êle visitava freqüentemente o abade Ricardo e regulava por seu conselho, os negócios mais importantes do estado. (1)

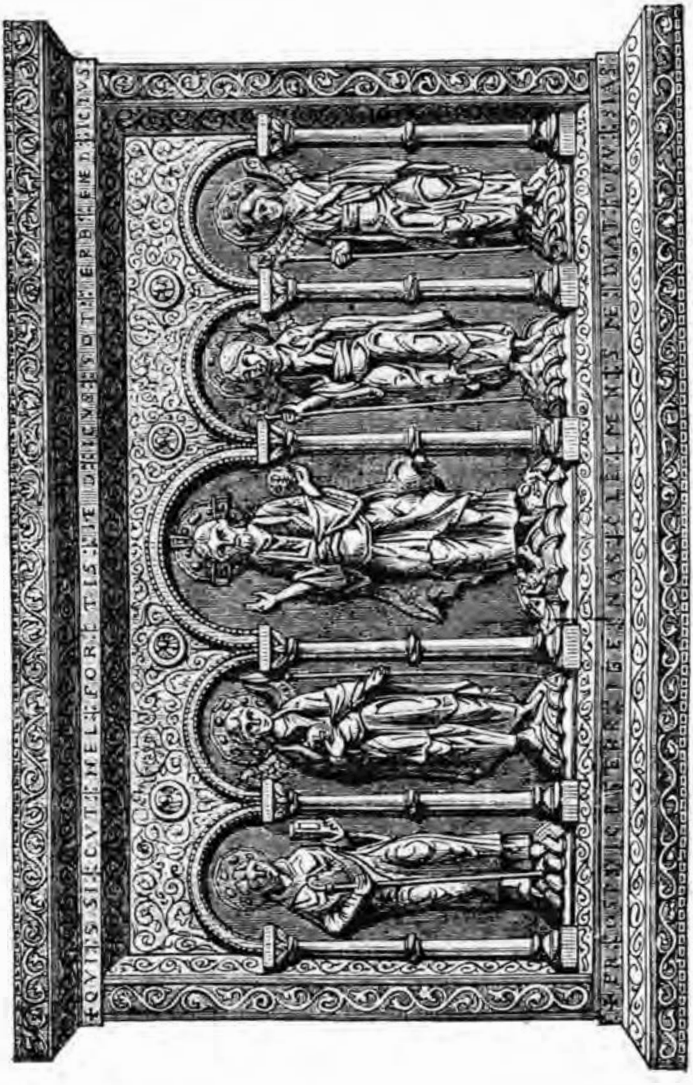
(1) **Act. Bened.**, sect. VI, p. 533.

No comêço do ano 1021, o imperador Henrique sitiou o conde Oton, em seu castelo de Hamerstein, perto de Coblença, porque saqueava as terras da igreja de Mogúncia, por ódio ao arcebispo, que o havia excomungado, num concílio, por um casamento ilícito. O imperador estava portanto nesse cêrco e mandou chamar Santo Heriberto, arcebispo de Colônia, que o viesse ver, com suas tropas. Havia muito tempo o imperador estava irritado com o arcebispo, que não tinha assistido à sua eleição, estando ocupado nos funerais do imperador Oton e se havia demorado em lhe levar os ornamentos imperiais; haviam mesmo persuadido Henrique de que o arcebispo queria outro imperador. Ora, nesse mesmo tempo, quando fôra chamado com suas tropas, Heriberto, enfêrmo, com febre alta, não pôde ir. O imperador, julgando que era um pretexto, disse encolerizado: Pois bem, visto que está enfêrmo eu o irei visitar! De fato, depois de ter dominado o conde, marchou para Colônia e os inimigos do arcebispo não o cessavam de irritar, ainda mais contra êle.

Lá chegando, o arcebispo o recebeu com a honra conveniente. Na noite seguinte, o imperador viu em sonho um homem venerável, revestido de ornamentos pontificais, que lhe disse: Toma cuidado, imperador, de nada empreender contra meu irmão Heriberto. Sabe que êle é homem agradável a Deus e se o ofenderes, sofrerás infalìvelmente o castigo! De manhã o imperador mandou procurar o arcebispo que se apresentou com os olhos marejados de lágrimas, querendo queixar-se de que estava irritado com êle, sem motivo. Mas o imperador, erguendo-se do trono, correu a abraçá-lo e, para o recompor do espanto,

disse-lhe: Confesso, meu pai, que, depois que recebi a coroa, me enchi de aversão por vós, e não vos fiz justiça; mas o céu declara-se por vós e Deus me deu a conhecer que sois do número dos eleitos. Tendo falado assim, abraçou-o ainda três vêzes e o fêz sentar-se ao seu lado. Ainda não contente com a distinção, na noite seguinte, depois de matinas, tomou um clérigo consigo e foi ao quarto do prelado. Não o encontrou: estava em oração, segundo o costume, num oratório de São João, próximo. O imperador tirou o manto, prostrou-se-lhe aos pés, rogando-lhe que lhe perdoasse por seu poder sacerdotal todos os pecados que tinha cometido contra êle. O arcebispo ergueu o imperador e deu-lhe a absolvição pedida; depois, disse-lhe em segrêdo: Sabei que, após a vossa partida, não nos veremos mais neste mundo! O imperador, emocionado pela predição, abraçou-o de novo chorando, beijando-lhe os olhos e as mãos. São Meinwere, Bispo de Paderborn, estava em Colônia, com o imperador durante essa reconciliação, e exortou o príncipe a reparar, por alguma esmola, a injúria que tinha feito ao santo arcebispo; por isso o imperador deu uma terra, na Westfália, ao novo mosteiro de Paderborn.

Além das assembléias de bispos e de senhores para o bem da Igreja e do império, houve assembléias de reis para o mesmo fim. No ano de 1006, houve, entre os reis Henrique da Germânia e Roberto da França, uma entrevista sôbre o Mosa, que separava seus Estados. Vários de seu séquito diziam que não era próprio de sua dignidade passar um do lado do outro e que se deviam encontrar em barcas, no meio do rio. Mas a humildade e a amizade sincera ven-



Altar de ouro, dado à antiga catedral de Bâle por volta de 1049 pelo imperador Henrique II.

ceram. O santo rei Henrique levantou-se bem cedo, passou com seu séquito para o território do rei da França, e os dois se abraçaram com cordialidade inexprimível: ouviram a missa, celebrada por bispos e almoçaram juntos. Depois do almôço, o rei Roberto ofereceu a Henrique presentes imensos de ouro, de prata e de pérolas preciosas; ainda mais, cem cavalos muito bem ajaezados, sôbre cada um dos quais estava uma couraça e um capacete, declarando, ainda, que sua amizade diminuiria na proporção que êle lhe deixasse tôdas essas coisas. Henrique, todavia, aceitou sòmente um livro dos Evangelhos, coberto de ouro e de pedras preciosas, com um relicário semelhante, o qual continha um dente de São Vicente, mártir. Quanto à sua espôsa, santa Cunegunda, recebeu sòmente baixelas de ouro. No dia seguinte, o rei Roberto passou com seus bispos à tenda do rei da Germânia, que lhe fêz uma recepção magnífica. Terminado o jantar, Henrique apresentou cem libras de ouro puro ao rei Roberto, que sòmente aceitou baixelas de ouro; depois, tendo firmado um tratado de amizade, os dois reis voltaram para suas terras. (1) Existe um diploma em favor do mosteiro de São Benigno de Dijon, dado pelo rei Roberto, durante sua entrevista com Henrique, sôbre o Mosa, que traz expressamente a data de 1006, décimo-nono ano do reinado de Roberto. (2)

No mês de agôsto do ano de 1023, Santo Henrique, então imperador havia dezenove anos, teve uma segunda e última entrevista com o amigo, o rei Roberto, que tinha convidado para isso, por Gerardo,

(1) Glab., l. III, c. II.

(2) Rouquet, t. X, p. 28, n. A.

O rei Roberto, o Piedoso, compondo seqüências e responsos em latim. Segundo uma miniatura de um missal do século XIV.

Bispo de Cambrai e Ricardo, abade de Verdun. A entrevista realizou-se em Ivoy sôbre o Cher, nos limites da Champanha e do Luxemburgo. No dia de São Lourenço, o imperador, avisado de que Roberto vinha vê-lo, foi à sua presença, em Mousson. Nessa entrevista solene, que durou vários dias, tornaram a amizade ainda mais íntima, estabeleceram sòlidamente a paz e a justiça; aí trataram do estado da Igreja, do reino e do império; procuraram sobretudo os meios de garantir a paz da Igreja e de melhor atender à cristandade, exposta a tantos perigos; concordaram em se encontrar em Pavia, com o senhor apostólico, para fazê-lo apreciar seus projetos. (1)

O santo imperador Henrique, não teve tempo de os realizar sôbre a terra. Atacado por várias enfermidades, celebrou, já enfêrmo, a festa do Natal, em 1023 em Bamberg; depois mais doente ainda, a festa de Páscoa, em 1024, em Magdeburgo; depois rodeado de todos os grandes do império, morreu santamente na pequena cidade de Grone, na idade de cinqüenta e dois anos, a 14 de julho de 1024, dia em que a Igreja lhe honra a memória. Sentindo-se prestes a morrer chamou os parentes da imperatriz, sua santa espôsa e lhes disse: Eu vo-la entrego virgem, como ma destes! (2)

* * *

(1) **Ex Camerac.** Bouquet, t. X, p. 201.

(2) **Acta SS. 14 de Julii.**

SÃO TIAGO DE NÍSIBIS (*)

Bispo e Confessor

São Tiago foi o primeiro bispo de Nísibis da Mesopotâmia, no império romano, talvez de 308 ou 309 até a data de seu falecimento, que ocorreu no ano de 338.

Santo Efrém disse que a Igreja de Nísibis era "filha de Tiago". No concílio de Nicéia, Santo Atanásio citou-o como um dos maiores adversários do arianismo.

Em 338, o rei persa Sapor atacou a cidade de Nísibis. Tiago, então, tomou parte ativa na defesa da diocese: pouco depois, expirava, santamente, durante o verão daquele ano de 338.

Quanto ao que se propala sôbre a descoberta da arca de Noé sôbre o monte Ararat, por Tiago de Nísibis, não passa de lenda.

O culto dêste santo bispo é antigo. Festejam-no tôdas as igrejas.

* * *

SÃO BARHADBESABA (*)

Mártir

Barhadbesaba (1) era um diácono de Arbela que foi prêso e levado à morte, quando da movimentada perseguição do rei Sapor II, a 20 da lua de Tarmuza, ou seja, aos 15 de julho, do ano de 355.

Diz a narrativa do seu martírio:

"No décimo-quinto ano da perseguição, Sapor Tamsapor aprisionou em Arbela o diácono Barhadbesaba. Enquanto o torturava, dizia-lhe o tirano:

"— Adora o fogo e a água, come do sangue dos animais e imediatamente teus tormentos cessarão e tu te verás em liberdade".

"Mas o mártir, felicíssimo por sofrer por seu Deus, sorria e mofava do tirano, dizendo-lhe aos gritos:

"— Quem és tu? Quem és tu para me forçares a abjurar a religião da minha infância? Eu juro pelo Deus que amo de tôda a minha alma, e por Cristo, em quem pus tôdas as minhas esperanças, que nem tu, nem êsse rei cujo poder tanto vanglorias, nem os tormentos, nada, enfim, me levará a separar-me da

---

(1) Barhadbesaba ou **filho do domingo** — Domingos.

caridade de meu Jesus, que eu amo, que eu sempre amei sôbre tôdas as coisas desde a minha mais tenra infância até o dia de hoje".

"Então o tirano (2) condenou o diácono a ser decapitado.

"Ora, havia na prisão um cristão de alto nascimento, chamado Agaí, que, numa primeira prova, teve a coragem de suportá-la e vencê-la pela fé, mas, depois, descambaram-se-lhe as fôrças e voltara atrás, não tendo, então, nada mais de cristão senão o nome. O governador ordenou que lhe tirassem as cadeias e do apóstata fêz carrasco do santo diácono. Queria, assim, sem dúvida, ordenando-lhe que matasse o outro, vingar-se da primeira resistência que opusera.

"Conduziu-se então Barhadbesaba para fora dos muros de Hazza, sôbre uma colina. Ali, os soldados ataram-no a um poste e êle esperou o golpe fatal.

"A Agaí, apresentaram-lhe uma espada e ordenaram-lhe que cumprisse o ofício que lhe fôra dado. Êle obedeceu, o infame, mas a tremer. Fora de si, não sabendo o que fazia, não desferiu senão alguns golpes mal dados. Sete vêzes desceu a arma sôbre o mártir, sem que lhe cortasse a cabeça. Então, arrojou a espada, mas os espectadores, indignados, fizeram com que a retomasse, forçando-o a terminar com a vítima.

"Agaí levantou-a do chão, tôda ensangüentada, limpou-a no corpo do mártir, e mergulhou-a fundo

(2) Sapor Tamsapor era, provàvelmente, um governador militar, com certos poderes. Êsse sobrenome **Tamsapor** era uma distinção honorífica concedida pelo rei.

nas entranhas do sofredor. O cristão expirou imediatamente.

"Deus logo puniu o apóstata. Deve, aqui, contar-se o prodígio: no momento em que o diácono expirava, foi Agaí atacado por uma horrorosa doença, que fêz com que a mão sacrílega inchasse como uma grossa viga. Obrigado a guardar o leito, porque sòmente ali conseguia apoiar a mão doente, viu-a, tôda podridão, separar-se do braço e cair ao chão, pouco tempo depois. Abandonado de todos, o infeliz morreu daquela extraordinária enfermidade.

"Dois soldados, com ordens do tirano, guardaram o corpo do mártir, mas dois clérigos, concertados, esconderam-se durante a noite num lugar vizinho a fim de arrebatar as relíquias, quando os guardas dormissem. Antes, procuraram suborná-los, ganhá-los por meio de dinheiro, mas, nada conseguindo, atacaram-nos durante a noite, quando calcularam que os dois deviam estar mergulhados no mais profundo sono: estrangularam-nos, apoderaram-se do corpo do mártir e, a favor das trevas, enterraram-no onde bem quiseram".

* * *

SANTO ATANÁSIO (*)

Bispo

Santo Atanásio foi bispo de Nápoles. O pai, o duque Sérgio, da mais alta nobreza napolitana, que dominava o grego e o latim com grande desembaraço, foi o defensor da cidade quando da invasão lombarda.

Santo Atanásio foi o sucessor do bispo São João, sendo elevado ao episcopado no ano de 850. Naquela época, não contava ainda vinte anos.

Uma das máximas preocupações do novo prelado dizia respeito aos seus diocesanos cativos dos sarracenos. Santo Atanásio lutou para resgatá-los, sem descanso.

No concílio de Roma de 861, o papa Nicolau I conferiu ao moço bispo um lugar de honra na assembléia.

Sérgio, antes de morrer, ordenou ao duque Gregório, irmão do santo bispo, que a êle sempre obedecesse. Gregório cumpriu ao pé da letra a ordem paterna, tanto que, mais tarde, moribundo, chamando o filho, Sérgio II, transmitiu-lhe a mesma ordem, dizendo:

— Obedece ao teu tio bispo como um pajem obedece ao Senhor.

O sobrinho, porém, levado pela mulher e pela sogra, ambas mulheres ambiciosas, acabou por aprisionar o santo bispo, que, conseguindo libertar-se, foi esconder-se entre os monges da Ilha do Salvador, ao largo de Nápoles.

Enquanto isto, o fraco filho de Gregório pilhava, descaradamente, os bens da Igreja, até que o papa o excomungou.

Atanásio, que por todos os meios procurava a pacificação, teve os esforços interrompidos definitivamente pela morte, que o levou em 872, quando se achava nas proximidades do Monte Cassino. Enterrado na abadia, mais tarde foi transferido para Nápoles.

* * *

BEM-AVENTURADO INÁCIO DE AZEVEDO E COMPANHEIROS (*)

Mártires

Inácio era de Portugal, do Pôrto. Ali nasceu em 1527, de Dom Emanuel e de Dona Violante, ambos descendentes de ricas e nobres famílias lusitanas.

Depois de cuidadosa educação e duma estada em Coimbra, onde se decidiu pela vida religiosa, entrou na Companhia de Jesus. Era no ano de 1548, e Inácio estava naquela idade dos grandes ideais, dos sonhos, das grandes esperanças — os vinte anos.

Noviço excelente, moço exemplaríssimo, ardoroso no trato das coisas de Deus, tanto que o provincial, Simão Rodrigues, procurou docemente, moderar-lhe as austeridades, nem bem terminara o curso de teologia e já era nomeado reitor do colégio Santo Antônio de Lisboa.

São Francisco de Bórgia, eleito geral em 1565, confiou ao padre Inácio de Azevedo a missão de inspecionar o Brasil.

* * *

Doze anos antes, a 13 de junho de 1553, com o Segundo Governador-Geral, Dom Duarte da Costa,

que vinha substituir Tomé de Sousa, aportava em Salvador da Bahia, o Padre Luís de Grã, ex-reitor do colégio de Coimbra, que chefiava seis jesuítas. Entre êles, o mais humilde e modesto era José de Anchieta, aquêle Anchieta de Iperoíg, do Poema à Virgem, que, numa das suas famosas cartas, diria desta terra de Santa Cruz: "Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosques, e não se vê em todo o ano árvore nem erva sêca", aquêle Anchieta que,

"Enquanto entre os Tamoios conjurados
Jovem refém de paz,
Procurava apaziguar a raiva
Do índio fero e audaz...

dirigia-se a Maria, cantando ternamente:

... Ó doce Mãe, o teu amor materno
Ao meu olhar sorriu:
Tomou-me pela mão, e corpo e alma
c'o manto me cobriu.
Era uma luz do céu! Dores, tormentos
Eu desejei sofrer...
Desejei muita vez dos duros ferros,
a morte padecer".

Era o Anchieta heróico, que ensinava o ABC ao menino-índio, todo paciência, todo amor, todo dedicação:

"Agora vamos, filhos,
findar vossa lição;
primeiro é o trabalho,
depois a refeição.

O ABC da carta
sabeis a me encantar;
passastes adiante...
Já ides soletrar.

As letras conhecendo,
juntá-las bem é ler;
Começa por um nome
que vós deveis saber.

Por que tanto arruído?
Silêncio, filhos meus!
Escrevo e dito as letras: D-E-U-S...
Os índios — *Deus!*

José de Anchieta, Nóbrega, Diogo Jácome, Vicente Rodrigues, Brás Lourenço e outros, são nomes que desbravaram terras e almas indígenas, acendendo dentro da Pátria e dos corações o fogo ardente do cristianismo.

* * *

Inácio de Azevedo estêve três anos no Brasil. Nossa terra, já evangelizada, com membros da Companhia entre sete tribos do interior, possuía, na costa. escolas e seminários.

No relatório que fêz aos superiores, o bem-aventurado pediu reforços. A nova terra era vasta e, pois, aquêle punhado de irmãos necessitava de novos colaboradores.

Francisco de Bórgia aconselhou-lhe o recrutamento de religiosos pela Espanha e Portugal. Que reunisse o número que se fizesse necessário e, coman-

dando-o, partisse novamente para as plagas brasileiras.

Depois de cinco meses de preparativos, Inácio de Azevedo, aos 5 de junho de 1570, com trinta e nove companheiros, partia na *São Tiago*, uma nau mercante, enquanto trinta outros religiosos seguiam num barco de guerra da esquadra comandada por Dom Luís de Vasconcelos, então governador do Brasil.

Oito dias depois, alcançavam a Madeira: Dom Luís decidiu ali permanecer até que ventos mais favoráveis soprassem, mas o capitão da *São Tiago* preferiu demandar as Canárias.

Falava-se, então, amiúde, dos perigosos, audaciosos corsários que infestavam o Atlântico, franceses.

A *São Tiago*, perto da Grande Canária, antes de seguir para Las Palmas, onde faria escala, ancorou num pequenino pôrto, e, ali, Inácio foi aconselhado a deixar o barco.

Inspirado por Deus, talvez, o bem-aventurado jesuíta preferiu continuar a bordo. Deixando o pequenino ancoradouro, a nau alcançou o mar alto. Eis senão quando, um corsário francês surgiu ao longe. Comandava-o o huguenote Jacques Souries, que partira de La Rochelle justamente para capturar os jesuítas. E foi a abordagem, seguida de feia luta corpo a corpo.

Dominada a *São Tiago* pelos calvinistas, Souries concedeu a vida a todos os sobreviventes — menos aos religiosos, aos quais degolaram a sangue frio, menos a um, o coadjutor temporal que servia na cozinha, que foi tomado como escravo.

Destarte, pereceram Inácio de Azevedo e trinta e nove companheiros que buscavam o Brasil daqueles primeiros tempos. Com Inácio, receberam a coroa do martírio Aleixo Delgado, Afonso de Baena, Álvaro Mendez, Amaro Vaz, André Gonzales, Antônio Correa, Antônio Fernandes, Antônio Soares, Benedito de Castro, Brás Ribeira, Domingos Fernandes, Manoel Alvarez, Manoel Fernandes, Manoel Pacheco, Manoel Rodrigues, Estêvão Zuraro, Fernando Sanches, Francisco Alvarez, Francisco de Magalhães, Gaspar Alvarez, Gonçalves Henriques, Gregório Scrivano, Tiago de Andrade, Tiago Perez, João Baeza, João Fernandes, de Braga, João Fernandes, de Lisboa, João de Maiorca, João de São João, João de São Martinho, João de Zafra, Luís Correa, Marcos Caldeira, Nicolau Dinio, Pedro Fontura, Pedro Munhoz ou Nunes, Simão Acosta, Simão Lopes e Francisco Godói, que era parente de Santa Teresa de Ávila.

Com exceção de nove, espanhóis, os demais eram portuguêses.

Em 1854, Pio IX confirmava-lhes o culto.

* * *

SÃO POMPÍLIO MARIA PIRROTTI (*)

Confessor

Pompílio Maria nasceu aos 29 de setembro de 1710 em Montecalvo, na arquidiocese de Benevento, no reino de Nápoles. Era filho de Jerônimo, advogado, e de Úrsula, de antigas e ricas famílias. Batizado no dia 30 de setembro, com o nome de Domingos, a 9 de dezembro de 1714 recebia a confirmação.

Domingos teve no pai o primeiro mestre. Desde pequenino, mostrou-se dócil, sério e piedoso.

Aos dezesseis anos, acendera-se-lhe no coração o vivo desejo de se dar a Deus, coisa que os pais procuraram apagar a todo o custo, mas não o conseguiram: Domingos evadiu-se, deixando uma carta onde explicava os motivos da fuga e consolava os dois desolados sêres que lhe deram a vida.

Aceito entre os clérigos regulares da Mãe de Deus, das escolas pias, recebeu o hábito e o nome de Pompílio Maria de São Nicolau.

O maior desejo do novo religioso era ensinar os pobres. Depois dos estudos clericais em Teano, foi ordenado padre em Brindisi, no dia 20 de março de 1734. Discípulo modêlo de São José Calazans, dedicou-se de corpo e alma à educação e à instrução dos jovens.

Em 1736, o capítulo provincial de Nápoles destinou-o ao ministério apostólico da pregação. Desde então, todos os que o ouviam, ardoroso que era, beneficiavam-se com a palavra e os exemplos que dava.

São Pompílio Maria foi, na Itália, um dos primeiros a propagar o culto do Coração sagrado por meio de orações, meditações e congregações em honra de Cristo Jesus.

A Maria, dedicara especial afeição, chamando-a a "Mãe tôda bela", e, ao rosário, amava-o entranhadamente. O clero de Roma venerava-o. Não é, pois, de admirar, que invejosos lhe atirassem feias calúnias. Era já no fim da vida do Santo, que foi expulso de Nápoles.

O povo, porém, reclamou, gritou contra a injustiça, e o rei se viu obrigado a revogar o decreto de exílio.

A volta de São Pompílio Maria foi um triunfo. Amado pelos humildes, faleceu em Campi, a 15 de julho de 1766, com cinqüenta e seis anos de idade

Beatificado em 1890, por Leão XIII, canonizou-o o papa Pio XI a 11 de março de 1934.

* * *

No mesmo dia, em Toul, Santa Aprônia, virgem (século VI). Irmã do bispo de Toul, Epvre, nasceu em Trancault-le-Repos, na diocese de Troyes. No século X, São Geraldo de Toul conseguiu as santas relíquias de Aprônia para a sua cidade episcopal, repartindo-as entre a catedral e a abadia de Santo Epvre.

Em Evreux, Santo Eterno, bispo e mártir, no século VII.

Em Polleswarth — Warwickshire — Santa Edite, abadêssa. Há sôbre esta santa abadêssa, três hipóteses, quanto à sua origem. Primeira: Era filha do rei Egberto, que a confiou a Santa Modwenna. Segunda: Numa *Vida de Santa Edite de Wilton,* Goscelino fala duma Santa Edite de Pollesworth (1), tia da de Wilton e irmã do rei Edgar. Terceira: Edite seria a irmã mais velha da Edite que se casou com o imperador Oton, o Grande, em 930, e morreu em 946.

Perto de Roermond, nos Países Baixos, São Plechelme, bispo e confessor (século VIII), fundador da abadia Monte de Santa Odila.

No condado de Forfar, na Escócia, São Donaldo, confessor (século VIII).

Em Ansbach, diocese de Wyburgo, na Francônia, São Gomberto, bispo, no século VIII, fundador do mosteiro de Santa Maria de Ansbach. Em 786, doou-a a Carlos Magno, que outorgou aos monges a imunidade e o direito de escolher o abade.

Em Monbrison, Santo Aldarico, bispo de Autun (século IX).

Em Angers, São Bento, bispo e confessor, no século IX. Da vida dêste santo bispo, o décimo-oitavo de Angers, sabemos apenas que, a 23 de outubro de 816, conseguiu de Luís o Bonacheirão, a confirmação das imunidades que Carlos Magno concedera à Igreja de Angers e também o direito de ter no Loire e afluentes três barcos isentos de quaisquer impostos. Falecido antes de 829, foi enterrado na igreja de São Maurílio, com muitos dos predecessores. Fredegário foi o décimo-nono bispo de Angers.

---

(1) Pollesworth fica perto de Tamworth, nos Midlands, a nordeste de Birmingham.

Em Laufen, Suábia, Santa Reginswida, virgem e mártir. Esta santa era uma menina de sete anos que a ama estrangulou e atirou no rio Neckar, para vingar um irmão que fôra severamente repreendido pelo pai da piedosa jovenzinha. O corpo foi encontrado e enterrado no cemitério de Laufen, em cujo túmulo vários milagres tiveram ocasião. Vale acrescentar que, na Idade Média, fàcilmente se dava o título de mártir a todos os que findavam os dias por morte violenta. Tais foram os milagres operados, que o bispo de Wurtzburgo, Humberto, transportou o corpo para a igreja. (Século IX).

No Grão-ducado de Kiev, na Rússia, São Vladimir, confessor. Neto de Santa Olga, foi cognominado o Evangelizador, tanto batalhou por Jesus Cristo no país natal. Faleceu em 1015.

Em Ratzeburgo, no Mecklemburgo, Santo Ansuero e companheiros, mártires, em 1066, massacrados por uma tribo eslava pagã, que destruiu a abadia de São Jorge de Ratzeburgo, da qual o Santo era abade.

Na Suécia, São Davi, abade (século XI). Teria saído da Inglaterra para trabalhar na conversão dos suecos.

Em Moncalieri, Piemonte, o bem-aventurado Bernardo de Bade, confessor, nascido em 1428-1429. Tido como Santo ainda em vida, operou milagres. Sisto IV beatificou-o em 1479. Clemente XIV, em 1769, declarou-o patrono do Grão-ducado de Bade.

Em Pôrto, a festa de Santo Eutrópio, martirizado com as santas Zósima e Bonosa, irmãs. — Em Cartago, São Catulino, diácono, de quem Santo Agostinho pronunciou o panegírico e os santos Janeiro, Florêncio, Júlio e Justo, mártires, enterrados na

basílica de Fausto. — Em Alexandria, os santos mártires Filipe, Zeno, Narseu e dez crianças. — Na ilha de Tenedos, Santo Abudêmio, mártir, que sofreu a morte sob Diocleciano. — Em Sebaste, Santo Antíoco, médico, que teve a cabeça cortada, sob o governador Adriano; como saísse leite, em vez de sangue, o carrasco, chamado Ciríaco, converteu-se a Jesus Cristo, e sofreu também o martírio. — Em Pavia, São Félix, Bispo e mártir. — Em Palermo, a descoberta do corpo de Santa Rosália, virgem, que, sob o pontificado de Urbano VIII, tendo sido encontrado milagrosamente, livrou a Sicília da peste, no ano do jubileu (ver 4 de setembro).

* * *

16.º DIA DE JULHO

SANTO E VENERÁVEL BEDA

No século oitavo, quando os estudos pereciam no Oriente, floresciam no extremo do Ocidente. As ciências, as letras e as artes, que os dois santos monges, Teodoro de Tarso e Adriano da África, enviados pelo Papa São Valentim, tinham levado à Inglaterra, lá continuavam a prosperar nos mosteiros. No século oitavo floresceu entre os anglo-saxões, um doutor e um Padre da Igreja: seu nome é Beda, que, em sua língua, quer dizer: homem que reza. Nasceu no ano 673, no país dos Northumbres, nos confins da Escócia, no território do duplo mosteiro de Wiremouth e de Jarou, que trazia o nome dos apóstolos São Pedro e São Paulo. Na idade de sete anos, os pais puseram-no no mosteiro de Wiremouth, sob a disciplina de São Bento Biscop; depois, sob a de São Ceolfrido, no mosteiro de Jarou, onde passou o resto da vida. Entre os excelentes mestres de quem recebeu lições, êle mesmo cita o monge Trumbert, discípulo de São Ceadda, bispo de Lichfield, o qual tinha estabelecido uma escola célebre no mosteiro de Lestingen, no condado de York. O canto eclesiástico foi-lhe ensinado por João, que, de grão-chantre de São Pedro do Vaticano, se tornara abade de São Martinho de Roma e que o Papa Santo Agatão tinha mandado à Ingla-

terra, com São Bento Biscop. Aprendeu grego com o monge São Teodoro, arcebispo de Cantuária e com o santo abade Adriano, os quais tornaram aquela língua tão familiar a vários inglêses, que se teria dito ser-lhes a língua materna. Beda dá-lhe o exemplo de Tobias, Bispo de Rochester. Se tivesse sido menos modesto, teria podido citar a si mesmo. A ciência e a piedade supriam nêle a deficiência da idade; o santo abade Ceolfrido quis que se preparasse para as ordens sagradas, embora tivesse então sòmente dezenove anos. Foi ordenado diácono em 691, por São João de Beverly, então bispo de Hexham, em cuja diocese a abadia de Jarou estava situada. Continuou os estudos até 702, quando recebeu o sacerdócio do mesmo pontífice. É chamado, num antigo livro, o padre da missa, por ser encarregado de cantar, todos os dias, a missa conventual.

Os monges de Wiremouth e de Jarou, a exemplo de seu fundador São Bento Biscop, dedicavam certo tempo ao trabalho manual. Beda trabalhava com os irmãos; mas sua ocupação principal era estudar, escrever, rezar e meditar. Muitas vêzes, copiava livros. Logo que foi ordenado padre, começou a escrever, para honra da religião; ao mesmo tempo, formava nas ciências os monges de Jarou e de Wiremouth. Dava-lhes lições públicas, às quais admitia de boamente os monges de outros mosteiros. Os monges de sua escola eram em número de seiscentos. Contam-se, entre seus discípulos Eusébio ou Huberto, que foi depois abade de Wiremouth; Cuthbert, seu sucessor e Egberto, que de monge do mosteiro da igreja de York, se tornou seu arcebispo. Vê-se, por uma carta de Beda, que fêz uma viagem a York, para pagar a visita a Egberto e que ensinou durante alguns

meses naquela cidade, onde fundou uma escola que se tornou florescente; diz-se que tinha formado o célebre Alcuíno, amigo e preceptor de Carlos Magno.

Beda nos diz que se entregava inteiramente à meditação da Sagrada Escritura e que, depois de ter cantado os louvores de Deus, na Igreja e cumprido o que a regra prescrevia, seu prazer era aprender, ensinar e escrever. Desde que recebeu o sacerdócio, diz êle, até quando escrevo isto, (era o qüinquagésimo-nono ano de sua idade), compus vários livros para minha utilidade e para a dos outros. Inspirei-me nas obras dos Padres e fiz, às vêzes, acréscimo ao que encontrei. Dá uma lista de quarenta e cinco obras, das quais era então autor e dos quais a maior parte tinha por objeto esclarecer o texto do Antigo e do Novo Testamento. Escreveu com êxito sôbre tôdas as partes da literatura: filosofia, astronomia, geografia, aritmética, calendário, cômputo pascal, gramática, ortografia, versificação, história. Era uma enciclopédia viva de tudo o que se podia saber, no seu tempo. Por êle a Inglaterra, a França, e a Alemanha se iniciaram mais diretamente nos tesouros científicos e literários da antiguidade cristã e profana. Traduzia, às vêzes, do grego para o latim. Compôs mesmo opúsculos em anglo-saxão para uso do povo. Seus tratados sôbre a gramática, a ortografia e a versificação, esparsos no Ocidente, contribuíram, com os de Cassiodoro e de Santo Isidoro de Sevilha, para imprimir um caráter de regularidade e de clareza natural às línguas modernas, que, no oitavo e nono séculos, começaram a formar-se de uma mistura do latim com as línguas tudescas.

O conjunto de suas obras históricas serviu muito para formar a razão cristã do Ocidente e para a

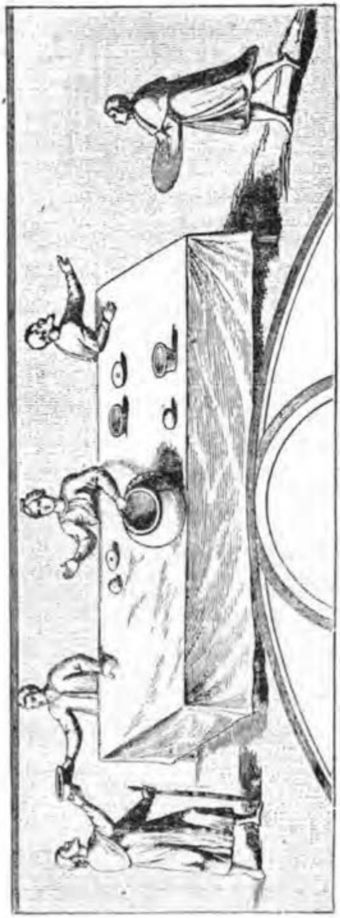
formar sôbre a razão de Deus mesmo. Suas crônicas ou sumários de história universal, desde a criação do mundo até seu tempo, indicam em poucas palavras o pensamento de Deus sôbre a humanidade em geral, sôbre a posteridade de Abraão em particular, enfim sôbre a multidão das nações reunidas no Cristo e na Igreja. Sua — *Histoire de l'Église d'Anglaterre,* faz ver detalhadamente como Cristo, pela caridade e pelo zêlo de seu vigário, fêz entrar em sua Igreja, una, santa, católica e apostólica, a nação inglêsa, que devia ocupar tão excelso lugar no novo gênero humano. Seu martirológio, ou notícia abreviada, dia a dia, dos principais santos, mostra, em todos os tempos, em todos os lugares, quanto custou aos apóstolos, aos mártires e a seus sucessores, libertar o gênero humano das extravagâncias do paganismo ou da heresia e para o levar a afeiçoar ao bom sentido da fé católica. Suas vidas detalhadas, de alguns santos da Inglaterra, mostram-nos como essa fé divina transforma homens originalmente bárbaros, em homens novos, que só querem a Deus e o seu amor.

Quanto à história eclesiástica dos inglêses, foi levado a escrevê-la, pelo abade Albino, homem muito douto, que tinha sido discípulo de santo abade Adriano e de São Teodoro, arcebispo de Cantuária. Albino não se contentou com animar Beda a êsse trabalho. Forneceu-lhe, ainda, memórias do que se tinha passado na província de Cantuária, e nos países vizinhos, sob o apostolado de Santo Agostinho e dos outros pregadores do Evangelho, mandados à Inglaterra por São Gregório Magno. Mandou essas memórias a Beda por Nothelmo, padre da Igreja de Londres, que lhe referiu também várias coisas, à viva voz. Nothelmo foi, em seguida, a Roma, obteve

permissão do Papa Gregório III de procurar nos arquivos da Igreja romana o que podia interessar à história da Inglaterra e lá encontrou várias cartas de São Gregório Magno, e dos outros Papas, que comunicou a Beda, em seu regresso a Londres. Daniel, Bispo dos saxões ocidentais, forneceu-lhe memórias sôbre a história eclesiástica de sua província, bem como sôbre a dos saxões meridionais e da ilha de Wight. Beda soube, dos monges do mosteiro de Lestingen, da conversão dos Mercianos, por ministério de Ceddi e de Ceadda, e dos principais feitos dêsses dois santos Bispos. No que se refere à história eclesiástica dos inglêses orientais, foi informado, em parte, pelos escritos que lhe forneceram, em parte, pela tradição dos antigos e, em parte, pelas descrições do abade Eli. O bispo Cineberto e várias outras pessoas fiéis contaram-lhe o que sabiam, com relação à propagação da fé na província de Lindissing. Com referência à dos Northumberlambros, onde tinha nascido, o que não tinha podido saber por si mesmo, soube-o dos monges de Lindisfarne e de várias outras testemunhas dignas de fé. Beda mesmo conta tôdas essas coisas ao rei Ceolulfo, a quem dedicou sua história, querendo que fôsse aprovada por êle, antes de a publicar. Foi recebida com tão grandes aplausos que o rei Alfredo, o Grande, a traduziu mais tarde em saxão, a fim de que o mesmo povo a pudesse ler.

Está dividida em cinco livros, o primeiro dos quais começa com a descrição da Bretanha e da Hibérnia e dos costumes de seus antigos habitantes; depois, indica os imperadores romanos que entraram na Bretanha, e põe em primeiro lugar, Júlio César. Fixa-lhe a entrada na ilha no ano de 593, da fundação de Roma, sessenta anos antes do nascimento de

Jesus Cristo, sob o consulado de Lúcio Búbulo. Acrescenta que Lúcio, rei dos bretões, escreveu ao Papa Eleutério que ocupava a Santa Cátedra de Pedro, sob Marco Aurélio e Cômodo, para lhe rogar mandasse pregadores do Evangelho aos bretões; que o Papa os mandou e que os bretões receberam a fé de Jesus Cristo e a conservaram inviolàvelmente até o imperador Diocleciano, que suscitou contra êles uma violenta perseguição, na qual vários receberam o martírio, entre outros Santo Albano, de quem o Padre Fortunato, diz êle, fêz o elogio em seu poema, em honra das virgens. Beda diz, em seguida, mas em poucas palavras, o que se passou na Igreja da Inglaterra, até a missão do monge Santo Agostinho, por São Gregório Magno, que conta detalhadamente. Começa o segundo livro com a morte dêsse santo Papa, depois narra, tanto nesse livro como nos seguintes, as conversões feitas por Santo Agostinho, os bispados que fundou na Inglaterra, a sucessão dos Bispos, a propagação do Evangelho nas diversas províncias, as dificuldades que surgiram sôbre a celebração da Páscoa e sôbre outros usos da Igreja, os concílios reunidos para pôr fim a essas discussões e como os reis e os bispos se reuniram para a destruição da idolatria. Fala também da instauração de mosteiros e dos abades mais célebres. Seu quinto e último livro termina no ano 731 da Encarnação, do mesmo modo que o resumo que fêz dessa história. Une a êsse resumo o catálogo de suas obras. Em suas vidas de santos indica, com o mesmo cuidado que em sua grande história, as diversas particularidades que narra. Vê-se, por tôda parte, o historiador consciencioso.



A esmola. Segundo um afresco das Catacumbas.

A maior parte de suas obras são obras de piedade, particularmente comentários sôbre diversas partes da Escritura Sagrada. Escreveu-os quase todos, a rôgo de amigos, entre os quais o monge Huberto ou Eusébio, depois seu abade em Jarou; o padre Nothelmo de Londres, depois arcebispo de Cantuária; o bispo Acca de Hagulsstadt, também chamado Hexham. Nesses comentários procura menos encontrar idéias novas, do que resumir o que os santos Padres tinham dito de melhor sôbre cada coisa. Dêsse modo, seu trabalho é menos o pensamento de um indivíduo do que o pensamento comum da Igreja. Aliás, o bispo de Hagulsstadt, tinha-lhe mesmo pedido indicar, em particular o lugar de cada Padre, do qual tivesse feito o comentário. Quanto ao estilo do venerável Beda, não é nada rebuscado, é sem pretensão, de amável simplicidade, de calma piedosa, de candura diáfana; numa palavra, seu estilo é como seu coração, como sua vida tôda.

A vida dêsse amável santo não foi agitada por tempestades. Sua ciência e modéstia conquistaram-lhe a estima de todos, sem excitar inveja de ninguém. Quando foi ordenado sacerdote, o Papa Sérgio escreveu-lhe uma carta, que ainda temos. Nela, convidava-o, em têrmos muito honrosos, para vir a Roma, a fim de êle ter a satisfação de o ver e consultar sôbre negócios importantes. Nosso santo, por modéstia, jamais falou de circunstância tão gloriosa. De resto, não foi a Roma, sem que se saiba porque. Êle mesmo nos garante que jamais saiu de seu mosteiro para viajar, menos ainda para fazer grandes viagens. Sua reputação atraía-lhe visitas, de tudo o que de grande havia na Bretanha, entre outras a do piedoso rei Ceolulfo, ao qual dedicou sua — *Histoire*

écclésiastique des Anglais —, e de que aproveitou tão bem, que, no ano 737, deixou o reino que governava havia nove anos e abraçou a vida monástica em Lindisfarne, sob a direção de São Cuthberto.

De tôdas as suas obras, uma só causou algum desgôsto ao nosso santo: foi seu livro intitulado — *Des six ages du monde* — ou — *Chronique*. — Como Santo Júlio de Toledo, dividiu a história humana, não, em seis milênios, mas em seis idades. Como São Júlio de Toledo, pôs a primeira idade desde Adão até Noé; a segunda, de Noé a Abraão, a terceira, de Abraão a Davi, a quarta de Davi ao cativeiro de Babilônia, indicando quantos anos houve de intervalo entre essas diversas idades, segundo o cálculo dos hebreus e o dos Setenta; a quinta, da saída de Babilônia até o nascimento do Salvador e a sexta, do nascimento de Jesus Cristo até à consumação dos séculos. Dá, depois, os acontecimentos mais notáveis nos vários impérios, na sinagoga e na Igreja, e não esquece o sexto concílio de Constantinopla, em 681. A crônica contém o que se passou durante o curso de quatro mil seiscentos e oitenta anos, dos quais o último chega ao ano 725 da era comum. Como nessa obra, o venerável Beda segue a cronologia mais curta, do texto hebraico, que dá sòmente mais ou menos quatro mil anos, desde Adão até Jesus-Cristo, em vez da cronologia mais longa dos Setenta, que é de cinco a seis mil anos; como em seguida, tal qual São Júlio de Toledo, combate a opinião vinda dos judeus, de que o mundo deve durar seis mil anos, alguns ignorantes fizeram-lhe censuras, até tratá-lo de herege e escreveram canções contra êle. Sensìvelmente aflito com a acusação de heresia, o santo doutor escreveu uma

carta apologética a um monge chamado Plegwin, onde justifica doutamente sua cronologia e mostra que não há nenhum fundamento na opinião que começava a correr, de que o mundo devia durar sòmente seis mil anos; em suma, que não se deve procurar, por nenhuma conjetura, o tempo do fim do mundo, que Deus nos quis conservar oculto.

No ano de 733, São Beda passa algum tempo em York, onde seu antigo discípulo, Egberto, irmão do rei dos Northumbres, acabava de ser feito Bispo. Egberto rogou-lhe voltasse no ano seguinte, 734, para acabar de instruir os religiosos de seu mosteiro, onde tinha instaurado uma escola. O santo tendo sido impedido, por uma enfermidade, substituiu em 735, a visita, por uma carta. Nela exorta Egberto a evitar as conversas inúteis, a meditar assìduamente nas Sagradas Escrituras, principalmente nas Epístolas de São Paulo a Timóteo e a Tito, na pastoral de São Gregório e nas homilias sôbre os Evangelhos; a ter sempre perto de si pessoas capazes de o ajudar no ministério, a não proceder como certos bispos que só se fazem acompanhar por pessoas de divertimentos, e de boa prosa, capazes de os terem alegres, com conversas frívolas. Visto que vossa diocese é tão grande, continua, que não podeis atender sòzinho por tôda parte, mesmo em um ano, é necessário estabeleçais padres em cada aldeia, para instruir e administrar os sacramentos, e êles devem principalmente cuidar de que todos saibam de cor o Símbolo e a Oração dominical, e que os que não entendem latim, cantem em sua língua, quer leigos, quer clérigos ou monges. Por isso, eu os traduzi em inglês para alguns padres ignorantes. Diz-se que há várias aldeias de nossa nação, nas montanhas inacessíveis, onde jamais

se viram os bispos exercer uma função espiritual, nem pessoa alguma para instruir, e todavia, nenhuma dessas aldeias está isenta de pagar seus dízimos ao Bispo. Assim, longe de pregar gratuitamente, segundo o preceito de Nosso Senhor, recebe-se, sem pregar, a esmola que êle proibiu receber, mesmo pregando.

O melhor meio de restaurar a nossa Igreja, é multiplicar os bispos; não vêem todos, como é melhor dividir entre vários êsse pêso imenso, do que carregá-lo sòzinho? Por isso o santo Papa Gregório, escrevendo ao arcebispo Agostinho, tinha ordenado estabelecesse doze Bispos, dos quais o de York seria o metropolita. Eu quisera que completásseis êsse número, com o auxílio do rei. Sei que, pela negligência dos reis precedentes e sua liberalidade inconsiderada não é fácil encontrar-se um lugar vago, para se erigir um bispado. Por isso estimaria muito conveniente, para êsse efeito, algum mosteiro; e, para obviar à oposição do abade e dos monges, poder-se-ia permitir-lhes escolher o bispo entre êles mesmos ou tomá-lo no território em que se constituísse a nova diocese. O que lhe tornou a execução mais fácil foi o número infinito de lugares que muito erradamente tem o nome de mosteiros, embora não haja observância monástica.

Sabeis que meros seculares, sem nenhuma experiência, sem nenhum afeto pela vida regular, dão dinheiro ao rei e compram-lhe terras, com o pretexto de aí fundar mosteiros e fazem-lhe garantir a propriedade a seus herdeiros, por cartas reais, confirmadas pelos bispos. Lá vivem êles com tôda sorte de licença, conservam suas mulheres e filhos e reúnem sob o nome de monges, os que por sua indocilidade

são expulsos dos verdadeiros mosteiros e aí se podem entregar à devassidão; ou aceitam vagabundos ou seus vassalos, aos quais dão o hábito e os obrigam a lhes prometer obediência. Pretendem estar todos juntos, abades e governadores de províncias ou oficiais do rei e dão às suas mulheres tais mosteiros, para governar. Seria, então, um grande bem empregarem-se ùtilmente essas terras, ocupadas por gente que só causa escândalo e são, pelo menos, inúteis à Igreja e ao reino. Vimos que, desde o século precedente, havia na Espanha dêsses falsos mosteiros, sem disciplina, de que se queixava São Frutuoso de Braga.

Beda diz que êsse abuso reinava na Inglaterra havia mais ou menos trinta anos. E, continuando a dar seus avisos ao Bispo Egberto, exorta-o a mandar instruir cuidadosamente o povo na fé e nos costumes; a mostrar quanto é necessária a comunhão freqüente, como se faz na Itália, na Gália, na África, na Grécia e por todo o Oriente. Mas, acrescenta, os leigos de nossa província estão quase todos tão afastados dessa devoção, que o mais piedoso comunga sòmente no Natal, na Epifania e na Páscoa, embora haja uma infinidade de pessoas de vida muito pura, de tôdas as idades e sexos, que, sem nenhuma dificuldade, poderiam comungar todos os domingos e nas festas dos apóstolos e dos mártires, como vistes fazer-se em Roma. Mesmo as pessoas casadas fá-lo-iam de boamente, se se lhes mostrassem os limites da continência, isto é, se se lhes ensinasse por quanto tempo devem guardar a continência, para se prepararem para a comunhão, pois êste último ponto era antigamente um preceito, como vemos em vários concílios. O não uso é apenas conselho, mas é um conselho

cuja prática São Carlos Borromeu queria se recomendasse fortemente aos fiéis. (1)

O venerável Beda morreu no mesmo ano, 735, na idade de sessenta e três anos, no seu mosteiro de Jarou. Eis como um de seus discípulos narra sua morte a outro. "Cuthberto a Cuthwin, seu bem amado condiscípulo em Jesus Cristo, saudação eterna em Nosso Senhor. Recebi com prazer o pequeno presente que me quisestes enviar. Vossa carta me causou igualmente grande satisfação, pois vim a saber o que ardentemente desejava isto é: que tendes o cuidado de rezar e de celebrar missas por Beda, verdadeiro servo de Deus, nosso bem-amado pai e mestre. Também por amor dêle, eu vos mando em poucas palavras uma relação da maneira como saiu dêste mundo, relação que compreendi que desejais e esperais de mim.

"Foi tomado de grande dificuldade em respirar, sem todavia sentir dor alguma, mais ou menos duas semanas antes da ressurreição do Senhor. Ficou nesse estado, conservando a hilaridade ordinária e dando graças a Deus, noite e dia, mesmo a tôdas as horas, até à festa da Ascensão do Senhor, no dia 26 de maio. Depois de nos ter dado as aulas segundo o costume, empregava o resto do dia em cantar salmos. Passava mesmo tôdas as noites na alegria e em ações de graças, interrompendo êsse exercício só para um sono muito curto.

"Quando despertava, punha-se a rezar com as mãos levantadas para o céu. Homem verdadeiramente feliz! Cantava estas palavras de São Paulo: — *Há alguma coisa de espantoso, como cair nas*

(1) **Op. Bed.**, edit. Paris, 1666, pág. 46.

mãos do Deus vivo, — e muitas outras passagens da Sagrada Escritura. Como era muito versado na nossa língua, recitava alguma coisa em versos inglêses; essas palavras, por exemplo: Um homem sábio não poderia considerar muito o que fêz de bem e de mal antes de sair desta vida. Cantava antífonas, conforme se fazia entre nós; estas, entre outras: — *Ó rei da glória, Deus dos exércitos, que subistes hoje, triunfante, acima dos céus! Não nos abandoneis como órfãos sem defesa, mas mandai-nos o Espírito do Pai, o Espírito de verdade que nos prometestes, Aleluia!* — Pronunciando estas palavras — *Não nos abandoneis como órfãos,* — derramava lágrimas e chorava muito. Uma hora depois, repetiu a mesma antífona e nós misturamos nossas lágrimas às suas. Líamos e chorávamos alternativamente, ou melhor, jamais líamos sem chorar.

"Passamos assim o tempo desde o comêço de sua doença até à festa da Ascensão. Êle vivia sempre cheio de alegria e não cessava de agradecer a Deus por lhe ter mandado aquela enfermidade. Muitas vêzes, repetia esta passagem: — *Deus castiga os filhos que ama,* — e outras semelhantes. Ouviam-no dizer também palavras de Santo Ambrósio: Não vivi de maneira a me envergonhar de viver entre vós, e não temo morrer, porque temos um bom mestre. Além das lições que nos dava e o canto dos salmos, compôs ainda dois opúsculos dignos de memória: traduziu em nossa língua, para utilidade da Igreja, o Evangelho de São João, fêz um resumo dos livros das horas de Santo Isidoro, Bispo. Não quero, dizia a respeito desta última obra, que meus discípulos leiam mentiras, depois de minha morte, nem que se consumam em trabalhos inúteis.

Na têrça-feira antes da Ascensão do Senhor, sentiu uma dificuldade de respirar maior que de ordinário. Notaram-lhe os pés um pouco inchados. Passou, entretanto, o dia com hilaridade; ditou na sua aula e dizia de vez em quando: Apressai-vos; quem sabe se viverei ainda muito tempo e se aquêle que me fêz, não me levará bem depressa do meio de vós? Não duvidamos de que não soubesse o momento de sua morte. Passou a noite em ação de graças. No dia seguinte de manhã, isto é, na quarta-feira, disse-nos que escrevêssemos logo o que tínhamos começado. Depois, segundo o que se faz nesse dia, caminhamos com as relíquias até à hora terceira. Então um de nós lhe disse: Mestre bem-amado falta-nos ainda um capítulo. Seria incomodar-vos, o fazer-vos novas perguntas? Não, respondeu êle. Tomai a pena e escrevei bem depressa. O que o discípulo fêz.

"Às nove horas, êle me disse: Tenho alguma coisa preciosa em minha caixa, isto é, pimenta, lenços e incenso. Correi bem depressa e trazei-me todos os padres do mosteiro, a fim de que eu distribua também a êles pequenos presentes, como Deus me deu. Os ricos dêste século gostam de dar ouro, prata e outras coisas preciosas. Eu darei a meus irmãos, com muito amor e alegria, o que Deus me tinha dado. Dirigiu a palavra a cada um, rogando-lhes celebrassem missas por êle, com fervorosas orações; o que lhe prometeram de todo o coração. Todos choravam, particularmente porque tinha dito que não veriam mais seu rosto neste mundo. Mas regozijavam-se ouvindo-o dizer: É tempo de que volte àquele que me fêz, que me criou, que me formou do nada. Vivi muito tempo; o juiz previu minha vida em sua misericórdia. O

tempo de minha libertação aproxima-se, pois desejo ser libertado e reunir-me a Jesus Cristo. Sim, minha alma deseja contemplar a Jesus, seu rei, em sua glória! Êle disse estas coisas e outras, cheio de alegria.

"Aquêle discípulo que tinha falado antes, disse-lhe à tarde: Mestre querido, há ainda uma sentença que não está escrita. Escrevei-a depressa, respondeu. Tendo-lhe o discípulo replicado que já o fizera, êle acrescentou: Dissestes a verdade, tudo está consumado! Segurai minha cabeça em vossas mãos. Quero ter a satisfação de me sentar em frente do oratório onde costumava rezar, a fim de invocar assim, meu Pai. Foi colocado no chão da cela; depois cantou: Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo! Tendo pronunciado estas últimas palavras, isto é, Espírito Santo, entregou o espírito e passou ao reino celeste. Todos os que viram a morte do bem-aventurado padre, diziam jamais ter visto alguém terminar a vida com tanta devoção e tranqüilidade; pois, até seu último suspiro, não deixou de cantar: Glória ao Pai e outras orações espirituais. Eu poderia, meu amado irmão, narrar-vos ainda muitas coisas, mas meu pouco conhecimento da língua me obriga a ser breve." Com essa cândida modéstia o piedoso discípulo descreve a seu irmão a morte do amável mestre. Beda morreu assim na quarta-feira, 26 de maio de 735, à tarde, depois das primeiras vésperas da Ascensão, cuja festa foi continuar no céu. (1)

* * *

---

(1) **Acta SS.**, 27 maii. Dom Ceillier, t. XVIII. — Acta ord. Bened. sect. III, pars. I. — **Op. Bedae**, Godescard. 27 maii.

SANTA RAINELDA

Virgem e Mártir, no Brabante

Santa Rainelda era filha do conde Wiger e de Santa Amalberga, irmã de Santo Emeberto, Bispo de Arras, e de Santa Gúdula, padroeira de Bruxelas. Possuía muitas riquezas que empregava inteiramente em aliviar os pobres, em fazer doações às Igrejas, e mosteiros; consagrada ao Senhor, desde a mais tenra idade, pelo voto de castidade, levava uma vida simples e mortificada, afastada do mundo ocupando-se sòmente na oração e na meditação das santas verdades da religião. Morava havia muito tempo nos arredores da pequena cidade de Soignies, quando os saxões invadiram a Baixa Austrásia, e aí praticaram as maiores devastações. Todos tinham fugido; mas Santa Rainelda pôs sua confiança em Deus e retirou-se, simplesmente à igreja do lugar, resignada ao que a Providência ordenasse sôbre sua sorte. Os bárbaros não tardaram em a descobrir e a fizeram morrer no ano 680, com dois outros cristãos que se haviam unido a ela, Grimoaldo e Gondulfo. Êsses três mártires foram depois enterrados naquela mesma igreja e seus túmulos aí se tornaram célebres por vários milagres. O martirológio romano faz menção dêles, a 16 de julho.

* * *

SANTO EUSTÁQUIO (*)

Bispo

Santo Eustáquio foi bispo de Antioquia e um dos heróis da luta contra o arianismo. Sua sucessão causou o cisma naquela cidade, conflito doloroso que abalou até o episcopado ocidental.

Nascido na Panfília, Santo Eustáquio foi, primeiramente, bispo de Beréia, depois de Antioquia (324-330). Espírito avantajado, foi adversário de Orígenes. Deposto pelo imperador Constantino, viveu no exílio, falecendo em Trajanópolis, na Trácia.

Trajanópolis, até 482, conservou-lhe as relíquias. Mais de cem anos depois da morte, o corpo de Eustato foi levado a Antioquia, sendo recebido triunfalmente pelo povo. Data daí o fim do cisma.

Entre os gregos, o santo bispo é festejado a 21 de fevereiro.

* * *

SÃO SISENANDO (*)

Diácono, Mártir

São Sisenando era português, da antiga cidade romana de *Pax Julia,* hoje Beja, ao sul do país. Jovem ainda, buscou Córdova, para os estudos. Misteriosamente chamado pelos mártires Pedro e Wallabonsa, desejou ardentemente a vida eterna.

Prêso, levado ao juiz, condenaram-no a decapitação, suplício que Sisenando recebeu como se fôra a maior doçura que possa haver sôbre a terra.

São Sisenando, morto pelos sarracenos aos 16 de julho de 851, teve as relíquias transportadas, por piedosas mulheres, para a igreja de Santo Acisclo.

* * *

BEM-AVENTURADO BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES (*)

Arcebispo

Nascido perto de Lisboa, em 1514, Bartolomeu, uma das glórias da Igreja de Portugal, foi arcebispo de Braga. Professou nos dominicanos, tendo ensinado por mais de vinte anos nos conventos de Lisboa e de Batalha.

Escolhido arcebispo em janeiro de 1559, pelo papa Paulo IV, então todo no afã de nomear prelados zelosos para a exata disciplina, trabalhou com grande carinho na reforma do clero.

Mendes dos Remédios, na *História da Literatura Portuguêsa,* assim se refere ao bem-aventurado arcebispo:

"D. Frei Bartolomeu dos Mártires, o célebre arcebispo de Braga, cuja mitra renunciou em troca da paz do convento de Viana, que fundara, além das obras latinas deixou um *Catecismo da Doutrina Cristã* em estilo correto e simples.

"Como orador, segundo o dizer do seu biógrafo, tinha um estilo de pregar *mui diferente do que usava na côrte . . . deixou flôres de retórica, explicações agudas, e conceitos levantados, que serviam lá para as orelhas delicadas, e entendimentos mimosos para os penetrar, e fazer efeito a doutrina medicinal a*

modo de bom guisado e entregou-se todo a têrmos chãos e doutrina clara, que servisse para todos..."

Êste biógrafo, a que Mendes dos Remédios se refere, é Frei Luís de Sousa (1555-1632), de Santarém, e um dos mais delicados estilistas que conta a língua portuguêsa. Antes da sua profissão religiosa chamava-se Manoel de Sousa Coutinho. Militou na religião de Malta, estêve prisioneiro dos mouros e foi levado cativo para Argel.

"Foi em 1641 que Coutinho iniciou a vida claustral, adotando desde logo o nome de Frei Luís de Sousa". Escreveu a *História de São Domingos, Anais del Rei Dom João III* (publicados por Alexandre Herculano em 1846), e a *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*.

Outras obras de Bartolomeu dos Mártires: *Stimulus pastorum,* regra de vida para os prelados segundo os Padres da Igreja; *Compêndio das máximas da vida espiritual recolhidas dos sentimentos dos Padres; Suma de concílios;* e notas sôbre os salmos, um itinerário de Braga a Trento, e numerosos manuscritos.

Faleceu Bartolomeu dos Mártires em 1590. Gregório XVI beatificou-o em 1845.

* * *

SANTA MARIA MADALENA POSTEL (*)

Virgem

Júlia Maria Francisca Postel era filha de João Postel e de Teresa Levallois. Nascida em Barfleur, no dia 28 de novembro de 1756, foi batizada no dia mesmo em que veio ao mundo, à tardinha.

À santa virgem deve-se a fundação do Instituto das Irmãs das escolas cristãs da Misericórdia.

Desde os cinco anos, Maria Madalena principiou a preocupar-se com a pobreza e os enfermos. De uma feita, pequenina ainda, encontrou na estrada um menino todo vestido de farrapos: impressionada e contristada, deu-lhe o casaco: a um outro, de sapatos rotos, deu-lhe os seus, novos, adquiridos fazia pouco. E esmolava para os mendigos, carregava água para as mulheres atarefadas com a penca de filhos, acendia o fogo para as donas de casa enfêrmas, tratava das crianças abandonadas.

Aos nove anos, fêz o voto de castidade e o de devotamento à salvação do próximo. E tanto era benquista que o bispo resolveu admiti-la à primeira comunhão, porque, "como Júlia Postel outra não haveria".

Às escondidas dos pais, jejuava duramente, passando a pão sêco.

Um dia, ao sair da escola, findas as aulas, deparou com dois soldados, velhos desafetos, prontos para se digladiar num duelo: Júlia ajoelhou-se à frente dos dois, mostrou-lhes o Crucificado, e os soldados, tocados pela graça, abraçando-se, com lágrimas nos olhos, reconciliaram-se para sempre.

Em 1774, com dezoito anos, terminados os estudos, abriu um pensionato em Barfleur. Ali, pacientemente, ministrava ensinamentos às crianças: linguagem, cálculos, aulas de crochê e de culinária para as meninas.

Dos pobres, os seus pobres, jamais se esqueceu. Procurava-os, consolava, aliviava no que lhe era possível, sempre zelosa para com os que nada tinham de próprio.

Em 1798, foi admitida entre os terciários de São Francisco.

A instituição das *Pobres Filhas da Misericórdia* nasceu aos 8 de setembro de 1807, e a sua regra era "silêncio, obediência pronta, absoluta e alegre".

Logo duzentas meninas freqüentavam as aulas das *pobres filhas* da agora Maria Madalena. Em 1817, com a grande fome, as religiosas foram as laboriosas organizadoras das chamadas *sopas populares,* em que os menos favorecidos eram carinhosamente socorridos. E a instituição, abençoada por Deus, foi crescendo.

A 21 de setembro de 1837, catorze veteranas e dez noviças pronunciavam o voto, segundo novas constituições, as de São João Batista de la Salle: instrução gratuita aos pobres; ensinar e trabalhar nos hospitais; dependência direta de Roma.

Maria Madalena Postel teve a alegria, antes de morrer, de ver fundadas trinta e sete casas. Estava velha, mas trazia a alma a cantar; como jovem, cheia de energia, sentia-se feliz por tudo aquilo que fizera, pelo bem que semeara, pelo trabalho que desenvolvera. Nem mesmo a asma, que a perseguia, deixou-a de mau humor por um único instante que seja.

Aos que se inquietavam, quando jazia numa das crises, dizia-lhes, sorrindo:

— Estou bem, já que estou como o Bom Deus quer que eu esteja.

Santa Maria Madalena Postel faleceu em 1846, aos 15 de julho. Previra o futuro, multiplicara pães, curara doentes. Fôra-se para Deus depois de noventa anos de vida, de vida vivida para o bem, rodeada de cento e cinqüenta professas e vinte postulantes.

Declarada venerável a 31 de maio de 1903, foi beatificada a 22 de janeiro de 1908 e canonizada a 24 de maio de 1925.

* * *

NOSSA SENHORA DO MONTE CARMELO (*)

A comemoração de Nossa Senhora do Monte Carmelo, ou Nossa Senhora do Carmo, foi instituída pelos carmelos entre 1376 e 1386, para celebrar a aprovação da regra daqueles religiosos pelo papa Honório III.

O dia 16 de julho evoca, segundo a tradição dos carmelos, uma aparição de Nossa Senhora a São Simão Stock, para lhe dar o escapulário.

No princípio do século XVII, o dia 16 tornou-se como a festa do Escapulário, que o papa Bento XIII estendeu por tôda a Igreja do universo.

O intróito utiliza o de Santa Agata e poderia ser de origem grega. "Rejubilemo-nos no Senhor, celebrando a festa em honra da bem-aventurada Virgem Maria", porque Ela é a "causa da nossa alegria", pois foi quem nos deu Jesus Cristo, nosso Salvador.

A coleta recorda que a ordem do Carmelo recebeu o título de Maria. A Epístola é tirada do Eclesiástico, e diz:

Como a vide lancei flôres de um agradável cheiro;
e as minhas flôres dão frutos de glória e de riqueza.
Eu sou a mãe do amor formoso,
do temor, da ciência e da santa esperança.

Em mim há tôda a graça do caminho e da verdade,
em mim tôda a esperança da vida e da virtude.
Vinde a mim todos os que desejais,
e enchei-vos dos meus frutos.
porque o meu espírito é mais doce do que o mel,
e possuir-me é mais agradável que o favo de mel.
A minha memória durará por tôda a série dos séculos.
Os que me comem terão ainda fome,
e os que me bebem terão ainda sêde.
Aquêle que me ouve não será confundido,
e os que agem por mim não pecarão.
Aquêles que me tornam conhecida terão a vida
eterna (1).

O responso-gradual é o da Visitação. O versículo aleluítico canta a Mãe de Deus que restitui aos homens a vida perdida. O evangelho é um fragmento do evangelho do terceiro domingo da Quaresma, e o versículo do ofertório adaptado de Jeremias (2): suplicar à Virgem para que seja nossa advogada. A secreta pede para que nossas ofertas sejam salutares, graças à Mãe de Deus. A antífona da comunhão implora a intercessão da Rainha do mundo, e a pós-comunhão deseja ajuda, proteção e concórdia, graças à Mãe de Deus.

O escapulário carmelo, para José Falcone, carmelo falecido em 1591, tinha a virtude de uma proteção quase mágica. E em Portugal e na Espanha assim o tinham em conta.

* * *

(1) Eccl. 24, 23-31.

(2) Jer. 18, 20.

No mesmo dia, em Bérgamo, São Domnion (mártir). Barônio dá-lhe o título de mártir, apoiado em monumentos de Bérgamo. Encontrou-se naquela cidade a seguinte inscrição: *Hic Requiescunt In Pa. B. M. Domnio Cum Nepotibus Suis Eusebia Et Domnio (E). Dep. Domno Avus XVII K. Augus. Eusebia III K. Novemb. Domnio Non. Jan.*, ou seja, "Aqui repousam em paz Domnion de boa memória com os sobrinhos Eusébia e Domnion. O tio Domnion foi enterrado a 17 das calendas de agôsto (16 de julho), Eusébia a 3 das calendas de novembro (29 de outubro), Domnion nas nonas de janeiro (5 de janeiro)". Resta saber se B. M. significa *Beati Martyres* ou *Bonae Memoriae*.

Em Limoges, São Justiniano, confessor, talvez um discípulo de São Marcial.

Em Avrillé, Poitou, São Domnin, o qual, segundo a lenda, era um menino de dez anos, israelita, morto sob o prefeito Rictiovaro.

Em Poitou ainda, São Generoso, abade (século VI).

Em Maastricht, São Monulfo e São Gondulfo, bispos e confessores (século VI).

Na ilha de Jersey, Santo Helier, mártir (século VI), assassinado por bárbaros.

Em Seez, São Landry, bispo.

Na Bretanha, São Tenenan, bispo.

Em Thérouanne, o bem-aventurado Milon de Selincourt, bispo e confessor. Tendo conhecido São Norberto pessoalmente, a admiração por aquêle fundador levou-o à ordem premonstratense. Escolhido para suceder a João de Warneton, falecido a 27 de

fevereiro de 1130, foi sagrado por Renaud, fazendo a entrada em Thérouanne aos 15 de fevereiro de 1131. Faleceu aos 16 de julho de 1158.

A festa de São Fausto, mártir, que, crucificado, sob Décio, viveu ainda cinco dias: depois, tendo sido varado de flechas, entrou triunfante no céu. — Em Sebaste, na Armênia, Santo Atenógenes, bispo, martirizado com dez de seus discípulos, sob o imperador Diocleciano. — Santo Hilarino, monge, que tendo sido prêso com São Donato, durante a perseguição de Juliano e recusando-se a sacrificar, foi tratado a golpes de porrête, e terminou o martírio em Arezzo, na Toscana, de onde suas relíquias foram levadas a Óstia. — Em Trèves, São Valentim, bispo e mártir.

— Em Cápua, São Vitaliano, bispo e confessor.

* * *

17.º DIA DE JULHO

Os doze mártires cilitanos de Cartago

No começo do terceiro século, o universo passava por uma crise, como certos animais, que passam por uma transformação. O mundo romano parecia querer cair em pedaços, como para dar lugar a um mundo novo. É que um novo universo se formava sob o envoltório do velho e o estraçalhava; um universo, mais espiritual que material; universo não mais dominado pela espada da fôrça, mas pela palavra de verdade; verdade sôbre Deus, verdade sôbre o homem. Êsse império do Altíssimo ia crescendo cada vez mais; os doutôres expunham as leis nos livros, os mártires as escreviam com seu sangue nas praças das cidades.

Em Cartago, o procônsul Saturnino, assentou-se em seu tribunal e os magistrados mandaram vir Esperato, Narzal, Cittin, Donata, Segunda e Vestina.

O procônsul disse a todos: Podeis ainda todos esperar o perdão dos imperadores, nossos amos, Severo e Antonino, se voltardes ao bom caminho e a nossos deuses. Esperato disse: Jamais fizemos mal algum, nem tomamos parte em injustiça. Não nos lembramos

de ter injuriado quem quer que seja; ao contrário, sendo maltratados por vós, sempre demos graças a Deus. Rezamos mesmo por aquêles que nos perseguem injustamente, no que obedecemos ao nosso imperador, que nos prescreveu essa regra de vida. O procônsul Saturnino disse: E nós também temos uma religião que é piedosa e simples. Juramos pelo gênio dos Imperadores, nossos senhores, e fazemos votos por sua saúde. Deveis fazer o mesmo. Esperato respondeu: Se me quiserdes escutar tranqüilamente, eu vos direi o mistério da simplicidade cristã. E o procônsul Saturnino: Escutar-te-ei falar mal de nossos sacrifícios? Jurai ante todos, pelo gênio de nossos senhores, os imperadores, a fim de gozardes dos prazeres desta vida. Esperato: Não conheço o gênio do imperador dêste mundo; mas sirvo pela fé, pela esperança e pela caridade, ao Deus do céu, que nenhum homem viu nem pode ver. Jamais fiz ação digna de castigo, pelas leis públicas e divinas. Se compro alguma coisa, pago o devido aos vendedores. Reconheço e adoro meu Senhor e meu Deus, o Rei dos reis e o Imperador de tôdas as nações. Não me queixei de ninguém: ninguém deve queixar-se de mim. O procônsul, então, voltando-se para os outros, disse: Não sigais as extravagâncias dêsse idiota, mas temei nosso soberano e obedecei às suas ordens. Citino respondeu: Ouvireis de nós, ó procônsul, sòmente o que nosso companheiro Esperato já disse. Não temos mêdo de ninguém, a não ser de nosso Deus e Senhor, que está no céu. O procônsul Saturnino disse: Levem-nos à prisão e ponham-nos acorrentados, até amanhã.

No dia seguinte, o procônsul, veio ao tribunal, mandou chamá-los e disse às mulheres: Honrai

nosso soberano e sacrificai aos deuses. Donata respondeu: honramos a César, como César; mas o temor ou o culto, nós o reservamos a Cristo, verdadeiro Deus. Vestina disse, depois: O que me ditará sempre meu coração e o que meus lábios sempre pronunciarão é que sou cristã. Segunda acrescentou: sou cristã, quero sê-lo e nada me separará da confissão de meus companheiros; quanto aos vossos deuses, não os servimos, nem adoramos. O procônsul mandou que fôssem separadas; depois, chamou os homens e disse a Esperato: Perseveras em ser cristão? Esperato respondeu: Sim, persevero, e tenho a certeza de ter essa perseverança cristã, não por minhas próprias fôrças, mas pela graça de Deus. Se quereis então saber o pensamento de meu coração, se sou cristão, escutai todos: Sou cristão! Todos os que tinham sido presos com êle, tendo-o ouvido, uniram-se à sua confissão e disseram: Nós também somos todos cristãos! O procônsul Saturnino disse: Talvez queirais tempo para deliberar. Esperato respondeu: Para uma coisa tão boa, não há necessidade de segunda deliberação; deliberamos jamais abandonar o culto do Cristo, quando, regenerados pela graça do batismo, renunciamos ao diabo e seguimos as pegadas do Cristo. Fazei o que quiserdes. Morreremos pelo Cristo com alegria. O procônsul respondeu: Que livros lêdes, adorando-o e que contém a doutrina de vossa religião? Esperato disse: Os quatro Evangelhos de nosso Senhor Jesus Cristo, as epístolas de São Paulo, apóstolo, e tôda a Escritura inspirada por Deus. O procônsul Saturnino respondeu: Dou-vos um prazo de três dias, para retratar a confissão dessa seita; talvez possais voltar às sagra-

das cerimônias dos deuses. Esperato respondeu: Uma demora de três dias não poderá modificar nossa profissão. Tomai antes êsse tempo, para deliberar, vós mesmo, a abandonar o culto tão vergonhoso dos ídolos e tornar-vos amante da religião cristã. Se não sois digno disso, não adieis mais; promulgai a sentença. Como nos vêdes hoje, assim seremos, não duvideis, depois dos dias do prazo. Sou cristão, bem como todos os que estão comigo e jamais deixaremos a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo. Fazei o que quiserdes.

O procônsul, vendo-lhes a firmeza, promulgou contra êles a sentença, pelas mãos do escrevente, nestes têrmos: Tendo-se Esperato, Narzal, Citino, Vetúcio, Félix, Aquilino, Acilino, Letâncio, Januária, Generosa, Vestina, Donata e Segunda, confessado cristãos e tendo, mais, recusado a honra e o respeito ao imperador, ordeno que se lhes corte a cabeça. Essa sentença foi lida e Esperato e todos os que estavam diante dêle, disseram: Damos graças a Deus que hoje nos concede a honra de nos receber mártires no céu, pela confissão do seu nome. Dito isso, foram levados ao lugar do suplício, onde se puseram de joelhos, todos juntos e tendo ainda dado graças a Jesus Cristo, tiveram a cabeça cortada.

Êsses doze mártires, comumente chamados mártires cilitanos, são as primícias da África. Um exemplar de seus atos termina por estas palavras: Os mártires de Cristo foram consumados a 17 de julho e intercedem por nós diante de Jesus Cristo, nosso Senhor a quem, honra e glória com o Pai e o Santo Espírito, nos séculos dos séculos. Amém. Nesse mesmo exemplar, bem como em outro, igualmente

antigo, o ano se encontra marcado pelo segundo consulado de Cláudio, o que indica o ano 200, de Jesus Cristo, no oitavo ano do império de Severo e no segundo de seu filho Antonino Caracalla. O procônsul Saturnino perdeu a vista pouco tempo depois. (1)

* * *

(1) Ruinart, e Acta SS., 17 Julii.

SÃO LEÃO IV

Papa

O Papa Sérgio II tinha morrido de repente, a 27 de janeiro do ano 847, depois de ter ocupado o trono pontifício durante três anos. Foi enterrado em São Pedro. Mas antes de ser levado para lá, elegeu-se, a uma voz, São Leão IV, para o substituir. Leão era romano, filho de Rodoaldo e foi pôsto por seus parentes no mosteiro de São Martinho, fora da cidade e perto de São Pedro, para aí estudar literatura. O Papa Gregório IV, tendo ouvido falar de suas virtudes, tomou-o a seu serviço e ordenou-o subdiácono. Sérgio II o fêz padre, com o título de Quatro Coroados, onde êle se distinguiu sobretudo, pelo amor aos pobres e de onde foi removido, contra vontade, ao ser eleito Papa, para o palácio de Latrão, onde todos lhe beijaram os pés, segundo o antigo costume.

As circunstâncias estavam muito críticas; os sarracenos estavam em redor de Roma; não havia nenhum auxílio a se esperar do imperador Lotário, nem de seu filho, o rei Luís. No mês de agôsto de 846, os sarracenos da África que também eram chamados mouros, chegaram até Roma, pelo Tibre e, não podendo entrar na cidade, saquearam as igrejas de São Pedro e de São Paulo, que estavam fora.

Levaram todos os ornamentos e riquezas, entre outras coisas, o altar de prata pôsto sôbre o sepulcro de São Pedro. De Roma, foram a Fondi, que tomaram e entregaram às chamas, matando uma parte dos habitantes, levando os outros cativos, e, depois de terem devastado tôda a região dos arredores, acamparam em Gaeta, no mês de setembro. Aquêle que comandava, em Espoleto, pelo imperador Lotário, mandou contra êles, tropas de franceses, que foram batidas e fugiram vergonhosamente. Perseguindo-as, os sarracenos chegaram perto do mosteiro de monte Cassino, cujas reprêsas tinham ouvido elogiar: mas como era muito tarde, acamparam perto, contando que aquêles despojos não lhes podiam escapar, pois, o mosteiro não tinha defesas e dêles estava separado apenas por um regato que se podia muito bem passar a pé. Os monges, esperando sòmente a morte, foram em procissão, descalços e com cinzas na cabeça, à Igreja de São Bento e lá passaram a noite em oração. Então, o tempo, que estava muito sereno, mudou de repente; caiu tão grande quantidade de chuva e o riacho cresceu tanto, que não o puderam atravessar. Os sarracenos, que estavam acampados em suas margens, vieram de manhã, para o atravessar, a pé ou por meio de barcos; não o conseguindo, nem os encontrando, rangiam os dentes de raiva e mordiam os dedos. Foi preciso regressar ao acampamento, tendo sòmente queimado duas celas ou prédios do mosteiro. (1)

Consternados por essas duas calamidades, a morte do Papa Sérgio e as devastações dos sarracenos, que ainda estavam nas vizinhanças da cidade,

---

(1) **Chroniq. Cassin.** l. I, c. XXVII.

os romanos não viam mais nenhum meio de escapar à morte. Procuravam, então, com ansiedade um Pontífice, que no perigo extremo os pudesse governar e salvar, com os socorros de Deus. Ouviram falar do Padre Leão, de suas virtudes, de seu mérito. Imediatamente, por uma inspiração divina, todos os romanos, desde o primeiro até o último, exclamaram unânimemente que Leão seria seu Pontífice e que não queriam outro. (2) A confiança dos romanos não foi enganada. São Leão IV será o salvador de Roma e por isso mesmo da cristandade inteira: afastará para sempre de Roma os ferozes sectários de Maomé e dará a idéia, ao mundo cristão, de ir quebrar seu funesto poder, no mesmo Oriente.

Mas um obstáculo detinha a alegre ansiedade dos romanos. O Papa Eugênio II tinha determinado que o Papa recém-eleito não seria sagrado, senão depois de ter feito juramento, na presença do embaixador imperial, de conservar os direitos de todos. Não se ousava então sagrar o novo Papa, sem a autorização do imperador Lotário o que fêz que a Santa Sé ficasse vaga durante dois meses e meio. Enfim, temendo que Roma fôsse cercada de novo, sagraram o Papa Leão, a 12 de abril, embora o consentimento do imperador ainda não tivesse chegado, mas como protesto de que não se pretendia derrogar a honra e a fé que lhe eram devidas, depois de Deus. Pois vimos, sob o mesmo Papa Eugênio, que sendo o imperador o defensor armado da Igreja romana, os romanos lhe prestavam um juramento de fidelidade, sem prejuízo daquele que faziam ao Papa.

(2) **Anast.**

Entretanto, os sarracenos voltaram, embarcando de novo, com os navios carregados de despojos e navegaram para a África; mas, como blasfemavam contra Jesus Cristo e seus apóstolos, sobreveio uma tempestade; os navios quebraram-se uns contra os outros e êles na maior parte pereceram. Com os cadáveres que o mar atirou às costas, encontraram-se muitos tesouros da Igreja de São Pedro, que para lá depois foram levados novamente. (2) Ficaram, ainda, todavia, sarracenos, na Itália: um de seus chefes, chamado Maslor, viera em socorro de Radelgisa; morava em Benevento e no mesmo ano, 847, tomou a cidade de Telesa e saqueou o mosteiro de Santa Maria de Cingle. (3)

O Papa São Leão dedicou seus primeiros cuidados em restaurar os ornamentos da Igreja de São Pedro e continuou-o durante seu pontificado, que foi de oito anos. Êle deu cruzes, imagens, cálices, castiçais de diversas espécies, cortinas de tapeçarias e panos preciosos. Mas êle adornou principalmente a confissão, isto é, a sepultura de São Pedro e o altar que estava por cima. Pôs no frontispício tábuas de ouro, incrustadas de pedras preciosas e pintadas com esmalte, onde se viam, entre outros, seu retrato e o do imperador Lotário: o pêso era de duzentas e dezesseis libras de ouro. Pôs bordaduras de prata do pêso de duzentas e oito libras e um cibório ou baldaquim de dezesseis mil e seiscentas e seis libras. Adornou na proporção, várias outras igrejas, particularmente a de seu título, dos Quatro Coroados. Restaurou também uma sala, onde seus predecesso-

(2) **Ann. Bertin, 847.**

(3) **Chron., Cassin.**

res tinham o costume de fazer, no dia de Natal, banquetes solenes, que tinham sido interrompidos, sob os dois últimos Papas.

No ano 848, segundo do seu Pontificado, São Leão, começou uma obra que a êle sòmente teria bastado para ilustrar um Soberano e um Pontífice: foi construir em redor da igreja de São Pedro e encerrá-la dentro de muralhas. Tôda a nobreza de Roma ficou sensìvelmente aflita com a pilhagem que os sarracenos lá tinham feito e temiam coisas ainda piores, para o futuro. Para a salvaguardar, o novo Papa resolveu executar o desígnio que São Leão, seu predecessor tinha concebido, de construir uma nova cidade, perto de São Pedro, de que Gregório IV mesmo tinha lançado os alicerces. Leão IV escreveu sôbre isso ao Imperador Lotário, que recebeu com alegria a notícia, exortou o Papa a executá-la e a pôr mãos à obra, imediatamente. Mandou grande quantidade de libras de prata para êsse fim, tanto de sua parte como da parte dos reis, seus irmãos. O Papa, tendo recebido a resposta do imperador, reuniu os romanos e os consultou sôbre a execução de seu intento. Ficou resolvido fazer virem operários de tôdas as cidades, das terras que pertenciam ao público e aos mosteiros, para trabalhar por sua vez, nessa grande obra. Empregaram nisso quatro anos; o Santo Papa atendia contìnuamente a tudo e dedicava-lhe todo o tempo livre, depois das funções espirituais, sem que o frio, o vento ou a chuva o afastassem de lá e lhe impedissem visitar os trabalhos.

Ao mesmo tempo, trabalhava também para restaurar os muros de Roma, que haviam caído em

ruínas, pelo tempo. Mandou refazer as portas e reconstruir quinze tôrres de alto a baixo, visitando muitas vêzes as obras ora a cavalo, ora a pé. Mandou colocar entre as duas tôrres, sôbre o Tibre, na porta que levava ao Pôrto, cadeias, para deter até as menores barcas do inimigo. Mandou também transportar à cidade grande quantidade de corpos de santos, para os pôr em segurança.

No ano seguinte, 849, os sarracenos vieram a Tozat, na Sardenha, de onde partiram para Pôrto. Os romanos estavam muito assustados com isso. Mas os habitantes de Nápoles, Amalfi, e Gaeta, embarcaram e vieram a Óstia, de onde mandaram avisar o Papa que tinham vindo em seu auxílio para combater os sarracenos. O Papa, querendo antes certificar-se rogou-lhes mandassem a Roma alguns dêles. Seu chefe, chamado Cesário, filho de Sérgio, comandante da milícia, veio com alguns outros e confirmou ao Papa o que lhe tinha mandado dizer. Imediatamente o Papa dirigiu-se a Óstia com grande acompanhamento de homens armados, para mostrar aos Napolitanos o afeto com que os recebia. À sua vista, êles prostraram-se, beijaram-lhe os pés, e rogaram-lhe que lhes desse, êle mesmo, a Comunhão, para os fortalecer contra os inimigos. Para êsse fim, levou-os em procissão à Igreja de Santa Áure, onde, tendo-se pôsto de joelhos, pronunciou sôbre êles uma oração apropriada para a circunstância. Depois, celebrou a santa missa e deu a comunhão a todos. No dia seguinte, depois que o Papa partiu, os sarracenos apareceram na costa com uma grande multidão de navios. Os napolitanos atacaram-nos com violência. Mas um vento extraordinário, como ninguém se lembrava ainda de ter visto, surgiu de repente e separou as

duas frotas. A maior parte dos sarracenos pereceu. Mataram muitos outros nas ilhas, onde os encontraram morrendo de fome. Enforcaram alguns no pôrto, perto de Pôrto e levaram grande número a Roma, onde os fizeram trabalhar em diversas obras, particularmente nas muralhas que se construíam em redor de São Pedro.

Nesse tempo, o Santo Papa Leão IV recebeu duas cartas do imperador Lotário: eis a que respeito. Hincmaro, de Reims, não tinha ainda recebido o palium da Santa Sé. Faltava-lhe, assim, a confirmação autêntica de sua promoção. Para a obter, êle fêz interessar-se nisso o imperador Lotário, que então vinha prejudicando seu predecessor Eblon, porque não havia querido ir em embaixada a Constantinopla. Lotário escreveu as duas cartas em favor de Hincmaro. Nessas duas, que chegaram até nós, lemos esta inscrição: A nosso mui santo e mui reverendo Pai espiritual, Leão, soberano pontífice e papa universal, Lotário, pela providência divina imperador augusto, vosso filho espiritual, eterna saudação no Senhor. No corpo da carta o príncipe dá um testemunho notável da superioridade da Santa Sé em tôda a Igreja. A Sé apostólica, diz êle, foi fecundada pelo bem-aventurado príncipe dos apóstolos, para ser, no universo inteiro, por tôda a parte onde o cristianismo se pode estender, o princípio e fundamento da santidade. E a divina Providência deu à Igreja romana a superiorioridade sôbre tôdas as outras igrejas; a fim de que, em todos os seus negócios e em tôdas as suas necessidades, tôdas recorressem a ela, como à mãe da religião e à fonte da justiça. Sôbre esta recomendação e estas instâncias do imperador Lo-

tário, o Papa São Leão IV concedeu o palium a Hincmaro. (1)

No ano 850, o imperador Lotário mandou a Roma seu filho Luís, que foi recebido honrosamente pelo Papa São Leão e sagrado imperador. Mais tarde, o imperador Basílio, de Constantinopla, perguntou a Luís por qual direito usava o título de imperador e porque, escrevendo-lhe, tomava a qualidade de basileu, pois tinha apenas um estado muito pequeno e nem mesmo era senhor de todo o país sujeito à nação francesa, acrescentando que, entretanto, não se oporia às suas pretensões, se se qualificasse de Basileu ou de imperador dos franceses, mas, que não se devia dizer imperador nem basileu dos romanos e que, enfim, devia deixar a êle sòmente êsse título e contentar-se com o de *Rex*.

Para compreendermos essa incrível chicana dos gregos devemos recordar que não tinham palavra própria para dizer imperador e que se serviam para isso do nome comum de Basileu, que quer dizer a mesma coisa que a palavra latina *Rex*, isto é, rei. Depois, para esconder sua vaidosa indigência, pretendiam que o nome comum de Basileu era o nome próprio do seu imperador e que os outros príncipes se deviam chamar apenas *Rex*, mesmo em grego, o que supunha uma grosseira ignorância de uma e outra línguas, onde as duas palavras significam a mesma coisa. Também o imperador Luís respondeu a Basílio, que não sabia em que baseava sua pretensão, de ter aquêle título de basileu, sòmente êle, visto que em todos os tempos tinha sido comum a uma infini-

---

(1) L'Abbe, t. VIII, p. 32. Flodoardo, l. III. Dom. Bouq., t. VII, p. 565.

dade de soberanos de tôdas as nações; que na Escritura é dado não sòmente aos soberanos do povo de Deus, como Davi, mas ainda aos príncipes dos assírios, dos egípcios, dos moabitas e a uma infinidade de outros; que os escritores gregos o davam aos príncipes dos persas, dos partas, dos armênios, dos vândalos, dos godos, dos etíopes, dos sarracenos e aos soberanos de quase tôdas as nações.

Explicando, depois, a razão pela qual quer seus antepassados, desde Carlos Magno, se chamem legìtimamente imperadores, Luís não diz que a dignidade imperial foi concedida a Carlos Magno pelos romanos e que ela passava a seus descendentes por direito de sucessão; mas êle atribui a justa origem e a continuação dessa honra nos príncipes francos à Sé apostólica. Falando dêle mesmo, diz que era reconhecido imperador pelos reis seus tios, não porque tinha sido eleito por seu pai, ou porque a dignidade lhe pertencia por direito de sucessão, mas, porque tinha sido elevado à dignidade imperial, pelo Pontífice Romano. (1)

Respondendo ao que Basílio objetava, que aquela denominação de imperador era nova nêle, diz que o título não era novo em sua família, mas que seu bisavô Carlos Magno já o tinha tido, não por usur-

---

(1) Et ipsi patrui nostri gloriosi reges absque invidia imperatorem nos vocitant, et imperatorem esse procul dubio fatentur non profecto ad aetatem, qua nobis majores sunt attendentes, sed ad unctionem et sacrationem, qua per Summi Pontificis manus impositionem divinitus sumus, ad hoc culmen provecti, et ad romani principatus imperium, quo superno nutu potimur, aspicientes. **Baron, an. 871, n. 58.**

pação, mas pela autoridade do soberano Pontífice e pelo juízo da Igreja. (2)

Quanto à surprêsa que Basílio demonstrava de que Luís não se dizia imperador dos francos, mas dos romanos, responde que, chamando-se imperador, só se podia chamar imperador dos romanos, porque êsse nome tinha começado entre os romanos, cujo povo e cidade êle governava e de que tinha o encargo de defender a Igreja, mãe de tôdas as outras e da qual sua família tinha recebido primeiro a autoridade da realeza e depois a do império. (1) Acrescenta que seu bisavô Carlos Magno foi imperador tanto mais legìtimamente, quanto tinha sido sagrado pelo soberano pontífice, ao passo que outros chegaram ao império sem que Deus nisso intervisse pelo ministério dos pontífices, mas sòmente por terem sido propostos pelo senado e pelo povo; muitos mesmo sòmente pelas aclamações dos soldados. (2)

---

(2) Illud autem mirari possumus, quod sublimitas tua ad novam et recentiorem appellationem aspirare nos autumat: cum, quantum ad lineam generis pertinet, non sit novum vel recens quod jam ab avo nostro non usurpante, ut pernibes, sed Dei nutu et Ecclesiae judicio, summique Pontificis per impositionem et unctionem manus obtinuit, etc. **Ibid.**, n. 60.

(1) ...Ex qua, et regnandi prius et post modum imperandi auctoritatem prosapia nostra seminarium sumpsit. **Baron, n. 68.**

(2) In qua (prosapia) etiam Carolus Magnus abavus noster unctione ejusmodi per Summum Pontificem delibutus, primus ex gente et ex generalogia nostra, pietate in eo abundante, et imperator dictus et Christus Domini factus est: praesertim cum tales saepe ad imperium sunt adsciti, qui nulla divina operatione per Pontificum ministerium, propositi solum a senatu et populo nihil horum carantibus, imperatoria dignitate potiti sunt; nonnulli vero nec sic, sed tantum a militibus sunt acclamati, et in imperio stabiliti, etc. **Ibid.**

Assim, Luís II faz também remontar à Igreja romana o direito de sua dinastia sôbre o reino dos francos e seu direito sôbre o império dos romanos. Eleva a legitimidade de Carlos Magno acima da dos imperadores precedentes, de que a primeira derivava da autoridade do soberano pontífice, ao passo que a outra só tinha tido para ela os sufrágios do senado e do povo, ou as aclamações do exército. Exprimindo-se dêsse modo, afasta, por assim dizer, da legitimidade de Carlos Magno a intervenção do senado e do povo.

O imperador Luís acrescenta: Se afirmais que é um crime do Romano Pontífice o que êle fêz, podereis do mesmo modo imputar como crime a Samuel ter sagrado Davi e rejeitado Saul. Se alguém quer saber as razões disso, deve apenas dirigir-se ao Soberano Pontífice, que não deixará de dar a resposta. Esperando, percorrei os anais dos gregos; vereis quanto os Pontífices romanos tiveram que sofrer dos imperadores do Oriente, bem longe de serem por êles sustentados, defendidos e honrados; mas não foram êsses maus tratos que os induziram a procurar outro apoio; foi o perigo iminente da religião e os empreendimentos sacrílegos dos imperadores hereges, que os obrigaram a lançar os olhos sôbre uma nação verdadeiramente cristã e católica, como a nação francesa. Não é motivo de surprêsa ver-se um francês elevado ao império, como não o foi ver elevar-se o espanhol Teodósio; pois tôdas as nações foram dadas a Cristo como herança. Todo aquêle que teme a Deus é-lhe agradável. Cuidai de não vos deixardes enganar pelos aduladores. A nação dos francos deu ao Senhor frutos abundantes de justiça, não sòmente crendo ela mesma com rapidez, mas convertendo muitos outros.

A vós, ao contrário, foi predito com razão, o império vos será tirado para ser dado a uma nação que produzirá frutos. Do mesmo modo que, pela fé de Cristo, somos a raça de Abraão e os judeus, por sua perfídia, deixaram de ser os filhos dêles, assim, por nossa ortodoxia, recebemos o govêrno do império romano e os gregos, por sua heterodoxia deixaram-lhes de ser os imperadores, tendo abandonado, não sòmente a cidade e a Sede do império, mas tendo perdido o povo romano e mesmo sua língua, para transmigrar a outra cidade, a outra sede, outro povo e mesmo outra língua, diremos, por isso, que falharam sem remédio? Não mais do que o Apóstolo o disse dos judeus; mas sua diminuição foi nosso crescimento. Ramos mais antigos, foram quebrados por sua crença pouco ortodoxa; fomos inseridos em seu lugar e aí perseveramos pela fé. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça! (1)

Essa carta do imperador Luís II ao imperador Basílio é uma das peças mais importantes da história da Idade-Média. Ela nos mostra da maneira mais autêntica o que o império do Ocidente era para a Igreja romana e quem a tinha restaurado. Ignoramos porque Fleury não mencionou mesmo êsse monumento tão capital em sua História. Pode-se notar sobretudo a aproximação que o imperador Luís faz da reprovação dos judeus. Já ouvimos o patriarca Santo Inácio dizer, que, para nações enfêrmas, como eram então os gregos, Deus não tinha preparado outro remédio que a Sé de São Pedro. E deveras, os gregos tendo-se separado depois dessa Sé, seus males tornaram-se irremediáveis; e séculos de humilhação e de

(1) Baron, ano 871.

punição não lhes puderam fazer abrir os olhos, não mais do que aos judeus.

No ano 852, que era o sexto do Papa Leão IV, a nova cidade que êle fazia crescer em redor da Igreja de São Pedro, foi terminada. Com isso sentiu imensa alegria e fêz-lhe a solene dedicação no dia 27 de junho. Chamou-a com seu nome, a cidade Leonina. Reuniu todos os bispos e todo seu clero; cantaram-se as ladainhas, os salmos, hinos e cânticos; a procissão fêz a volta das muralhas, todos descalços e com cinzas na cabeça; o santo Pontífice mandou que os cardeais-bispos benzessem a água, com que se aspergiam os muros. A nova cidade tinha três portas. Na primeira, o mesmo Papa rezou a oração seguinte, derramando muitas lágrimas: Deus, que confiando ao vosso apóstolo Pedro as chaves do reino celeste, lhe destes o poder de ligar e desligar, concedei-nos, por sua intercessão, sermos livres dos laços de nossos pecados; concedei a esta cidade, que fundamos novamente, por vosso auxílio, estarmos para sempre ao abrigo de vossa cólera e obtermos novos e numerosos triunfos contra os inimigos, por causa dos quais ela foi construída. Êle rezou duas orações semelhantes nas outras duas portas; depois do que celebrou missa solene, na basílica de São Pedro, pela salvação do povo e da cidade, e deu grandes esmolas a todos, romanos e estrangeiros, em ouro, prata e panos de sêda; de sorte que houve por tôda parte uma alegria inexprimível.

A paterna solicitude do excelente Pontífice não ficou nisso. Noite e dia, pensava nos meios de pôr em bom estado a cidade despovoada de Pôrto, para garantir-se contra as tentativas dos sarracenos, que eram o terror dos cristãos da Itália, como os nor-

mandos o eram para a França. Deus quis que, nesse mesmo tempo, viessem a Roma, para implorar sua compaixão, vários milhares de corsos, fugitivos de seu país por mêdo dos mesmos sarracenos. O bom Papa, acolheu-os com o amor de um pai e ouviu com ternura a narração de suas desgraças. Êles prometeram, se os quisesse receber, ficar para sempre a serviço do Papa e de seus sucessores. Encantado com êsse encontro, o Santo Pontífice, ofereceu-lhes a cidade de Pôrto, bem fortificada, com vinhas, prados e terras cultiváveis; bois, cavalos e outros animais se êles viessem estabelecer-se lá, com suas mulheres e filhos, sob a única condição de serem fiéis aos Papas e ao povo romano. Os corsos ficaram fora de si de alegria, prometeram, não sòmente ser fiéis, mas viver e morrer naquele lugar. E o Papa deu-lhes um ato de doação, não, como Fleury traduz, sob o beneplácito dos imperadores Lotário e Luís, mas para a vantagem espiritual dos imperadores Lotário e Luís e para a sua própria; tudo teria valor enquanto os corsos fôssem fiéis e obedientes em tudo aos Papas e ao povo romano. As terras que lhes foram dadas pertenciam à Igreja, a mosteiros e a diversos particulares.

As cidades de Horta e de Ameria experimentaram igualmente a munificência do Santo Pontífice. Suas portas e muralhas tinham caído em ruínas e os habitantes estavam expostos aos ataques noturnos de ladrões e assassinos. São Leão IV foi em seu auxílio. Restaurou em pouco tempo as muralhas e as portas e deu-lhes assim, segurança. (1)

(1) Anast.

A cidade de Centumcelas estava deserta, havia quarenta anos; suas muralhas tinham caído e ela estava continuamente exposta aos ataques dos sarracenos o que tinha obrigado os habitantes a se retirarem para as florestas e para as montanhas onde viviam como animais, em contínuas apreensões. Enquanto eram esquecidos e abandonados pelos reis, e imperadores, outro homem pensava nêles; era o Papa Leão IV. Profundamente comovido com sua miséria, rogava ao Senhor, noite e dia, com muitas lágrimas, que lhe mostrasse um lugar próprio para construir uma cidade e lá agasalhar aquêle povo infeliz. Foi, primeiro, explorar as vizinhanças de Centumcelas. Encontrou primeiro um lugar fortificado naturalmente, mas não havia água suficiente; enfim, segundo uma revelação divina, descobriu outro, que com fortificações naturais, apresentava ainda outras vantagens. Lá mandou construir uma cidade a que chamou de Leópolis. Estava a doze milhas ou quatro léguas de Centumcelas. Quando ficou pronta, fêz-lhe êle mesmo a solene dedicação, a 15 de outubro de 854, como tinha feito a da cidade de São Pedro. Fêz a volta em procissão, lançando água benta sôbre as muralhas; e, tendo celebrado a missa, distribuiu pessoalmente grandes esmolas ao povo. Deu também grandes presentes às igrejas dessa nova cidade. No correr dos séculos, êsse lugar tornou-se menos cômodo e os habitantes voltaram à antiga Centumcelas, junto do mar, a que chamaram, por essa razão, *Civitá Vecchia*, velha cidade. (1)

(1) Anast

O Papa São Leão IV morreu no ano 855, a 17 de julho, depois de ter ocupado o trono por oito anos e três meses, e foi enterrado em São Pedro. Instituiu a oitava da Assunção da Santa Virgem, que não se celebrava ainda em Roma; pela primeira vez distribuiu moedas de prata ao povo. Além das imensas construções de que falamos, fundou vários mosteiros. Construiu um de religiosas em sua própria casa, que dedicou a São Simitro e São Cesário; reconstruiu e adornou o de São Martinho, onde tinha sido monge. Restaurou o de Crosário que só servia para alojar seculares e lá colocou religiosos. Um dia, tendo ido fazer suas orações em São Lourenço, perguntou quantos monges aí prestavam serviço. Responderam-lhe que alguns dos seus predecessores ali tinha estabelecido dois mosteiros, mas que a pobreza os havia feito abandonar. Restaurou um sob o nome de Santo Estêvão e de São Cassiano, dotou-o suficientemente e lá colocou monges gregos, para desempenhar seu ofício dia e noite. Entre os ornamentos que renovou, nota-se uma cruz de ouro, que um subdiácono levava diante do cavalo do Papa, segundo antigo costume.

Atribui-se-lhe uma instrução aos padres, que está inserida no pontifical romano em seguida à forma de se ter o sínodo dos bispos. Exortam-se os padres a levantarem-se tôdas as noites, para as orações noturnas e para cantar o ofício nas horas marcadas. Cada padre deve ter um clérigo ou discípulo, que o ajude a cantar os salmos e que responda à missa. Deve convidar o povo a se confessar na quarta-feira de cinzas e impor as penitências; a exortar a comungar quatro vêzes, no Natal, na quinta-feira santa, na Páscoa e no Pentecostes; nada exigir pelas funções eclesiásticas. O resto é muito seme-

lhante às instruções de Hincmaro: o que mostra a disciplina do tempo.

Mas a glória principal dêsse grande e glorioso Papa será sempre ter salvo Roma e a Itália do domínio dos sarracenos. Sem êle, a capital do cristianismo ter-se-ia talvez transformado em arrabalde muçulmano.

* * *

SANTO ENÓDIO (*)

Bispo

Santo Enódio foi bispo de Pavia. Nascido em 473, Magnus Felix Enódio perdeu bem cedo os pais, tendo recebido a educação de uma tia rica que vivia em Milão.

Aos dezesseis anos, morta a tia, ocorrida a invasão de Teodorico, em 489, o jovem viu-se em grande miséria. Logo, porém, destacada família tomou-o sob sua proteção, casando-o muitíssimo bem.

A espôsa, depois de um certo tempo, deixou-o para abraçar a vida religiosa. Enódio, por sua vez, recebia o diaconato do bispo de Pavia, Epifânio.

Morto aquêle bispo, Enódio tornou à Milão, e, depois de ter sido curado de grave doença, pela intercessão de São Vítor, morto o bispo de Milão, Lourenço, foi eleito para assumir o pôsto que vagara.

O papa Hormisdas enviou-o duas vêzes a Constantinopla, e a missão que levava era a de restabelecer a união entre o Oriente e o Ocidente.

Orador, poeta, prosador, epistológrafo, faleceu em 521.

* * *

AS BEM-AVENTURADAS CARMELITAS DE COMPIÈGNE (*)

Virgens e Mártires

Aos 22 de junho de 1794, catorze dias depois da Convenção reconhecer a existência de um Ente Supremo, levada por Robespierre, desprezando leis, a tramar, assim o queriam os revolucionários, "pour le rétablissement de la royauté et l'anéantissement de la Republique", várias religiosas, que viviam em comunidade, foram presas e encerradas no mosteiro da Visitação, o qual fôra transformado em prisão.

Levadas a prestar o juramento de *Liberté-Egalité*, preferiram mil vêzes morrer do que "rester coupables d'un tel serment".

A recusa significava a guilhotina e, assim, dezesseis carmelitas receberam a palma do martírio, na triste tarde do dia 17 de julho daquele mesmo ano de 1794.

Eram elas: Reverenda Madre Teresa de Santo Agostinho (Maria Madalena Claudina Lidoire, priora, nascida em Paris no dia 22 de setembro de 1752.

Irmã São Luís (Maria Ana Francisca Brideau) sub-priora, nascida em Belford aos 7 de dezembro de 1752.

Irmã de Jesus Crucificado (Maria Ana Piedcourt), de Paris, onde veio ao mundo aos 9 de dezembro de 1715.

Irmã Carlota da Ressurreição (Ana Maria Madalena Thouret), nascida em Mouy-Oise — a 16 de setembro de 1715.

Irmã Eufrásia da Imaculada Conceição (Maria Cláudia Cipriana Brard), de Bourth, onde nasceu aos 12 de maio de 1736.

Madre Henriqueta de Jesus (Maria Gabriela de Croissy), nascida em Paris no dia 18 de junho de 1745.

Irmã Teresa do Coração de Maria (Maria Ana Hanisset), de Reims, de 18 de janeiro de 1742.

Irmã Teresa de Santo Inácio (Maria Gabriela Trézelle), nascida em Compiègne aos 4 de abril de 1743.

Irmã Júlia Luísa de Jesus (Rosa Cristão de Neufville), nascida em Evreux aos 30 de dezembro de 1741.

Irmã Maria Henriqueta da Providência (Annette Pelras), nascida aos 16 de junho de 1760 em Cajard.

Irmã Constância (Maria Genoveva Meunier), de São Dionísio, onde nasceu aos 28 de maio de 1765.

Irmã Maria do Santo Espírito (Angélica Roussel), nascida em Fresnes no dia 3 de agôsto de 1742.

Irmã Santa Marta (Maria Dufour), nascida em Bannes, Sarthe, aos 2 de outubro de 1741.

Irmã São Francisco (Isabel Júlia Vérolot), de Lignières, Aube, nascida aos 13 de janeiro de 1764.

Catarina Soiron, irmã rodeira, nascida em Compiègne aos 2 de fevereiro de 1742.

Teresa Soiron, irmã rodeira, nascida em Compiègne aos 23 de janeiro de 1748.

Antes de morrer, serenas, indiferentes, cantavam o *Miserere*, o *Salve Regina*.

Aos pés do cadafalso, entoaram o *Te Deum*, depois o *Veni Creator*.

Mortas, tiveram os restos mutilados transportados para o cemitério de Picpus. E, como homenagem, no muro que rodeia a tumba comum, onde foram depositadas, lê-se, numa placa de mármore:

Beati qui in Domino
moriuntur

Sòmente uma carmelita escapou do massacre: Francisca Genoveva Filipe, no século — Irmã Josefina Maria da Encarnação, na vida religiosa.

O processo de beatificação, aberto por iniciativa do cardeal Ricardo, arcebispo de Paris, a 23 de fevereiro de 1896, teve tramitação rápida. No dia 16 de dezembro de 1902, o papa Leão XIII declarava as carmelitas veneráveis, e, a 10 de dezembro de 1905, Pio X beatificava-as.

* * *

No mesmo dia, em Milão, Santa Marcelina, virgem, irmã do bem-aventurado Ambrósio, bispo, Marcelina recebeu em Roma, na basílica de São Pedro, o véu da consagração, das mãos do papa Libério. O bem-aventurado Ambrósio, nos seus escritos, deixou testemunhada a santidade da irmã. Marcelina estava em Milão durante a doença de

Ambrósio e pela morte do irmão Sátiro, que a afligiu sobremaneira. Sobreviveu ao grande Doutor e pôde fornecer a Paulino de Milão preciosíssimos dados para a composição da Vida do grande bispo (ver 7 de dezembro).

A oração. Segundo uma pintura a fresco das Catacumbas.

Em Roma, Santo Aleixo, filho do senador Eufemiano. Casado, na noite mesma de núpcias fugiu, deixando a espôsa virgem. Voltando à cidade depois de longas viagens, foi recebido como pobre na casa do pai e ali ficou desconhecido durante dezesseis anos, frustrando assim o mundo com nova indústria. Depois da morte, entretanto, foi reconhecido, primeiramente pela voz ouvida em várias igrejas

da cidade, depois por um bilhete escrito de próprio punho. Sob o pontificado de Inocêncio I, o corpo foi transportado, com as maiores honras, para a igreja de São Bonifácio, onde operou grande número de milagres (século V?).

Em Auxerre, São Teodósio, bispo, no princípio do século VI. Décimo-primeiro bìspo de Auxerre, assistiu ao concílio de Orleans. Faleceu, possìvelmente, em 515, sendo enterrado na igreja de São Germano.

Em Constantinopla, Santa Teodósia, que muitos chamam Teódota; mártir, no século VIII, vítima dos iconoclastas, quando de Leão, o Iconoclasta. Conta-se que atirou por terra a escada em que um agente do imperador subira para arrancar do lugar em que sempre estivera uma velha imagem de Nosso Senhor, sôbre uma porta. Alguns manuscritos colocam-na sob Constantino Coprônimo (740-775) e não sob Leão, o Iconoclasta (717-740).

No reino de Mércia, na Inglaterra, São Kenelm, rei e mártir. Segundo uma tradição que peca pela insegurança, Kenelm foi o sucessor do pai Kenulfo, rei de Mércia, na Inglaterra do Centro. A irmã, tremendamente enciumada, de concêrto com o preceptor do príncipe, trataram de eliminá-lo. Com efeito, o pérfido mentor levou-o para a floresta de Clent, como se fôssem à caça, e ali o matou friamente. O crime não tardou a ser descoberto, e o corpo foi levado para a abadia do condado de Gloucester, a de Winchcombe, onde se tornou objeto de grande veneração (812?).

Comemoração dos sete Apóstolos da Bulgária, nos séculos IX-X. Missionários formados por São Método, indo da Morávia para a Bulgária, sob a direção de Gorazd, Naum, Sabas e Angelar, foram muitíssimo bem recebidos pelo rei Boris. Morto Gorazd, Clemente foi o sucessor. Feito bispo de Velitza, dá-se-lhe o título de Arcebispo da Bulgária.

Na abadia de Zobor, perto de Nitra, Eslováquia, Santo André Zoerard, confessor, e São Bento, mártir. O primeiro, polonês, levou vida eremítica. Bento, seu discípulo, morto o mestre, ocupou-lhe a ermida, sendo morto por ladrões que ali esperavam encontrar grande soma de dinheiro (1020).

Na abadia de Chiensee, na Baviera, a bem-aventurada Irmengarda, abadêssa, falecida em 866.

Na Cilícia, São Nersès de Lampron, arcebispo de Tarso, desaparecido em 1198.

Na abadia de Valumbrosa, São Benigno Visdomini, abade. Nascido em Montevarchi, entre Florença e Arezzo, na Toscana, o santo abade pertenceu à ilustre família, aparentada com São João Gualberto. Escreveu dois trabalhos: *Claustrum animae sive* e *Methodus ad recte videndum.* Faleceu em 1236.

Em Breslau, o bem-aventurado Ceslau, confessor, irmão, segundo o espírito, de São Jacinto, o grande apóstolo dominicano da Europa oriental, e seu colaborador muito zeloso. Morto em 1242.

Em Marsal, diocese de Metz, São Livier, mártir, provàvelmente quando das invasões hunas (século V?).

Na Bélgica, São Fredegando, abade, no século VIII.

Em Amastrida, na Paflagônia, São Jacinto, mártir, que morreu na prisão depois de ter sofrido muito sob o governador Cástrico. — Em Trívoli, Santo Generoso, mártir. — Em Veneza, a transladação de Santa Maria, virgem.

— — — —

18.º DIA DE JULHO

SÃO CAMILO DE LÉLLIS

Fundador da Ordem dos clérigos regulares para o serviço dos enfermos

São Camilo de Léllis nasceu em 1550, em Bacchianico, pequena cidade no reino de Nápoles. Sua mãe, que o tinha concebido em idade muito avançada, viu-o em sonhos, nascer com uma cruz sôbre o peito e caminhando à frente de vários outros, que também levavam uma cruz. Entretanto, sua juventude não correspondeu a êsses presságios de sua futura santidade. Pois êle a passou nos vícios e sobretudo numa paixão extrema pelos jogos de azar. Lá perdeu a saúde, a fortuna e a reputação. Reduzido a uma vergonhosa indigência viu-se obrigado, para ter de que viver, a se sujeitar aos serviços mais abjetos, no hospital dos Incuráveis em Roma, a se engajar como soldado em Veneza e por fim, a se empregar como ajudante de pedreiro, com os Capuchinhos de Siponto, que tinham empreendido uma construção; por tôda parte inconstante, por tôda parte pesado a si mesmo e aos outros, jamais, todavia, inteiramente abandonado pela misericórdia divina, que o preservou sem-

pre do hábito da blasfêmia, tão familiar aos jogadores, e enfim, o despertou de um sono de morte. Um dia, viajando sòzinho, repassava no espírito exortações piedosas que outrora tinha ouvido com indiferença; de repente, tocado por uma luz interior, espantado com a consciência de seus pecados e o temor dos juízos de Deus, lançou-se por terra e só se levantou, depois de ter lamentado amargamente os crimes de sua vida passada, resolvido de maneira irremovível, a observar no futuro os mandamentos divinos. Tornando-se, desde aquêle momento, outro homem, não sòmente Camilo se absteve de todo gênero de vício, mas começou a tender ao cume da perfeição cristã. Tomou o hábito de São Francisco, nos capuchinhos de Siponto. Mas uma antiga úlcera que tinha contraído outrora na perna, renovava-se de vez em quando e êle foi dispensado duas vêzes pelos superiores, com grande pesar dêle e dêles.

Voltando a Roma, entrou de novo no Hospital dos Incuráveis, do qual logo lhe confiaram a administração. Como se propunha servir naquele cargo, não tanto aos homens, mas ao mesmo Deus, consagrou-se inteiramente ao alívio dos enfermos. Mas, vendo que aquêles mercenários empregados no hospital não o secundavam, pôs-se a pensar como poderia arranjar cooperadores, mais fervorosos e que agissem por motivos mais elevados. Comunicou seu projeto a São Filipe Néri, seu pai espiritual, que o aprovou muito. Em conseqüência, com alguns empregados do hospital e logo, com um número maior de piedosos fiéis, instituiu uma congregação de leigos, devotados ao serviço dos enfermos, por amor de Deus e em vista da recompensa eterna. Estenderam bem

depressa sua caridade fora do recinto do hospital dos Incuráveis. Tendo adquirido uma casa na cidade, trabalhavam em alívio de todos os pobres doentes quer nos hospitais, quer nas casas particulares. O serviço que prestavam assim a tôda a cidade de Roma tornou-se ainda maior, quando vários eclesiásticos se uniram a Camilo, e o mesmo Camilo, seguindo o conselho de São Filipe Néri, fêz os estudos no colégio romano e recebeu o sacerdócio; pois então começaram a cuidar de todos os doentes, dando-lhes também os socorros espirituais, não menos, que os da vida temporal. No ano de 1586, Sixto Quinto, aprovou a nova associação sob o título de Congregação para o serviço dos enfermos, com o privilégio aos confrades, de usar uma cruz de côr amarelada, do lado direito de seu hábito.

Em poucos anos, sob a direção de Camilo, sua Congregação tornou-se não sòmente mais frutuosa, mas também mais importante, pelos homens distintos que dela quiseram fazer parte. O desejo de todos os confrades foi formar uma congregação regular, com os três votos solenes de castidade, de pobreza e de obediência para servir perpètuamente aos doentes, sem se excetuar nem os que estivessem atacados de peste. Em 1591, Gregório XIV transformou sua Congregação em Ordem regular religiosa, sob o nome de Clérigos regulares para o serviço dos enfermos. Não poderíamos dizer quanto essa nova escola de caridade produziu de bem a tôdas as classes de homens, tanto para o corpo, como sobretudo para a alma. Os doentes não tinham mais que deplorar, além dos sofrimentos da doença, a tristeza da solidão e do abandono; os que se sentiam carregados de faltas

de sua vida anterior não temiam mais sofrer sem expiação o perigo de uma morte iminente; o inimigo do gênero humano, que prejudica sobretudo a agonia dos infelizes mortais, não os encontrava mais fracos e destituídos da fôrça dos sacramentos, nem privados das exortações e consolações dos fiéis. A limpeza tinha sido restaurada nos hospitais, os trabalhos dos servos aliviados, os pastôres, ajudados em suas atribuições do sagrado ministério. Também não nos devemos admirar de ver as casas daquele instituto multiplicar-se em pouco tempo por tôda a Itália, Sicília, e outras províncias mais afastadas, enfim, por tôda a Europa.

As leis da perfeição cristã, que ela tinha dado à sua obra, o santo fundador era o primeiro a observá-las, sobretudo a dileção, que é a perfeição da lei. Sua castidade era tal, que tôdas as coisas criadas lhe eram um motivo de louvar a Deus e uma ocasião de o servir nos pobres. De uma humildade profunda, considerava-se o mais culpado dos pecadores e não deixava de fazer, por isso, grande penitência. Depois de ter governado sua congregação durante vinte e sete anos, com muita sabedoria, abdicou do cargo, para praticar a obediência até o fim da vida, como o último dos irmãos. O que a mãe mais terna faz pelo filho único que está doente, São Camilo fazia-o por todos os enfermos, por todos os pobres, por todos os pecadores nas pestes, nas carestias, nas inundações, em Roma, em Milão, em Nola e mais ou menos, por tôda a Itália. Continuou assim até à morte, que se verificou em Roma, a 14 de julho do ano 1614. Tinha sessenta e cinco anos. Enterraram-no perto

do altar-mor da Igreja de Santa Maria Madalena. Muitos milagres se operaram em seu túmulo, e então levaram-lhe o corpo da sepultura na terra e o colocaram sob o mesmo altar. Depois, encerraram-no numa caixa. São Camilo de Léllis foi beatificado em 1742, e canonizado em 1746, pelo Papa Bento XIV. Da bula de canonização tiramos êstes principais fatos de sua vida.

* * *

SANTO ARNOLFO

Bispo de Metz

Com vários outros santos de sua família ou de seu tempo

O rei da Austrásia, Clotário, chamado também Lotário, que reinava em Metz, tinha em sua côrte vários personagens santos, como Santo Arnolfo ou Arnul, São Romário, São Didier, São Faron, São Goérico. O mais ilustre de todos era Santo Arnolfo, que foi a raiz da segunda dinastia dos reis francos e trisavô de Carlos Magno. Era Franco de origem, de pais muito nobres e muito ricos. Muitas crônicas lhe dão por avô uma filha do rei Clotário I. Nasceu em Lay, perto de Nancy. Tendo estudado em sua primeira juventude, foi colocado na côrte do rei Teodoberto, sob a direção de Gondulfo, mordomo do palácio e tornou-se tão hábil no desempenho dos negócios, que obteve o primeiro cargo, junto do príncipe e governou sòzinho seis províncias. Era não menos homem de guerra. Mas não se deixava de aplicar à oração, aos jejuns, e ao alívio dos pobres. Aconselhado pelos amigos, desposou uma jovem muito nobre, chamada Doda e dela teve dois filhos, São Clodulfo, que foi Bispo de Metz e Anquiso ou

Ansegiso que foi avô de Carlos Martelo. Arnolfo era ligado por amizade a outro senhor, chamado Romarico, adido ao serviço do mesmo rei Teodeberto; tinham resolvido juntos deixar tudo, para se retirarem ao mosteiro de Lérins, mas Deus não permitiu que executassem tal intento.

Pelo ano 611 a Sé episcopal de Metz ficou vacante, pela morte de Papoul, e o povo pediu a uma voz, Santo Arnolfo, porque êle era agradável ao príncipe e de fervorosa piedade. Foi então obrigado, contra a vontade e derramando lágrimas, a aceitar o episcopado. Sua virtude pareceu ainda mais admirável. Separou-se imediatamente da espôsa, que se retirou a um mosteiro de Trèves e à qual, outros autores dão a qualidade de santa. Duplicou esmolas e austeridades, prolongando muitas vêzes o jejum até o segundo ou terceiro dia, comendo sòmente pão de cevada, bebendo sòmente água e usando contìnuamente um rude cilício, sob a túnica. O dom dos milagres deu novo brilho às suas virtudes. O santo Bispo curou um leproso ainda idólatra, depois de o ter batizado e operou várias outras maravilhas, que aumentaram a grande autoridade que sua origem e seus empregos já lhe davam. O rei Clotário, tendo-se tornado senhor da Austrásia, em 613, deu a Santo Arnolfo demonstrações as mais singulares de sua confiança e estima, até que, tendo cedido, em 622, o reino da Austrásia ao filho Dagoberto, nomeou o santo Bispo, com um senhor leigo, chamado Pepino, para ensinar ao jovem rei, a arte de governar ou melhor para governarem êles mesmos, em seu nome. Uma ambição muito diferente dominava Arnolfo. Solicitou várias vêzes do rei Clotário permissão para se retirar da côrte e abdicar ao episcopado e minis-

tério, para viver na solidão, a exemplo de seu amigo Romarico. O rei que o amava ternamente, escreveu-lhe várias cartas das mais afetuosas, onde o chamava de seu senhor e seu irmão, rogando-lhe não o abandonasse. (1)

Quando São Columbano deixou o mosteiro de Luxeuil, elegeram para abade o Santo Eustásio, que foi um dos embaixadores que o rei Clotário mandou no ano 613 a Colombano, para o fazer voltar à Itália. Passando pelo mosteiro de Agaune, Santo Eustásio travou conhecimento com Santo Amado ou Amé, religioso dessa célebre comunidade, ao qual seu pai Heliodoro, nobre romano de Grenoble, o tinha oferecido em sua infância. Havia três anos, levava vida solitária, nas grutas daquele rochedo. Eustásio, persuadiu-o a segui-lo a Luxeuil. Bem depressa, tendo conhecido o raro talento que tinha para anunciar a palavra de Deus, mandou-o pregar a fé e a penitência na Austrásia. No curso de suas missões, hospedou-se em casa de Romarico, que acabava de reconquistar, sob Clotário, os grandes bens, que tinha perdido sob Teodorico, por ter sido fiel a Teodeberto. Um dia, quando estavam à mesa, Romarico rogou-lhe anunciasse a palavra da salvação. Vêdes esta salva de prata? disse santo Amé. Quantos senhores já teve ou melhor, escravos, e quantos ainda terá? Não sois vós mesmos mais escravos que o senhor, pois não o possuís a não ser para o conservar? Mas, sabei que disso vos será pedida razão um dia; pois está escrito: Vosso ouro e vossa prata estão enferrujados e a ferrugem que os consome servirá de testemunho contra vós. Por isso o Senhor diz: Ai! de

(1) Acta SS., 18 Jul.

vós, ricos, que tendes vossa consolação! Santo homem, respondeu Romarico, rogo-vos fiqueis alguns dias conosco e me digais o que devo fazer, pois vejo realizar-se em mim o que desejo há muito tempo. Estou admirado, disse Amé, de que sendo tão nobre, tão rico e tão esclarecido como sois, não sabeis o que o Salvador respondeu a um moço que se queria fazer seu discípulo: Ide, vendei o que tendes e dai-o aos pobres. Poucos dias depois, Romarico deu a liberdade a seus escravos, uma parte de seus bens aos pobres, o resto ao mosteiro de Luxeuil, onde êle mesmo se fizera monge, com a maior parte de seus antigos servidores. Aí tornou-se seu servo, por sua vez. Os misteres mais baixos eram os que mais amava. Cultivava em particular o jardim e sem cessar aprendia de cor os salmos.

A conselho de Santo Amé e de Santo Eustásio, fêz construir numa terra dos Vosges, de que não tinha ainda dispôsto, um duplo mosteiro, segundo a regra de São Colombano; um de mulheres, mais importante, dedicado em honra de São Pedro, do qual Santa Mactefleda foi a primeira abadêssa e outro, para homens, governado por Santo Amé, que foi também encarregado, com São Romarico, da direção das religiosas. Como o mosteiro destas se tornou em pouco tempo muito numeroso, o santo abade aí estabeleceu a salmodia perpétua; para isso, dividiu-os em sete coros, de doze religiosos cada um, a fim de que pudessem suceder-se para cantar os louvores de Deus sem interrupção. Êsse mosteiro, que se chamava então Habend, tomou depois o nome de seu fundador, bem como a cidade que aí se formou. Chamaram-na Remiremont, em alemão, Romsberg, isto é, montanha de Romarico.

Passando a Meaux, São Colombano abençoou a casa de um senhor, chamado Chagneric. Essa bênção trouxe a felicidade a seus filhos; todos chegaram a grande santidade. Um dêles, São Faron, depois de se ter distinguido por suas virtudes, na côrte de Teodeberto e de Clotário, tornou-se bispo de Meaux, onde fundou o mosteiro de Santa Cruz, para servir de asilo aos inglêses e irlandeses, que então gostavam de viajar. Recebeu entre outros o irlandês São Fiacro e deu-lhe um eremitério a duas léguas da cidade. São Chagnoaldo, irmão de São Faron, foi tirado do mosteiro de Luxeuil, para ser feito Bispo de Laon. Seu irmão, São Valdeberto, foi o terceiro abade de Luxeuil. Sua irmã Santa Fara, fundou um mosteiro de que foi a primeira abadêssa o qual subsistiu até êstes últimos tempos, sob o nome de Faremoutier, ou mosteiro de Santa Fara. Os antigos chamavam-no Burgondofara, como quem diz Burgonda.

O mosteiro de Luxeuil foi um seminário de santos bispos, de santos religiosos, de santos missionários. Além dêsses que já citamos, de lá saiu João Donato, Bispo de Besançon, Santo Ragnacario, de Augt e de Basiléia, Santo Achar, de Noyon e de Tournai, Santo Audomar ou Omer, de Bolonha e de Terouana. Entre os santos missionários está São Valeri. Tinha nascido na Auvérnia, de pais pobres e guardava as ovelhas do pai. Tendo sabido que, nas vizinhanças, os filhos de nobres aprendiam a ler nas escolas, fêz para si mesmo as tábuazinhas e foi pedir ao mestre das crianças, que nelas lhe escrevesse o alfabeto e lhe ensinasse as letras. Por êsse meio, guardando as ovelhas, bem depressa escreveu todo o saltério. Saindo da infância, entrou num mosteiro

da região e chegou por fim ao de Luxeuil, com um homem rico que tinha convertido. São Colombano mandou-o com o monge Valdolen, pregar a fé e a penitência na diocese de Amiens, onde havia ainda restos de idolatria. Seus milagres e suas virtudes converteram grande número dêles. Passando a Wailli, no território de Amiens, ressuscitou um infeliz que o conde Sigobard acabava de fazer enforcar. Levava vida tão austera que tomava às vêzes refeição sòmente no Domingo. Não bebia nem vinho, nem cerveja e só comia pão de cevada. Pela liberalidade do rei Clotário e com o consentimento do Bispo de Amiens, construiu, na embocadura do Somme, o mosteiro de Leuconnaus, o qual tomou em seguida o nome de São Valeri, bem como a cidade que aí se formou. (1) No mesmo tempo, São Riquier fundou o famoso mosteiro de Cêntula, que mais tarde tomou seu nome. Nasceu naquele mesmo lugar, em Ponthieu, de família nobre e foi convertido por dois padres irlandeses, São Caidoc e São Fricor, que recebeu em sua casa, quando entravam na França. Abraçou a penitência tão sèriamente, que só comia duas vêzes por semana e ainda, pão de cevada, misturado com cinza. Deu liberdade a todos os seus escravos. Tendo sido ordenado padre, pregou com grande fruto, mesmo na Grã-Bretanha. O rei Dagoberto veio vê-lo para receber suas instruções e o santo homem falou-lhe fortemente da vaidade das grandezas humanas e das contas terríveis que darão aquêles que governam. (2)

---

(1) **Vita Wallar. Act. Bened.**, t. II

(2) **Acta SS.** — 26 Abril.

No ano 625, sob o arcebispo Sonance, houve em Reims um concílio onde se reuniram mais de quarenta bispos de tôdas as províncias sujeitas ao rei Clotário. Fizeram-se aí vinte e cinco cânones, dos quais êstes são os mais importantes: Observar-se-ão os do concílio geral de Paris. Se se suspeitar de que ainda há hereges nas Gálias, os pastôres farão dêles uma exata indagação, para os trazer à fé católica. O juiz que quiser proceder contra um clérigo, sem a permissão do bispo, será excomungado. Os que são empregados no manejo do dinheiro público só serão admitidos na religião, com a permissão do príncipe ou do juiz. Proibição, sob pena de excomunhão de tirar das igrejas os que lá se tiverem refugiado, a não ser prometendo-lhes, com juramento, impedir-lhes a morte, as torturas e a mutilação. Mas também o refugiado que a Igreja libertar assim da morte só terá permissão de sair, depois de ter prometido cumprir a penitência canônica devida a crime. Os que contraem matrimônio incestuoso com pessoas que os cânones não lhes permitem desposar, não sòmente serão excomungados, mas não poderão desempenhar nenhum cargo no palácio nem no tribunal. Ademais, os bispos e os clérigos denunciá-los-ão aos juízes e ao rei, a fim de que seus bens sejam confiscados em prol de seus próximos, sem que êles possam de maneira alguma reconquistá-los a menos que se separem e façam penitência de seu crime. Aquêle que cometeu um homicídio voluntário e não defendendo seu corpo, será excomungado por tôda a vida; se fizer penitência, receberá o viático na hora da morte. Proibição sob pena de excomunhão, de vender escravos cristãos a outros, que não a cristãos; do contrário, a venda será nula. Se um judeu maltrata seus escravos

cristãos, para os fazer abraçar o judaísmo, os escravos serão confiscados para rei. Proibição de observar os augúrios ou as cerimônias dos pagãos, de comer com êles, carnes supersticiosas ou assistir a seus sacrifícios. Os que o fizerem, depois de terem sido avisados, serão postos em penitência. Proibição, sob pena de excomunhão, de perseguir pessoas livres, para as escravizar. Os juízes que violarem as ordens do rei, feitas em Paris, para a observância dos cânones, serão excomungados. Não se sagrará bispo que não seja nativo do lugar e escolhido pelo povo, com o consentimento dos coprovincianos. Aquêle que se apoderar do episcopado de outra maneira, será deposto, e os que o tiverem sagrado serão suspensos por três anos das funções de seu ministério. (1)

Muitos dêsses cânones, que regulam coisas de todo civis, fazem ver que o concílio de Reims, bem como o de Paris, que êle lembra, era ao mesmo tempo uma assembléia nacional dos francos, onde os bispos, como a parte mais inteligente, fazia regras necessárias e unia, de sua própria autoridade, a sanção espiritual, e depois, com o consentimento do rei e dos chefes da nação, uma sanção temporal. Assim como o concílio emprega a excomunhão religiosa para garantir a liberdade civil dos indivíduos, assim, a excomunhão ao mesmo tempo religiosa e civil, para garantir a santidade dos casamentos. A êle assistiram entre outros onze metropolitas, a saber: Inácio de Reims. Teodorico de Lião. sucessor de Adério, São Sindulfo, de Viena. São Sulpício de Bourges, cognominado o Bonachão, Modegisilo de Tours, Senoc de Eause, São Modoaldo de Trèves, São Cunibergo

---

(1) Labbe, t. V, p. 1688.

de Colônia, Richer de Sens, sucessor de São Lôbo, São Donato de Besançon, e Sapoaldo de Mogúncia. Nessa época, a dominação de Clotário e dos francos estendia-se dos Pireneus até às margens do Elba e do Oceano ocidental até à Boêmia e à Hungria, ocupadas pelos Vênedos e os Ávaros.

Arédio, de Lião, é honrado como santo, na sua igreja. Entretanto, um cronista o acusa de ter sido cúmplice de algumas violências de Brunehart, junto do qual tinha muito crédito. Mas, como êsse cronista, Fredegário, escreveu um século depois da revolução de 613, seu testemunho isolado não é perentório. Em conseqüência dessa mesma revolução São Logo de Sens, mais conhecido sob o nome de São Leu, foi exilado pelo rei Clotário, para o país de Eu, sob o govêrno de um duque idólatra, chamado Landegisilo. Mas nesse exílio, o santo, por sua pregação e seus milagres, converteu êsse mesmo duque, com outros francos. O rei Clotário tendo descoberto que tinham caluniado o santo homem, fê-lo logo voltar, atirou-se aos seus pés, para lhe pedir perdão, fê-lo comer à sua mesa, e restituiu-o à igreja, cumulado de presentes. (1)

São Sulpício de Bourges, segundo do nome, cognominado o Bonachão, para o distinguir de outro São Sulpício de Bourges, era oriundo de uma nobre família. Desde a juventude mostrou terno afeto pela oração e grande amor pela castidade. Santo Austregésilo de Bourges não tardou em incluí-lo no seu clero, com a permissão do rei Teodorico. Ante a fama de suas virtudes, Clotário II, deu-lhe o cargo

(1) Acta. SS., 1 Setemb.

de abade, em seus exércitos, pois os reis dos Francos levavam com êles, à guerra, clérigos ou monges para desempenhar o ofício divino, no acampamento. Êsse príncipe teve pessoalmente que se felicitar. Tendo caído perigosamente doente, recorreu às orações de Sulpício, que aguardou um jejum rigoroso, para lhe obter a cura. Entretanto, ao fim de cinco dias, o mal pareceu piorar e quase não havia mais esperança; induziram então Sulpício a tomar algum alimento. Êle respondeu: Comerei sòmente no sétimo dia e o farei com o rei. De fato, Clotário sarou quase repentinamente, mandou chamar Sulpício e o fêz comer à sua mesa, para lhe testemunhar o reconhecimento.

Santo Austregésilo, tendo morrido a 20 de maio de 624, houve questões para a eleição de seu sucessor. Um dos principais cidadãos de Bourges, tendo obtido alguns votos a pêso de ouro, dirigiu-se à côrte, para conseguir por presentes de valor, o consentimento do rei Clotário. O rei ficou, primeiro, atônito. Mas a rainha lembrou-lhe o mérito e os serviços de Sulpício, em favor do qual se apresentava um ato de eleição, tanto mais canônico quanto não era acompanhado de presentes. Sagrado, assim, bispo de Bourges, Sulpício sobrepujou mesmo a santidade dos mais ilustres predecessores. Aos trabalhos das funções episcopais unia as austeridades dos solitários, mais mortificados, deitando-se sòmente sôbre um cilício, jejuando contìnuamente e dando à instrução de seu povo o tempo que não empregava na oração. Pregava muitas vêzes, procurando sòmente a conversão e não os aplausos dos seus ouvintes. Seus discursos, sustentados com seus exemplos e seus milagres, foram tão eficazes, que converteram os judeus estabelecidos em Bourges; e êle teve a consolação de

os batizar, quase todos. Os que continuaram obstinados retiraram-se para outros lugares.

A virtude principal de Sulpício era a caridade. Num tempo de carestia e de frio intensíssimo, um menino, extenuado de fome, atirou-se-lhe aos pés, rogando-lhe que tivesse piedade dêle. O santo recomendou-o insistentemente ao mordomo, que prometeu ter dêle grande cuidado. Mas, ocupado em outras coisas, perdeu-o de vista, por alguns momentos. Inteiriçado de frio, o pobre menino arrastou-se para perto da fornalha dos banhos e aí morreu. O mordomo procurou-o inùtilmente e, quando Sulpício pediu-lhe notícias, confessou, com grande confusão, que o perdera. Imediatamente o santo, entrando na cela, prostrou-se por terra numa torrente de lágrimas, implorando a misericórdia de Deus, como se fôsse êle o culpado do homicídio. No intervalo, o doméstico encarregado de aquecer a fornalha dos banhos encontrando o cadáver do menino, levou-o aos pés do pontífice que duplicou suas orações, lágrimas e gemidos até que restituiu a vida à criança. O menino viveu ainda vários anos com o autor, que escreveu a vida de São Sulpício.

Outra vez, de noite, um ladrão introduziu-se na dispensa do santo homem. Mas no momento de fugir, não encontrou mais a saída. Sulpício mandou dois criados agarrá-lo e trazê-lo. Mas êle escapou-lhes das mãos e atirou-se num poço fundo, para evitar os olhares da multidão, que tinha acorrido. Todavia, caindo no abismo, clamou pelo bem-aventurado bispo que correu também e mandou um criado descer ao poço. O ladrão, retirado são e salvo, prostrou-se aos pés do santo, implorando-lhe o perdão de seu

crime. Sulpício concedeu-lho, imediatamente, dando-lhe ainda o de que precisava e dizendo que preferia fazer-lhe presentes a por êle ser roubado. (1)

São Modoaldo de Trèves era originário de uma família onde a santidade não era menos hereditária que a nobreza. Irmão de Santa Ita e de São Severo, cunhado de São Pepino, tio de Santa Gertrudes e de Santa Bega, deu à família exemplos de virtude tão edificantes como os que dela recebia. Foi eleito bispo de Trèves depois da morte de São Sebaud. Mandou construir sôbre o Mosela um mosteiro de moças, em honra de São Sinforiano e estabeleceu como primeira abadêssa Santa Severa, sua irmã, honrada a 20 de agôsto. Faz-se a festa de São Modoaldo a 12 de maio.

Santo Arnolfo solicitava sempre permissão para se retirar para a solidão. Um dia o jovem rei Dagoberto, julgando atemorizá-lo com ameaças, disse-lhe: Se não ficardes conosco, cortarei a cabeça ao mais querido de vossos filhos. O santo respondeu: A vida de meu filho, está nas mãos de Deus; vós que a pretendeis tirar aos inocentes, sois sòmente senhor da vossa. O rei, em cólera, tomou a espada de um dos presentes e ameaçou-o. O Bispo disse-lhe: Que fazeis, infeliz? Quereis pagar o bem com o mal? Eis-me aqui; mergulhai vossa arma no meu sangue! Não temo morrer por aquêle que me deu a vida e morreu por mim. Um dos senhores que lá estava advertiu o rei sôbre o seu arrebatamento. A rainha Gomatrude, chegando nesse instante, fêz-lhe também censuras, e ambos, o rei e rainha, lançaram-se

(1) Acta SS., 17 de Jan.

aos pés do santo bispo para lhe pedir perdão, dizendo: Ide, senhor, à solidão que vos aprouver, contanto que nos restituais vossa benevolência. Ao sair do palácio, êle encontrou uma multidão quase incontável de aleijados, cegos, órfãos, viúvas e outros pobres, que lhe gritavam, chorando: Santo Pastor, por que nos abandonais em nossa miséria? Quem terá piedade de nós? Quem nos dará o alimento e as vestes? Arnolfo chorou com êles e os consolou, com a esperança de que bem depressa teriam um pastor caridoso. De fato, poucos dias depois, foi eleito para o substituir, seu parente, São Goérico, cognominado Abbon.

Numa noite, o fogo tomou conta dos armazéns do príncipe e ameaçava tôdas as casas da vizinhança. Arnolfo, que estava em matinas, acorreu ao lugar do incêndio e prostrou-se por terra; depois, estendendo a mão contra as chamas, a elas atirou uma cruz: imediatamente o incêndio começou a diminuir e apagou-se; e voltamos a terminar as matinas e descansar, diz o historiador de sua vida, que estava presente. Tendo assim renunciado a tôdas as coisas do mundo e distribuído seus bens aos pobres, Arnolfo foi, pobre também, para a solidão que seu amigo Romarico lhe tinha preparado nos Vosges, não longe de seu mosteiro. Lá, êsse grande senhor, antepassado de tantos heróis e reis, servia com suas mãos os monges e os leprosos, limpava os calçados, lavava-lhes os pés, fazia-lhes o leito e trazia-lhes a comida, enquanto êle mesmo passava fome. Morreu nesses exercícios de humildade e de caridade, no ano 640 nas mãos de Santo Romarico, que o enterrou em seu mosteiro. Mas no ano seguinte, São Goérico, foi lá com dois outros bispos, Paulo de Verdun e Teofredo de Toul

O rei Dagoberto. Segundo um antigo baixo-relêvo da Igreja abacial de São Dionísio.

tirou-o da terra e o levou a Metz, a 18 de julho, dia em que a Igreja lhe honra a memória. (1)

O duque Pepino, que governava o reino da Austrásia, desde a morte de Dagoberto II, em 679, governou todos os reinos dos francos, desde o ano 687, como mordomo do palácio de Teodorico III, que o tinha feito prisioneiro, depois de uma grande vitória obtida contra os Nêustrios, em Textri, entre São Quentin e Perone. Era filho do duque Angesise e de Santa Bega, neto de Santo Arnolfo, por seu pai e do bem-aventurado Pepino de Landen, por sua mãe. Mostrou-se moderado e clemente na vitória. Um grande número de fugitivos se havia refugiado na Igreja de São Quentin e na de São Fursi de Peronne. Os abades das duas igrejas intercederam por êles e Pepino concedeu-lhes de boamente, a vida e a liberdade com seus bens. Entretanto, deixou-se iludir por delações contra Santo Ansberto de Ruão e o exilou para o mosteiro de Hautmont em Hainaut. O santo bispo aí retomou sem dificuldade a observância da vida monástica, que tinha deixado contra vontade. Santificou o descanso do retiro pela composição de algumas obras e principalmente de um livro de questões, dirigidas a um recluso chamado Silvano. Conquistou bem depressa, por sua humildade e fervor, a veneração dos monges e do povo dos arredores. Foi o suficiente para despertar o ódio dos invejosos, que procuraram persuadir Pepino a que o mandasse a um exílio mais incômodo. Ansberto, tendo-o sabido, mandou o abade de Hautmont com algumas outras pessoas distintas, ao duque, para destruir as calúnias com que o tinham denegrido em seu espírito e para

(1) Acta SS., 18 Julii.

lhe dar a conhecer que, bem longe de intrigas para reconquistar sua sede, tinha aceitado o episcopado contra a vontade, por ordem do rei e por escolha dos cidadãos. Pepino, que tinha retidão, reconheceu que o haviam enganado e, lembrando-se de São Vandrillo, seu parente, de quem Ansberto fôra discípulo, ordenou que o santo Bispo fôsse reintegrado com honras em sua sede. Mas êle caiu doente, sabendo da notícia de sua volta e morreu a 9 de fevereiro do ano 695. (1)

Pepino governava assim tôda a França com uma sabedoria que o fazia julgar digno de sua grande fortuna, quando Santa Bega, sua mãe, foi a Nivelle, no ano trigésimo-terceiro depois da morte de Santa Gertrudes, sua irmã, isto é, no ano 692, e rogou à abadêssa e sua comunidade que a ajudassem em seu desígnio de fundar um mosteiro. A abadêssa deu-lhe relíquias e exemplares das sagradas Escrituras, com uma parte do leito em que Santa Gertrudes tinha morrido. Uniu a êsses presentes algumas religiosas das mais fervorosas e das mais antigas de Nivelle, para escrever a regra do mosteiro que Bega mandara construir em Andenne. Santa Bega também aí se fêz religiosa e morreu dois anos depois de terminada a construção. É honrada no dia 17 de dezembro.

* * *

(1) **Acta SS.**, 9 Fevereiro, **Act. Bened.**

SÃO PAMBON (*)

A b a d e

Pambon foi discípulo de Santo Antônio e abade no deserto de Nítria, a oeste do delta do rio Nilo.

Nascido por volta de 320, fêz, do primeiro versículo do salmo XXXVIII: "Eu disse: *Velarei sôbre o meu proceder para não pecar com a minha língua*", objeto de meditação por mais de seis meses.

Com efeito, São Pambon falava pouquíssimo, apenas o essencial para dar-se a entender. Trabalhava muito e com grande concentração, e, antes de morrer, dissera:

— Jamais comi qualquer coisa que não fôsse obtida por meio do trabalho.

De fato, São Pambon morreu trabalhando: tecia um cêsto, o qual Santa Melânia tomou para si, inacabado, como relíquia.

Um dia, foi o Santo convidado por Atanásio para ir combater o arianismo em Alexandria. Na cidade, o velho abade deparou com uma cortesã pavoneando-se diante dos admiradores. Suspirou e disse, contrariado:

— Ah, pobre dela, e pobre de mim! Quão mais zelosa pelo mal é aquela mulher do que eu por Deus!

De uma feita, falando-se da obediência, Pambon assim julgou quatro monges, dos quais um era grande jejuador; outro, paupérrimo; o terceiro, caridoso ao extremo; e o quarto, por vinte e dois anos servia um velho: São Pambon achava que o último levava a palma aos demais, porque, se os três primeiros viviam segundo o bel-prazer, o quarto eliminara a própria vontade, recebendo ordens de um outro.

São Pambon faleceu em 390.

* * *

BEM-AVENTURADO SIMÃO DE LIPNICA (*)

Confessor

Simão, nascido em Lipnica, foi um Menor polonês, grande pregador. Estudado na universidade da Cracóvia, depois da ordenação trabalhou com diligência na terra natal. Votando singular veneração pelo santo nome de Jesus Cristo, sempre que terminava de pregar, suplicava ao auditório que, contritamente, repetisse por três vêzes aquêle nome divino, que, não se cansava de dizer, resumia tudo, dizia tudo.

Desejoso do martírio, se não recebeu a gloriosa palma, derramando o sangue, foi, entretanto, mártir da caridade: quando terrível peste caiu sôbre a Cracóvia, o superior nomeou-o enfermeiro espiritual; e o bem-aventurado, restituindo aos enfermos e moribundos a chama necessária, ardente, para as almas enfraquecidas, contaminado pelo mal faleceu no dia 18 de julho de 1482.

O papa Inocêncio XI declarou-o bem-aventurado em 1685.

* * *

No mesmo dia, em Bréscia, São Filastro, bispo daquela cidade. Lutou grandemente, de viva voz e por escrito, contra os heréticos, principalmente contra os arianos, por causa dos quais muito sofreu. Afinal, célebre pelos milagres, repousou na paz do Senhor, em 397.

Em Segni, São Bruno, bispo e confessor. Nascido perto de Asti, no Piemonte, em 1049, estudou em Bolonha, obtendo um canonicato em Siena. Participou do concílio romano de 1079, tendo contribuido para a condenação de Berengário de Tours. Bispo de Signe em 1080, faleceu em 1123. Escreveu três opúsculos: *O Adorno da Igreja, O Sacrifício do Ázimo* e *Os Sacramentos da Igreja*.

Na floresta de Yvelines, Santo Arnolfo, mártir, morto por parentes da espôsa, a qual deixara para viver por Nosso Senhor.

En Anjou, Santo Hervê, confessor, falecido em 1119.

Na abadia de Marquette, a bem-aventurada Berta de Marbais, abadêssa. Da alta nobreza, casou-se com o senhor de Molembaix. Viúva, encerrou-se na abadia de Aywieres, depois de Marquette, onde foi abadêssa até 1247, ano em que faleceu.

Na abadia do Santo Espírito, perto de Solmona, o bem-aventurado Roberto de Salle, abade, desaparecido em 1341. Nascido em 1273, pertenceu à ordem dos celestinos. Levou vida santa e mortificada, passando longas horas a meditar sôbre a Paixão do Senhcr. Auxiliou a fundação de vários mosteiros.

Em Norwich, na Inglaterra, o bem-aventurado Tomás Tunstall, mártir, em 1616.

Em Utrecht, São Frederico, bispo e mártir, nascido no último quarto do século VIII.

Na Bretanha, São Gonery, confessor, que viveu depois do século XIII.

Em Tívoli, Santa Sinforosa, mulher de São Getúlio, mártir, e seus sete filhos, Crescêncio, Julião, Nemésio, Primitivo, Justino, Estácio, e Eugênio. A mãe, por causa de sua constância insuperável, foi, sob o imperador Adriano, primeiramente, e por muito tempo, esbofeteada, depois, pendurada pelos cabelos, e por fim, prêsa a uma grande pedra e precipitada ao rio; seus filhos, presos a postes e puxados com polias, receberam o martírio com diversos gêneros de morte. Seus corpos, que tinham sido levados a Roma, foram encontrados, sob o pontificado de Pio IV, na igreja do Santo Anjo da Pescaria, título de um cardeal-diácono. — Em Cartago, Santa Gondenes, virgem, que, por ordem do procônsul Rufino, foi quatro vêzes e em diversos tempos, estendida no cavalete, pela fé de Jesus Cristo, horrìvelmente despedaçada com unhas de ferro, depois, por muito tempo encerrada numa masmorra infecta, por fim decapitada. — Em Dorostora, na Mísia, Santo Emiliano, que, no tempo de Juliano Apóstata, tendo sido atirado numa fornalha, sob o governador Capitolino, recebeu a palma do martírio. — Na Galícia, província da Espanha, Santa Marina, virgem e mártir. — Em Milão, São Materno, bispo que, sob o imperador Maximiliano, foi, pela fé de Jesus Cristo e pela defesa de seu rebanho, pôsto numa prisão e flagelado diversas vêzes; enfim, cheio de glória por ter muitas vêzes confessado a fé, adormeceu no Senhor. — Em Forlimpópoli, na Emília, São Rufilo, bispo dessa cidade.

* * *

19.º DIA DE JULHO

SÃO SÍMACO

Papa

O Papa Santo Anastácio havia morrido a 16 de novembro, do ano 498 e foi escolhido para seu sucessor o diácono Símaco, filho de Fortunato e nascido na Sardenha, segundo certos manuscritos, em Roma, segundo outros. Mas havia em Roma um emissário do herege Anastácio, imperador de Constantinopla. Era o patrício Festo. Tinha prometido ao imperador herege, fazer de modo que o Papa subscrevesse um edito imperial em favor da heresia de Eutiques. Êsse edito chamava-se o henótico ou edito de união. No momento, portanto, em que se fazia a eleição do Papa, Festo comprou com dinheiro várias pessoas e fêz eleger ao mesmo tempo o arcipreste Lourenço. Os dois eleitos foram sagrados no mesmo dia; Símaco na basílica de Constantino, Lourenço na basílica de Santa Maria. Êsse cisma, assim importado de Constantinopla, causou uma guerra civil em Roma. Foi preciso dar-lhe um pronto remédio: o mais legítimo e o único canônico teria sido um concílio dos bispos da Itália; mas, isso teria exigido vários meses. Foi então resolvido acomodar-se a necessidade do

tempo e convenceram Símaco e Lourenço a irem a Ravena submeter-se ao julgamento do rei Teodorico, ariano que, era, mas que tinha por oráculo o sábio e virtuoso Cassiodóro. Decidiu que ficasse na Santa-Sé, o que tinha sido sagrado por primeiro, ou que tinha para si o maior número. Em Símaco, verificaram-se tôdas essas condições e assim êle foi reconhecido como Papa legítimo e ocupou a Santa Sé por mais de quinze anos.

No comêço de seu pontificado, a 1.º de março de 499, reuniu em Roma e aí presidiu a um concílio na basílica de São Pedro. Aí, encontravam-se setenta e dois bispos, sessenta e sete padres e cinco diáconos. Fizeram-se três decretos para impedir as divergências nas eleições dos bispos. Entre os padres signatários, o primeiro foi o arcipreste Lourenço, do título de São Praxedes, o mesmo que tinha sido eleito antipapa. Por comiseração, o Papa Símaco fê-lo Bispo de Nocera.

Os bispos da África, e entre êles São Fulgêncio, estavam então exilados na Sardenha, por ordem do rei Trasamundo. O Papa Símaco fornecia-lhes todos os anos o alimento e as vestes necessárias: o próprio rei Teodorico contribuía para essa caridade. O Papa julgou dever ainda consolá-los por cartas e serviu-se para êsse fim da pena de Enódio. Mandou-lhes, ao mesmo tempo, relíquias de São Nazário e de São Romano, que êles lhe tinham pedido em sua carta ao diácono Hormisdas. Êle resgatou ainda os cativos na Ligúria, no Milanês, e em diversas províncias, fazendo-lhes além disso presentes valiosos e mandando-os para suas casas. (1)

(1) Anast. **Bibliot.**

Mas o santo Papa Símaco que exercitava uma grande caridade para com os cativos e os confessores exilados teve também que sofrer uma perseguição. O patrício Festo, que tinha prometido ao imperador de Constantinopla levar o pontífice Romano às suas vistas, estava zangado por não ter podido fazer nomear, em 498, um Papa que tivesse aquêles sentimentos. Quatro anos depois, tornou a acender o fogo da discórdia e renovou o cisma do antipapa Lourenço. Os cismáticos acusaram caluniosamente Símaco de ter cometido adultérios e alienado os bens da Igreja. Como a discórdia aumentasse cada vez mais, os católicos, de acôrdo com o Papa, sugeriram ao rei Teodorico fazer decidir essa contenda com um numeroso concílio dos Bispos de seu reino. Os bispos receberam ordem, e os da Emília, da Ligúria e do Vêneto, que, para ir a Roma deviam passar por Ravena, perguntaram ao rei o motivo da reunião. Êle respondeu que era para examinar os crimes de que Símaco era acusado pelos inimigos. Os bispos disseram que o mesmo Papa é que devia convocar o Concílio; que a Santa-Sé tinha êsse direito primeiro pelo mérito e principado de São Pedro, depois pela autoridade dos concílios, e que não se encontrava nenhum exemplo de que tivesse sido submetido ao juízo de seus inferiores. O rei disse que o Papa mesmo tinha manifestado, por suas cartas, vontade para a convocação do concílio. Os bispos pediram para ler essas cartas e o rei as mandou apresentar, assim como as peças do processo. Dos cento e quinze bispos que se reuniram em Roma, os primeiros, em sua qualidade de metropolitas, eram Lourenço de Milão e Pedro de Ravena. Como deviam presidir ao julgamento não quiseram ver o Papa Símaco, para não dar nenhum

motivo de murmuração aos cismáticos; mas não se separaram para isso de sua comunhão, pois jamais deixaram de dizer seu nome no santo Sacrifício.

O concílio reuniu-se primeiro na basílica de Júlio, no mês de julho de 501, sob o consulado de Fausto Avieno, que era descendente da ilustre família dos Cipiões e que era do partido do Papa Símaco e da boa causa. Lá, os Bispos que tinham passado por Ravena, contaram o que tinham dito ao rei. Apesar disso, ainda havia uma inquietação geral sôbre a legitimidade do concílio. Depois, quando falavam de começar o assunto principal, o Papa Símaco entrou na Igreja, demonstrou seu reconhecimento para com o rei pela convocação do concílio, declarou que êle mesmo o tinha desejado e, na presença de todos os Bispos, deu-lhes a autoridade para julgar a causa. Êstes são os têrmos do Concílio.

Mas os cismáticos, em vez de provar suas acusações, recorreram à violência. Atacaram com armas o Papa e seu cortejo, no momento em que se dirigia segunda vez ao concílio. Tudo bem considerado, os bispos julgaram que era a vontade de Deus que se restituísse à Itália seu Pastor e que nada mais lhes restava que exortar os dissidentes à concórdia. A questão não era mais saber se Símaco tinha sido canônicamente eleito: não havia mais dúvidas a êsse respeito, mas, se as coisas de que o acusavam os inimigos não o tornavam indigno do episcopado. Como os inimigos não apresentassem prova alguma canônica, nem legal e outros obstáculos ainda tornassem o julgamento impossível, os bispos resolveram entregar tudo ao juízo de Deus. Mandaram, então, delegados ao senado, para lhe declarar que as causas de Deus deviam ser deixadas ao juízo de Deus, a quem nada

é oculto; que era preciso agir assim, sobretudo no caso presente, onde se tratava do sucessor de São Pedro; que quase todo o mundo se comunicava com Símaco e que era urgente remediar ao mal que pode causar a divisão. Êles fizeram várias vêzes ao senado semelhantes advertências, exortando-o a aderir, como convinha aos filhos da Igreja, ao que tinha sido feito no concílio, segundo a inspiração de Deus. A causa primeira da discórdia estava, não no clero, nem no povo, mas no senado, ou melhor, num de seus chefes. o patrício Festo, que lhes tinha trazido o germe funesto de Constantinopla.

No ano 503, reuniu-se outro concílio em Roma, quinto, sob o Papa Símaco. Os bispos estavam assentados diante da confissão de São Pedro e o Papa disse: Traga-se o escrito composto por Enódio contra os que ousaram atacar nosso quarto concílio reunido em Roma, na Palma e leia-se diante de todos. Santo Enódio, então diácono e depois bispo de Pavia, tinha composto essa apologia para responder a um escrito publicado pelos cismáticos sob êste título: *Contra o sínodo da absolvição irregular.*

Sua principal objeção era que, dizendo que o Papa não podia ser julgado, parecia dizer que São Pedro e seus sucessores tinham recebido de Deus, com as prerrogativas de Sua Sé, a licença de pecar. Santo Enódio nega essa conseqüência e diz, falando de São Pedro: transmitiu a seus sucessores um dote perpétuo de méritos, com a herança da inocência. O que lhe foi concedido para a glória das suas ações estende-se a todos, cuja vida não brilha menos pois quem pode duvidar de que não é santo aquêle que foi elevado a tão alta dignidade? Se não possui vantagens adquiridas por seu mérito, as de seu predecessor

são-lhe suficientes. Jesus Cristo eleva homens ilustres a êsse lugar tão eminente ou torna ilustres os que eleva; êle, sôbre quem a Igreja está apoiada, prevê o que é próprio para lhe servir de fundamento.

Os cismáticos diziam ainda: Se é verdade que o Papa jamais sofreu o juízo de seus inferiores, por que foi citado e levado a êsse juízo? A que Santo Enódio responde que o fêz por humildade e sem a isso ser obrigado e que foram suas violências que o obrigaram a se retirar.

Por que, objetavam êles ainda, o Papa Símaco recusou receber um bispo visitador, como êle mesmo o manda às outras igrejas? Nisso, não desobedeceu às regras eclesiásticas? Santo Enódio nega que Símaco tenha feito alguma coisa, com essa recusa, contra as leis da Igreja e afirma, que, como é livre o legislador de se adstringir ou não ao rigor de suas próprias leis, o Papa pode dar visitadores aos outros bispos, sem os receber. Acrescenta: Deus quis talvez terminar por homens as causas dos outros homens, mas quis reservar a seu juízo o bispo dessa sé. Quis que os sucessores do bem-aventurado Pedro tivessem que provar sua inocência sòmente no céu e diante daquele que os pode conhecer perfeitamente. E se dizeis que tôdas as almas estão igualmente sujeitas a êsse juízo, responderei que foi dito sòmente a um: Tu és Pedro e sôbre essa Pedra edificarei a minha igreja e tudo o que desligares na terra será desligado no céu.

Depois que êsse escrito de Santo Enódio, que ainda temos, foi lido no concílio de Roma, os bispos aprovaram-no a uma voz e disseram: Que êsse escrito seja recebido por todo o mundo e transmitido à posteridade entre os atos de nosso concílio, como tendo

sido composto por sua autoridade. O Papa Símaco, com o assentimento de todos, ordenou que fôsse pôsto no número dos decretos apostólicos. Depois disso, todos os bispos pediram em alta voz assim como todos os padres, que estavam presentes, se condenassem aquêles que tinham acusado o Papa e falado ou escrito contra o concílio. Mas o Papa pediu, ao contrário. que seus perseguidores fôssem tratados com mais brandura, declarando que êle lhes perdoava. Entretanto, para evitar semelhantes acusações, quis que se renovassem os antigos cânones que proibem às ovelhas acusar seu pastor a não ser quando errar na fé ou que lhes tenha feito uma injustiça. Em particular, pois, ainda que se julguem repreensíveis as ações dos pastôres, não se deve falar mal delas. Pediu ainda se determinasse que o bispo, despojado de seus bens ou expulso de sua sé, fôsse reintegrado e que tôdas as coisas fôssem restauradas completamente, antes que pudesse ser chamado a juízo. O concílio confirmou tôdas essas deliberações, sob pena de deposição, para os clérigos e de excomunhão para os monges e leigos, com ameaça, se não se corrigissem, de serem feridos com o anátema. (1)

Como uma das acusações que os cismáticos tinham suscitado contra o Papa se referia aos costumes, julga-se que essa calúnia deu-lhe motivo de fazer um decreto que determina que os bispos, os padres e os diáconos serão obrigados a ter sempre pessoa de probidade conhecida para testemunha de suas ações e que aquêles que não têm meios suficientes para manter uma pessoa dessa qualidade se servirão de companheiros, a fim de que a vida eclesiástica fique

(1) Labbe, t. IV, 1364.

a salvo, não sòmente do mal, mas da suspeita. Temos uma lei feita em nome de um bispo, por Santo Enódio, em execução a essa lei e eram seus companheiros inseparáveis, os que se chamavam de inspetores.

Por êsses diversos concílios, particularmente, pelo último, que aprovou e fêz sua apologia de Santo Enódio, vemos o que os católicos pensavam então da autoridade e das prerrogativas do Pontífice Romano. O que não mostra menos a sensação que êsse assunto produziu nas Gálias. Quando lá se soube que um concílio da Itália tinha deliberado julgar o Papa, todos os bispos ficaram alarmados e encarregaram Santo Avito, bispo de Viena, que escrevesse em nome de todos. Êle dirigiu sua carta aos dois primeiros do senado, Fausto e Símaco, ambos patrícios e antigos cônsules: Fausto, do ano 483 e Símaco, do ano 485; aquêle, descendente dos Cipiões e êste, sôgro de Boécio. Santo Avito diz, primeiro, que seria de desejar que as desgraças do tempo não impedissem os bispos das Gálias de ir livremente a Roma para os assuntos espirituais e temporais, ou que a diversidade dos reinos não fôsse obstáculo à convocação de um concílio de tôda a nação; que se isso tivesse sido possível êle lhes teria enviado sôbre o assunto presente, que é ccmum a todos, uma relação comum, contendo o sentimento de todos os bispos das Gálias, reunidos; que, entretanto, lhes roga não considerem sua carta a carta particular de um bispo, pois escreve por ordem de todos seus irmãos, os bispos da Gália, que lhe deram a incumbência, por meio de suas cartas.

Depois dêsse exórdio, entra assim na matéria: "Estávamos muito apreensivos e cruelmente inquietos, com relação ao assunto da Igreja romana, sentindo bem que nosso estado mesmo, o episcopado, está

periclitante, quando o chefe é atacado e a mesma acusação se tivesse derribado o Estado do Príncipe nos teria ferido a todos; estávamos ansiosos, quando recebemos da Itália o decreto dado pelos bispos italianos reunidos em Roma, a respeito do Papa Símaco. Embora um numeroso concílio torne êsse decreto respeitável, compreendemos, entretanto, que o santo Papa Símaco, se foi acusado primeiro diante do século, teria devido encontrar em seus colegas consoladores, antes que juízes. Pois se o árbitro do céu nos ordena ser submissos aos poderes da terra, predizendo-nos que compareceremos diante dos reis e dos príncipes em tôda sorte de acusação, não é fácil conceber por que razão, ou em virtude de que lei, o superior é julgado pelos inferiores. De fato, o Apóstolo fêz-nos um preceito de não recebermos acusação contra um simples padre, com que direito se pode receber, contra o principado da Igreja universal? O concílio mesmo bem o entreviu em seu louvável decreto, quando reservou ao juízo de Deus uma causa, que, seja dito sem o ofender, êle tinha consentido quase temeràriamente em examinar e quando prestou testemunho em poucas palavras, como pôde, de que nem êle, nem o rei Teodorico tinham encontrado alguma prova dos crimes de que o Papa era acusado.

"Por isso, na qualidade de senador romano e de bispo cristão, eu vos rogo não ter menos a peito a glória da Igreja, do que a da república, a empregar por nós o poder que Deus vos deu e não amar menos na Igreja romana a cátedra de Pedro do que amais em Roma a capital do universo. Se pensardes nisso com a profundeza que vos é própria, aí vereis ùnicamente o assunto atual de Roma. Nos outros pontífices, se alguma coisa os vem abalar, podem ser refor-

mados, mas se o Papa de Roma é pôsto em dúvida, não é mais um bispo, é o mesmo episcopado que se verá vacilar. Não ignorais entre que tempestades das heresias, conduzimos o barco da fé; se temeis conosco êsses perigos é preciso que trabalheis conosco para defender vosso pilôto. Quando os navegantes se voltam contra o que tem o leme, seria prudência ceder a seu furor, expondo-se êles mesmos ao perigo, para os castigar? Aquêle que está à frente do rebanho do Senhor dará contas da maneira como o conduz; mas não toca ao rebanho pedir tais contas a seu pastor; é ao juiz." (1)

Essa magnífica carta é ainda menos honrosa para o Papa Símaco do que para os bispos das Gálias, em nome dos quais foi escrita. É o mais belo monumento da Igreja galicana. O imperador Anastácio estava bem longe dessa sabedoria. Depois de ter tentado, por meio do patrício Festo, indispor Roma com o Oriente, como indispusera Constantinopla com o Ocidente, lançou contra o santo Papa Símaco um manifesto ou melhor, um libelo difamatório, onde o acusava de ser maniqueu e de ter sido sagrado Papa contra os cânones. Mas o Papa respondeu-lhe com uma firmeza e uma dignidade tôda romana. Como previa que sua resposta seria mais longa do que o libelo do imperador, êle nota que Santo Ambrósio não tinha julgado dever medir sua resposta ao imperador Graciano pela carta que dêle tinha recebido, pois que tinha empregado oito livros inteiros para responder a uma simples carta. Depois, dirigindo-se ao imperador:

(1) Labbe, t. IV, 1362.

"Se tivesse de defender a fé católica diante de reis estrangeiros e, que não têm nenhuma idéia de Deus, deixaria, mesmo com perigo de vida, de dizer tudo o que a verdade e a razão me aconselhassem; pois, ai de mim, se não pregar o Evangelho! Mas vós, se sois imperador romano deveis admitir com clemência as mesmas legações dos países bárbaros. Se sois príncipe cristão, deveis escutar com paciência a voz do pontífice apostólico. Não posso dissimular vossas injúrias, nem para mim, nem para vós; para mim, são muito honrosas; para vós, vos tornam muito culpado, diante de Deus. Foi dito do Senhor mesmo que era possesso do demônio, que era homem dado aos prazeres; e pensais que eu me vou afligir com tudo isso? As leis divinas e humanas não cuidaram disso, ordenando que todo assunto terminaria pelo testemunho de duas ou três pessoas? Já o juízo dos homens demonstrou a falsidade de vossas acusações: que fareis, então, no juízo de Deus? Ou então, por que sois imperador, julgais que não haverá êsse tribunal? Além disso, convém a um imperador fazer-se acusador? Segundo as leis divinas e humanas, é possível, que êle seja, ao mesmo tempo, acusador e juiz?

"Dizeis que sou maniqueu. Mas sou eutiquiano ou protetor dos eutiquianos, cujo favor auxilia soberanamente o êrro dos maniqueus? Roma é-me testemunha; seus arquivos o atestam. Se em nada me afastei da fé católica, que recebi da cátedra do bem-aventurado apóstolo Pedro, saindo do paganismo, que alguém se adiante e me acuse e prove; do contrário, tudo será tido como injúria e não como provas. Ignoro com que fundamento dizeis que não fui sagrado canônicamente. Escapei são e salvo através da chuva de pedras; Deus julgou. Ou melhor, por

ser imperador julgais poder desprezar o juízo divino? Direis, talvez, que Deus permite muitas vêzes coisas funestas em sua cólera. Mas está escrito: pelos frutos vós os reconhecereis. Mostrai então, porque pensais que Deus, em sua cólera, permitiu coisas que não eram convenientes. Será para que eu não confraternize com os eutiquianos? Mas isso não me causa nenhum mal, isso mostra apenas bem claramente, que procurastes afastar-me da dignidade, que o bem-aventurado Pedro me impôs por sua intervenção. Ou então, porque sois imperador, agis contra o poder de Pedro? E porque recebeis o herege Pedro Monge, de Alexandria, pretendeis calcar aos pés o bem-aventurado apóstolo Pedro, em seu vigário? Será que eu teria sido bem sagrado se eu favorecesse os eutiquianos, se eu me comunicasse com o nome de Acácio? Não se poderia ignorar porque vós afirmais tudo isso.

"Mas, comparemos a dignidade do imperador, com a do pontífice. Há essa enorme diferença que um governa as coisas humanas, o outro, as divinas. Imperador! Do pontífice recebeis o batismo e os sacramentos, solicitais a oração e esperais a bênção; ao pontífice pedis a penitência. Administrais as coisas humanas, êle vos dispensa as coisas divinas. Sua dignidade é então certamente igual, para não dizermos superior. Não imagineis sobrepujá-lo na pompa do século; pois o que há de mais fraco do lado de Deus, é mais forte que os homens. Vêde, pois, o que vos convém fazer. Desde que me acusais, as leis divinas e humanas vos colocam no mesmo pé que eu. Se sou acusado em vista de vossa acusação, perderei minha dignidade; mas, pela mesma razão, se não podeis provar meu crime, perdereis a vossa.

"Por favor, imperador, permiti-me dizer-vos, lembrai-vos de que sois homem, a fim de que possais usar do poder que Deus vos concedeu; pois, embora os homens já tenham julgado êsse assunto, êle será necessàriamente examinado no tribunal de Deus. Talvez, direis, está escrito que devemos estar sujeitos a todo poder. Recebemos os poderes humanos em seu número, enquanto êles não erigem suas vontades contra Deus. De resto, se todo poder vem de Deus, com mais forte razão aquêle que está preposto às coisas divinas. Deferi a Deus em nós e nós deferiremos a Deus em vós. Se não deferis a Deus, não podeis usar do privilégio daquele cujos direitos desprezais.

"Dizeis que, de acôrdo com o senado, eu vos excomunguei. Seja. Nisso, outra coisa não fiz que seguir o que meus predecessores tiveram razão de fazer. Dizeis que o senado romano vos maltrata. Se vos tratamos mal, exortando-vos a abandonar os hereges, tratais-nos bem, querendo à fôrça unir-nos a êles? Quem faz a mim, dizeis, o que fêz Acácio? Se não vos faz nada, abandonai-o, então; se não o abandonais, é que isso vos causa alguma coisa. Não foi o imperador, que excomungamos, mas Acácio; afastai-vos de Acácio e vos afastareis de sua excomunhão. Se vos unirdes a êle não seremos nós quem vos excomunga, sois vós mesmo. De maneira que, quer vos separeis dêle, quer não vos separeis, não fôstes excomungado por nós.

"A notícia espalhou-se de que obrigais, pela fôrça militar, a voltar ao contágio da heresia, aquêles que dela se tinham desligado, havia muito tempo. Seja qual fôr vosso poder, lembrai-vos de que sois homem e considerai, que aquêles, que desde a origem

do cristianismo perseguiram a fé católica, ficaram reduzidos a nada, ao passo que a verdade ortodoxa, tornou-se tanto mais firme quanto mais foi oprimida. É ser perseguidor, conceder liberdade a tôdas as heresias e a recusar sòmente à comunhão católica. Se a consideram como um êrro, devemos tolerá-la com os outros êrros; se a consideram como a verdade inteira, devemos segui-la e não a perseguir. Todos os príncipes católicos, quer quando chegam ao govêrno do império, quer quando sabem da elevação de um novo pontífice à cátedra apostólica, escrevem-lhe imediatamente para manifestar sua comunhão, com ela. Os que, portanto, não no fazem, a isso se declaram estranhos, como poderíamos vô-lo provar, por vossas mesmas cartas, se não evitamos em vós o rival, o culpado, o inimigo, e o juiz. Não é de admirar que os patronos dos maniqueus persigam os católicos, pois a falsidade não pode perseguir a verdade. Não é de admirar que se mostrem cruéis para com os ortodoxos, os que se podem acomodar com tôdas heresias; os amigos de todos os erros só podem ser inimigos dos que não erram." (1)

A 1.º de outubro, o Papa São Símaco tinha reunido em Roma um concílio, cujos decretos respiram o mesmo vigor apostólico. Tratava-se de remediar aos males que as igrejas sofriam da parte daqueles que invadiam os bens, quer móveis, quer imóveis, que os fiéis tinham deixado por testamento às Igrejas, para a remissão de seus pecados e para conquistar a vida eterna. Os concílios precedentes já tinham feito diversas determinações a êsse respeito; mas o Papa Símaco que, segundo a opinião dos bispos que fizeram

(1) Labbe, t. IV, 1296.

várias aclamações em seu louvor, julgou que era necessário renová-las, para procurar desenrraigar os abusos que se multiplicavam pela invasão dos bens da Igreja. Ficou então estabelecido tratarem-se como hereges manifestos os usurpadores dêsses bens, e anatematizá-los, se se recusassem a restituí-los; proibiu-se também admiti-los à comunhão, até que tivessem satisfeito por uma restituição inteira. O concílio refere dois decretos do de Gangres, que proibem, sob pena de anátema, receber ou dar as oblações dos fiéis, sem que o bispo o saiba, ou o administrador dos bens da Igreja. Segundo o que decide nestes têrmos:

"É portanto um grande sacrilégio, para os que nisso deveriam vigiar particularmente, isto é, os cristãos, mas sobretudo os príncipes e os governantes de cada país, tirar à Igreja o que os fiéis lhe deram para a remissão de seus pecados e a salvação de sua alma, ou de o converter em outros usos. Por isso todo aquêle que pedir ou receber, ou contestar injustamente os fundos de terra dados ou deixados, se não forem restituídos o mais breve possível, seja anatematizado. Sim, seja anatematizado aquêle que recebe, ou dá, ou possui êsses bens. Em geral, será ferido perpètuamente com o anátema todo aquêle que permite confiscar, contestar ou invadir maldosamente os bens da Igreja, a menos que os satisfaça imediatamente. Sejam igualmente feridos com um perpétuo anátema os que conservam os bens da Igreja, por ordem ou pela liberalidade dos príncipes ou de alguns poderosos, ou por uma invasão e poder tirânicos e os transmitem a seus filhos como herança. Pois não é injusto sejamos, antes, os guardas dos papéis que

defensores das mesmas coisas que nos são confiadas. Não é portanto permitido ao imperador, nem a nenhum cristão, algo esperar contra os mandamentos divinos, nem algo fazer que se oponha às regras dos Evangelhos, dos profetas e dos apóstolos. Pois um juízo injusto, uma decisão injusta, que dão os juízes pela ordem ou por temor do rei, é inválida. Nenhum ato contrário à doutrina do Evangelho, dos profetas e dos apóstolos, às ordens dos apóstolos ou dos Santos Padres, subsistirá; e o que tiver sido feito pelos infiéis ou pelos hereges, será inteiramente cassado."

Depois dêsses decretos tão importantes, todo o concílio, erguendo-se, exclamou oito vêzes: Tôdas estas coisas nos agradam; pedimos que sejam confirmadas para sempre! — Oito vêzes: Jesus Cristo, ouvi-nos, Viva Símaco! — Quinze vêzes: Todo aquêle que violar conscientemente estas coisas, que seja ferido com um anátema perpétuo! — Enfim, dezoito vêzes: Rogamos-vos confirmar nossos decretos! (1)

A firmeza dessa linguagem, no comêço do século sexto, sob um rei ariano, causará admiração, talvez. O que não deixará de admirar menos, é que êsse rei ariano se conformava com tais decretos. Teodorico, tendo sabido, a pedido de Eustórgio, Bispo de Milão, que se tinham arrebatado àquela igreja bens e direitos que tinha na Sicília, ordenou que lhe fôssem restituídos com a proibição de os usurpar no futuro. Nossa vontade é, dizia, que ninguém tenha a sofrer alguma injustiça; pois a glória do soberano é a segurança dos súditos. Mas desejamos especialmente impedir tôda injustiça às igrejas; pois garantir-lhes o que é de eqüidade é atrair a misericórdia divina. O mesmo

(1) Labbe, t. IV, 1371.

Teodorico ordenou ao duque Ibas, seu general, comandante das Gálias, que mandasse restituir à Igreja de Narbona, suas possessões, não importa quem as tivesse usurpado. Pois não queremos que a Igreja seja vítima dessas usurpações. Oponde-vos, pois, com cuidado, a fim de vos tornardes ilustre na paz, como já fizestes na guerra. O meio de fortalecer vossas armas, em socorro de Deus, é garantir a justiça aos fracos. Assim falava Teodorico. (1) Por fim, mandou a um Bispo da Provença, de nome Severo, mil e quinhentas peças de ouro, a fim de que as distribuísse aos que julgasse delas terem necessidade, por terem sido lesados, à passagem de seu exército. Na verdade, êsse bárbaro, êsse ostrogodo poderia servir de modêlo a mais de um governante, que não se julga nem bárbaro nem ostrogodo.

Entretanto, pela perseguição do imperador Anastácio os males das igrejas orientais tinham chegado ao auge. Nessa aflição, os bispos orientais escreveram ao Papa nestes têrmos:

"A Igreja do Oriente a Símaco, Bispo de Roma. Nosso Senhor Jesus Cristo, que, em sua bondade por nós, abaixando os céus, desceu à terra, proclama ainda todos os dias nos santos Evangelhos: Não são os que gozam de boa saúde que têm necessidade de médico, mas os que estão enfermos; não vim chamar os justos, mas os pecadores à penitência. E para nos mostrar ainda mais a extensão de sua clemência acrescenta: Quem dentre vós, tendo cem ovelhas, se perder uma delas, não deixa as outras noventa e nove no deserto, para correr atrás da que ficou perdida,

---

(1) Cassiod., L. II, Epist., 29; l. IV, Epist., 17 e 20; l. II., Epist., 8.

até que a encontra? Enfim, para explicar ainda mais claramente o que quer dizer, acrescenta a parábola da mulher que encontra a dracma que tinha perdido e diz, depois de uma e outra: Na verdade, na verdade, vos digo, assim haverá alegria no céu por um só pecador que fizer penitência.

"Eis o que dizemos, muito santo Padre, ousando suplicar-vos, não, pela perda de uma só ovelha, não pela perda de uma só dracma, mas pela salvação tão preciosa, não sòmente de todo o Oriente, mas de quase três partes do mundo habitável; salvação que foi comprada, não por ouro ou prata corrutível, mas pelo precioso sangue do cordeiro de Deus, segundo a doutrina do bem-aventurado príncipe dos gloriosos apóstolos, cuja cátedra foi confiada à Vossa Beatitude, pelo bom pastor, por excelência, Jesus Cristo, que veio procurar e libertar o que tinha perecido e dar a vida pela redenção de muitos. A seu exemplo, muito santo Padre, apressai-vos em nos socorrer, do mesmo modo que o bem-aventurado Paulo, doutor vosso, avisado em visão de que os macedônios estavam em perigo, apressou-se em os socorrer na realidade.

"Quanto a nós, Pai, cheio de ternura para com vossos filhos, vendo-nos, não em visão, mas na realidade, perecer pela prevaricação de nosso padre Acácio, não vos demoreis, mas apressai-vos em vir em nosso auxílio; pois vos foi dado o poder, não sòmente de ligar, mas ainda a exemplo do Mestre, de desligar os que estão há muito tempo encadeados; não sòmente arrancar, derribar, mas ainda plantar e edificar, como Jeremias, ou melhor, como Jesus Cristo, de quem Jeremias era a figura; não sòmente libertar de Satanás pela perda da carne, mas inda reanimar

pela caridade aquêles que há muito tempo foram rejeitados, para que, o que a Deus não praza, Satã, vendo afundar-vos num excesso de tristeza, não pareça obter vitória contra vós. Não ignorais sua malícia, vós, que Pedro, vosso doutor sagrado, ensina todos os dias apascentar, não pela violência, mas por uma autoridade, que êles gostam de prevenir, as ovelhas de Jesus Cristo, que vos são confiadas por todo o mundo habitável. Rogamos-vos então, rasgar êsse novo decreto que pesa sôbre nós, como nosso Salvador, Jesus Cristo rasgou o antigo sôbre a cruz.

"Se Acácio foi anatematizado, por causa de sua amizade pelos alexandrinos, ou melhor, pelos eutiquianos, que rejeitam e anatematizam o muito santo Papa Leão ou o concílio de Calcedônia, porque passamos a vossos olhos por heréticos? Porque estamos sob o anátema, nós que recebemos sòmente a epístola de Leão e o que foi dito no santo concílio? Nós, porque pregamos vosso dogma ortodoxo, somos atacados todos os dias e anatematizados como heréticos pelos partidários de Eutiques? Não acuseis o justo com o ímpio, nem confundais em vosso juízo os ortodoxos e os hereges; os que anatematizam a santa epístola em questão, e vosso santo e ortodoxo concílio, com os que anatematizam convosco e pedem para morrer, cada dia, pela verdadeira fé que pregais.

"Não deixeis, pois, de nos socorrer e não nos odieis, porque há daqueles que se comunicam com os adversários. Há também muitos que, podendo-o, disso se abstiveram. Outros, encarregados do cuidado das almas, não o fizeram, não por apêgo à vida, mas para a salvação das almas que lhes estavam confiadas. Se prouver a Deus, Vossa Paternidade disso

terá provas mais tarde. Alguns, vendo exilarem-se os padres ortodoxos queriam também abandonar suas igrejas. Mas os colegas rogaram-lhes ficassem, dizendo como Rebeca a Jacó: Tomamos sôbre nós o pecado de vossa descendência: sòmente não abandoneis, sem necessidade, as ovelhas de Jesus Cristo aos lôbos, não permitais que os hereges tomem vossos lugares e devastem vosso rebanho.

"Assim, então, todos, enquanto somos ortodoxos e os que se parecem comunicar com os adversários e os que disso se abstêm, esperamos, depois, de Deus, a luz de vossa visita e de vossa assistência. Apressai-vos em socorrer o Oriente de onde o Salvador vos fêz saírem dois grandes astros, Pedro e Paulo, para iluminar a terra. Dai-lhes o que dêles recebestes, iluminai-os com a verdadeira luz da fé, como êle vos iluminou no tempo do conhecimento de Deus. Quando o universo, pelo crime de um só, perecia na iniqüidade, os santos profetas, para o curar, chamavam o soberano médico e príncipe dos pastôres: Ó vós que governais Israel, apressai-vos; vós que estais sentados sôbre os querubins, aparecei; despertai vosso poder e vinde libertar-nos. Do mesmo modo nós, hoje, feridos por outra chaga, pela prevaricação de outro pai, elevamos nosso clamor a Vossa Beatitude, a fim de que, a exemplo do Filho de Deus, venhais em nosso auxílio, lembrando-vos, muito santo Padre, de que já foi dito que não são os que gozam de boa saúde que têm necessidade de médico, mas os que estão enfermos.

"Se o mal fôsse sòmente medíocre, nós nos apressaríamos sem dúvida em ir, nós mesmos, procurar nosso médico espiritual, e lá honrarmos os sofrimentos dos gloriosos apóstolos, vossos doutôres, adorar

vossos pés sagrados, e receber da bôca mesma de Vossa Santidade o remédio de nossa prevaricação, a libertação de nossos liames e o perdão de nossa falta. Mas, como desde a planta dos pés até o vértice da cabeça, tudo é uma chaga, a vós, médico caridoso, rogamos venhais, vós mesmo, em nosso auxílio, para curar os membros exaustos do corpo da Igreja, reanimar a mão que já não tem fôrças, fortalecer os joelhos que se dobram, e dirigir nossos pés ao caminho da verdade, para que aquêles que já estão coxos não se quebrem, de uma vez, mas ao contrário, tudo se repare por vosso zêlo e vossos cuidados.

"Do mesmo modo, que o Senhor disse outrora a São Paulo, falando de Corinto: Falai e não vos caleis, pois eu tenho um grande povo naquela cidade; do mesmo modo, sua bondade hoje diz à Vossa Beatitude: Apressa-te, vai sem demora em socorro do Oriente, ou melhor, das principais partes do universo; pois não sòmente uma multidão de cento e vinte mil, como em Nínive, mas de muito mais ainda, espera, depois de Deus, sua cura de ti. Sem dúvida, Vossa Beatitude se apressará como São Paulo, em escutar a voz do Senhor. Pois, se vosso predecessor, o santo arcebispo Leão, não julgou indigno de si, correr à presença do feroz e bárbaro Átila, para salvar da escravidão corporal não sòmente os cristãos, mas mesmo os judeus e pagãos, (1) quanto mais vossa Santidade, apressar-se-á a arrancar a um cativeiro muito mais funesto, tantas almas que nêle gemem ou caem todos os dias, e mostrar-nos de uma maneira mais expressa o caminho reto da verdadeira fé, entre

(1) Labbe, t. IV, 1304.

as duas vias enganosas e diabólicas de Eutiques e de Nestório!

"Foram nossos pecados que espalharam dúvidas, alguns imaginando que entre Nestório e Eutiques é impossível encontrar-se um terceiro caminho, intermediário de salvação e que se está necessàriamente num ou no outro. Por isso, apressai-vos, depois de Deus, a nos socorrer; e, como entre Ário, que dividia a natureza divina, e Sabélio, que confundia as pessoas, os Santos Padres mostraram o caminho intermediário da verdade na unidade de natureza e na trindade de pessoas vós, do mesmo modo, entre Eutiques que, à imitação de Sabélio, confunde as naturezas, e Nestório que, à imitação de Ário, as divide, mostrai-nos qual é a verdadeira confissão da fé ortodoxa, que nos transmitiu o Papa São Leão e os discípulos dos Santos Padres em Calcedônia, com relação às duas naturezas unidas na mesma pessoa de nosso Salvador e grande Deus, Jesus Cristo. Nós, santíssimo e bem-aventurado Símaco, cremos que o mesmo Cristo é de duas naturezas e em duas naturezas, e não sòmente de uma só das duas, depois da união como dizem os outros. (1)

Eis como nos primeiros anos do século sexto, mesmo depois de dois concílios ecumênicos a êsse respeito, tôda a Igreja do Oriente suplicava ao Papa lhe indicasse o caminho reto; eis como, há quatorze séculos, tôda a Igreja do Oriente reconhecia solenemente que, depois de Deus, sua única salvação estava no Papa. Semelhantes monumentos são bem dignos de conhecidos e meditados, sobretudo em nossos dias: devemos procurá-los, não na história de Fleury, que

(1) Labbe, t. IV, 1304.

se contenta em dizer mais ou menos que a carta dos Bispos do Oriente ao Papa era muito longa; não em Berault-Bercastel, que dela não faz nem mesmo menção, mas no texto original que se encontra em tôdas as coleções de concílios.

Não se sabe por quem essa carta foi levada a Roma, mas nas subscrições dos concílios romanos, sob o Papa Símaco encontramos os nomes de vários bispos do Oriente e sabe-se que, quando das acusações caluniosas intentadas contra Símaco pelos cismáticos, Dióscoro, diácono de Alexandria, estava em Roma e foi mesmo mandado por êsse Papa ao rei Teodorico. (1)

A carta que temos do Papa Símaco aos Orientais está datada de 8 de outubro de 512, parece ser a resposta desta, embora dela não faça menção. Aí narra em poucas palavras as devastações que a heresia de Nestório, de Eutiques e de seus sectários, tinham causado às Igrejas do Oriente. Exorta os Orientais a se aterem firmemente ao que tinha sido deliberado uma vez contra Eutiques; pois, se se permite voltar às decisões precedentes, que será da autoridade dos Padres? Que será da majestade da fé católica? Que será da doutrina consagrada pelo sangue dos mártires? Êles, com admirável paciência, suportaram a perda de todos os seus e tôda sorte de tormento, para não perderem a herança eterna. A seu exemplo, que cada um de vós considere o exílio e a deportação como sua pátria. Eis o tempo em que a fé pede seus soldados. Eis a ocasião favorável, diz, para ajuntar frutos de vida, e, por um pouco de sofri-

(1) Muratori, **Script**, rer. ital., t. III, por 2, col. 47.

mento, merecer grandes recompensas. Exorta-os a professar a verdade clara e corajosamente; pois, se a isso se quiser associar a mentira, ela virá a sofrer necessàriamente, e o corpo todo da Igreja ficará lânguido e débil. Devemos, então, fugir igualmente do êrro sacrílego de Eutiques e da comunhão dos que a compartilham. Eu vos induzo, como quem vos ama, não vos acuso como quem vos odeia. Por isso, meus irmãos, desejando todos a unidade da Igreja e aspirando à beleza celeste da santa concórdia, dizemos com Davi: Como é bom, como é feliz viverem unidos os irmãos: Peçamos a realização do que disse São Paulo: Vós todos sois irmãos em um só Cristo. Pois até que volte a unidade, não se deve duvidar de que não aconteçam as mesmas calamidades que ùltimamente, na Igreja de Constantinopla; calamidades que sou obrigado, ao mesmo tempo, a lamentar e a calar. Pois aquêles que julgaram dever descuidar-se da advertência da Sé apostólica, caíram no que acontece de ordinário aos que não têm amparo. Se então alguém, pensando em sua própria salvação, observar juízos apostólicos, desde que esteja separado do contágio daqueles de que se falou, não deve duvidar de maneira alguma, de que não seja participante de nossa comunhão. Se não se separar da sociedade dos que a Sé apostólica condenou, saiba que, sob nenhum motivo, por nenhuma falsidade, por nenhuma astúcia, poderá vencer a vigilância da Igreja. Pois, do mesmo modo que abraçamos de todo o coração os que se afastam do veneno de tais indivíduos, isto é, Eutiques, Dióscuro, Timóteo Elure, Pedro, o Monge e Acácio, do mesmo modo nossa solicitude vela sempre para que seus sectários não possam entrar de surprêsa.

Que Deus vos conserve sãos e salvos, bem-aventurados irmãos. (1)

O Papa São Símaco não teve a consolação de ver essa reunião tão desejada. Morreu a 19 de julho de 514, tendo ocupado a Santa Sé durante quinze anos e perto de oito meses. A 26 do mesmo mês de julho, teve por sucessor Santo Hormisdas, sob cujo pontificado veremos a reconciliação do Oriente com Roma, a 6 de agôsto.

* * *

(1) Labbe, t. IV, 1304.

SANTO ÉPAFRAS (*)

Discípulo de São Paulo

I.º Século

Santo Épafras é-nos apresentado por São Paulo na Epístola aos Colossenses.

Colossos situava-se na Frígia, ficando perto de Laodicéia e a cêrca de duzentos quilômetros de Éfeso.

Embora o Apóstolo nunca fôsse a Colossos, durante o tempo que pregou em Éfeso, todavia, converteu alguns habitantes daquela localidade, entre os quais destacam-se Filemon e Épafras, que mais tarde seriam os apóstolos da própria terra.

Durante o cativeiro, em Roma, São Paulo recebeu a visita de Épafras, chefe da Igreja de Colossos, que o informou do estado da comunidade que lhe estava afeta. Se bem que os cristãos colossenses fôssem ardorosos, corriam, no entanto, sério perigo, em virtude dos falsos doutôres que pela cidade apregoavam erros. Foi por isso que São Paulo lhes escreveu, prevenindo-os.

Na Epístola aos Colossenses, o grande Apóstolo faz o mais belo elogio a Épafras, ao dizer:

"Damos graças a Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, orando sempre por vós, conhecedores

da vossa fé em Jesus Cristo e da caridade que tendes para com todos os santos, (*levados*) pela esperança (*da recompensa celeste*) que vos está reservada nos céus, da qual tivestes conhecimento pela verdade do Evangelho, o qual chegou até vós, como a todo o mundo, e frutifica e cresce como entre vós, desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus na verdade, conforme aprendestes de Épafras, nosso muito amado companheiro no serviço (*de Deus*), o qual é por vós fiel ministro de Jesus Cristo, o qual também nos informou da vossa caridade (*tôda*) espiritual".

No final da carta, torna a lembrá-lo:

"Saúda-vos Épafras, que é dos vossos, servo de Jesus Cristo, o qual combate por vós nas (*suas*) orações, para que permaneçais firmes e na plena observância de tôda a vontade de Deus. Sim, eu dou testemunho de que êle trabalha muito por vós, pelos de Laodicéia e pelos de Hierápolis". (1)

Depois, na Epístola a Filemon:
"Épafras, que está prêso comigo por Jesus Cristo, saúda-te". (2)

Santo Épafras foi um dos mais fiéis discípulos do Apóstolo. Evangelizou Colossos e, provàvelmente, as cidades da vizinhança.

* * *

(1) Col 1, 1-8. 4, 12-13.
(2) Flp. 1, 23.

SANTA MACRINA, A JOVEM (*)

Virgem

Macrina, a Jovem, era filha de Emélia e Basílio, o Antigo, e irmã de Basílio, bispo de Cesaréia, de Gregório, bispo de Nissa, de Pedro, bispo de Sebasta, de Nicéforo, de Pancrácio, de Teosébia e de três outras, cujos nomes não chegaram até nós.

Macrina era a mais velha, a *mãezinha,* a protetora, a incansável, da qual Basílio, com emoção, fala que foi educadora perfeita.

Nascida em Cesaréia no ano de 327, pouco antes de vir ao mundo misteriosa visão levou Emélia a chamá-la Tecla, nome da mártir de Icônio, lendária companheira de São Paulo.

A mãe, diz-se, inspirou-se na Escritura santa para formar a filha, na *Sabedoria* de Salomão buscando luzes para governá-la, ao passo que o Saltério foi o preceptor da jovenzinha.

Macrina, aos doze anos, ficou noiva, mas, morrendo-lhe o pretendente, não pensou noutra coisa mais senão em se consagrar à educação dos irmãos.

Em 373, Emélia faleceu. Os filhos, já formados, de vez em vez vinham visitar a *Grande Macrina,* como diziam nos tempos da longínqua infância. Quando doente, já perto da morte, que a levou em 379, Gregório encontrou-a sôbre uma tábua, com o

cilício. Tomou-a carinhosamente e pô-la no leito, onde a moribunda, evocando o passado, pôs-se a render graças a Deus por tudo aquilo que, bondosamente, dignou-se conceder-lhe.

— Senhor, tu acabaste com o mêdo da morte. Por ti, a verdadeira vida começa quando se acaba a vida atual. Dormimos por uns tempos, depois ressuscitar-nos-ás ao som das trombetas.

Depois:

— Tu nos salvaste da maldição e do pecado, vindo por nossos pecados e nossa maldição.

Com o crucifixo de ferro, que encerrava uma relíquia da Cruz do Salvador, que sempre trouxera consigo, morreu em paz, sendo enterrada perto do pai e da mãe. Chamam-na a Jovem, para diferenciá-la da avó, Macrina, a Velha.

* * *

SÃO PEDRO CRISCI DE FOLIGNO (*)

Confessor

Filho de nobre e rica família, Pedro Crisci foi moço de vida tôda ela cheia de aventuras. Converteu-se aos trinta anos. Abominando tudo aquilo que fizera na ruidosa juventude, vendeu o que possuía, o que apurou distribuiu aos pobres e, nada mais restando, quis vender-se a si mesmo, prometendo a quem o comprasse obedecê-lo em tudo.

Um senhor comprou-o, mas, tocado pela humildade do jovem Pedro, restituiu-lhe a liberdade, impondo-lhe, como condição para tal, que não se esquecesse jamais de pedir a Deus por si.

Vestido com um saco, Pedro de Crisci orava a olhar para o sol, que para êle simbolizava Jesus Cristo. Banhado em suor, enquanto não terminava as orações, não abandonava aquela postura, o que, logo, levou os habitantes de Foligno a tê-lo como louco.

Morto aos 19 de julho de 1323, no campanário da catedral, que era a *sua casa*, foi honrado como santo quase que imediatamente depois — já que interrogado pelos inquisitores de Assis e de Espoleto, saíra-se honrosamente de tudo aquilo que os afoitos e os mal informados o haviam acusado.

Escreveu-lhe a vida um dos bispos de Foligno, o dominicano João Corini de São Geminiano.

* * *

No mesmo dia, em Autun, São Retício, bispo e confessor, falecido depois de 314, um dos primeiros a empregar o latim para explicar a Escritura santa.

Em Campanie, Santo Ambrósio Autpert, confessor. Da côrte de Pepino, o Breve, preceptor de Carlos Magno, foi religioso, evangelizador, e biógrafo dos santos Paldon, Taton e Tason, fundadores do mosteiro de São Vicente.

Na Polônia, o bem-aventurado João Dukla, confessor, que, dando-se ao ministério apostólico, converteu almas e almas. Cego, continuou, como se nada fôra, a pregar e a ouvir confissões. Falecido a 29 de setembro de 1484, com setenta anos, em 1649 apareceu no céu, durante um combate, pondo os russos em debandada. O papa Clemente XII proclamou-o patrono da Polônia e do Grão-ducado da Lituânia, a pedido de Augusto III, então rei da Polônia.

Em Chester, na Inglaterra, o bem-aventurado João Plesington, mártir, em 1679.

Em Poitiers, São Libério, bispo e confessor.

Em Constantinopla, São Die, arquimandrita (século V).

Em Nápoles, São Lourenço, bispo, desaparecido em 717.

Em Utrecht, São Bernoldo, bispo e confessor.

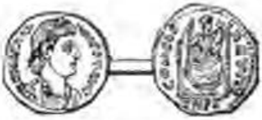
No mosteiro de Marienburgo, na Francônia, a bem-aventurada Stilla, virgem, falecida em 1140. De nobre e grande família, que deu vários santos à

Igreja. Stilla foi piedosíssima desde a infância. Às suas ordens construiu-se uma igreja dedicada a São Pedro, numa montanha perto de Abenberg.

Na França, São Vicente de Paulo, confessor, que adormeceu no Senhor, a 27 de setembro, dia em que se encontrará sua vida.

Em Córdova, Santa Áurea, virgem, que tendo a princípio renunciado à fé, depois, detestando sua fraqueza e infidelidade, voltou novamente ao combate e venceu o inimigo derramando seu sangue.

Em Trèves, São Martinho, Bispo e mártir.



Arcádio, imperador do Oriente.

Em Verona, São Félix, Bispo. — Sôbre a montanha do Scété, no Egito, Santo Arsênio, diácono da Igreja romana, que, no tempo do imperador Teodósio, se retirou para a solidão. Perfeito em tôdas as virtudes e banhado continuamente em lágrimas, que êle derramava, entregou a alma a Deus.

* * *

20.º DIA DE JULHO

SÃO JERÔNIMO EMILIANO

Fundador dos Somascos.

Nasceu em Veneza em 1481 e foi seu pai Ângelo Emiliano e sua mãe, Leonor Morocini, ambos oriundos de família nobre, que deu à igreja vários prelados e à república veneziana procuradores de São Marcos, senadores e grandes generais; seu pai mesmo era senador, quando êle veio ao mundo. Jerônimo revelou em tenra idade muita inclinação para a virtude e entregou-se ao estudo das letras humanas nas quais fêz muito progresso, até à idade de quinze anos, quando o desejo das armas lhe interrompeu o dos estudos e despertou nêle a coragem marcial, que alguns de seus antepassados tinham demonstrado.

Em 1495 os venezianos reuniram tropas e Jerônimo Emiliano engajou-se nessa milícia, sem ter em conta as lágrimas da mãe, que, tendo perdido o marido pouco tempo antes, recebia novas tristezas pelo afastamento de Jerônimo, a quem considerava a única consolação que lhe restava na viuvez, embora fôsse o último de seus filhos. Temia perdê-lo, talvez, de mais de uma maneira.

Foi, portanto, na idade de quinze anos, que Jerônimo iniciou a carreira das armas e bem depressa deixou-se levar pela torrente da dissolução, que reina na maior parte das pessoas dessa profissão. As censuras de sua mãe e de seus irmãos de nada valiam; sòmente a ambição punha limite às suas desordens. Para chegar aos altos cargos da república era preciso ter tido um proceder honroso. No ano 1508, serviu de novo no exército que os venezianos reuniram para se opor à liga de Cambrai. O senado de Veneza encarregou Emiliano da defesa de Castelnuovo, nos confins de Treviso; mal lá tinha entrado, com algumas tropas, o governador, vendo as muralhas caídas, por causa da artilharia, os inimigos prestes a dar um assalto geral, retirou-se secretamente, de noite, deixando o espanto na guarnição. Emiliano, para reparar à covardia do governador, mandou refazer as brechas e resolveu defender a praça até o fim. Resistiu a vários assaltos; mas enfim, a fortaleza foi vencida, a maior parte da guarnição sacrificada e Emiliano atirado a uma prisão. Os alemães puseram-lhe cadeias no pescoço, nas mãos e nos pés, com uma bola de mármore; davam-lhe como alimento, pão e água e faziam-lhe mil ultrajes.

Nada lhe parecia mais espantoso que a morte, que o esperava a todo momento. Mas, bem depressa temeu alguma coisa, muito mais vivamente que a perda do corpo: a perda da alma. Sem nenhum socorro humano, via a salvação sòmente em Deus; Deus, que êle tinha deixado esquecido por tanto tempo, Deus, que êle tinha tão gravemente ofendido. Vieram, então, os remorsos amargos pelas desordens; reconheceu, derramando uma torrente de lágrimas, que Deus era justo e que êle tinha merecido o que sofria.

Enquanto êsses tristes pensamentos o atiravam a uma melancolia profunda, e aflição extrema, de repente uma luz divina lhe aclarou a alma e lhe trouxe paz; recordou-se de Nossa Senhora de Treviso, a consoladora dos aflitos, o refúgio dos pecadores. Imediatamente, em lágrimas e em preces, suplicou-lhe tivesse piedade do mais miserável dos pecadores e lhe obtivesse de seu Filho graça e misericórdia. Fêz voto de visitar descalço seu santo templo, em Treviso, e de aí mandar celebrar missas e publicar-lhe as benemerências, à viva voz e com quadros.

Mal tinha pronunciado o seu voto, a prisão foi iluminada por uma luz celeste. A mãe de Deus, consoladora dos aflitos, apareceu-lhe e o chamou pelo nome, deu-lhe as chaves de seus ferros e da prisão, ordenou-lhe que saísse e cumprisse fielmente a promessa. Ela leva-o do mesmo modo através do exército inimigo, até à porta de Treviso. Lá entra, dirige-se à Igreja da Virgem, deposita aos pés de seu altar as chaves da prisão, os ferros de seu pescoço, dos pés e das mãos, suspende à abóbada a bola de mármore, publica todos êsses fatos à viva voz, manda-os registrar diante de um tabelião e pintar nos quadros.

Na paz, as cidades que tinham sido tomadas aos venezianos, foram-lhes restituídas; receberam Castelnuovo, o senado, para agradecer a generosidade de Emiliano, o qual tinha tão corajosamente defendido aquela praça, deu aquêle castelo à família, para dêle gozar durante trinta anos e Emiliano foi feito Prefeito ou chefe de justiça; mas não exercitou êle por muito tempo êsse cargo, tendo-o deixado depois da morte de seu irmão, para ir a Veneza, tomar a

tutela de seus sobrinhos. Fazendo aproveitar seus bens, teve grande cuidado de os educar na piedade: serviu-lhes mesmo de exemplo, porque depois que deixou o cargo de prefeito, cumpriu as promessas que tinha feito a Deus de mudar de vida; e, nada querendo fazer sem o aviso de um sábio diretor, escolheu um cônego regular da Congregação de Latrão, que unia muita piedade a um profundo saber e abandonou-se inteiramente à direção dêsse santo religioso, que o fêz calcar aos pés tudo o que se parecia com a vaidade e o luxo.

Emiliano renunciou, então, a tôdas as doçuras e comodidades da vida. Não teve outros sentimentos de si mesmo, que os que uma humildade profunda lhe podia inspirar. Esqueceu a nobreza e as dignidades de sua casa e só manteve, das vantagens de sua descendência, uma certa polidez, que lhe serviu, depois, para ganhar muitas almas a Deus. Afligia o corpo com jejuns e macerações extraordinárias e só lhe concedia algumas horas de sono, passando o resto da noite em oração e prece. Suas ocupações durante o dia eram visitar as igrejas e os hospitais, providenciando aos doentes todos os auxílios espirituais e temporais de que tinham necessidade. Sua liberalidade não se estendia sòmente aos pobres dos hospitais e aos indigentes que encontrava nas ruas, mas, quando previa que algumas moças estavam em perigo de se prostituir, dava-lhes dotes e partidos vantajosos, para as salvar.

Todos ficaram surpresos com essa mudança, mas Emiliano ficou ainda mais, êle mesmo, quando considerava que tinha vivido tanto tempo, sem sentir o pêso das cadeias e todos os horrores da escravatura, de que Deus o havia libertado; não podia pensar nas

desordens da vida passada, sem derramar torrentes de lágrimas. Mais avançava no caminho da virtude, mais se sentia abrasado de amor por Deus e pelo próximo. Teve ocasião de exercitar aquela virtude, numa carestia geral, de que a Itália se ressentiu no ano 1258. O povo do campo, sem pão, era obrigado a comer até os animais mais imundos ou a se contentar com algumas raízes, para conservar a vida, que se esvaía. A morte levava a muitos todos os dias e deixava no rosto dos que ficavam fúnebres vestígios, de que sua vez não haveria de tardar. Os prefeitos de Anone ou dos víveres, em Veneza, souberam primeiro, por seu cuidado, remediar à carestia, fazendo vir trigo de vários lugares; mas essa espécie de abundância que êles tinham cuidado em obter para a capital, atraiu para lá de todos os lados, tão grande quantidade de pessoas que a carestia recomeçou bem depressa. Emiliano mais que todos os outros teve compaixão de tantos miseráveis e vendeu até os móveis para os aliviar e sua casa tornou-se um asilo, onde os recebia e lhes dava os socorros que podia, naquela ocasião.

Uma espécie de doença contagiosa sucedeu à carestia e São Jerônimo Emiliano dela foi atacado e reduzido a tal extremo que, depois de ter recebido todos os sacramentos, esperava sòmente a hora da morte. Mas, temendo não ter ainda satisfeito plenamente por seus pecados, pela penitência, pediu a Deus a saúde, para fazer neste mundo uma penitência mais longa e executar o que Êle julgasse conveniente ordenar-lhe para a salvação do próximo. A oração foi ouvida, as fôrças voltaram, êle continuou os exercícios de piedade com mais zêlo ainda. Para cumprir as promessas que acabava de fazer a Deus, prestou

contas da administração dos bens aos sobrinhos, despojou-se da veste de senador, revestiu-se de um hábito que tinha comprado para um pobre, tomou sapatos velhos e apareceu nesse estado pelas ruas de Veneza. Uns se riam, como de um homem que tivesse perdido a razão; outros, que o conheciam melhor, lhe admiravam a humildade. Muitos, hesitantes, esperavam com ansiedade os resultados dessa nova maneira de viver. Não demorou muito e os viram.

A carestia e o contágio tinham levado grande número de pessoas, tanto da cidade como do campo; havia por tôda parte uma multidão de órfãos, privados dos pais e de socorros, reduzidos à mendicância, sem nenhuma educação e por isso mesmo, expostos a todos os vícios. Por amor de Deus, Emiliano se fêz pai e mãe daqueles que já não os tinham. Preparou uma casa para os receber, foi procurá-los pelas ruas e pelas praças, providenciou-lhes mestres para lhes ensinar algum ofício, não permitindo que nenhum dêles continuasse a mendigar, dando-lhes com sua caridade o que faltava ainda ao benefício de seu pequeno trabalho. Tinha ainda muito mais cuidado da salvação de suas almas. De manhã, fazia-os dizer as orações, ouvir a santa missa, aprender a ler, para afastar todo mau pensamento; o trabalho manual era entremeado por momentos de silêncio, por leituras que se lhes faziam, pelo canto de hinos e de ladainhas, em particular do santo Rosário. Duas vêzes por dia, antes e depois do trabalho, recordava-lhes os elementos da doutrina cristã. Lavando as mãos, antes de se porem à mesa recitavam o *Miserere*, pelas almas do Purgatório. Confessavam-se todos os meses e nas festas principais de

Nosso Senhor e da Santa Virgem. Andavam todos vestidos de branco. Nos dias de festa, êle os levava em procissão cantando as ladainhas, pelas ruas e praças de Veneza, a visitar os principais santuários, ou ouvir algum sermão. Todo o povo corria para assistir ao edificante espetáculo. Ficava-se comovido até às lágrimas por se ver aquêle nobre senador, aquêle bravo general vestido como um pobre feito pai dos òrfãozinhos.

A piedade e a modéstia daqueles meninos enterneciam todos os corações: a maior parte dos espectadores chorava de alegria; outros faziam côro aos meninos, que cantavam as ladainhas da Santa Virgem, respondiam devotamente *Ora pro nobis*. Foi uma comoção de piedade, para tôda a cidade. Todos queriam ver a casa dos órfãos. Era algo de admirável, que atraiu logo socorros suficientes.

Santo Emiliano pôs-se então a visitar os arredores de Veneza. Encontrou miséria maior ainda; jovens e velhos obrigados a morrer de fome: teve cuidado de uns e de outros. Veneza confiou-lhe um hospital de incuráveis. Emiliano encarregou-se de boa vontade, de acôrdo com seus dois amigos, São Caetano de Thienne e Pedro Carafa de Nápoles. Ademais, tinha ainda outros poderosos auxiliares. Quando queria obter de Deus uma graça particular, fazia rezarem quatro dos òrfãozinhos, menores de oito anos e nunca deixava de obter o que pedia.

O zêlo de Emiliano pelas obras de misericórdia crescia com o sucesso. Vendo então as de Veneza num estado próspero, confiou-lhes o cuidado a alguns piedosos amigos e foi fundar obras semelhantes em Pádua e Verona. Nesta última cidade viveu algum tempo desconhecido entre os pobres, mendigando o

pão como êles, a fim de ter uma ocasião mais natural de os instruir nas verdades da religião cristã. O hospital de Verona foi construído por seu intermédio. Passando dessa cidade a Brescia, lá fundou uma segunda casa de órfãos com a mesma organização que em Veneza. Um rico burguês de Brescia quis, ao morrer, fazê-lo herdeiro universal; mas êle recusou a doação e persuadiu o homem a dar os bens ao grande hospital, com a condição de êle ser obrigado a prover aos òrfãozinhos de remédios quando ficassem doentes, dar os adornos para a igreja e fazer construir sua casa; o que São Carlos Borromeu, fazendo a visita a Brescia, na qualidade de visitador apostólico, mandou executar por meio de administradores daquele hospital.

Em Bergamo e nos arredores, encontrou outras ocasiões de exercitar a caridade. Depois da fome e da peste, a maior parte das casas estavam vazias de habitantes, sobretudo no campo. Era o tempo da ceifa, o trigo estava maduro, mas não havia ceifadores, nem foices; a colheita ia perder-se. Emiliano, fazendo-se tudo a todos, reuniu de todos os lados muitas foices e os camponeses que pôde; pôs-se à frente dêles, ceifando o trigo, apesar do calor insuportável da canícula na Itália. Enquanto os outros descansavam ou tomavam a refeição, êle entregava-se à oração, contentando-se com um pouco de pão e de água, por alimento. Mas, não é tudo. Para aliviar seu penoso trabalho, os ceifadores tinham o hábito de cantar algumas canções frívolas ou mesmo más. Emiliano, com sua graça ordinária, soube impedir isso. Entoava, com voz harmoniosa, ora a oração dominical, ora a Saudação angélica, ou o Símbolo dos apóstolos; os outros ceifadores repetiam com

êle de sorte que todo o campo ressoava com os louvores de Deus.

Na mesma cidade de Bergamo, fundou dois estabelecimentos de órfãos, um para rapazes, outro para meninas. Mas sobretudo, começou uma obra de todo nova: retirar do pecado as moças e as mulheres perdidas. Tendo ainda convertido algumas, colocou-as primeiro em casa de mulheres virtuosas. Foi procurar os proprietários, cujas casas serviam para a libertinagem e obteve que as fechassem para o escândalo. Um maior número de prostitutas, tendo-se convertido, reuniu-as êle numa casa à parte, com um regulamento para lhes confirmar as boas resoluções e as preservar de uma recaída.

O Bispo de Bergamo era então Luís Lippomani, prelado ilustre por sua doutrina e pela inocência de sua vida, que foi mais tarde um dos presidentes do concílio ecumênico de Trento. É autor de várias obras e foi um generoso sustentáculo de São Jerônimo Emiliano, em suas boas obras, em Bergamo.

Com a bênção dêsse piedoso e sábio bispo, Emiliano percorreu, como apóstolo, as aldeias e as vilas mais afastadas da diocese, acompanhado de alguns meninos dos mais instruídos na doutrina cristã. Eis qual era seu método. Chegando a um lugar, ia primeiro à igreja implorar a graça de Deus e a intercessão do patrono para o seu trabalho. Uma campainha trazida de propósito convidava depois a todos os habitantes a se reunirem. Quando havia um bom número dêles, Emiliano dirigia-se aos mais pobres e às crianças, ensinava-lhes de maneira muito familiar os principais mistérios da fé cristã, a oração dominical, a saudação angélica, o símbolo dos apóstolos, os mandamentos de Deus e da Igreja;

Órfã dos hospitais de Veneza (Somasques), segundo um desenho de Cesare Vecelio. Século XVI.

algumas vêzes mesmo o sinal da cruz, pois a ignorância de alguns chegava até lá. Seus pequenos catequistas o secundavam maravilhosamente de preferência com as crianças de sua idade. O resultado foi assombroso. Melhor instruídos os pobres do campo começaram uma vida melhor, renunciaram às inimizades, aos juramentos e a roubar uns aos outros. Todos êsses vícios foram substituídos pelas virtudes contrárias. O exemplo de Santo Emiliano era ainda mais eficaz que suas palavras; noite e dia, viam-no ocupado em instruir, em rezar ou então em visitar e em servir os doentes.

Quando voltou a Bérgamo, onde se havia espalhado a fama de tôdas essas maravilhas, dois santos sacerdotes se juntaram a êle: Alexandre Bezuzio e Agostinho Barilo, ambos ricos, mas que haviam distribuído os bens aos pobres para imitar a pobreza voluntária de Santo Emiliano. Nesse tempo construiu dois novos estabelecimentos em Como, pela liberalidade de Bernardo Odescalchi, que acabou por lhe dar sua própria pessoa. Outro sócio ilustre foi o conde Primus, oriundo de uma irmã de Didier, antigo rei dos lombardos, contemporâneos de Carlos Magno.

Houve então mais que nunca, a questão entre os piedosos amigos de se organizarem em congregação regular e escolherem uma sede principal. Êles não a queriam nas cidades, mas em algum lugar retirado, que pudesse servir de seminário. A aldeia de Somasco, entre Milão e Bérgamo, pareceu-lhes favorável. Daí seu nome de clérigos regulares Somascos. Depois de ter procurado uma casa cômoda para receber os pobres òrfãozinhos, lá estabeleceram sua moradia, e o santo fundador prescreveu-lhes as pri-

meiras regras para a conservação da congregação. A pobreza aparecia em tôdas as coisas, nos hábitos como nos móveis. Os alimentos delicados eram banidos de sua mesa e êles se contentavam com a comida dos camponeses e dos pobres. Fazia-se uma leitura durante a refeição. O silêncio era exatamente observado e as austeridades, muito freqüentes. Havia uma santa emulação entre êles, sôbre quem praticava mais mortificações, e Emiliano era o primeiro a excitar os outros com seu exemplo. Uniam à mortificação uma pronta obediência e muita humildade. Empregavam parte da noite na oração; durante o dia, conversavam sôbre coisas santas ou se ocupavam de algum trabalho manual e iam aos arredores servir os enfermos e instruir os pobres do campo. O fim principal dos Somascos era então, e ainda é, a instrução das crianças e dos jovens eclesiásticos.

São Jerônimo Emiliano estêve em Milão e em Pavia para fundar outros estabelecimentos, para os quais Francisco Sforza, duque de Milão, contribuiu muito. Tornando a passar por Somasco, foi até Veneza, mas lá parou pouco. Uma peste horrível tinha invadido o território de Bérgamo e êle para lá se dirigiu depressa a fim de servir aos doentes. Mas também foi atacado pela enfermidade e morreu em Somasco, a oito de fevereiro de 1537, na idade de cinqüenta e seis anos. Foi beatificado por Bento XIV e canonizado por Clemente XIII. Em 1760 a Santa-Sé aprovou um ofício composto em sua honra e permitiu fôsse recitado no dia 20 de julho.

* * *

SANTO ELIAS (*)

Profeta

Antigo Testamento

Santo Elias é uma das mais fortes personalidades da história da Revelação no Antigo Testamento. À perversidade religiosa de Israel, anunciou a sanção divina:

"Elias Tesbita, um dos habitantes de Galaad, disse a Acab:

"— Viva o Senhor Deus de Israel, em cuja presença estou, que nestes anos não cairá nem orvalho nem chuva, senão conforme as palavras da minha bôca".

"Dirigiu o Senhor a sua palavra a Elias, nestes têrmos: Retira-te daqui, vai para a banda do oriente e esconde-te junto da torrente de Carit, que está defronte ao Jordão. Beberás da torrente, e eu mandarei aos corvos que te sustentem ali mesmo. Partiu, pois, e procedeu segundo a ordem do Senhor: alojou-se junto da torrente de Carit, que está defronte do Jordão. Os corvos traziam-lhe pela manhã pão e carne, e de tarde também pão e carne, e êle bebia da torrente. Decorrido um certo tempo, secou-se a torrente, porque não tinha chovido sôbre a terra.

"Falou-lhe então o Senhor assim:

"— Levanta-te, vai para Sarefta dos Sidônios e fixa lá a tua morada, porque eu ordenei a uma mulher viúva que te sustente".

"Levantou-se e foi para Sarefta. Tendo êle chegado à porta da cidade, apareceu-lhe uma mulher viúva, que apanhava lenha. Êle a chamou e lhe disse:

"— Dá-me num vaso um pouco de água para beber".

"Quando ela lha ia buscar, Elias chamou-a outra vez e disse:

"— Traze-me também, peço-te, um bocado de pão na tua mão".

"Ela lhe respondeu:

"— Viva o Senhor teu Deus, que eu não tenho pão, senão sòmente um pouco de farinha na panela, e um pouco de azeite na almotolia. Ando a apanhar um pouco de lenha, a fim de ir cozer para mim e para meu filho, para comermos e depois (*de gastos êstes restos*) morreremos" (*de fome*).

"Elias disse-lhe:

"— Não temas, mas vai e faze como disseste; porém, faze primeiro para mim dêsse pouco de farinha um pãozinho cozido, debaixo do rescaldo, e traze-mo; para ti e para teu filho, farás depois".

"Com efeito, o Senhor Deus de Israel diz assim: A farinha que está na panela não faltará, nem se diminuirá na almotolia o azeite, até o dia em que o Senhor faça cair chuva sôbre a terra.

"Foi a mulher e fêz como Elias lhe tinha dito; durante muito tempo ela teve o que comer, e a sua casa e Elias. E desde aquêle dia não faltou a farinha na panela, nem se diminuiu o azeite na almotolia, conforme o que o Senhor tinha predito por Elias".

Aqui, aconteceu que o filho da viúva, morrendo, foi ressuscitado pelo profeta:

"Aconteceu depois adoecer o filho desta mãe de família, e a doença era tão grave que já não respirava. Ela disse a Elias:

"— Que te fiz eu, ó homem de Deus? Porventura vieste a minha casa para excitares em mim a memória dos meus pecados e matares o meu filho?"

"Elias disse-lhe:

"— Dá-me o teu filho.

"Tomou-o do regaço (*da mãe*), levou-o à câmara onde êle estava alojado, e pô-lo em cima do seu leito. Depois clamou ao Senhor, assim:

"— Senhor meu Deus, até a uma viúva, que me sustenta como pode, afligiste, matando-lhe o filho?"

"Estendeu-se, depois, inclinou-se três vêzes sôbre o menino, e gritou ao Senhor:

"— Senhor, meu Deus, faze, rogo-te, que a alma dêsse menino volte às suas entranhas".

"O Senhor ouviu a voz de Elias: a alma do menino voltou a êle, e êle recuperou a vida. Elias tomou o menino, desceu-o da sua câmara à casa de baixo, entregou-o a sua mãe e disse-lhe:

"— Aqui tens vivo o teu filho".

"A mulher respondeu a Elias:

"Agora conheço por isto que és um homem de Deus, e que a palavra do Senhor na tua bôca é verdade". (1)

Muito tempo depois, dirigiu o Senhor a sua palavra a Elias, no terceiro ano, dizendo:

(1) I Reis, 17, 1-24.

"— Vai e apresenta-te diante de Acab, para eu fazer cair chuva sôbre a terra".

"Partiu Elias, para se mostrar a Acab. Entretanto, a fome era extrema em Samaria.

"Acab chamou Abdias, mordomo de sua casa. Abdias temia muito o Senhor, porque quando Jezabel matava os profetas do Senhor, êle (*Abdias*), tomou cem profetas e escondeu-os em cavernas, cinqüenta numa, e cinqüenta noutra, e sustentou-os com pão e água.

"Disse Acab a Abdias:

"— Vai pelo país, pelas proximidades das fontes de água e das torrentes, a ver se podemos achar erva para salvar as vidas aos cavalos e aos machos, evitando assim abater o nosso gado".

"E repartiram entre si o país para o percorrerem: Acab ia por um caminho, e Abdias, separadamente, ia por outro.

"Quando Abdias ia a caminho, Elias encontrou-se com êle. Abdias, tendo-o conhecido, prostrou-se com o rosto em terra e disse:

"— És tu Elias, meu senhor?"

"Êle lhe respondeu:

"— Sou eu. Vai e dize a teu amo: Elias está aqui".

"Abdias replicou:

"— Que pecado cometi eu para me entregares nas mãos de Acab, a mim, teu servo, para êle me matar? Viva o Senhor teu Deus, que não há nação nem reino, onde meu amo te não tenha mandado buscar. Respondendo-lhe todos: Não está aqui — fêz jurar, um por um, a todos os reis e povos, que tu não tinhas sido encontrado. E agora tu me dizes: Vai e dize a teu amo: Elias está aqui! Quando eu

me apartar de ti, o Espírito do Senhor te levará para um lugar que eu ignoro, e, então, indo eu informar Acab, se êle te não encontrar, matar-me-á; ora, o teu servo teme o Senhor desde a sua infância (*não merecendo que o trates assim*). Porventura não foi dito a ti, meu senhor, o que eu fiz, quando Jezabel matava os profetas do Senhor, como escondi cem dêstes profetas do Senhor em cavernas, cinqüenta numa, e cinqüenta noutra, e os sustentei de pão e água? E agora tu dizes: Vai e dize a teu amo: Elias está aqui! Êle me matará".

"Elias respondeu:

"— Viva o Senhor dos exércitos, em cuja presença estou, que eu me apresentarei hoje diante dêle".

"Abdias correu ao encontro de Acab e avisou-o, e Acab saiu a encontrar-se com Elias. Ao vê-lo, disse:

"— Porventura és tu aquêle que trazes perturbado Israel?"

"Elias respondeu:

"— Não sou eu que perturbei Israel, mas és tu e a casa de teu pai, por terdes deixado os mandamentos do Senhor e por terdes seguido Baal. Não obstante, manda agora juntar todo o povo de Israel no monte Carmelo, com os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal, mais os quatrocentos profetas de Astarte, que comem à mesa de Jezabel".

"Mandou Acab chamar todos os filhos de Israel, e juntou os profetas no monte Carmelo.

Era chegada a hora de Elias vencer os profetas de Baal.

"Elias, aproximando-se de todo o povo, disse:

"— Até quando claudicareis vós para os dois lados (*inclinando-vos umas vêzes para o Senhor e*

outras para Baal?) Se o Senhor é Deus, segui-o; se, porém, é-o Baal, segui-o".

"O povo não lhe respondeu palavra. Elias tornou a dizer ao povo:

"— Eu sou o único que fiquei dos profetas do Senhor: mas os profetas de Baal chegam a quatrocentos e cinqüenta homens. (*Contudo*) dêem-nos dois bois, e êles escolham para si um boi, façam-no em pedaços, ponham-no sôbre a lenha, mas não lhe metam fogo por baixo; eu tomarei o outro boi e o porei sôbre a lenha, mas também não lhe meterei fogo por baixo. Invocai vós os nomes dos vossos deuses, e eu invocarei o nome do meu Senhor; o Deus que ouvir, mandando fogo, êsse seja considerado o (*verdadeiro*) Deus".

"Todo o povo, respondendo, disse:

"— Ótima proposta".

"Disse Elias aos profetas de Baal:

"— Escolhei para vós um boi, e começai vós primeiro, porque sois em maior número; invocai os nomes dos vossos deuses, mas não ponhais fogo por baixo".

"Êles, tendo tomado o boi que lhes foi dado, sacrificaram-no e invocaram o nome de Baal, desde manhã até o meio-dia, dizendo:

"— Baal, ouve-nos".

"Mas não se percebia voz, nem havia quem respondesse, enquanto continuavam a saltar diante do altar que tinham feito. Sendo já meio-dia, Elias escarnecia-os, dizendo:

"— Gritai mais alto, porque êle é (*certamente*) Deus, mas talvez esteja entretido a conversar, ou ocupado, ou em viagem, ou talvez durma e necessite que o acordem".

"Êles gritavam em alta voz, e retalhavam-se, segundo o seu costume, com canivetes e lancetas até se cobrirem de sangue.

"Passado o meio-dia, enquanto êles profetizavam, chegou o tempo em que era costume oferecer-se o sacrifício, e não se ouvia voz, nem havia quem respondesse, nem ouvisse os seus rogos. Disse então Elias a todo o povo:

"— Aproximai-vos de mim".

"Aproximando-se o povo dêle, Elias reparou o altar do Senhor, que tinha sido destruído. Tomou doze pedras, segundo o número das tribos de Jacó, a quem o Senhor dirigia a sua palavra, dizendo: Israel será o teu nome — e com estas pedras edificou um altar em nome do Senhor. Em volta do altar fêz um regueiro, com a capacidade de duas medidas de semente, acomodou a lenha, dividiu o boi em quartos, pô-lo sôbre a lenha e disse:

"— Enchei de água quatro toalhas, e entornai-as sôbre o holocausto e sôbre a lenha".

"Disse outra vez:

"— Fazei isto ainda segunda vez".

"Tendo êles feito segunda vez, disse:

"— Fazei ainda terceira vez isto mesmo".

"E êles o fizeram terceira vez. As águas corriam em volta do altar, e o regueiro encheu-se.

"Sendo já o tempo de se oferecer o holocausto, chegando-se o profeta Elias, disse:

"— Senhor Deus de Abraão, de Isaac e de Israel, mostra hoje que és o Deus de Israel e que eu sou teu servo, e que por tua ordem fiz tôdas estas coisas. Ouve-me, Senhor, ouve-me, para que êste

povo aprenda que tu és o Senhor Deus, e que converteste novamente o seu coração".

"Então, sùbitamente, o fogo do Senhor baixou do céu e devorou o holocausto, a lenha e as pedras, consumindo o mesmo pó e a água que estava no regueiro. Todo o povo, vendo isto, prostrou-se com o rosto em terra, e disse:

"— O Senhor é o Deus, o Senhor é o Deus".

"Elias disse-lhes:

"— Apanhai os profetas de Baal, e não escape dêles nem um só".

"Tendo-os o povo agarrado, Elias levou-os à torrente de Cison e ali os matou.

"Elias disse a Acab:

"— Vai, come e bebe, porque já se ouve o ruído duma grande chuva".

"Acab retirou-se a comer e beber: Elias, porém, subiu ao alto do Carmelo e, inclinado por terra, pôs o seu rosto entre os joelhos e disse ao seu criado:

"— Vai, e olha para a banda do mar".

"Tendo êle ido, e tendo olhado, disse:

"— Não há nada".

"Elias disse-lhe segunda vez:

"— Torna a ir sete vêzes".

"A sétima vez, disse o servo:

"— Vejo uma pequena nuvem como a palma da mão dum homem, que sobe do mar".

"Disse-lhe Elias:

"— Vai, e dize a Acab: Manda meter os cavalos no teu carro e corre, não te apanhe a chuva".

"Num instante, cobriu-se o céu de trevas, vieram nuvens e vento, e choveu copiosamente. Acab, entrando no seu carro, foi para Jezrael; a mão (*ou*

virtude) do Senhor foi sôbre Elias, o qual, tendo cingido os rins, corria adiante de Acab, até chegar a Jezrael". (2)

— — — —

Acab, tendo referido a Jezabel tudo o que Elias fizera, de como matara todos os profetas, acabou por acender no peito da rainha uma grande ira contra Elias, que se viu obrigado a fugir, a ir para "onde o seu desejo o levava".

Chegado a Bersabé de Judá, despediu o criado. A mandado dum anjo do Senhor, caminhou quarenta dias e quarenta noites até o monte Horeb. Ali, Deus apareceu-lhe, como vimos ao esboçar a figura do profeta Eliseu, filho de Safat.

Depois duma primeira vitória de Acab, sôbre Benadad, rei da Síria, e duma segunda, Acab, que desejava a vinha de Nabot de Jezrael lhe disse:

"— Dá-me a tua vinha, a fim de eu fazer uma horta para mim, porque está junto de minha casa, e dar-te-ei por ela uma vinha melhor, ou, se te faz mais conta, o seu justo preço em dinheiro".

"Nabot respondeu-lhe:

"— Deus me livre de te dar a herança de meus pais!"

"Foi Acab para sua casa, mal disposto e encolerizado, por causa da resposta que Nabot Jezraelita lhe dera: Eu não te entregarei a herança de meus pais. Deitando-se sôbre a sua cama, voltou o rosto para a parede e não quis comer nada.

---

(2) I Reis, 18, 1-46.

"Jezabel, sua mulher, foi ter com êle e disse:

"— Que é isto? Donde te vem esta tristeza? Por que não comes?"

"Êle lhe respondeu:

"— Falei a Nabot de Jezrael e propus-lhe: Vende-me a tua vinha, ou se te faz mais conta, dar-te-ei por ela outra vinha melhor. Êle me respondeu: Eu não te cederei a minha vinha".

"Disse-lhe então Jezabel, sua mulher:

"— Não és tu o rei de Israel? Levanta-te, come e sossega o teu espírito; eu te darei a vinha de Nabot de Jezrael".

"Escreveu ela, pois, uma carta em nome de Acab, selou-a com o sêlo do rei, e enviou-a aos anciães e aos principais, que habitavam na cidade de Nabot. O assunto da carta era êste: Promulgai um jejum, fazei sentar Nabot entre os primeiros do povo, e subornai contra êle dois homens, filhos de Belial, que profiram contra êle êste falso testemunho: Nabot blasfemou contra Deus e contra o rei; depois, levai-o fora da cidade e apedrejai-o até que morra.

"Os seus concidadãos, os anciães e os que viviam com êle na cidade, fizeram como Jezabel lhes tinha mandado, como estava escrito na carta que ela lhes enviara. Promulgaram o jejum (3) e fizeram sentar Nabot entre os primeiros do povo. Tendo mandado vir dois homens, filhos do demônio, fizeram-nos sentar defronte dêle; êles, como homens diabólicos, deram testemunho contra Nabot, diante do povo, dizendo:

---

(3) Em sinal de luto e de penitência, como se fôra para expiar um grande delito cometido por algum dos habitantes da cidade e também deliberar sôbre o fim que lhe dariam.

"— Nabot blasfemou contra Deus e contra o rei".

"Em virtude dêste testemunho (*falso*) conduziram-no fora da cidade, e mataram-no às pedradas. Depois mandaram dizer a Jezabel:

"— Nabot foi apedrejado e morreu".

"Quando Jezabel ouviu que Nabot fôra apedrejado e morrera, foi dizer a Acab:

"— Vai e torna-te senhor da vinha de Nabot de Jezrael, que te não quis fazer a vontade, cedendo-ta, pelo devido preço, porque Nabot foi lapidado e morreu".

"Acab, tendo ouvido dizer que Nabot tinha morrido, levantou-se e ia para a vinha de Nabot de Jezrael, a fim de se apossar dela.

"Então o Senhor dirigiu a sua palavra a Elias Tesbita, dizendo:

"— Levanta-te e sai ao encontro de Acab, rei de Israel, que está em Samaria: êle vai à vinha de Nabot, para tomar posse dela. Tu lhe falarás assim: Eis o que diz o Senhor: Mataste-o e, além disso, tomas agora posse (*da vinha do assassinado*). Depois acrescentarás: Isto diz o Senhor: Neste lugar, em que os cães lamberam o sangue de Nabot, lamberão êles também o teu sangue".

"Acab disse a Elias:

"— Porventura tens-me por teu inimigo (*para que assim profetizes contra mim*)?"

"Elias respondeu-lhe:

"— Sim, tenho-te por tal, porque te vendeste, para fazeres o mal aos olhos do Senhor. Farei cair o mal sôbre ti, varrer-te-ei, exterminarei da família de Acab, em Israel, todo o varão, escravo ou livre. Tornarei a tua casa como à casa de Jeroboão, filho

de Aia, porque procedeste de modo que me provocaste a ira, e fizeste pecar Israel. — E o Senhor falou também de Jezabel, assim: Os cães comerão Jezabel no campo de Jezrael. Todo o que, da casa de Acab, morrer na cidade, comê-lo-ão os cães; o que morrer no campo, comê-lo-ão as aves do céu".

"Não houve outro semelhante a Acab, que se vendeu para fazer o mal aos olhos do Senhor, porque Jezabel, sua mulher, o incitou. Êle se tornou tão abominável, que seguia os ídolos dos amorreus, que o Senhor tinha exterminado da face dos filhos de Israel.

"Quando Acab ouviu estas palavras, rasgou as suas vestes, cobriu a sua carne de um cilício, jejuou, dormiu envôlto no saco e andou de cabeça baixa.

"Então o Senhor dirigiu a sua palavra a Elias Tesbita, nestes têrmos:

"— Não viste Acab humilhado diante de mim? Porque êle, pois, humilhou-se, em atenção a mim, não farei vir aquêle mal enquanto êle viver, mas nos dias de seu filho o farei vir sôbre a sua casa". (4)

— — — —

Morto Acab, numa batalha contra os sírios, Ocozias reinou em seu lugar.

"Ocozias, filho de Acab, começou a reinar sôbre Israel em Samaria, no ano dezessete de Josafat, rei de Judá, e reinou sôbre Israel dois anos. Praticou o mal diante do Senhor, andou no caminho de seu pai e de sua mãe, no caminho de Jeroboão, filho de Nabot,

(4) I Reis, 21, 1-29.

que tinha feito pecar Israel. Serviu também a Baal e o adorou, irritando o Senhor Deus de Israel, conforme seu pai tinha feito". (5)

— — — —

Eram chegados os últimos dias de Elias.

"Depois da morte de Acab, Moab revoltou-se contra Israel. Ocozias caiu da janela do quarto alto (*do palácio*), que tinha em Samaria, e feriu-se gravemente. Enviou mensageiros, aos quais disse:

"— Ide, consultai Beelzebub, deus de Acaron, se me poderei curar desta minha doença".

"Porém, o anjo do Senhor falou a Elias Tesbita, dizendo:

"— Levanta-te, vai ao encontro dos mensageiros do rei de Samaria e dize-lhes: Porventura não há um Deus em Israel, para vós irdes consultar Beelzebub, deus de Acaron? Por isso eis o que diz o Senhor: Não te levantarás da cama em que jazes, mas certìssimamente morrerás".

"(*Dito isto*), Elias partiu.

"Os mensageiros voltaram para Ocozias, o qual lhes disse:

"— Por que voltastes?"

"Êles lhe responderam:

"— Um homem nos saiu ao encontro e nos disse: Ide e tornai para o vosso rei, que vos mandou, e dizei-lhe: Eis o que diz o Senhor: Porventura, porque não há um Deus em Israel, é que mandas consultar Beelzebub, deus de Acaron? Pois por isso não te

(5) I Reis, 22, 52-54.

levantarás da cama em que jazes, mas certìssimamente morrerás".

"Êle lhes disse:

"— Que figura e que trajo é o dêsse homem, que se encontrou convosco e vos disse essas palavras?"

"Êles responderam:

"— É um homem peludo (6), que anda cingido sôbre os rins com uma cinta de couro".

"Êle disse:

"— É Elias Tesbita".

"Imediatamente mandou ter com êle um chefe, com os cinqüenta homens que estavam debaixo do seu mando. Êsse chefe foi ter com Elias, que estava sentado no cimo dum monte, e disse-lhe:

"— (*Ó tu, que te tens por*) homem de Deus, o rei mandou que venhas".

"Respondendo Elias, disse ao capitão dos cinqüenta homens:

"— Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu e te devore a ti e aos teus cinqüenta homens".

"Desceu fogo do céu, que o devorou, assim como aos cinqüenta homens que estavam com êle.

"Ocozias enviou outra vez um outro chefe com os seus cinqüenta homens, o qual, chegando junto de Elias, disse-lhe:

"— Homem de Deus, o rei diz isto: Apressa-te, vem".

"Respondendo Elias, disse:

"— Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu, que te devore a ti e aos teus cinqüenta homens".

"Desceu, pois, fogo do céu, que o devorou com os seus cinqüenta homens.

(6) De espêssa barba e longos cabelos.

"Enviou outra vez Ocozias terceiro chefe com os seus cinqüenta homens, o qual, tendo chegado, pôs-se de joelhos diante de Elias e lhe suplicou assim:

"— Homem de Deus, não desprezes a minha vida, nem as vidas dos teus servos que estão comigo. Desceu fogo do céu, que devorou os dois primeiros chefes com os cinqüenta que estavam com êles; mas agora eu te suplico que te compadeças de mim".

"O anjo do Senhor disse a Elias:

"— Desce com êle, não temas".

"Levantou-se Elias e desceu com êste chefe, a ir ter com o rei, e disse-lhe:

"— Eis o que diz o Senhor: Porque enviaste mensageiros a consultar Beelzebub, deus de Acaron, como se não houvesse um Deus em Israel, que tu pudesses consultar, por isso tu não te levantarás da cama em que jazes, mas certìssimamente morrerás".

Com efeito, Ocozias veio a falecer, "conforme a palavra do Senhor, que Elias pronunciou, e em seu lugar reinou Jorão, seu irmão, no segundo ano de Jorão, filho de Josafat, rei de Judá, porque Ocozias não tinha filhos". (7)

— — — —

Finalmente, com Eliseu, Elias passou para o outro lado do Jordão, como vimos em junho, e foi arrebatado num carro de fogo, puxado por cavalos também de fogo, no meio dum remoinho. Num turbilhão, subia aos céus. E Eliseu, vendo-o desaparecer, gritava:

(7) II Reis, 1, 1-17.

"— Meu pai, meu pai! Carro de Israel e seu condutor!"

Afinal, não o viu mais. Rasgou as vestes em duas partes, em sinal de dor, levantou do chão a capa que o profeta lhe deixara cair, capa com a qual feriu as águas, que se dividiram para uma e para outra margem, e passou: iam iniciar-se os primeiros milagres.

A MORTE DE JEZABEL

Ungido rei de Israel, Jeú passou a conjurar contra Jorão. Morto Jorão por Jeú, morto também por êle Ocozias, rei de Judá, Jeú, filho de Josafat, filho de Nansi, foi a Jezrael.

"Ora, Jezabel, tendo sabido da sua chegada, pintou os seus olhos, adornou a sua cabeça, e pôs-se a olhar, à janela. Quando Jeú entrava pela porta, ela disse:

"— Que paz se pode esperar dêste que, como Zambri, matou o seu senhor?"

"Jeú levantou o rosto para a janela e disse:

"— Quem és tu?"

"E dois ou três eunucos (*que estavam com Jezabel*) fizeram a Jeú uma profunda reverência. Êle lhes disse:

"— Precipitai-a daí abaixo".

"Êles a precipitaram, e a parede ficou salpicada de sangue, e as patas dos cavalos a pisaram. Tendo Jeú entrado para comer e beber, disse:

"— Ide ver aquela maldita e sepultai-a, porque é filha do rei".

"Êles, tendo ido para a enterrar, não encontraram senão a caveira, os pés e as palmas das mãos. E foram-no dizer a Jeú. Êle disse:

"— Isto é o que o Senhor tinha pronunciado por Elias Tesbita, seu servo, dizendo: Os cães comerão a carne de Jezabel no campo de Jezrael, e as carnes de Jezabel estarão no campo de Jezrael como o estêrco sôbre a face da terra, de sorte que os que passarem, não poderão dizer: Esta é Jezabel". (8)

— — — —

No Livro II das Crônicas, Santo Elias aparece censurando Jcão, rei de Judá. Jorão, cruel e ímpio, tomou posse do reino do pai, Josafat, e, assim que se viu bem seguro, ordenou que se matassem à espada todos os irmãos: Azarias, Jaiel, Zacarias, Miguel e Safatias. Fêz o mal na presença de Deus.

"Naquele tempo, Edom revoltou-se para não estar mais sujeito a Judá, e constituiu para si um rei. Jorão, tendo ido (*àquela província*) com os seus generais e com tôda a cavalaria que tinha consigo, levantou-se de noite e desbaratou Edom e todos os comandantes da sua cavalaria, que o tinham cercado. Todavia, Edcm manteve-se rebelde até o dia de hoje, para não estar debaixo do poder de Judá. No mesmo tempo, revoltou-se também Lobna, para não estar debaixo da sua obediência. (*Isto aconteceu*) porque êle tinha abandonado o Senhor Deus de seus pais.

"Além disto, erigiu lugares altos nas cidades de Judá; induziu os habitantes de Jerusalém a idola-

(8) II Reis, 9, 30-37.

trarem, Judá a prevaricar. Então, foi-lhe levada uma carta do profeta Elias, em que estava escrito: Eis o que diz o Senhor Deus de Davi, teu pai: Porque não andaste pelos caminhos de teu pai Josafat, nem pelos caminhos de Asa, rei de Judá, mas seguiste o caminho dos reis de Israel; porque fizeste cair na idolatria Judá e os habitantes da casa de Acab; porque, além disso, mataste teus irmãos, da casa de teu pai, melhores do que tu, sabe que também o Senhor te ferirá com um grande flagelo a ti, ao teu povo, aos teus filhos, às tuas mulheres e a tudo o que te pertence.

"Tu serás ferido no teu ventre com uma doença malignísssima, até que te saiam pouco a pouco as entranhas, durante longos dias".

Deu-se, então, a invasão dos filisteus e dos árabes.

"O Senhor suscitou, pois, contra Jorão o espírito dos filisteus e dos árabes, que confinam com os etíopes, os quais entraram na terra de Judá, assolaram-na, saquearam tudo o que encontraram no palácio do rei, e, além disso, (*levaram*) os seus filhos e mulheres, de sorte que não lhe ficou filho algum, senão Joacaz, que era o mais novo de todos.

"Por sôbre tudo isto, o Senhor feriu-o com uma doença incurável nas entranhas. Sucedendo-se os dias uns aos outros, completou-se o período de dois anos; êle, consumido lentamente, com a podridão, ia lançando fora até as suas entranhas, e morreu em meio do mais acerbo sofrimento. O povo não lhe fêz as exéquias, queimando-lhe perfumes, segundo o costume, como tinha feito a seus antecessores. Jorão tinha trinta e dois anos quando começou a reinar, e reinou oito anos em Jerusalém. Não andou na reti-

dão. Sepultaram-no na cidade de Davi, mas não no sepulcro dos reis" (9).

— — — —

Os dois últimos livros dos reis descrevem como é que Israel, depois de ter conseguido atingir grandíssima glória no reinado de Davi, filho "daquele homem de Efrateu, de Belém de Judá", Isaí acabou por cair no mais profundo abatimento, chegando a perder a independência. É por isso que o autor faz sobressair ou a piedade dêste ou a impiedade daquele rei, o piedoso a promover o culto do verdadeiro Deus, o impiedoso o dos ídolos.

Santo Elias deve voltar no fim dos tempos, para a conversão dos judeus. Venerado no Oriente, o Ocidente festejou-o a 17 de junho, depois a 20 de julho, com os gregos, data esta que foi adotada na primeira edição do martirológio romano, em 1583, onde se lê: "Na Judéia, Santo Elias, o Tesbita, profeta".

Conserva-se ainda, no monte Carmelo, a lembrança de Santo Elias: na extremidade sudeste da cadeia, sôbre um planalto chamado *Holocausto,* acha-se o lugar imortalizado pelo sacrifício do profeta. Uma fonte, denominada de *Elias,* liga-se a êle. Uma gruta, dita *Verdejante,* também tem relação com o grande Santo do Antigo Testamento.

* * *

(9) II Crôn., 21, 2-20.

SÃO JOSÉ BARSABAS (*)

Confessor

1.º Século

Quando se tratou de substituir o traidor Judas, dois candidatos foram apresentados aos apóstolos: "José, chamado Barsabas, o qual tinha por sobrenome o Justo, e Matias. E, orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces os corações de todos, mostra-nos dêstes dois o que escolheste para ocupar o lugar dêste ministério e apostolado, do qual se transviou Judas para ir ao seu lugar (1). Tiraram os seus nomes à sorte, e caiu a sorte em Matias, o qual foi associado aos onze Apóstolos" (2).

São João Crisóstomo louvou a humildade e a doçura com que o Justo aceitou a escolha do Espírito Santo. Eusébio nota que São José Barsabas teria sido um dos setenta discípulos, o que parece grande verdade, como se vê, a seguir: "É necessário, pois, que dêstes varões que têm estado junto conosco durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós, começando desde o batismo de João até

(1) Ao inferno, por causa do crime que cometera.

(2) At 1, 23-26.

o dia em que foi arrebatado (*ao céu*) dentre nós, (*convém que*) um dêstes seja constituído testemunha conosco da sua ressurreição" (3).

São José Barsabas foi introduzido nos martirológios latinos por Adon. Nêles se lê: "Festa de São José, cognominado o Justo, que os apóstolos propuseram com São Matias para ocupar o lugar de Judas, o traidor, no apostolado. A sorte caiu sôbre Matias, mas êle não deixou de se dedicar à pregação e a tôdas as obras de piedade; e depois de ter sofrido, da parte dos judeus, contradições e reveses sem número, pela fé de Jesus Cristo, morreu pacìficamente. Diz-se que tendo engolido veneno, a fé que tinha em Nosso Senhor lhe impediu de sofrer qualquer dano".

* * *

(3) At 1, 21-22.

SANTA MARGARIDA (*)

Virgem e Mártir

Santa Marina de Antioquia, que os latinos chamam Santa Margarida, é conhecida através de uma lenda bastante popular, mas sem qualquer valor histórico.

Surgindo sob Diocleciano, em fins do século III, Margarida ou Marina era filha de um sacerdote pagão de Antioquia, chamado Edesio. Convertida ao cristianismo, foi expulsa da casa paterna.

Procurando a mulher que a amamentara, quando criança, ligou-se a ela, fazendo-se pastôra. Aos quinze anos, muito bela, foi, um dia, vista pelo prefeito Olíbrio, que, encantado com tanta formosura, propôs-se desposá-la. Falou-lhe. Margarida, dizendo-se cristã, recusou a proposta com grande veemência.

Irado, Olíbrio deixou-a, mas, logo, vários soldados foram prendê-la.

Dois dias depois, Olíbrio convocou-a ao tribunal. Ali, após longas discussões, o prefeito ordenou que a chicoteassem e lhe rasgassem os flancos com as unhas de ferro.

Perpetrada a barbaridade, atiraram com ela, novamente, ao cárcere. Cheia de dor, mas sem deixar escapar um único queixume, Margarida encostou-se

a um canto da prisão. Eis senão quando, o diabo, sob a forma de um feio dragão, apareceu-lhe, tremendo, pretendendo pervertê-la.

A santa virgem, com o sinal da cruz, espaventou-o, mas, pouco mais tarde, tornava o demônio, desta feita na figura de um homem peludíssimo. Embora tudo fizesse para desviá-la, nada conseguiu: uma luz divina, varrendo a semi-escuridão da masmorra, expulsou-o, ao mesmo tempo que encheu a doce Margarida de alegria. E uma cruz, onde uma pomba pousara, incutiu-lhe fôrças para enfrentar novos combates.

No dia seguinte, aplicaram-lhe no corpo tochas ardentes, mas, graças ao suave Jesus, nada sentiu. Atirada a uma caldeira de azeite fervente, dela saiu absolutamente indene.

Naquela hora, falando aos espectadores, uma multidão embasbacada, Santa Margarida, com quentes exortações, converteu um sem-número de almas. E os convertidos, inflamados, firmes na fé, foram imediatamente decapitados. A grande heroina, logo depois teve a mesma sorte.

O culto de Santa Margarida tornou-se popularíssimo no fim da Idade-Média. A lenda, embelezada com novos detalhes, concorreu de modo decisivo, tal como a variante que sofreu a cena do dragão: Margarida, atirada a um poço, com o dragão, foi por êle engolida viva. Todavia, graças à virtude da pequenina cruz que sempre trouxera consigo, o monstro, ao cair, fraturou a coluna e, aos berros, morreu, o que permitiu que a nossa Santa saísse ilesa de dentro dêle.

O Espírito Santo, descendo do céu, di-lo outra variante, sob a forma de uma branca pombinha, dissera-lhe, o que se transformou em versos:

Quem de ti fizer memória,
Fôrça terá, e vitória.
Onde houver relíquia tua,
Ou quem tua Vida folhear,
Deus jamais há de olvidar.

Santa Margarida é representada ao lado de um dragão, trazendo a decantada cruzinha, que sempre a acompanhava, numa das mãos. Cumpre salientar que esta santa virgem e mártir foi uma das que, por meio da voz, manifestou-se a Santa Joana D'Arc.

* * *

SANTO AURÉLIO (*)

Bispo

Santo Aurélio foi bispo de Cartago, primaz da África, em tempos de Santo Agostinho.

Grande adversário do paganismo, contra êle lutou sem descanso. Naqueles idos, o culto dos mártires servia de pretexto para orgias, principalmente orgias noturnas: Aurélio conseguiu, e conseguiu ràpidamente, que tais excessos fôssem substituídos por piedosas vigílias.

Foi êste bispo que rogou a Santo Agostinho, para esclarecer os seus fiéis, que escrevesse algo contra a ociosidade monástica. O *De opere monachorum* apareceu por volta do ano 400.

O donatismo, cisma que caiu sôbre a Igreja africana, foi atacado com sucesso por Aurélio. Havia em Cartago um bispo donatista, chamado Parmeniano, ao qual sucedeu Primiano. Havia ainda outro, acoroçoado pelos dissidentes, Maximiano. A fim de agir e de governar do melhor modo possível, o bispo de Cartago recorreu aos concílios provinciais. Ao primeiro, em 393, reunido em Hipona, porque cidade mais calma do que Cartago, seguiram-se trinta e seis outros, todos presididos pelo santo bispo com autoridade, mas caracterizando-se pela simplicidade e moderação.

Os pelagianos, numa certa época, apareceram férteis em disputas. Em fins de 411, Aurélio houve-se bem com Celéstio, o principal discípulo de Pelágio (1).

Faleceu o santo bispo de Cartago a 20 de julho de 430, um mês e alguns dias antes de Santo Agostinho, morto aos 28 de agôsto do mesmo ano. Com o grande bispo de Hipona, Aurélio foi dos mais firmes sustentáculos da Igreja. São Fulgêncio inscreveu-o entre os grandes Doutôres.

* * *

(1) Ver Cartas de Santo Agostinho.

BEM-AVENTURADO GREGÓRIO LOPES (*)

Confessor

Gregório nasceu em Madri, em julho de 1542, no esplendor da hegemonia espanhola. Pajem na côrte do rei Filipe II, filho de Carlos V, em 1562 fêz uma peregrinação a Nossa Senhora de Guadalupe, na Extremadura. Ali, ouviu falar do outro santuário de Nossa Senhora de Guadalupe no México: uma como tocha ardente, abrasando-lhe o coração, nêle acendeu o desejo imenso de partir para o Novo Mundo, onde se poria às ordens do Senhor e de sua Mãe santíssima.

Desembarcado em São João de Ulhoa, em Vera Cruz, a que Cortez chamara *Vila Rica da Verdadeira Cruz,* Gregório vendeu tudo o que trouxera e o produto da venda deu-o aos pobres.

Para ganhar a vida na nova terra, fêz-se copista, por uns tempos, depois viveu longe da *civilización* macerando-se, sendo assaltado pelo demônio, apenas aos domingos comparecendo à igreja, para receber Jesus-Hóstia.

Logo, aquêle homem de outras terras principiou a chamar a atenção. Longe do conglomerado humano, entocado nas brenhas, foi-se tornando, aos olhos do

povo, um ser misterioso e inquietante, ainda mais que, sendo convidado por um dominicano, Domingos de Salazar, para ingressar no convento daquela ordem, declinou do convite.

— Deus não me chamou para os Pregadores, disse.

E voltou para o isolamento.

Diante de *coisas que se propalavam,* o arcebispo do México ordenou uma sindicância, que, levada a efeito, só elogios conferiu ao solitário, que para fugir dos homens, mais e mais se enfiou nas brenhas.

O povo, porém, continuou a julgá-lo perigoso, daí nova investigação ordenada pelo arcebispo.

O jesuíta que se desincumbiu da missão assim resumiu o pensamento, dirigindo-se ao arcebispo:

— Monsenhor, se eu me comparasse ao homem, dir-te-ia que ainda não sei o ABC espiritual.

Desde então, passaram a considerá-lo e a procurá-lo para conselhos. A um religioso, que lhe foi pedir uma regra para bem orar, falou-lhe do *Pater,* aconselhando esta fórmula: "Senhor meu Deus, esclarecei minha alma a fim de que vos possa conhecer e amar de todo o meu coração".

Gregório era alto, de belo aspecto, de barba e cabelos côr de avelã. Os olhos, vivos, eram negros, com reflexos verdes. A mortificação, os jejuns, as longas horas de vigília tornaram-lhe a pele amarelada e um tanto sem vida.

Tudo o que tinha era a bíblia, uma carta do mundo e um globo. A carta e o globo eram obras suas. Cosmógrafo, calígrafo, hábil em anatomia, em medicina, era grande conhecedor de ervas medicinais e comestíveis. Herborista, deixou um livro de

grande utilidade para os farmacêuticos, onde descreveu a virtude de um sem-número de plantas.

Demais, foi alfaiate e sapateiro. Os sapatos que usava, e que consertava, duravam para mais de três anos.

Faleceu o bem-aventurado Gregório, o primeiro anacoreta em terras americanas, às Índias Ocidentais, a 20 de julho de 1596, com a idade de cinqüenta e quatro anos, depois de mais de dois meses de penosíssima enfermidade.

Morto, disputaram-lhe as relíquias. À sua tumba, milagres infindos fizeram com que ali acorressem multidões.

Em 1616, as relíquias de Gregório Lopes foram transferidas para Santa Fé, ficando com os carmelitas do México.

O arcebispo de Burgos transportou para a Espanha, em 1636, a cabeça do bem-aventurado confessor.

Tendo Gregório deixado escritos, Filipe IV da Espanha, em 1625, ordenou ao vice-rei Henrique Pacheco y Osório, marquês de Cerralvo, que os reunisse e dêles cuidasse.

Dentre as suas obras há uma *Explicação do Apocalipse* e um *Tesouro de medicinas para diversas enfermidades.*

No mesmo dia, na abadia de São Vandrilo de Fontenelle, Santo Ansegiso, abade. Nascido por volta de 770, era filho de Anastácio e de Himilrada, da mais alta nobreza franca, querem alguns autores que da família real. Faleceu Santo Ansegiso em 833,

pouco depois de ter sido atacado de paralisia. As abadias de São Vandrilo de Fontenelle e de Luxeuil honravam-no como santo desde tempos bastante antigos.

Em Hildesheim, o bem-aventurado Bernardo, bispo. Mestre-escola, preboste, depois bispo, eleito por unânimidade do clero e do povo, sucedeu a Bertoldo, que faleceu a 14 de março de 1130. Cego desde 1144, Bernardo deixou o mundo em 1153, depois de vinte e três anos de episcopado, sendo enterrado na igreja de São Godeharde.

Em Coimbra, Portugal, Santa Colomba, mártir.

Em Cassino, Campânia, São Severo, bispo e confessor (século V).

Em Damasco, os santos mártires Sabino, Juliano, Máximo, Macróbio, Cássia, Paula e dez outros. — Em Córdova, São Paulo, diácono e mártir, que repreendendo a impiedade e a crueldade de alguns maometanos; e pregando constantemente a Jesus Cristo, massacrado por sua ordem foi receber no céu a recompensa que lhe estava preparada. — Em Portugal, Santa Wilgeforte, virgem e mártir, que, tendo suportado rudes ataques pela conservação da fé e da castidade, mereceu, ao morrer numa cruz, obter gloriosa vitória. — No território de Boulogne, na Picardia, São Wilmer, abade, homem de santidade admirável. — Em Trèves, Santa Severa, virgem, irmã de Modoaldo, bispo daquela cidade. Falecida em 660.

* * *

21.º DIA DE JULHO

SÃO DANIEL

Profeta

Nabucodonosor, rei de Babilônia, tornara-se senhor de Jerusalém e levou uma multidão de escravos para Babilônia. Deu ordem a Asfenez, chefe de seus eunucos, que lhe escolhesse entre os jovens príncipes da casa real de Judá e entre os moços das famílias mais nobres do país, certo número, para o acompanhar e viver junto dêle. Entre êsses jovens estavam Daniel, Ananias, Misael e Azarias, todos da tribo de Judá. O chefe dos eunucos que os tinha sob sua direção deu-lhes outros nomes: chamou Daniel Baltasar, Ananias Sidrac, Misael Mísac, e Azarias Abdênago.

O rei ordenou lhes servissem todos os dias da carne que a êle era servida e do vinho que êle bebia. Mandou-os instruir com cuidado na literatura e na língua dos caldeus e fixou o têrmo de três anos para sua instrução, durante os quais deviam ficar sob a vigilância de Asfenez, antes de entrar a serviço do rei.

Como sôbre a mesa dos gentios havia iguarias proibidas pela lei de Moisés, Daniel tomou a resolu-

ção de evitar aquelas faltas, como as chamavam os israelitas e rogou ao chefe dos eunucos, do qual Deus lhe havia conciliado as boas graças, que lhes permitisse abster-se daquelas iguarias da mesa real. Temo o rei, meu amo, respondeu o outro; ordenou que fôsseis alimentados da sua mesa; se vir vossos rostos mais abatidos do que os dos outros jovens, me fará perder a cabeça. Então Daniel, dirigindo-se a Malasar, a quem o chefe dos eunucos tinha confiado os quatro moços, rogou-lhe que experimentasse sòmente durante dez dias, dando-lhes para comer apenas legumes e água, e visse depois se seu rosto estava menos florido que o dos jovens que se alimentavam da mesa do rei. Malasar deixou-se persuadir e como, depois da prova, os quatro adolescentes tivessem uma aparência ainda melhor que os outros, êle lhes concedeu o que piedosamente lhe pediam.

Ora, Deus deu a êsses jovens a ciência e a inteligência de tôda espécie de livro e de sabedoria. A Daniel, em particular, comunicou a inteligência de tôdas as visões e de todos os sonhos. Depois dos três anos, o chefe dos eunucos apresentou-os a Nabucodonosor que, tendo conversado com êles, achou que, entre todos os jovens, não havia quem os igualasse. Mandou então ficassem com êle. Cada dia aumentava sua admiração. Sôbre qualquer questão que lhes fizesse, com relação à sabedoria e à inteligência das coisas, encontrava nêles dez vêzes mais luz que nos outros adivinhos e sábios de seu reino (1).

No intervalo dêsses três anos aconteceu um fato que fêz brilhar a sabedoria de Daniel, diante de todo

(1) Dan., I. Os **Asophim** de Daniel, os **sóphoi** dos antigos gregos parecem ser os mesmos, até no nome.

o povo. Dois juízes de iniqüidade, não tendo podido seduzir a casta Susana, acusaram-na diante do povo de ter cometido o crime com um moço, em seu jardim. Ante seu falso testemunho Susana foi levada ao lugar do suplício para ser apedrejada. Daniel pôs-se a gritar bem alto: sou inocente do sangue dessa mulher! Acusou de falso testemunho os dois juízes perguntando-lhes separadamente: sob que árvore os vistes cometer o crime. Um respondeu: sob uma aroeira; o outro: sob um carvalho. Assim, provada a mentira, foram apedrejados em vez da inocente Susana.

Outro fato igualmente extraordinário elevou Daniel ao lugar de primeiro-ministro do grão-vizir do império babilônico.

No meio de seus vastos projetos de conquistas Nabucodonosor teve um sonho do qual despertou muito assustado. O sonho tinha-lhe escapado da memória. Queria, entretanto, que os Magos lhe dissessem qual tinha sido o sonho e sua interpretação; e porque êles não o puderam fazer, condenou-os à morte. Daniel, que estava incluído em seu número, tendo sabido porque o procurava, pediu uma licença e rogou a Deus, com seus companheiros, que lhe revelasse o mistério. Daniel teve a revelação e pediu para ir falar com o rei. Disse-lhe:

"Nem os sábios, nem os magos, nem os adivinhos, nem os astrólogos podem revelar ao rei o mistério que o atormenta; mas há no céu um Deus, que revela os mistérios, que vos mostrou, ó rei, as coisas que devem acontecer nos últimos tempos. Vosso sonho e a visão de vosso espírito, quando estáveis em vosso leito, vêm de lá. Pensáveis, ó rei, estando na cama, no que devia acontecer naquele tempo; e

aquêle que revela os mistérios vos manifestou as coisas futuras. Quanto a mim, não é por sabedoria maior em mim que no resto dos homens, que êsse mistério foi revelado, mas a fim de que o rei soubesse da interpretação dêsse sonho e conhecêsseis os pensamentos de vosso coração.

"Vós, portanto, ó rei, olhastes e vistes uma enorme estátua; essa imensa estátua, de talho e brilho extraordinários, estava de pé diante de vós e seu aspecto era formidável. Dessa estátua, a cabeça era de ouro puríssimo, o peito e os braços de prata, o ventre e as coxas de bronze, as pernas de ferro, uma parte dos pés de ferro e a outra, de argila. Vós olháveis, quando uma pedra desprendeu-se da montanha, sem toque de qualquer mão, bateu na estátua nos pés de ferro e argila e os despedaçou. Ficaram reduzidos a pó o ferro, a argila, o bronze, a prata e o ouro; tornaram-se como a palha fina, e pequena, que o vento leva no ar, durante o verão e desapareceram sem encontrar mais um lugar; mas a pedra, que tinha batido na estátua, tornou-se uma enorme montanha que encheu tôda a terra. Êsse é o sonho; agora, diremos o sentido dêle, em vossa presença, ó rei. (1)

---

(1) Tu, rex, cogitare cepisti in strato tuo, quid esset futurum post haec; et qui revelat mysteria ostendit tibi quae ventura sunt. Mihi quoque non in sapientia, quae est in me plus quam in cunctis viventibus, sacramentum hoc revelatum est; sed ut interpretatio regi manifesta fieret, et cogitationes mentis tuae scires. Tu, rex, videbas, et ecce quasi statua una grandis; statua illa magna, et estatura sublimis, stabat contra te, et intuitus ejus erat terribilis. Hujus statuae caput ex auro optimo erat; pectus autem et brachia de argento; porro venter et femora ex aere; tibiae autem ferreae; quaedam autem fictilis. Videbas ita, donec abscissus est lapis de monte sine manibus,

"Vós, ó rei, vós sois rei dos reis; o Deus do céu deu-vos o reino, a fôrça, o império e a glória; e todos os lugares onde moram os filhos dos homens, os animais dos campos, as aves do céu, êle os deu em vossas mãos; êle vos fêz o senhor de todos; vós, portanto, sois a cabeça de ouro. Depois de vós, virá um reino de prata, menor que vós; depois um terceiro reino de bronze, que governará a terra. O quarto reino será forte como o ferro: do mesmo modo que o ferro quebra e esmaga tudo, assim êsse império de ferro quebrará e esmagará tudo. Mas como vistes que os pés da estátua e os dedos dos pés eram, em parte de argila e em parte de ferro, êsse reino, embora tendo sua origem do ferro, será dividido, segundo vistes o ferro misturado com a argila. E como os pés em parte eram de ferro e em parte de argila, êsse reino será também firme em parte e em parte frágil. E como vistes o ferro misturado com a argila manchado de lama, êles se misturarão também com alianças humanas; mas não ficarão unidos, como o ferro se pode unir com a argila. Ora, nos dias dêsses reis, o Deus do céu suscitará um reino que jamais será destruído e seu reino não passará a outro povo, mas quebrará e consumará todos êsses reinos, e subsistirá, êle, eternamente, segundo vistes a pedra, destacada da montanha, sem mão alguma, quebrar a argila e o ferro, e a prata, e o ouro. O grande Deus, mostrou

---

et percussit statuam in pedibus ejus ferreis et fictilibus, et comminuit eos. Tunc contrita sunt pariter ferrum, testa, aes, argentum et aurum, et redacta quasi in favillam aestivae aereae, quae rapta sunt vento; nullusque locus inventus est eis; lapis autem, qui percusserat statuam, factus est mons magnus et implevit universam terram. Hoc est somnium; interpretationem quoque ejus dicemus coram te, o rex. Dan. II, 29-36.

ao rei o que deve acontecer no futuro; o sonho é verdadeiro e a interpretação muito certa. (1)"

Nabucodonosor, atônito de tantas maravilhas, prostrou-se de rosto por terra, adorou, como Davi e ordenou lhe trouxessem vítimas e incenso e se lhe sacrificasse; logo que se pôde traduzir o original, ordenou lhe fôssem oferecidos dons de pão e de licor, para que fizesse uma oblação. Que Nabucodonosor, talvez ante a exposição de Daniel, não o adorou como um Deus, mas como seu servo e profeta, vemos por esta resposta do príncipe: Na verdade, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos reis, e aquêle que revela seus mistérios, pois que pudestes manifestar um mistério tão oculto. Ao mesmo tempo, o rei

(1) Tu rex regum es: et Deus coeli regnum et fortitudinem, et imperium et gloriam, dedit tibi; et omnia in quibus habitant filii hominum, et bestiae agri, volucres quoque coeli, dedit in manu tua, et sub ditione tua universa constituit: tu es ergo caput aureum. Et post te consurget regnum aliud minus te argenteum; et regnum tertium aliud aereum; quod imperabit universae terrae. Et regnum quartum erit velut ferrum; quomodo ferrum comminuit et domat omnia, sic comminuet et conteret omnia haec. Porro, quia vidisti pedum et digitorum partem testae figuli et partem ferream; regnum divisum erit, quod tamen de plantario ferri orietur, secundum quod vidisti ferrum mistum testae ex luto. Et digitos pedum ex parte ferreos, et ex parte fictiles, ex parte regnum erit solidum, et ex parte contritum. Quod autem vidisti ferrum mistum testae ex luto, commiscebuntur quidem humano semine; sed non adhaerebunt sibi, sicuti ferrum misceri non potest testae. In diebus autem regnorum illorum, suscitabit Deus coeli regnum, quod in aeternum non dissipabitur et regnum ejus alteri populo non tradetur; comminuet autem et consumet universa regna haec et ipsum stabit in aeternum, secundum quod vidisti, quod de monte abcissus est lapis sine manibus et comminuit testam et ferrum et aes et argentum et aurum. Deus magnus ostendit regi, quare ventura sunt postea et verum est somnium, et fidelis interpretatio ejus. Dan. II, 37-45.

elevou em honra a Daniel, deu-lhe grandes e magníficos presentes e o nomeou governador de tôda a Babilônia. Daniel obteve do rei que Sidrac, Misach e Abdênago tivessem a administração da Babilônia; ficava à porta do rei, isto é, no palácio e perto de sua pessoa. (1)

Depois que ouviu esta predição, Nabucodonosor prostrou-se por terra e reconheceu que o Deus de Daniel era o Deus dos deuses, o árbitro dos reis. Nós que a vemos realizada, na história e sob nossos olhos, qual não deve ser nossa admiração, nossa fé, nosso amor à divina Providência! Aí vemos a unidade, o conjunto, o desenvolvimento da história do mundo; o eterno pensamento de Deus realizando-se através dos tempos, dos lugares e das nações. As quatro grandes monarquias que devem dominar sôbre tôda a terra são, no fundo, o mesmo colosso, o mesmo império universal, o metal sucede ao metal, o povo ao povo; mas é a mesma estátua.

— *Vós*, diz o profeta a Nabucodonosor, *vós sois a cabeça de ouro.* — O império assírio-babilônico era o mais antigo da terra, do qual sabemos alguma coisa; foi certamente o primeiro, depois do dilúvio. Com êle começa a história política. Seu poder, seu brilho, são comparados ao metal mais antigo. O primeiro fundador dêsse império, Nemrod, rodeou-o de tal glória que a Escritura nos mostra seu poder, que se tornou proverbial e que, em seguida, parece ter sido adorado sob o nome de Bel ou Senhor. Quanto ao mesmo Nabucodonosor, já vimos, e veremos ainda, o que os profetas dizem de seu poder. Os autores profanos estão de acôrdo com os profetas.

(1) **Ibid, 46-49.**

Megastenes, contemporâneo de Alexandre, num fragmento conservado por Estrabão, diz que Nabucodonosor, célebre entre os caldeus, superou os trabalhos de Hércules e levou suas conquistas além das Coeunas, e da Espanha, levou seus exércitos pela Trácia e pelo Ponto. (1)

— *Depois de vós, elevar-se-á um reino de prata, menor que o vosso.* — É o império dos medos e dos persas, fundado por Ciro. Vasto, poderoso e rico, êle devia ceder, no entretanto, pela extensão e pela duração, ao império assírio-babilônico. Êste, a começar de Nemrod, tinha durado mais de mil e quinhentos anos; aquêle durou apenas duzentos e dez.

O grande macedônio fundou o terceiro império. Era de bronze, como as espadas no tempo de Daniel. Menos precioso que a prata, menos aparente, menos rico, o bronze, metal da guerra, é também o metal das artes. Belo emblema do gênio grego.

O ferro, que tudo esmaga, que se torna duro no aço, que tudo destrói é a sangrenta Roma. Mas o metal homicida é, ao mesmo tempo, o metal da agricultura pacífica e nobre que alimenta o gênero humano e forma os homens. Roma a sabia honrar; em sua juventude, Roma procura mais de uma vez seus generais à rabiça de um arado; a agricultura era a ocupação dos nobres do país. Ao sair das assembléias do senado ou depois de ter conciliado as promessas de seus clientes, os Fábios e os Valérios, voltavam às suas quintas; homens, a quem reinos conquistados tinham dado seu sobrenome, trabalhavam em seu pequeno campo, vivendo com o suor do rosto. O caráter de Roma era o ferro, suas virtudes de aço.

(1) Estrabon, l. XV, c. I. Joseph, **Cont. App.** l. I.

Quando a desmoralização predominou em Roma, êsse imenso império tornou-se cada vez mais fraco. Dividiu-se sob os triúnviros. Êstes quiseram, mais de uma vez, misturar-se de uma maneira humana, isto é, por casamentos. Pompeu desposou Júlia, filha de César; Antônio desposou Otávia, irmã de Otaviano, depois Augusto; ela morreu mui depressa, para o descanso de Roma; não foi tratada como merecia pelo indigno espôso; a chama da discórdia surgiu entre os dois cunhados, como tinha já surgido entre sôgro e genro.

Mais tarde, os guerreiros dos povos estrangeiros chegavam à dignidade de Césares. Havia muito tempo a extensão do direito de cidade tinha igualado as nações estrangeiras aos romanos, para os direitos; mas o ferro e a argila não podiam ficar juntos e os restos do poder romano formaram os impérios da Europa.

Enquanto Daniel expunha assim a futura história do universo, Babilônia estava no auge da glória; os medos e os persas cresciam sob os antepassados de Ciro, a Grécia via florescer o primeiro de seus sábios, o fenício Tales; Roma, sob êstes últimos reis, construiu edifícios que ainda existem. Quando essa história foi realizada por nações conquistadoras e escrita com rios de sangue, nas páginas do mundo antigo: a Ásia, a África e a Europa, quando êsse império universal concentrado na sangrenta Roma, tendo quebrado tudo que ainda tinha, começava a balançar-se em seus pés mal seguros e procurava sustentar-se com alianças humanas, a pedra, separada da montanha, sem mão alguma, veio ferir os pés de ferro e de argila; o império divino de Cristo, separado da montanha de Sião, sem nenhum auxílio

humano, veio ferir os pés dêsse império da fôrça, encarnado num Tibério, num Calígula, num Nero; à mentira, à violência, ao ódio, deviam suceder como fundamento a verdade, a eqüidade, a caridade. O choque durou séculos. Mas enfim, aquelas nações frementes, aquêles reis e aquêles príncipes ligados juntamente, Cristo de Jeová, castigou com uma vara de ferro e os quebrou como um vaso de argila. (1); aquêle império universal da fôrça e do arbitrário, começado por Nemrod, continuado por Nabucodonosor, Tibério, Nero, Domiciano, Galério, desapareceu. O império espiritual do Cristo, saído da pedra de Sião, tornou-se montanha e encheu tôda a terra. Há dezoito séculos, o trono dêsse rei pastor se ergue pacífico e imutável, lá mesmo onde a estátua de Nabucodonosor, esmagava tudo sob seus pés de ferro. Êsse império de Deus jamais passou, jamais passará a outras mãos; as portas do inferno não prevalecerão contra êle, êle subsistirá eternamente.

Depois dessas grandes conquistas, Nabucodonosor teve outro sonho, que Daniel lhe explicou nestes têrmos:

"Meu senhor, que o sonho recaia sôbre aquêles que vos odeiam e sua interpretação sôbre vossos inimigos; essa árvore que vistes tão grande e tão forte, cuja altura atingia os céus e a extensão de tôda a terra, cuja ramagem era magnífica, de frutos mui abundantes e onde tudo tinha seu alimento, à sombra da qual descansavam os animais do campo, e as aves do céu moravam em seus ramos, essa árvore, ó rei, sois vós mesmo, que vos tornastes tão grande e tão poderoso; pois vossa grandeza aumentou e foi

(1) Salmo 2.

elevada até o céu, vosso poder se estendeu até os extremos de tôda a terra.

"Quanto ao que vistes depois; um dos vigilantes e dos santos, que desceu do céu e disse: cortai essa árvore, despojai-a; deixai, entretanto, suas raízes em terra; que ela seja atada com o ferro e o bronze, entre as ervas do campo; seja molhada pelo orvalho do céu e paste com os animais selvagens, até que sete tempos se tenham passado sôbre ela, eis a sua interpretação, ó rei!

Aí está uma sentença do Altíssimo, que foi pronunciada sôbre o rei, meu senhor. Expulsar-vos-ão com os homens; vossa habitação será com os animais e as feras; comereis feno como o boi, sereis molhado pelo orvalho do céu; sete tempos se passarão assim sôbre vós, até que reconheçais que o Altíssimo domina no império do homem, e que êle o dá a quem quer.

Quanto ao que foi ordenado, que se preservassem as raízes da árvore, é que vosso reino ficará convosco, depois que tiverdes reconhecido que os céus são soberanos.

Por isso, dignai-vos ó rei, seguir o meu conselho resgatai vossos pecados pela justiça e vossas iniqüidades pela misericórdia, para com os pobres; talvez Deus suporte vossas ofensas e prolongue vossa paz."

Tôdas essas coisas aconteceram ao rei Nabucodonosor. Doze meses depois, passeava no palácio de Babilônia. Pôs-se a dizer: Não é a grande Babilônia, que eu construi na grandeza de meu poder e no brilho de minha glória, para ser a sede de meu império?".

Não tinha terminado estas palavras, e ressoou uma voz do céu: "A ti, rei Nabucodonosor, é dito:

Teu reino passou de ti. Vão expulsar-te com os homens; morarás com os animais e as feras; comerás feno como o boi e sete tempos passarão sôbre ti, até que reconheças que o Altíssimo é o soberano no reino dos homens, e que o dá a quem lhe apraz."

No mesmo instante aquelas palavras se realizaram em Nabucodonosor. Foi expulso com os homens; comeu feno como o boi, seu corpo foi molhado pelo orvalho do céu, os pêlos cresceram-lhe como a penugem das águias e suas unhas, como as garras dos pássaros.

"No fim do tempo, eu, Nabucodonosor, elevei meus olhos ao céu, e meu conhecimento voltou, e eu bendisse o Altíssimo e louvei aquêle que vive para sempre e glorifiquei-o, porque seu poder é um poder eterno e seu reino, de geração em geração. Diante dêle, todos os habitantes da terra são como um nada; êle faz segundo sua vontade no exército dos céus e nos habitantes da terra. Não há ninguém que resista à sua mão e que lhe diga: Que fizestes? Nesse tempo, meu conhecimento voltou-me e reconquistei a honra e a glória da realeza; minha primeira forma me foi restituída, meus príncipes e meus grandes vieram procurar-me; fui restaurado em meu reino e rodeado de magnificência maior que nunca.

"Agora, portanto, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto, glorifico o Rei dos céus, porque tôdas suas obras são verdade, todos seus caminhos justiça e êle pode humilhar aquêles que caminham na soberba. (1)"

Sob o reinado de Baltasar, um dos sucessores de Nabucodonosor, Daniel, viu a sucessão dos quatro

(1) Daniel, IV.

grandes impérios, babilônio, persa, grego e romano, sob o emblema de quatro grandes animais, dos quais o quarto é terrível, espantoso e prodigiosamente forte.

"Eu olhava, diz êle, quando foram colocados tronos, e o ancião dos dias nêle se sentou; sua veste era branca como a neve, os cabelos da cabeça como lã, muito alva; seu trono era de chamas ardentes e as rodas dêsse trono, um fogo abrasador. Um rio rápido de fogo se espalhava diante de sua face. Um milhão o servia e mil milhões estavam de pé diante dêle. Realizou-se o julgamento e os livros foram abertos.

"Eu observava atentamente a causa do rumor das grandes palavras que aquêle côrno (do animal) pronunciava; olhava até que o animal foi morto, seu corpo destruído e atirado ao fogo, para ser queimado e o poder dos outros animais lhes tivesse sido tirado; pois a duração de sua vida lhes tinha sido dada até um tempo e um tempo.

"Eu observava naquela visão de noite e eis que com as nuvens do céu vinha o Filho do homem, que se adiantou até o ancião dos dias e apresentou-se diante dêle e êle lhe deu o poder, a honra e o reino; e todos os povos, tôdas as nações e tôdas as línguas servir-lhe-ão; seu poder é um poder eterno, que não lhe será tirado e seu reino é imperecível."

Pode-se ver na história universal da Igreja católica com que exatidão essas predições se cumpriram, através dos séculos; bem como as predições do mesmo profeta, sôbre o império e os sucessores de Alexandre da Macedônia.

O juízo de Deus sôbre o império de Babilônia, realizou-se vivendo ainda Daniel, quando êsse império foi subjugado por Ciro, o Persa, e seu sogro

Dario, o Medo. Daniel explicou a sentença ao último rei de Babilônia, na noite mesma em que ela se devia executar. Foi igualmente estimado por Ciro e Dario, o Medo.

Sob o seu reinado, êle viu, em novas revelações, a próxima restauração do templo de Jerusalém, depois de setenta semanas de anos, a vinda do Cristo, sua morte, seguida da desolação irremediável do povo que o terá negado. Viu em particulares o que o povo judeu teria que sofrer, da parte dos reis da Síria e do Egito, desde a restauração do templo até à vinda do Messias.

Tudo é surpreendente nessas profecias; os detalhes em que entram, a exatidão com que tudo se realiza e a maneira com que tal realização nos é atestada por nossos mesmos inimigos.

No quarto século da era cristã, o fenício Malco, em grego chamado Porfírio, fêz um livro para refutar Daniel. Para êsse fim, mostrou com que exatidão no undécimo capítulo de nosso profeta está exposta, primeiro, a história abreviada de Xerxes, e depois, com que justeza e detalhe de circunstâncias está traçada a história de Alexandre e de seus sucessores, no Egito e na Síria. Provou por historiadores perdidos depois: Calínico, Sutório, Jerônimo, Possidônio, Cláudio Teon, Andrônico Alípio e os dois livros de Políbio e de Diodoro da Sicília, que não chegaram até nós. Dessa exata realização da profecia, concluía que tinha sido fabricada depois do fato. Hoje os incrédulos mesmos admitem que existia antes do fato. De sorte que sabemos, pelo testemunho mesmo de nossos inimigos, que as profecias de Daniel foram feitas muito tempo antes dos fatos que anunciam e

que se realizaram pontualmente. Pode-se desejar mais?

Além disso, não sabemos que veneração, que respeito os judeus sempre tiveram pelas santas Escrituras? Respeito que aumentou, ao regresso do cativeiro de Babilônia. Não sòmente o primeiro cânon, ou catálogo autêntico dos livros santos foi feito sob Esdras, catálogo no qual Daniel sempre foi incluído; não sòmente se liam a lei e os profetas cada sábado nas sinagogas, conta-se mesmo o número de letras que havia em cada livro, a fim de lhe impedir a menor alteração. Como então, três séculos e meio depois de Daniel, tão longo tempo, depois que Antíoco Epifânio morreu, impor a todo êsse povo, como profecias sempre respeitadas de Daniel, profecias inventadas, fabricadas depois do fato e de que antes, jamais, alguém tinha ouvido falar?

E quem teria então, de repente, impôsto à nação a profecia das setenta semanas? E quando? Essa profecia, que a mais impudente incredulidade é obrigada a confessar ser conhecida dos judeus, muito tempo antes do nascimento de J. C. e o famoso rabi Hillel que viveu antes do tempo de nosso Salvador ter escrito sôbre ela? Essa profecia que contradiz os preconceitos dos judeus sôbre o poder terrestre do Messias e a duração eterna de seu império? Essa profecia que fornece aos cristãos armas tão vitoriosas contra a sinagoga, e que, entretanto, a sinagoga conservou tão religiosamente, ainda que, ferida em sua precisão, tenha pronunciado anátema contra quem calculasse aquelas semanas de anos?

Admiremos, bendigamos a Providência de nosso Deus, que nos deu sua lei, seus testemunhos incríveis

em excesso, (1) como o diz o salmista; que fêz resplandecer a verdade para aquêles mesmos que a combatem. Mas não é tudo reconhecer essa verdade no espírito: os mesmos demônios crêem e tremem (2), mas não amam. Nós amamos a verdade; amemo-la de todo nosso coração e de tôda nossa alma, é o verdadeiro meio de a bem conhecermos e de jamais dela nos afastarmos. Nos últimos tempos, muitos serão seduzidos pelo espírito de mentira e perecerão, porque diz o Apóstolo, não tiveram o amor da verdade, que os teria salvo. (3)

Daniel mostrou-se não sòmente profeta, mas mártir da verdade. Eis o que lhe aconteceu sob o rei de Babilônia, Evilmerodac: os babilônios adoravam um ídolo chamado Bel (Baal, Belo), a quem todos os dias eram oferecidas doze medidas da melhor farinha, quarenta ovelhas e seis ânforas de vinho; o rei mesmo ia todos os dias adorá-lo em seu templo.

Uma vez perguntou a Daniel que comia à sua mesa e a quem honrava mais que a todos seus confidentes: Por que também não adorais Bel? — Respondeu: Não sirvo os ídolos que foram feitos pela mão, mas o Deus vivo, que criou o céu e a terra e que tem tôda a carne em seu poder. Como! — Respondeu o rei, Bel não vos parece um Deus vivo? Não vêdes quanto come e quanto bebe todos os dias? Ó rei, disse Daniel, sorrindo, êsse Bel é de barro por dentro e de bronze por fora, e jamais comeu.

O rei, encolerizado mandou vir seus sacerdotes e ordenou-lhes dissessem quem consumia as ofertas.

(1) Testimonia tua credibilia facta sunt nimis. Salmo 92.

(2) Jacó, II.

(3) Thess., II.

Se lhe provarem que é Bel, Daniel morrerá; do contrário, morrerão êles. Sim, diz Daniel, seja feito segundo vossas palavras. Os padres eram em número de setenta, sem se contarem suas mulheres e filhos. O rei foi ao templo de Bel com Daniel. Lá, os padres disseram: Vamos sair; e vós, ó rei, colocai as iguarias e servi o vinho; depois, fechai a porta, fechai-a com vosso sêlo. Amanhã de manhã, quando entrardes, se não constatardes que Bel comeu tudo, nós morreremos; do contrário, Daniel, que mentiu contra nós. O rei ordenou que colocassem as ofertas; Daniel mandou espalhar cinzas, por todo o templo.

No dia seguinte, ao despontar do sol, o rei veio com Daniel. O sigilo estava intacto. O rei entrou no templo olhou para a mesa e exclamou bem alto: Sois grande, ó Bel! E não há engano em vós! Mas Daniel pôs-se a rir e segurando o rei para que êle não caminhasse adiante, disse-lhe: Vêde êsse pavimento; observai de quem são êsses vestígios de pés. Eu vejo, disse o príncipe, sinais de pés de homens, mulheres e crianças. Imediatamente, muito indignado, mandou prender os padres, com seus filhos e suas mulheres e êles lhe mostraram pequenas portas secretas por onde entravam e vinham comer tudo o que estava sôbre a mesa. Então fê-los morrer e entregou o ídolo de Bel ao poder de Daniel, que o destruiu bem como o templo. (1)

Havia ainda um grande dragão ao qual os habitantes de Babilônia prestavam igualmente honras divinas. Um dia o rei disse a Daniel: Direis também que êle é de bronze? Ei-lo que vive, come e bebe. Não podeis dizer que não é um Deus vivo; adorai-o,

(1) Dan., XIV, 1-21.

então. Daniel respondeu: Eu adoro o Senhor, meu Deus; é o Deus vivo. Quanto ao dragão, permiti-me e eu o matarei, sem espada, nem porrete. O rei deu-lhe a permissão e êle tomou pez, gordura e pêlo, derreteu tudo junto, fêz uma massa e a atirou à garganta do dragão que morreu. E Daniel dizia: Eis o que adorais.

A essa notícia, os babilônios ficaram furiosos e gritavam que o rei se tinha tornado judeu, que tinha derribado Bel, matado o dragão, feito morrer os sacerdotes. Agrupados em redor do rei, exigiram que lhes entregasse Daniel dizendo: do contrário, nós mataremos a ti e a tua família.

Essa linguagem bem mostrava que falavam ao fraco Evilmerodac e não a Ciro nem a Dario; pois, como os babilônios abatidos, aniquilados, teriam ousado falar nesse tom a seus soberbos vencedores, que aliás não adoravam nem o ídolo de Bel, nem a serpente, mas o sol?

O rei, obrigado pela necessidade, entregou-lhes Daniel. Êles o atiraram na cova dos leões. Lá havia sete feras a quem se davam todos os dias dois cadáveres, com duas ovelhas; então nada lhes deram a fim de que devorassem Daniel, com maior certeza.

Enquanto o homem de Deus estava no meio dos leões o anjo do Senhor apareceu ao profeta Habacuc, na Judéia, quando êle acabava de preparar uma bebida com pão molhado, num vaso o que ia levar ao campo aos ceifadores. Era provàvelmente o mesmo profeta do qual temos as predições na sagrada Escritura. O anjo ordenou-lhe que levasse aquêle jantar a Daniel, na fossa dos leões, em Babilônia. O profeta desculpou-se dizendo que jamais tinha estado em Babilônia e que não sabia onde era a fossa dos leões;

então o anjo agarrou-o pelos cabelos e, na impetuosidade de seu sôpro, o transportou para a beira da fossa. E Habacuc exclamou: Daniel, servo de Deus, recebei o jantar que Deus vos manda! Daniel respondeu: Ó Deus, vós vos lembrastes de mim e não abandonais aquêles que vos amam. E levantando-se, comeu e o anjo do Senhor levou de novo Habacuc ao lugar onde estava.

Sete dias depois, o rei veio chorar Daniel e, tendo-se aproximado da fossa, olhou para dentro e viu Daniel assentado no meio dos leões. Atônito, pôs-se a exclamar em altas vozes: Vós sois grande, ó Senhor, Deus de Daniel e não há outro como vós! E mandou tirá-lo da fossa. Ao mesmo tempo lá atirou os que tinham sido causa daquele castigo os quais num instante foram devorados, em sua presença. (1)

Daniel foi exposto ao mesmo perigo sob Dario, o Medo. Os grandes do reino, invejosos de seu prestígio, procuraram fazê-lo perder a dignidade à qual tinha sido elevado. Como tôda Babilônia era testemunha de seu proceder irrepreensível, entreviram sem dificuldade que sòmente sua religião lhes poderia fornecer o pretexto de acusação. Não ousaram ainda tentar dêsse lado um ataque direto: mas foram procurar o fraco e vaidoso monarca; adulando-o, aconselharam-no a fazer um edito ordenando que, durante trinta dias ninguém dirigiria nem a Deus, nem a homem algum, pedido, qualquer, mas só ao rei, sob pena de ser atirado na fossa dos leões.

Daniel soube da proibição; mas não deixou, segundo o costume, de entrar em sua casa, de abrir as

(1) Dan., XIV, 22-42.

janelas do quarto do lado de Jerusalém, de dobrar os joelhos todos os dias em três horas diferentes, de adorar a seu Deus e de lhe dar ações de graças.

Então aquêles homens chegaram e, tendo-o encontrado em oração, foram ter com o rei, ao qual lembraram a proibição, exigindo a pena pronunciada que se devia executar contra todo aquêle que a violasse. Logo depois acusaram a Daniel daquela violação. O rei, muito aflito imaginava, como poderia salvar a Daniel; mas os outros insistiam em grande tumulto e lembravam-lhe que, segundo o direito dos medas e dos persas, todos os editos dos reis eram irrevogáveis.

O rei então ordenou que se lêvasse Daniel à cova dos leões; mas antes, falou-lhe e disse-lhe: Vosso Deus, a quem servis contìnuamente, vos virá libertar. Dario dirigiu-se à fossa, e a fechou, selando, com seu sinête, a grande pedra que estava à entrada, a fim de preservar do menor insulto o grande homem ao qual êle também muito honrava. Depois, voltou muito contristado; não comeu naquela noite, nem dormiu. No dia seguinte, ao despontar da aurora, dirigiu-se de novo à fossa e exclamou com voz queixosa: Daniel, servo do Deus vivo, teu Deus, a quem serves sempre, livrou-te dos leões? E Daniel respondeu: Ó rei, vivei eternamente! Meu Deus mandou-me seu anjo e êle fechou a bôca dos leões e êles não me causaram nenhum mal, porque fui julgado justo diante dêle e nada fiz igualmente diante de vós, ó rei, que me pudesse tornar culpado. Transbordando de alegria, Dario mandou tirar Daniel da fossa dos leões e ordenou que lá atirassem seus

acusadores, com mulheres e filhos; foram todos feitos em pedaços, ao caírem no pavimento da fossa.

"Então o rei Dario escreveu a todos os povos, a tôdas as nações e a tôdas as línguas que habitam sôbre a terra:

"Que a paz se multiplique sôbre vós!

"Eu ordeno por êste edito que, em todo o império de meu domínio, todos temam e respeitem o Deus de Daniel; pois êle é o Deus vivo, que subsiste nos séculos; indestrutível é seu império e seu poder não terá fim. Êle é o libertador e o salvador, que fêz prodígios e maravilhas no céu e na terra; êle libertou Daniel da fossa dos leões."

Eis, as últimas palavras do anjo a Daniel: "Ide até vosso fim; e descansareis e ressuscitareis para vossa sorte, no fim dos dias." Depois disso, dormiu deveras, para esperar a ressurreição geral, grande e santo homem, respeitado pelos leões, reverenciado pelos conquistadores, admirado pelos povos; doutor dos sábios da Caldéia e da Pérsia; humilde em fato de honras, incorruptível no meio da mais faustosa das côrtes; confidente de Deus e dos reis, embora anunciasse muitas vêzes a êstes verdades terríveis; historiador do futuro, profeta da história universal, que lhe dá seu conjunto: Daniel, numa palavra, cuja sabedoria, era tão célebre, em todo o Oriente, que, mais de meio século antes de sua morte, Deus reprovava ao rei de Tiro, como um excesso de orgulho, o pensamento de ser mais sábio que Daniel.

Que facilidade não havia então para aprender a verdadeira sabedoria e os magos da Caldéia e da

Pérsia, de que êle foi por tanto tempo o chefe, e os padres do Egito e os brâmanes da Índia, súditos do mesmo império, e os sábios da Grécia, que começavam então a viajar pelo Oriente para adquirir a sabedoria? Certamente a filosofia grega que nasceu, vivendo ainda Daniel, não se pode queixar, bem como a filosofia do Egito e a da Índia, de que a Providência lhes tenha tornado inacessível, a verdadeira sabedoria, a sabedoria divina.

* * *

BEM-AVENTURADO ODDIN BAROTTI (*)

Confessor

Nascido em Fossano, no Piemonte, em 1334, de uma antiga e benquista família, Oddin era filho de Tiago e de Catarina.

Depois da ordenação sacerdotal, passou a dirigir a paróquia de São João Batista, que era a principal da cidade em que nasceu.

Oddin foi pastor cônscio dos deveres; zeloso, procurando encaminhar as ovelhas transviadas, foi homem incansável.

Mortificando-se, jejuava contìnuamente, contentando-se com alguma verdura ou legume.

Tornando-se terciário de São Francisco, transformou a casa em que morava num concorrido asilo para indigentes. Tendo feito peregrinações a Roma, a Loreto e a Jerusalém, depois que retornou da Terra Santa organizou uma confraria chamada da *Cruz,* a qual se ocupou com os doentes e os viajantes.

Conta-se de Oddin Barotti que, tendo morrido um maçon, chamando-o pelo nome, restituiu-lhe a vida, dizendo-lhe, carinhosamente:

— Não tenhas mêdo, não foi nada! Volta ao trabalho!

O homem, que falecera no labor quotidiano, levantou-se e aplicou-se ao que vinha fazendo, como se tudo fôra um simples sonho.

Falecido em julho de 1400, com sessenta e seis anos de contínuo serviço prestado a Deus, festejam-no as dioceses de Fossano e de Mondovi.

O papa Pio VII confirmou-lhe o culto em 1808.

No mesmo dia, em Limoges, São Roricio, bispo e confessor, falecido em 506. Viveu em tempos de Eurico, rei visigodo.

Em Thérouanne, Santo Antimundo, bispo e confessor (século VI). Veio-lhe o nome do combate que moveu ao mundo.

Em Moyenmoutier, São João e São Benigno, no século VII, irmãos que se notabilizaram pela santidade.

Em Roma Santa Praxedes, virgem que instruída em tudo o que se refere à castidade e à lei de Deus e ocupando-se contìnuamente em vigílias, na oração e no jejum, passou docemente ao descanso do Senhor e foi sepultada na via *Salária*, perto de sua irmã, Santa Pudenciana. — Em Marselha, a festa de São Vítor, soldado, que, por ter recusado honras da milícia e não querer sacrificar aos ídolos, foi pôsto numa estreita prisão, onde um anjo o visitou; atormentado depois, de diversos modos, foi por fim esmagado sob

o pêso de uma mó de moinho, e assim terminou a vida com o martírio. Três outros soldados, Alexandre, Feliciano e Longino foram martirizados com êle. — Em Troyes, Santa Júlia, virgem e mártir. — No mesmo lugar, o martírio dos santos Cláudio, Justo, Jucondino e de cinco outros seus companheiros, sob o imperador Aureliano. — Em Comane, na Armênia, São Zótico, Bispo e mártir, que foi coroado sob Severo. — Em Estrasburgo, Santo Arbogasto, Bispo, ilustre por seus milagres. — Na Síria, São João, Monge, colega de São Simeão.

* * *

22.º DIA DE JULHO

SANTA MARIA MADALENA

Quanto à primeira introdução do cristianismo nas Gálias, os sentimentos variaram na França, por dois séculos. Até então, tinha-se acreditado, como aliás por tôda parte, que o cristianismo tinha sido pregado na Gália meridional por São Lázaro, primeiro Bispo de Marselha, por suas duas irmãs Santa Marta e Santa Maria Madalena, e por São Maximino, um dos setenta discípulos, primeiro Bispo de Aix; que sob o imperador Cláudio, São Pedro tinha mandado às Gálias, acompanhado de outros missionários, os sete Bispos seguintes: Trófimo de Arles, Paulo de Narbona, Marcial de Limoges, Austremônio de Clermont, Gaciano de Tours e Valério de Trèves; que o Papa Clemente, terceiro sucessor de São Pedro, tinha mandado Dionísio, o Areopagita, primeiro Bispo de Paris.

Por outro lado, Santo Epifânio diz de São Lucas que êle pregou na Dalmácia, na Gália, e na Itália, mas principalmente na Gália. O mesmo Padre diz, ainda, que Crescente, discípulo de São Paulo, veio pregar na Gália, e que é um êrro aplicar-se à Galácia o que diz o apóstolo a êsse respeito na sua segunda epístola a Timóteo. Santo Isidoro de Sevilha, inclui ainda o apóstolo São Filipe, entre os que

pregaram o Evangelho nas Gálias. Também, desde o ano 190, Santo Irineu de Lião provava a verdade da fé católica pela unanimidade da tradição em tôdas as Igrejas do mundo, entre as quais põe as igrejas estabelecidas entre os celtas ou gauleses. Alguns anos depois, Tertuliano dizia aos judeus que as diversas nações das Gálias, se tinham submetido a Cristo, com o resto do universo (1). As diversas nações das Gálias são as quatro províncias nas quais Augusto as tinha dividido: Narbona, Lião, Bélgica e Aqüitânia. Tal era, então, a tradição antiga do país e de alhures, sôbre a primeira introdução do cristianismo nas Gálias.

Pelo fim do século dezessete, em seguida, e por autoridade de Launoy, doutor suspeito e temerário, certo número de escritores, mais ou menos infetos de jansenismo, fazendo-se eco uns dos outros, propuseram e afirmaram que aquela tradição comum e antiga sôbre a primeira introdução do cristianismo nas Gálias era falsa e inventada depois do século décimo. Católicos mesmos, sem a considerar com mais atenção, repetiam o que ouviam dizer. Tornou-se opinião dominante na França essa, de que falamos. Puseram-se a mudar a tradição dos breviários e dos missais, tanto em Paris como em outras dioceses. Santa Maria Madalena não era mais uma e a mesma; foi dividida em três pessoas, a mulher pecadora e penitente, Maria, irmã de Lázaro e enfim Maria Madalena da qual o Salvador tinha expulsado sete demônios. A chegada de Lázaro e de suas duas irmãs à Provença foi declarada como não acontecida. A missão apostólica dos sete primeiros bispos foi retar-

(1) Tertul., **Adv. Judaeos**, c. VII.

dada de mais de dois séculos. Tudo, porque tal era a opinião de Launoy e de seus sequazes, que caminhavam mais ou menos nas pegadas de Lutero e de Calvino. Entretanto, a Igreja romana, no seu breviário como no missal e no martirológio, e em seus escritos mais certos, conservava a antiga tradição, aliás, honrosa para a França.

Hoje, em 1848, um padre francês, o padre Faillon da congregação de São Sulpício, demonstrou, por muitos documentos ou monumentos inéditos ou pouco comuns, que a Igreja romana tinha razão e que os liturgistas franceses erraram em subverter tão precipitadamente sua liturgia e antiga tradição, ante autoridades e argumentos mais mesquinhos uns que os outros. (1)

Êle prova primeiro que Santa Maria Madalena, Maria, irmã de Lázaro e a pecadora penitente, são uma e a mesma pessoa. Prova-o pela tradição primitiva, perpétua e geral dos gregos e dos latinos. Entre os gregos, exceto dois ou três padres que, de passagem, admitem ou supõem várias pessoas, a unidade foi reconhecida e ensinada por todos os outros, principalmente por aquêles que trataram da questão de uma maneira mais expressa: Amônio Sacas, mestre de Orígenes, em sua — *Harmonie des Evangiles* — e Eusébio de Cesaréia, em seus — *Canons évangéliques* —, traduzidos por São Jerônimo. Orígenes por primeiro imaginou várias mulheres em lugar de uma só. Ainda não está bem de acôrdo consigo

(1) Monumentos inéditos sôbre o apostolado de Santa Maria Madalena na Provença e sôbre os outros apóstolos dessa região, São Lázaro, São Maximino, Santa Marta, as santas Maria Jacó e Salomé, pelo autor da **Derniére Vie**, de **M. Olier**, dois vols. in quarto, de Migne.

mesmo. Reconhece até duas vêzes que muitos intérpretes do Evangelho falam sòmente de uma mulher. Num lugar supõe três ou mesmo quatro, persuadido de que era êsse o meio de se resolverem mais fàcilmente as objeções de Celso. Aliás, admite três; mais adiante, sòmente duas; enfim, há uma passagem onde parece admitir apenas uma. Também Orígenes foi citado pró e contra as distinções. São Crisóstomo acha que todos os evangelistas parecem falar de uma só pessoa; em sua opinião particular, distingue duas, e mesmo várias pecadoras. Eis os dois Padres gregos que se afastam do sentimento antigo e comum. Santo Efrem, diácono da Igreja de Edessa, na Síria, vivia no século IV. Como seus escritos eram lidos pùblicamente depois da sagrada Escritura, seu parecer pode ser considerado como o da Síria inteira. Ora, diz positivamente que a pecadora penitente. Maria, irmã de Lázaro e Maria Madalena, possessa de sete demônios, é uma e mesma pessoa, que depois de uma vida escandalosa, mereceu ser associada aos apóstolos e evangelistas, por anunciar a ressurreição do Salvador. Quanto à tradição da Igreja latina, o autor faz ver que os Padres latinos supõem todos, sem exceção, que Maria Madalena é a mesma irmã de Marta ou a pecadora. Enfim, por um trabalho tão edificante como interessante, expõe a aplicação alegórica, que os santos doutôres fazem das diversas ações da pecadora, de Maria, irmã de Lázaro, e de Maria Madalena, à gentilidade, antes pecadora, depois penitente, depois mais santamente dedicada, como de uma só e mesma pessoa.

Quanto aos argumentos de Launoy e sequazes, para introduzir nos breviários a distinção de Maria Madalena, os principais, são dois enganos assaz sin-

gulares. Citava-se em favor da distinção uma passagem de São Teófilo de Antioquia, que vivia no segundo século. A passagem é formal: sòmente, em vez de ser de São Teófilo de Antioquia, é de Teofilacto, escritor do Baixo-Império, que vivia não precisamente no segundo século, mas no décimo-primeiro. Para os críticos que queriam remontar à Igreja romana, o engano é um pouco forte. Eis aqui outro que não no é menos. Os reformadores jansenistas da liturgia na França apoiaram-se no martirológio romano, para introduzir no breviário de Paris, a dezenove de janeiro, a festa de Santa Maria e de Santa Marta; a inovação de Paris, foi imitada em muitas outras dioceses. Um jesuíta flamengo, o Padre Sollier, fêz ver que essa inovação galicana se apoiava sòmente sôbre um êrro. Eis o que diz o martirológio romano a dezenove de janeiro: *Festa dos Santos Mário e Marta, sua espôsa e de seus filhos, Audifax e Abacuc, nobres persas, que, tendo vindo a Roma sob o império de Cláudio, aí sofreram o martírio.* Mas como os liturgistas modernos puderam encontrar nessa notícia a festa de Santa Maria e de Santa Marta, irmã de Lázaro? Ei-lo: Em vez de — *Marius et Marthae sua espôsa, mulher,* — um dos modernos doutôres leu — *Maria e Marta,* — e suprimiu, prudentemente, tudo o mais. E os outros, repetiram suas palavras. Quando o jesuíta revelou êsse mistério, os inovadores de Paris, tiveram juízo assaz para suprimir tal festa numa nova edição de seu breviário; ela porém, continuou a figurar nos breviários de província. Êsses são os dois principais argumentos dos modernos, para distinguir Maria, irmã de Marta e de Lázaro, de Maria Madalena.

Os argumentos contra a missão apostólica de Lázaro, de Marta e de Maria Madalena, bem como de São Maximino, na Provença, não são mais perentórios. No século XVII essa missão era reconhecida por tôdas as igrejas do Ocidente. Launoy escreveu em falso, visto que São Lázaro tinha morrido em Chipre, Santa Marta na Betânia e Santa Maria Madalena em Éfeso e nenhum escrito ou monumento anterior ao século XI fala de seu apostolado na Provença. Para provar que a tradição constante dos provençais e de todo o ocidente sôbre São Lázaro é falsa, Launoy cita apenas um compilador grego do século XI ou XII, que, falando das relíquias de um São Lázaro, — *justo* — descobertas em Chipre sob o imperador Leão VI, o confunde com São Lázaro de Betânia, qualificado por tôda parte de — *mártir* —, e que os cipriotas jamais julgaram nem souberam enterrado entre êles. Santo Epifânio, Bispo de Salamina, em Chipre, no fim do século IV, fala em particular de Lázaro e do caráter de sua ressurreição, mas não supõe de modo algum que seu túmulo esteja na região, o que não teria deixado de fazer, se disso estivesse certo. Enfim os monges gregos da ilha de Chipre consultados sôbre o lugar da morte de São Lázaro, depois da publicação da obra de Launoy, responderam: "Que constava, por meio de monumentos antigos das igrejas gregas, que Santa Madalena, Santa Marta, sua irmã e São Lázaro, seu irmão, tinham desembarcado na Provença e que êles descansavam naquele país." Launoy prova do mesmo modo que Santa Maria Madalena morreu em Éfeso, visto que, num fragmento grego de atos apócrifos, se fala de uma Santa Maria Madalena, — *virgem e mártir,* — supliciada em Éfeso e que se supõe a irmã

de Lázaro. Mas a irmã de Lázaro jamais foi qualificada como virgem, ou mártir. Policrates, Bispo de Éfeso, na carta, onde, no fim do segundo século enumera tôdas as glórias de sua igreja, não diz uma palavra sequer do túmulo de Santa Maria Madalena, bem como do da Santa Virgem; prova bem clara de que êsses túmulos lá não existiam. Pode-se mesmo concluir que, se não fala da virgem e mártir Maria Madalena, cuja glória Gregório de Tours celebra no Ocidente, é que aquela virgem de Éfeso ainda não tinha recebido o martírio no tempo de Policrates, mas o sofreu mais tarde. Quanto a Santa Marta, Launoy, e seus repetidores, apoiam-se em Flodoardo, para afirmar que morreu em Betânia. Mas Flodoardo diz sòmente que, em seu tempo se via ainda em Betânia, a casa de Marta, mudada em igreja: não diz uma palavra, nem de sua morte, nem de seu túmulo.

O grande argumento de Launoy é que nenhum escrito nem monumento anterior ao século XI fala do apostolado de Lázaro, de Marta e de Maria Madalena, na Provença. A época não está mal escolhida. Pois, durante os séculos VIII, IX e X, a Gália meridional foi devastada pelos sarracenos que destruíram todos os arquivos e monumentos das igrejas. Todavia, escaparam muitos monumentos escritos e outros, para provarem o que já provava suficientemente a tradição, sempre viva e geral, isto é: o apostolado dos Santos Lázaro, Marta e Maria Madalena, bem como o de São Maximino, na Provença.

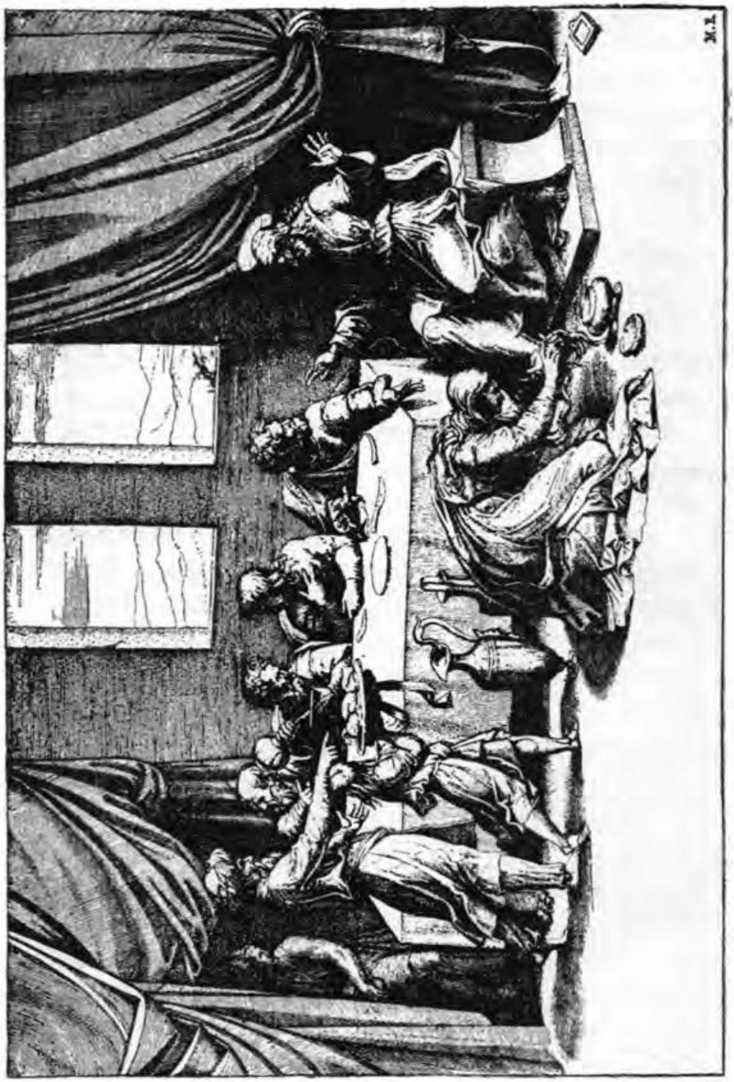
Eis a série dêsses monumentos publicados pelo autor: 1.º Uma antiga vida de Santa Madalena, escrita no século V ou VI, e transcrita textualmente a outra mais extensa, composta no século IX por

São Rabano Mauro, arcebispo de Mogúncia, as quais confirmam ponto por ponto a tradição viva. 2.º O autor apresenta, como monumentos ainda, mais antigos que essas vidas escritas, diversos túmulos da cripta de Santa Madalena, primeiro, o de São Maximino. Mostra que aquêle túmulo confirma a verdade da antiga — *Vida* — e prova que, desde os primeiros séculos, e provàvelmente antes da paz dada à Igreja por Constantino, os cristãos da Provença honrariam São Maximino, seu apóstolo, como um dos setenta e dois discípulos do Salvador. 3.º A êsse túmulo acrescenta o de Santa Madalena, que confirma também a antiga verdade da *Vida* antiga, e prova que, desde os primeiros séculos da Igreja, os cristãos da Provença julgavam possuir e honravam de fato o corpo de Santa Madalena, a mesma de que o Evangelho faz menção. 4.º Mostra que, muito tempo antes das devastações dos sarracenos na Provença, Santa Baume, era honrado como lugar de retiro de Santa Madalena. 5.º Que, antes das devastações dêsses bárbaros, se honrava em Aix o oratório do São Salvador, como monumento santificado pela presença de São Maximino e de Santa Madalena e que, de fato, a êsses santos apóstolos se lhe deve atribuir a origem. 6.º Que as atas do martírio de Santo Alexandre de Brescia, na Itália, provam que, sob o império de Cláudio, São Lázaro era bispo de Marselha e São Maximino, Bispo de Aix. 7.º Que, antes das devastações dos sarracenos, o corpo de São Lázaro ressuscitado por Jesus Cristo, estava enterrado em Marselha, na igreja de São Vítor e que se está bem fundado em se atribuir a origem das criptas dessa abadia ao mesmo São Lázaro, primeiro Bispo de Marselha. 8.º Que a prisão de São Lá-

zaro, em Marselha, é um monumento antigo, que confirma o apostolado e o martírio dêsse santo. 9.º Que o túmulo de Santa Marta em Tarrascon, era muito venerado nos séculos V e VI; que Clóvis I, atacado por uma doença, para lá se dirigiu e obteve a cura. 10.º Que, antes das devastações dos sarracenos, Santa Marta era honrada como Apóstola da cidade de Avinhão. 11.º Que as questões a respeito da primazia de Arles nada tem em contrário ao apostolado de nossos santos e que os arcebispos de Arles, em vez de reclamar contra essa mesma crença, a receberam e confirmaram expressamente. 12.º Que o apostolado de São Lázaro, de Santa Marta e de Santa Maria Madalena é confirmado pelos martirológios mais antigos do Ocidente. 13.º Que no começo do século VIII os provençais esconderam as relíquias de seus santos apóstolos para as preservar das profanações dos sarracenos e puseram num sepulcro com o corpo de Santa Madalena uma inscrição do ano 710, concebida nestes têrmos: "No ano do nascimento do Senhor, 710, no dia 6 de dezembro, sob o reinado de Odoin, muito bom rei dos francos, no tempo das devastações da profanação dos sarracenos, êste corpo da muito querida e venerável Santa Madalena foi, por causa do mencionado temor dessa pérfida nação, transferido mui secretamente, durante a noite, de seu sepulcro de alabastro, para êste que é de mármore, do qual se retirou o corpo de Sidônio, porque aqui êle está mais escondido." Como notou o douto Pagi, o rei dos francos, de nome Odoin ou Odorico, outro não é que o famoso Eudes, duque da Aqüitânia, às vêzes chamado de Odon e às vêzes de Oton, Odoic ou Odoin. Era da primeira dinastia dos reis dos francos, na qual vemos que todos os

príncipes tinham o título de rei. Ademais, é precisamente de 700 a 710, enquanto os francos, da Nêustria e da Austrásia disputavam quem seria o senhor dos reis indolentes, sob o título de mordomo do palácio; precisamente nesse intervalo o duque Eudes, Odon, Odoin ou Odoic, foi o único defensor e do mesmo modo, o único rei da França meridional, contra os sarracenos.

Eis agora particularidades que se nos apresentam sôbre Maria Madalena. Um fariseu pediu ao Salvador que fôsse a um banquete em sua casa e Jesus, tendo entrado na casa do fariseu, sentou-se à mesa. Eis que uma mulher da cidade, pecadora, tendo sabido que êle estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro cheio de perfume; estando por trás dêle, a seus pés, começou a banhá-lo com as lágrimas e os enxugava com os cabelos; beijava-os, ungindo-os com aquêle perfume. Ora, o fariseu que o tinha convidado, vendo aquilo, dizia consigo: Se êsse homem fôsse profeta certamente saberia quem é essa mulher que o toca, pois é pecadora. E Jesus respondendo, disse-lhe: Simão, tenho alguma coisa para vos dizer. Disse êle: Mestre, dizei-o. E Jesus: um credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos dinheiros e o outro cinqüenta. Como não tinham com o que lhe pagar, êle perdoou a ambos. Qual dos dois, portanto deve amá-lo mais? Simão respondeu: Creio que aquêle ao qual concedeu um benefício maior. Jesus disse-lhe: Julgastes bem. Voltando-se para a mulher, êle disse a Simão: Vêdes esta mulher? Entrei em vossa casa e vós não me destes água para os pés; e ela os banhou com suas lágrimas e os enxugou com os cabelos. Vós não me destes o ósculo e ela, depois que entrou, não cessou



Maria Madalena, após ter espargido perfumes sôbre os pés do Salvador, enxuga-os com seus cabelos. Gravura de Marcos Antônio, segundo um desenho de Rafael. Século XVI.

de beijar meus pés. Não espalhastes óleo sôbre minha cabeça e ela embalsamou meus pés com perfumes. Por isso, eu vos digo: muitos pecados lhe serão perdoados, porque muito amou e aquêle a quem menos fôr perdoado, menos ama. Depois disse à mulher: Vossos pecados vos são perdoados. E os que estavam à mesa começaram a dizer: Quem é êste que perdoa os pecados? Mas Jesus disse àquela mulher: Vossa fé vos salvou; ide em paz. (1)

Amar a Deus, amar quem é infinitamente amável, é o que há de mais doce, de mais fácil, de mais feliz; amar a Deus é a felicidade dos santos, é a felicidade do céu. Entretanto, essa é no fundo a única penitência que Deus pede ao pecador; tôdas as outras tendem sòmente a nos fazer chegar àquela. Sim, para nos perdoar logo todos os pecados que tivéssemos podido cometer, a grande pena que Deus nos impõe é, de tôdas as coisas, a mais doce e a mais fácil; é o que faz a felicidade dos santos sôbre a terra e no céu, é amá-lo de todo nosso coração e com tôda nossa alma. Desde que o ama assim, de pecador torna-se justo, de mau torna-se bom, do inferno está no paraíso. Oh! quem não amaria um Deus tão bom!

Aconteceu depois que Jesus ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o reino de Deus; e os doze estavam com êle e algumas mulheres, que tinham sido curadas dos espíritos malignos e de enfermidades. Maria, que se chamou Madalena, da qual sete demônios tinham saído e Joana, mulher de Chusa, procurador de Herodes e

(1) Luc., VII, 36-50.

Susana, e várias outras, que o ajudavam com suas posses. (2)

Era costume entre os israelitas, como sabemos de São Jerônimo, (3) que os profetas que iam anunciar a palavra de Deus, fôssem mantidos com víveres e vestes, poı piedosas mulheres. Vimos mesmo exemplos, em Elias e Eliseu.

Outra vez, quando Jesus veio a Jerusalém, ainda no arrabalde, uma mulher chamada Marta o recebeu em casa. Tinha uma irmã, chamada Maria, a qual, tendo-se sentadc aos pés de Jesus, lhe escutava as palavras.

Ora, Marta, estava ocupada com muitos cuidados para o servir; ela deteve-se e disse: Senhor, não vêdes que minha irmã me deixa sòzinha para o servir? Dizei-lhe que me venha ajudar. E o Senhor, respondendo, disse-lhe: Marta, Marta, vós vos preocupais demasiado com muitas coisas. Entretanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte que jamais lhe será tirada. (1)"

Marta é a imagem da vida ativa, Maria a imagem da vida contemplativa; são irmãs, estreitamente unidas uma à outra; têm ambas o mesmo objetivo, agradar a Jesus, mas uma a isso tende, por meio de muitas ações exteriores, a outra, por um caminho mais direto, a vista do mesmo Jesus, o amor de sua palavra. Tôda vida cristã tem por fim último ver, contemplar eternamente a Deus, em si mesmo. A vida, portanto, que faz seu fim principal exercitar-se desde êste mundo, na contemplação divina é a melhor parte,

(2) Luc., VIII, 1-3.

(3) Hieron., in cap., 27, Math.

(1) Luc., X, 38-42.

a quem ela é dada; a morte mesmo não a tirará; continuará mais perfeita na eternidade. A vida que faz seu fim principal servir a Deus por obras exteriores é uma parte certamente boa; mas expõe o homem à perturbação e ao embaraço; sob êsse aspecto, ela cessará no céu. Não devemos imaginar, entretanto, que a vida contemplativa seja sem ação, nem a vida ativa sem contemplação; distingue-se, por isso, a que domina em cada um. Que vida mais ativa que a dos apóstolos? E entretanto que vida mais altamente contemplativa! Nós nos aplicaremos, dirão êles, à oração e à pregação; à oração, para contemplar a verdade divina; à pregação, para fazer os outros contemplá-la. Os bons anjos velam por nós, eis uma ação contínua; e êles vêem sem cessar a face de nosso Pai, que está no céu; eis uma contínua contemplação. Deus sobretudo une nêle um e outro; não sòmente age sempre, conservando o mundo; produz o Filho; o Pai e o Filho, contemplando-se, amam-se, produzem o Espírito-Santo: o Filho é o ato de inteligência do Pai, o Espírito-Santo o ato de amor do Pai e do Filho; e tudo isso é a ação infinita de uma infinita contemplação. A vida do cristão será tanto mais perfeita quanto mais se assemelhar à vida de Deus.

"Ora, havia um homem doente, chamado Lázaro, de Betânia, da vila de Maria e Marta, sua irmã. Maria era aquela que tinha derramado perfume sôbre o Senhor, e lhe enxugara os pés com os cabelos; e seu irmão Lázaro estava doente. As irmãs, então, mandaram chamá-lo, dizendo: Senhor aquêle a quem amais está doente. O que Jesus ouviu e disse: Essa doença não é mortal, mas para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus com isso seja glorificado.

Ora, Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro. Tendo, então, sabido que estava doente, ficou dois dias no lugar onde se encontrava. Lázaro morreu e Jesus veio para o ressuscitar. Marta foi falar com Jesus e depois voltou chamar a irmã, em segrêdo, dizendo: O Mestre está aí e te chama. Logo que ouviu dizer que o Mestre estava em sua casa, correu para êle. Ora, Jesus não tinha ainda chegado à casa, mas estava no lugar em que Marta o tinha encontrado. Os judeus que estavam com ela na casa, a consolavam, quando viram que Maria se levantara e saíra; seguiram-na, dizendo: ela vai ao sepulcro chorar. Quando então Maria chegou ao lugar onde Jesus estava, tendo-o visto, atirou-se-lhe aos pés e disse-lhe: Senhor, se tivésseis estado aqui, meu irmão não teria morrido! Quando Jesus a viu chorando e os judeus, que tinham vindo com ela, também choravam, estremeceu no espírito e comoveu-se. E disse: Onde o pusestes? Êles lhe disseram: Senhor, vinde e vêde. E Jesus chorou. Depois, exclamou em voz alta: Lázaro, vem, para fora! E imediatamente o morto saiu vivo.

"Algum tempo depois, seis dias antes da última Páscoa, Jesus veio à Betânia onde tinha morrido, Lázaro que êle ressuscitara. Deram-lhe de comer, na casa de Simão, o leproso, (assim chamado porque o tinha sido). Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com êle. Ora, Maria tomou um vaso de uma libra de verdadeiro nardo, perfume precioso e o derramou sôbre os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos. Depois, tendo quebrado o vaso espalhou o resto do líquido sôbre sua cabeça, enquanto êle estava à mesa, e a casa se encheu do odor do

perfume. Então um dos discípulos, Judas Iscariotes, o que o devia entregar, disse: Por que não se vendeu êsse perfume por trezentos dinheiros e não se deu êsse dinheiro aos pobres? Ora, disse isso, não, porque se interessasse pelos pobres, mas porque era ladrão e tendo a bôlsa, trazia o dinheiro que nela se punha. Alguns dos discípulos se indignaram, a seu exemplo e disseram, como êle: Por que perder-se êsse perfume? Pois êle podia ser vendido por mais de trezentos dinheiros e ser dado aos pobres; e fremeram contra êle. Jesus, sabendo disso, disse-lhes: "Porque causais aborrecimento a essa mulher (1)? É uma obra boa, o que ela acaba de fazer a meu respeito. Pois, pobres sempre tereis convosco e podeis fazer-lhes bem, quando quiserdes; mas a mim, não me tereis sempre. Ela fêz o que podia, pois, derramando êsse perfume sôbre meu corpo, o preparou para a sepultura: embalsamou meu corpo antecipadamente. Eu vos digo, na verdade, em todo o universo, em qualquer lugar que êsse Evangelho fôr pregado, o que êle narrar será narrado em memória dela." (2)

No Calvário, perto da cruz, com Maria, mãe de Jesus, e a irmã de sua mãe, estava Maria Madalena. E, quando se depositou o corpo de Jesus no sepulcro, Maria Madalena e a outra Maria, que tinham vindo da Galiléia com Jesus, estavam lá e se conservavam sentadas, perto. Observavam o túmulo e como seu corpo lá tinha sido colocado. Depois, tendo voltado, preparavam perfumes e aromas, para embalsamar o corpo; ficaram em repouso no dia de sábado, segundo a lei. No primeiro dia da semana, ou domingo, vie-

(1) Matth., XXIV, 6-13. Marc., XIV, 3-9. Joan. XII, 1-8.
(2) Joan., XII, 9-11.

Maria Madalena reconhece Jesus Cristo ressuscitado. Segundo um afrêsco de Giotto, em Pádua. Século XIV.

ram de manhã bem cedo ao sepulcro, que encontraram vazio.

As outras voltaram e Maria Madalena ficou de pé, do lado de fora do sepulcro, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se e olhou ao sepulcro; viu então dois anjos, vestidos de branco, sentados onde estava depositado o corpo de Jesus, um à cabeceira, e o outro aos pés. Disseram-lhe: Mulher, por que chorais? Respondeu-lhes: Levaram o corpo de meu Senhor e não sei onde o puseram. Depois que disse isso, voltou-se e viu Jesus de pé: não sabia que era Jesus. Jesus disse-lhe: Mulher, por que chorais? A quem procurais? Ela, julgando que era o jardineiro, disse-lhe: Senhor, se o tirastes daqui, dizei-me onde o pusestes e eu o irei buscar. Jesus disse-lhe: Maria! Ela voltou-se e disse-lhe: *Rabboni!* o que significa meu senhor. Jesus disse-lhe: não me toques; pois ainda não subi ao Pai; ide sòmente a meus irmãos e dizei-lhes: Eu vou ao meu Pai, e vosso Pai, ao meu Deus e vosso Deus. (1)

Assim, Santa Maria Madalena foi encarregada por Nosso Senhor de levar a seus apóstolos a mais feliz das notícias, sua gloriosa ressurreição; e depois, com sua irmã e seu irmão ressuscitado, veio anunciá-la à feliz nação da França.

* * *

(1) Joan., XX, 1-17.

SÃO LOURENÇO DE BRÍNDISI (*)

Confessor

Lourenço nasceu em Bríndisi, em julho de 1559, e no século chamou-se Júlio César.

Conta-se que, com a idade de seis anos, pregou na catedral da cidade natal, deixando o auditório pasmado.

Depois da morte do pai, procurou os franciscanos, com os quais ficou até os catorze anos.

Os turcos, então, ameaçaram Bríndisi, e o jovem, com a mãe, foi refugiar-se em Veneza, onde um tio se encarregou de sua educação.

Em 1575, fazia parte dos capuchinhos de Verona. Adotando o nome de Lourenço, foi noviço modesto, grave e amável. Amante da penitência, cingia-se com correntes de ferro, jejuava três dias por semana, alimentando-se sòmente de pão e verdura.

Meditando assìduamente os sofrimentos de Nosso Senhor, viveu em Verona até o dia em que, adoecendo, enviaram-no a Pádua, para que mudasse de ares e onde, depois da convalescença, continuasse os estudos.

Ótimo estudante, nas horas de lazer estudou o francês, o grego, o alemão, o siríaco e o hebraico.

São Lourenço principiou a pregar antes mesmo da ordenação.

Ordenado, continuou o ministério com redobrado calor. O papa Clemente VIII fê-lo pregar aos judeus de Roma durante três anos. Tendo obtido êxito incomum, graças aos bons conhecimentos que tinha do hebraico, acabou, pela cultura linguística, a percorrer a Europa: pregou na Hungria, Boêmia, Portugal, Bélgica, Suíça, Alemanha, França e Espanha.

Aplaudido, São Lourenço de Bríndisi buscava a sombra.

De 1602 a 1605, dirigiu a ordem. Sempre simples, doce e afável, assim levou a vida.

Depois de ter fundado vários conventos, na Alemanha, no Tirol e na Áustria, faleceu em paz, em 1619, no dia 22 de julho, em Lisboa, onde, junto de Filipe III, tratava da causa dos napolitanos oprimidos.

São Lourenço de Bríndisi foi enterrado na Galícia. Beatificado em 1783 por Pio VI, Leão XIII canonizou-o em 1881.

* * *

BEM-AVENTURADOS FILIPE EVANS E JOÃO LLOYD (*)

Mártires

Filipe Evans, jesuíta, e João Lloyd, padre secular, foram executados em Cardiff em 1679.

Filipe, em 1665, com vinte anos, entrou na Companhia de Jesus, depois de ter feito os estudos em Santo Omer. Aos trinta, foi ordenado em Liège e, logo depois, era enviado para o País de Gales. Prêso, dado o movimento levado a efeito por Titus Oates, em novembro de 1678, aprisionaram-no em Cardiff, no subterrâneo dum castelo. Ali, algumas semanas depois, chegava João Lloyd, homem do Breconshire, missionário na Grã-Bretanha. Como Filipe, fôra falsamente acusado de ter sido pilhado a rezar a santa missa, coisa então proibida.

Ambos foram enforcados, depois do que, descidos do cadafalso, tiveram o corpo picado em pequenos pedaços.

Evans morreu em primeiro lugar. Quando lhe deram a notícia do dia da morte, calmamente jogava tenis, esporte que apreciava.

Pouco antes da execução, já com a corda ao pescoço, dirigiu-se a Lloyd, dizendo:

— Adeus, Padre Lloyd, mas por pouco tempo, porque nos reencontraremos bem cedo.

João Lloyd apenas saudou o povo com pouquíssimas palavras, porque, como então dissera naquela hora, "jamais fôra bom orador".

Ambos os mártires da fé católica foram beatificados no ano de 1929.

No mesmo dia, em Marselha, São Salviano, confessor, desaparecido depois de 470. Nascido na Renânia, foi moralista, prosador, poeta e polemista. Da sua obra sobressaem *O Bem da Virgindade,* trabalho que se perdeu; um livro sôbre a última parte do Eclesiaste, também perdido; e a obra-prima, *De Gubernatione Dei.*

No mosteiro de Iburgo, o bem-aventurado Benno, bispo de Osnabruck, falecido em 1088.

Em Veneza, o bem-aventurado Agostinho Fangi, de Biella, confessor, desaparecido em 1493. Dominicano, foi prior de Soncino, tendo operado milagres em vida e depois da morte. Morreu exclamando: "Glória a Deus! Glória ao Altíssimo!"

Em Besançon, São Pancrácio, bispo e confessor (século IV).

Em Pavia, São Jerônimo, bispo e confessor. Falecido em 787, é quase desconhecido.

Em Lodi, São Galtério ou Gualter, confessor, fundador do hospital que se chamou da *Misericórdia* e depois de *São Galtério.* Faleceu em 1224.

Em Filipes, Santa Síntica, de que São Paulo faz menção. — Em Ancira, na Galácia, a festa de São

Platão, mártir, que, sob o governador Agripino, foi rudemente chicoteado, rasgado com unhas de ferro e sofreu vários outros tormentos, ainda mais cruéis; enfim, tendo a cabeça cortada, entregou a alma invencível, nas mãos de seu Criador. Seus milagres em favor dos escravos foram atestados pelos atos do segundo concílio de Nicéia. — Em Chipre, São Teófilo, pretor, que, aprisionado pelos árabes e não podendo ser induzido, nem por orações nem por ameaças, a renunciar a Jesus Cristo, pereceu pela espada. — Em Antioquia, São Cirilo, Bispo, afamado por sua ciência e santidade. — Na Alvérnia, São Menelau, abade. — No mosteiro de Blandinberg, São Vandrilo, abade, célebre pelos milagres. — Em Citópolis, na Palestina, São José, conde.

* * *

23.º DIA DE JULHO

SANTA BRÍGIDA

da Suécia

O que o Salvador disse a Nicodemos: O espírito sopra onde quer, o mundo cristão o viu, pelos fins do século XIV em Santa Brígida, da Suécia e Santa Catarina de Siena. Aquela nasceu nos confins extremos da Suécia, na província de Upland, no domínio de Finstad, não longe de Upsala, então capital de todo o reino. Nasceu no começo do século XIV, no ano de 1302. Seu nome é pròpriamente Birgida, transformada em Brígida pelo uso comum. Sua família era das mais ilustres; tinha parentesco próximo com a família real e descendia dos antigos reis do país. Nela a piedade era hereditária, como a nobreza. O avô, o bisavô e o trisavô do pai de Brígida, por devoção aos mistérios da Paixão do Salvador, fizeram uma peregrinação a Jerusalém e aos outros santos lugares, que Jesus Cristo ilustrou com sua presença. O príncipe Birger, seu pai, juiz ou governador da província de Upland, era homem cheio de piedade e de virtude. Fundou grande número de igrejas e de mosteiros; fêz peregrinações a Roma, a Jerusalém e a outros santos lugares, a exemplo de Pedro, seu pai e de seus ante-

passados. Jejuava, confessava-se e comungava tôdas as sextas-feiras, a fim de conseguir a graça de sofrer pacientemente as cruzes que Deus lhe mandava até a sexta-feira seguinte. A princesa, sua espôsa, chamada Ingeburga, filha de Ligride, não tinha menos piedade. O túmulo dos dois esposos existe ainda na catedral de Upsala.

Quanto à Santa Brígida, da qual temos uma vida contemporânea escrita por Birger, arcebispo de Upsala, seu nascimento foi ilustrado por diversos prodígios. Sua mãe, a princesa Ingenurga, escondia terna piedade, sob hábitos, convenientes à alta linhagem. Uma religiosa, vendo-a assim vestida, tachou-a de orgulhosa, em seu coração. Na noite seguinte, durante o sono, um personagem venerável apareceu-lhe, dizendo: Por que pensaste mal de minha serva, tratandc-a de orgulhosa, o que, entretanto, não é verdade? Dela farei nascer uma filha, com a qual farei aliança, conferindo-lhe uma graça tão grande, que tôdas as nações não serão suficientes para a admirar. A essa circunstância maravilhosa, o arcebispo de Upsala, bem como os outros biógrafos, acrescentam uma segunda. A princesa Ingeburga, estando grávida de Brígida, naufragou nas costas da Suécia e foi salva do perigo pelo irmão do rei. Na noite seguinte, um personagem vestido com uma roupa brilhante apareceu a Ingeburga, e lhe disse: Foi em consideração à criança que trazeis, que fôstes salva da morte; tende cuidado em criar no amor de Deus o que Deus vos deu especialmente. Enfim, no nascimento de Brígida, o vigário da paróquia, homem venerável por sua idade e virtude, passava as noites em oração numa igreja vizinha, quando viu uma nuvem luminosa e no meio da nuvem a Santa Virgem

sentada, tendo na mão um livro e dizendo-lhe: Nasceu em Birger uma menina cuja voz admirável será ouvida por todo o mundo. Eis o que refere o arcebispo de Upsala, bem como os outros biógrafos contemporâneos de Santa Brígida.

Entretanto, a maravilhosa criança ficou muda durante os três primeiros anos. No fim dêsse tempo, começou, não a balbuciar, como as crianças, mas a falar perfeitamente como as pessoas já adultas. Viu-se aí um efeito da sabedoria divina que abre a bôca dos mudos e torna eloqüentes as línguas das crianças, a fim de tirar da bôca das crianças, e daqueles que ainda mamam, um louvor perfeito. Esperando, sua piedosa mãe, cheia de boas obras e esmolas, como outro Tabit, caiu gravemente doente. Soube e predisse a morte vários dias antes. Vendo a aflição do espôso e dos outros, disse-lhes com muita coragem: Por que afligir-vos. É muito ter vivido e ter vivido bastante; ao contrário, devemos alegrar-nos de que sou chamada a um Senhor mais poderoso. Tendo-se, então, despedido de todos, adormeceu no Senhor. A jovem Brígida foi confiada pelo pai a uma tia materna tão prudente quão piedosa.

Na idade de sete anos, a criança viu diante do leito um altar, e sôbre êle uma senhora assentada com vestes resplandecentes, tendo na mão uma coroa e que lhe disse: Vem, Brígida. A menina levantou-se logo e correu para o altar. A senhora perguntou-lhe: Queres esta coroa? A criança disse que sim e a senhora colocou-a sôbre a cabeça e Brígida sentiu-a como um círculo. Voltando ao leito, a visão desapareceu. Ela jamais, porém, a esqueceu. O que não é de admirar, observa o arcebispo de Upsala, pois era sinal de que seria um altar de holocausto, onde

o fogo da caridade divina arderia sempre e Jesus Cristo, seu espôso lhe conservaria uma coroa imortal e sem mancha nos céus.

Na idade de dez anos, era como um lírio muito puro que se erguia da terra ao céu. Ostentava o modêlo de tôdas as virtudes, a sobriedade, com a modéstia, a simplicidade com a ponderação, a humildade com a obediência, com a beleza na consciência, a hilaridade na paciência com uma caridade infatigável. Aparecia como espôsa de Deus, como uma pérola brilhante, cheia de graça a todos os olhos e amada por todos. Devia, porém, subir ainda mais alto.

Um dia, ouviu um sermão sôbre a Paixão de Jesus Cristo; ficou tão emocionada, que escreveu aquela Paixão nas tábuas do coração. Na noite seguinte, viu Jesus Cristo, sendo crucificado, o qual lhe disse: Eis como fui tratado. Ela, pensando que era coisa recente, respondeu-lhe: Senhor, quem vos fêz isso? — Aquêles que me desprezam e são insensíveis a meu amor, respondeu Jesus Cristo. Desde êsse momento, refletindo, ela sentia-se tão sensível à paixão do Salvador, que não podia lembrá-la sem derramar torrentes de lágrimas. Uma noite, quando as jovens companheiras dormiam, saiu do leito e prostrou-se em adoração e em lágrimas diante do crucifixo do quarto. Naquele mesmo momento lá entrou secretamente a tia, que, muito admirada de a ver naquela posição, julgou ser uma brincadeira da sobrinha e mandou buscar umas varas para a corrigir e tornar mais discreta. Mas, com sua grande surprêsa, as varas quebraram-se-lhe na mão. Disse então: Que fizestes, Brígida? Alguma mulher vos ensinou essas orações enganadoras? A jovem virgem respondeu chorando: Não, senhora, mas eu me levantei do leito

para louvar àquele que sempre me assiste. — E quem é êle? — É o Crucificado, que vi ùltimamente. — Desde aquêle dia, a tia começou a ter por ela mais afeto e veneração, compreendendo que semelhantes disposições não vêm dos homens, mas de Deus.

Outra vez, quando a jovem virgem brincava com as companheiras, o diabo apareceu-lhe sob forma horrível, tendo cem mãos e cem pés. De espanto, ela correu ao quarto, e recomendou-se humildemente ao Crucificado. O diabo lá apareceu, mas disse: Nada posso fazer, se o Crucificado não o permitir. A tia soube mais tarde o que havia acontecido e recomendou-lhe que guardasse silêncio, sôbre o que tinha visto e pusesse a confiança em Deus, amando a Jesus Cristo acima de tôdas as coisas, sabendo que a vida de nossa peregrinação não pode ser sem tentação, a fim de que cada qual aprenda a se conhecer; aliás, não se pode ser coroado, se não se tiver vencido, nem vencer sem combate, nem combater sem experimentar as tentações do inimigo. (1)

Brígida desejara ter permanecido sempre virgem, mas na idade de treze anos, seu pai fê-la desposar Ulphon, príncipe ou governador de Nerícia, que tinha dezoito. A exemplo dos jovens Tobias e Sara, sua espôsa, guardaram a continência, perto de dois anos, para obter de Deus a graça de usar santamente do matrimônio e ter filhos fiéis em o servir.

Tiveram oito, quatro meninos e quatro meninas.

A mãe, depois de ter vivido santamente na virgindade não viveu menos santamente no casamento. Regulou tão bem tôda a vida, que jamais deixou motivo

(1) **Acta SS., 8 Octob., Vita S. Brigitta, auctore Birgero, archiepiscopo Upsalensi, cap. I.**

a alguma suspeita sinistra, nem a maledicência alguma. Para isso, não admitia nem criadas nem companheiras, cuja reputação não fôsse sem mancha, para que sua familiaridade não lhe atraísse alguma má fama. Sabendo que a ociosidade é mãe de todos os vícios, dedicava-se com suas domésticas a trabalhos para as igrejas e para os pobres, lia as vidas dos santos e a Bíblia, que tinha feito traduzir em língua gótica; ora, ia à igreja e ouvia com prazer o ofício divino. Com seu espôso, o príncipe Ulphon, confessava-se tôdas as sextas-feiras e comungava todos os domingos e festas. Como Judite tinha um oratório secreto, onde, de vez em quando, se recolhia na presença de Deus, examinava a consciência, chorava as faltas; onde, quando o marido estava ausente, passava as noites inteiras em oração, vigílias, jejuns e outras mortificações; sempre se abstinha de iguarias, as mais delicadas, mas secretamente, para não ser notada pelo marido ou por outros. Tinha a mais terna devoção pela Santa Virgem, que, nos partos laboriosos, lhe concedia um fácil resultado, quando todos pensavam que ia perder a vida. Suas esmolas eram muito grandes. Tinha uma casa muito ampla para os pobres. Todos os dias, alimentava doze dêles em casa; na quinta-feira, lavava-lhes e beijava-lhes humildemente os pés, em memória do que Nosso Senhor tinha feito a seus apóstolos. Restaurou grande número de hospitais no país natal e em suas terras; lá ia visitar os pobres e os enfermos, acompanhada pelas filhas, especialmente Santa Catarina. Lá a piedosa mãe medicava com as próprias mãos as chagas e as úlceras dos enfermos, dando-lhes esmolas e dirigindo-lhes palavras de consôlo, mostrando aos filhos, com o exemplo, como deviam um dia servir também aos pobres e aos

enfermos por amor de Deus. Depois do nascimento do oitavo filho, Ulphon e Brígida guardaram continência.

No ano de 1335, o rei Magno, da Suécia, desposou Branca, filha do conde Namur; queria que Brígida, sua parente, fôsse governante da jovem rainha. Brígida interêssou-se vivamente pela salvação e pela prosperidade de uma e de outro, tanto mais que ambos eram jovens. Rogava por êles, dava-lhes bons conselhos, às vêzes mesmo advertências, resultado de revelações sobrenaturais. A princípio muito êles aproveitaram. Mas ambos eram de caráter inconstante, e por outro lado, outros conselhos lhes foram sugeridos. Com o tempo, o mal venceu o bem; Brígida, anunciou calamidades: o rei ria-se e perguntava a Birger, filho da santa: Que foi que nossa prima, vossa mãe, sonhou esta noite a nosso respeito? Mas as predições de Brígida se realizaram. O reino de Magno, com o resultado do mau govêrno, encheu-se de perturbações e de revoluções; os estados insurgiram-se contra sua tirania; êle foi excomungado pelo Papa por ter confiscado as rendas da Igreja; a rainha Branca pereceu miseràvelmente em 1363; o rei, depois de ter perdido a coroa da Suécia, morreu acidentalmente, afogado, no ano de 1374. (1)

Brígida deixou a côrte muito cedo e Ulphon seguiu o exemplo da espôsa. Pensavam sòmente em se santificar, bem como a família. Fizeram muitas peregrinações à Noruega, França, Espanha, Itália, Alemanha: na Noruega visitaram, em Nidrósia ou Drontheim, capital do reino, o túmulo do rei e mártir,

(1) **Acta SS.** 8 Octob., **Dissert. Praevia,** § 8.

Santo Olaus; na Espanha, São Tiago de Compostela. Embora tivessem numerosa equipagem, Brígida fazia uma parte do caminho a pé por espírito de piedade e de mortificação. Depois de ter visitado muitos santuários, voltavam à pátria, quando o príncipe Ulphon caiu doente na cidade de Arras; o mal tornou-se tão grave, que êle recebeu os últimos sacramentos das mãos do bispo, deixando Brígida em viva ansiedade. Ela invocou São Dionísio, apóstolo da França. O santo apareceu-lhe, predisse-lhe que Deus queria por meio dela tornar-se conhecido do mundo e que ela estava entregue à sua especial proteção e como prova disso, seu espôso não morreria daquela doença. Alguns dias depois, ela teve uma revelação de como êle passaria a Roma e à santa cidade de Jerusalém, e enfim, sairia dêste mundo. Deus realizou misericordiosamente tudo aquilo, diz o arcebispo de Upsala. O príncipe reconquistou a saúde, depois de uma doença muito longa; voltaram ambos com saúde à pátria. Renovaram o voto de conservar a continência e resolveram entrar cada qual num mosteiro. Tendo então regulado os negócios e disposto os bens, o príncipe Ulphon entrou no mosteiro de Alvastre, ordem dos cistercienses, fundado em 1150 por Suercher, rei da Suécia. Aí viveu alguns anos na prática de tôdas as virtudes, e morreu em 1344. O príncipe Ulphon de Nerícia é nomeado no menológio de Cister, a 12 de fevereiro.

Poucos dias depois da morte do espôso, Brígida dividiu os bens entre os filhos e os pobres. Renunciou à condição de princesa, para se consagrar inteiramente à penitência. Usava apenas uma túnica de linho com exceção do véu, com que cobria a cabeça;

usava um hábito grosseiro, que prendia com uma corda cheia de nós. As austeridades que praticava são incríveis; duplicava-as ainda, às sextas-feiras, e nesses dias passava sòmente a pão e água. Tendo feito construir o mosteiro de Watstein, na diocese de Lincopen na Suécia, lá colocou sessenta religiosas; instalou, num edifício separado do mosteiro, treze sacerdotes em honra dos doze apóstolos e de São Paulo, quatro diáconos para representar os quatro doutôres da Igreja e oito irmãos conversos; deu a todos as regras de Santo Agostinho, as quais acrescentou constituições particulares. Lemos, em alguns autores, que o Salvador mesmo ditou essas regras, mas com ordem de as submeter ao exame do soberano Pontífice, visto que o Salvador veio a êste mundo não para destruir a lei, mas para a aperfeiçoar.

Santa Brígida ficou assim dois anos na Suécia, perto do mosteiro de Alvastre, onde estava enterrado o espôso, como no novo mosteiro de Watstein. Sua vida pobre e penitente, depois de um estado de princesa, atraiu-lhe as zombarias do mundo. Respondeu: Não foi por causa de vós que comecei; não será por causa de vós que terminarei. Resolvi, em meu coração, suportar as palavras. Rezai para que eu persevere. Com suas vestes de pobre, não deixou de se apresentar ao rei da Suécia, para lhe anunciar que êle e seu reino seriam castigados, com grandes calamidades, se não se corrigissem de certos defeitos e desordens. Alguns dos grandes murmuravam e ter-lhe-iam mesmo provocado confusão, se não soubessem que ela era parente do rei. Pelo menos zombaram dela entre si mesmos, tratando-a de feiticeira, a tal ponto que os filhos queriam vingar-se disso; mas ela rogou-lhe que nada fizessem, dizendo: Deus é teste-

munha de que prefiro, por amor de Jesus Cristo, sofrer êsses desprêzos e essas zombarias a ter a coroa do rei sôbre minha cabeça.

Se a santa viúva teve de sofrer da parte dos homens, Deus a consolou superabundantemente com revelações e comunicações sobrenaturais. Essas revelações foram examinadas por doutôres católicos e aprovadas pela Santa Sé, neste sentido, que nada contém de contrário à fé e que nelas se pode crer piamente.

Os principais objetos dessas revelações e contemplações de Santa Brígida são: a Paixão do Salvador e a Santa Virgem. Quanto à Paixão do Salvador, nada se vê aí, mais do que no Evangelho, a não ser certas circunstâncias de particulares muito naturais. Com relação à Virgem, diz-se expressamente que ela foi concebida sem pecado, (1) e que subiu aos céus, em corpo e alma. (2) Uma das particularidades mais tocantes é a Virgem mesma, narrando a Santa Brígida seu progresso no conhecimento de Deus e de sua lei. Desde a mais tenra idade, quando compreendi o que Deus era, sempre fui cuidadosa e temerosa de minha salvação e de meu procedimento. Mas, quando compreendi mais plenamente que o mesmo Deus era meu criador e juiz de tôdas as minhas ações amei-o intimamente, temi ofendê-lo mais que nunca, quer por obras, quer por palavras. Depois, quando soube que tinha dado sua lei e seus mandamentos ao povo, e tinha feito com êle tantas maravilhas, resolvi firmemente em minha alma só amar a êle e nada mais que êle, e as coisas

(1) Bened., XIV. **De canonisat.**, l. VI, c. XLIX.

(2) L. VI, c. LX, LXI, e LXII.

mundanas eram-me grandemente amargas. Enfim, tendo sabido que o mesmo Deus resgataria o mundo e êle nasceria de uma virgem, fui tomada de tão grande amor para com êle, que só pensava em Deus, que só queria a Deus. Afastei-me, quanto possível, das conversas familiares e da presença de parentes e amigos. Dava aos pobres tudo o que podia e reservava-me apenas o simples vestuário e o pouco de que precisava para viver. Nada me agradava, fora de Deus. Sempre eu desejava em meu coração viver até o tempo de seu nascimento, na esperança de que eu mereceria talvez tornar-me indigna serva da mãe de Deus. Fiz também voto, em meu coração, de guardar a virgindade, se Deus o tivesse por agradável, e nada possuir no mundo. (1) Encontramos revelações muito semelhantes na vida de Santa Isabel da Turíngia.

Além das revelações que se referem à fé, há em Santa Brígida, como nas profecias da antiga lei, muitas exortações, advertências, às vêzes muito severas a Papas, a reis, a povos, a classes de homens, padres e cavaleiros. Mais de uma vez essas exortações encerraram ameaças proféticas que tiveram sua realização.

No ano 1371, a ilustre viúva sueca, como outrora a ilustre viúva romana, Santa Paula, da família dos Gracos e dos Cipiões, empreendeu, em idade avançada, ante uma revelação particular, a peregrinação a Jerusalém. Chegando a Roma já enfêrma, ficou mais doente ainda. Sentindo-se perto do fim, deu avisos muito comoventes ao filho, o príncipe Birger e à filha, Santa Catarina de Suécia, que estava com

---

(1) L. I, c. X.

ela; depois, quis ser estendida sôbre um cilício, para receber os últimos sacramentos. Morreu, a 23 de julho de 1373, na idade de setenta e um anos. Enterraram-na na igreja de São Lourenço, *in Panis-Perna* que pertencia às pobres Clarissas. No ano seguinte, o príncipe Birger, seu filho, e Santa Catarina sua filha, fizeram levar-lhe o corpo para o mosteiro de Watstein, na Suécia. Foi canonizada pelo papa Bonifácio IX, a 7 de outubro de 1391. Sua festa está marcada para o dia 8 do mês de outubro. (2)

* * *

(2) **Acta SS.**, 8 de outub.

SÃO JOÃO CASSIANO (*)

Confessor

Um dos grandes clássicos do monacato, São João Cassiano, com suas *Instituições* e as suas *Conferências* ocupa lugar de destaque no meio religioso, já que ainda é lido nas abadias. Aquelas duas obras são leituras de noviciado e de completas.

Quanto ao lugar em que nasceu, até hoje permanece duvidoso: Provença, Síria, Palestina, Constantinopla, Curdistão sempre vêem à balha. Geralmente os biógrafos de São João Cassiano dão-no como nascido na România, porque no cantão de Hístria há várias inscrições sôbre uns *Cassiani* (Ver Marrou, *Hist. Educ.*).

Cassiano organizou e redigiu doze livros sôbre *as instituições cenobíticas e os remédios para oito vícios principais.*

I. Do hábito dos monges.
II. Da regra das orações e dos salmos da noite.
III. Da regra das orações e dos salmos do dia.
IV. Dos que abraçam o renunciamento.
V-XII. Dos pecados capitais, aos quais acrescenta (IX) a tristeza; distinção entre tristeza e desencorajamento (X); vã glória (XI); orgulho (XII).

A primeira parte das conferências trata da perfeição cristã.

I-II. Da discreção necessária para alcançá-la.
III. Do renunciamento que responde à vocação.
IV. Da concupiscência.
V. Dos vícios.
VI. Do pecado.
VII. Da vontade contra os ataques do demônio.
VIII. Dos anjos e dos demônios.
IX-X. Da oração e da vida contemplativa.
XI. Da caridade.
XII. Da *apatheia* ou castidade.
XIII. Da graça e da liberdade.
XIV. Da ciência espiritual.
XV. Dos carismas e dos milagres.
XVI. Da amizade entre perfeitos.
XVII. Do essencial e do acessório na vida espiritual, o propósito dos votos e das promessas.
XVIII. Dos três gêneros de monges. (1)
XIX. Do fim das duas vidas cenobítica e anacorética.
XX. Da vida purgativa.
XXI. Da liberdade dos filhos de Deus sob a lei nova.
XXII. Das tentações carnais que se podem encontrar entre os mais santos.
XXIII. Da impecabilidade, que não é para os mortais.
XXIV. Do anacoretismo: suas servidões e sua doçura.

---

(1) Cenobitas, anacoretas, sarabaítas, sem falar dos isolados fantasistas.

São conferências notáveis, verdadeiros pequenos tratados, todos consagrados em honra do Cordeiro imaculado, textos venerabilíssimos, lidos, relidos, meditados por legiões de monges, de religiosos e de leigos.

Depois das *Conferências*, a pedido do arquidiácono de Roma, que futuramente seria o papa São Leão, Cassiano escreveu uma notícia ou relatório contra Nestório, sôbre a Encarnação.

São João Cassiano, que São João Crisóstomo ordenou diácono, faleceu no ano de 435.

* * *

SÃO VALERIANO (*)

Bispo

São Valeriano foi o primeiro bispo conhecido de Cimiez — talvez o primeiro prelado daquela cidade. Monge de Lerins (o que deixa dúvidas), eleito para o episcopado de Cimiez, assistiu aos concílios de Riez (439) e de Vaison (442), reunidos por Santo Hilário de Arles.

São Valeriano deixou vinte e uma homilias, breves mas concisas, que tratam de questões morais. Sôbre elas já se discutiu para saber se o santo bispo foi semi-pelagiano, dadas algumas expressões duvidosas: nada, contudo, ficou apurado.

A cidade de Cimiez era vizinha do pôrto de Nice. No século V, as duas cidades tinham cada qual, o seu bispo, o que levava a várias contestações: o papa São Leão, reunindo as duas dioceses numa só, entregou-as a Valeriano, para que as dirigisse.

Faleceu o santo bispo, provàvelmente, em 460. Assim, não viu o conflito que se deu sob o papa Hilário, que, tendo separado Cimiez de Nice, acabou por reuni-las definitivamente, fazendo da diocese um sufragâneo de Embrun.

No mesmo dia, em Orvièto, na Toscana, a bem-aventurada Joana de Orvieto, virgem. Nascida em Carnaiola em 1264, faleceu em 1306. O papa Bento XIV aprovou-lhe o culto em 1754. Tendo aparecido, depois de morta, a uma amiga, perguntou-lhe esta: — "Vana (1), como te sentes agora daquelas dores do lado que tanto te maltratavam, quando vivias?" Respondeu-lhe a bem-aventurada: — "Tôdas as dores terminaram". Aparecendo também a Frei Simão de Montefiascone, pediu-lhe que tratasse da remoção do corpo, que jazia no cemitério, porque ali, que era lugar de recolhimento e de oração, tagarelava-se demasiadamente (como hoje, infelizmente, assim se faz!).

Medalha de Vespasiano, imperador romano.

Em Leucádia, Santa Ana ou Susana, virgem, nascida em Constantinopla, de pais ricos e nobres, foi pedida em casamento por Agarenos, apresentado pelo imperador Basílio, o Macedônio. Recusou-se a aceitá-lo, e, recolhendo-se a um convento, viveu na penitência e na oração, falecendo octogenária em 918.

(1) Apelido pelo qual a chamavam os mais chegados.

A festa de Santo Apolinário, Bispo que, tendo sido sagrado em Roma, por S. Pedro, e mandado a Ravena, aí sofreu tôda espécie de torturas pela fé de Jesus Cristo; foi depois para a Emília, onde pregou o Evangelho com tanto fruto que afastou grande parte da população do culto dos ídolos: enfim, tendo voltado a Ravena, aí terminou seus dias, sob o imperador Vespasiano, com um glorioso martírio. — Em Mans, São Libório, Bispo e confessor. — Em Roma, São Rasifo, mártir. — No mesmo lugar, Santa Primitiva, virgem e mártir. — Mais, os santos mártires Apolônio e Eugênio. — No mesmo dia, a festa dos santos Trófimo e Teófilo, que, tendo sido martirizados a pedradas, pôstos no fogo e depois decapitados, receberam, sob o imperador Diocleciano, a coroa do martírio. — Na Bulgária, vários mártires, que o ímpio Nicéforo, imperador, no tempo em que devastava as igrejas do Deus-vivo, fêz morrer de várias maneiras, uns pela espada, outros, pela corda, outros a golpes de flechas, e outros por uma longa prisão e pela fome. — Em Roma, as santas virgens Rômula, Redenta, e Herondina, das quais o Papa São Gregório faz menção.

* * *

24.º DIA DE JULHO

SÃO FRANCISCO SOLANO

Franciscano

São Francisco Solano nasceu em Monsília, na Andaluzia, diocese de Córdova, no mês de março de 1549. Seu pai e sua mãe, distintos pela posição e piedade, inspiraram-lhe desde os mais tenros anos, o temor e o amor de Deus. Fêz seus estudos com os jesuítas, onde conquistou o afeto de todos, pela modéstia e doçura. Sua presença sòmente impedia os jogos e as palavras desonestas. Amava tanto a paz, que se apressava em conciliar as discussões dos companheiros. Um dia, vendo dois homens bater-se em duelo, ousadamente foi ter com êles, e lhes disse, com extrema doçura: Pelo amor de Deus! Não luteis de maneira tão perigosa; pois não há ninguém para vos reconciliar e certamente vos ferireis de morte. Comovidos por essa ingênua demonstração, os dois homens puseram a espada na bainha e separaram-se em paz.

As horas que não consagrava ao estudo o jovem Francisco as empregava em cultivar o jardim do pai, amenizando êsse trabalho com cânticos. Para aumentar a piedade, não menos que a ciência, freqüentava

assìduamente os sacramentos da penitência e da eucaristia. Na idade de vinte anos, entrou para o convento dos franciscanos de Monsília. As austeridades do noviciado não eram suficientes para seu fervor. Sob vestes ordinárias, usava um rude cilício, observava um jejum quase contínuo, dormia sôbre sarmentos, com um pedaço de madeira para travesseiro; durante o Advento e a Quaresma flagelava-se freqüentemente com o azorrague, até fazer sangue. Depois da profissão seguiu os estudos de filosofia e de teologia. À medida em que compreendia essas ciências, transformava-se em meditação, acompanhadas de orações e de lágrimas, de sorte que se tornou ao mesmo tempo o mais sábio e o mais santo. Nomeado mestre dos noviços, depois superior de um convento, instruía e governava mais com o exemplo do que com as palavras. Tendo conseguido abdicar a êsses cargos, dedicou-se completamente à salvação das almas, pregando com muita fé, caridade e fruto, ao povo pobre da região. Quando era mandado a pedir esmolas, reunia em redor de si as crianças, e rezava com elas as principais verdades da doutrina cristã. A peste havia aparecido na região e Francisco dedicou-se ao serviço dos enfermos, para a alma e para o corpo também. Ensinava-os a santificar os sofrimentos e procurava dar-lhes remédio. Os que escapavam da morte, êle os vestia de novo e levava à sua casa, com cânticos. O religioso que o ajudava, morreu, e Francisco fêz sòzinho o ofício de dois. Mas também foi atingido pelo mal; logo que se restabeleceu, voltou a tratar dos queridos doentes, até que o flagelo cessou completamente. A fé e caridade obtiveram mais uma cura extraordinária.

A população agradecida testemunhava-lhe grande estima e afeto, e o humilde Francisco procurava esquivar-se a tudo. Pediu permissão para ir pregar aos bárbaros da África, esperando lá derramar sangue pela fé. Logrou sòmente ir à América meridional, em 1589. Nas costas do Peru, o navio foi assaltado por tremenda tempestade, que o atirou contra um banco de areia e abriu uma brecha no costado da embarcação. O pilôto, não vendo mais remédio induziu os principais passageiros a salvar-se numa chalupa. Francisco Solano era do número dêles. Mas, considerando a multidão que não podia aproveitar dêsse privilégio, exclamou bem alto: Não praza a Deus, que, por amor da vida temporal, eu me separe de meus irmãos, que, estão em perigo da vida temporal e da vida eterna! Imediatamente, erguendo a cruz, os exortou a implorar a misericórdia divina. Como no número dêles havia negros infiéis, instruiu-os um pouco nas verdades da fé cristã, e deu-lhes o batismo. Alguns momentos depois, soprou um golpe de vento, que partiu em dois o navio. A metade na qual se encontrava a maior parte dos neófitos, desapareceu nas águas. A outra metade, na qual Francisco se encontrava, ficou flutuando. O terror tinha chegado ao auge, entre os companheiros de naufrágio; sòzinho, sem temor, o santo os exortava a pôr a confiança em Deus, a merecer-lhe o socorro pela oração e pela penitência, afirmando que a chalupa voltaria para os levar, depois de três dias. Nesse intervalo, pregou-lhes o retiro sôbre os restos do navio, dando-lhes mesmo exemplo de penitência, batendo-se com as cordas sôbre as costas nuas. Depois que passaram três dias e três noites, entre a vida e a morte, viram

a chalupa aparecer. Francisco ficou aí por último, quando a outra parte do navio desapareceu nas águas, depois de os ter salvo durante três dias. Depois, as águas afastaram a chalupa, e o santo a ela foi ter, a nado; seu hábito foi carregado pelas águas, mas êle o encontrou de novo, em terra, na praia.

Quando os missionários se refizeram um pouco do cansaço, em Lima, Francisco Solano foi mandado a mais de setecentas léguas, à província de Tucuman, ou Rio da Prata, para evangelizar as povoações nômades nas florestas e nos desertos. As línguas eram diversas e muito difíceis; aprendeu-as em pouco tempo, menos pelo esfôrço do espírito e da memória, do que pela graça daquele que disse: Os que crerem em mim falarão línguas novas. Pois, no fim de quinze dias falava uma dessas línguas com perfeição de maneira a sobrepujar os indígenas. Êstes, no comêço, atribuíram o prodígio à magia, mas logo notaram alguma coisa de maravilhoso. Como na primeira Pentecostes, enquanto o santo falava numa só língua, era compreendido em tôdas as outras.

Mas, o novo apóstolo se dedicava ainda mais que à palavra, para a conversão das almas, à oração, aos jejuns, às austeridades voluntárias. As viagens, as fadigas, os perigos, através das florestas, os desertos, os rios, nada lhe era empecilho para conquistar a Jesus Cristo os pobres selvagens, instruí-los, batizá-los, ouvir-lhe a confissão. Com o tempo, não teve mais necessidade de ir a êles, pois êles mesmos vinham procurá-lo em grande número. E o que os magistrados não tinham podido conseguir dêles, nem com o rigor da justiça e o temor dos castigos, o santo o obtinha com dizer apenas uma palavra, o que êles

imediatamente faziam com grande alegria. Eis, entre outras, uma prova da autoridade que sua humildade e caridade lhe tinham granjeado.

Um dia, era Quinta-Feira santa, enquanto os fiéis estavam ocupados nos ofícios divinos, chegou um exército de bárbaros, trazendo-lhes guerra e morte. O espanto foi extremo. Francisco Solano caminhou sòzinho para enfrentar os inimigos; e, embora êles falassem línguas bem diferentes, anunciou-lhes em uma só língua a paz e a concórdia. Compreenderam-no tão bem, que mais de nove mil dêsses bárbaros pediram o batismo. A mudança foi tal, que naquela mesma noite grande número dêles se uniram aos fiéis católicos, para flagelar-se, em honra de Jesus flagelado na coluna. Todos aquêles povos voltaram para suas terras, afirmando ter ouvido tôdas as línguas na daquele santo homem. Outros milagres aumentaram ainda sua fama. Um dia quando pregava em Tucuman, soube que aquêle povo, por causa da falta de água, estava para abandonar o país, contra vontade e com prejuízo. Iluminado por Deus, afirmou-lhes que muito perto havia uma fonte de água viva. Os habitantes não o podiam crer, por causa da longa sêca e então saiu com êles a um campo e, mostrando com seu bordão um lugar, de todo árido, ordenou que cavassem. Mal tinham tirado um pouco de terra, correu água de uma fonte muito abundante de água potável. Hoje ainda a corrente é tão forte que faz girar dois moinhos; e os habitantes, espanhóis e índios, chamam-na ainda de a fonte de São Solano.

Nomeado sucessivamente custódio da província de Tucuman e superior do mosteiro de Lima, Fran-

cisco tanto fêz com suas preces humildes, que foi dispensado dêsses cargos, a fim de se poder dedicar completamente à pregação e salvação das almas. Deus o favorecia com graças extraordinárias, com o conhecimento sobrenatural dos corações, com o dom das curas, e o espírito de profecia. Como viam realizarem-se suas predições e com exatidão, suas ameaças causavam uma impressão terrível. Em 1603, pregando na cidade de Trujillo, não longe de Lima, anunciou expressamente, quinze dias antes, que a primeira daquelas cidades seria destruída com a igreja onde êle pregava, não porém o púlpito, que ficaria intacto, no meio das ruínas. O que se verificou à letra, por um terremoto, a 14 de fevereiro de 1618.

No ano seguinte, depois que fizera essa predição, isto é, em 1604, estando em Lima, saiu um dia do mosteiro pela tarde, passou por uma grande praça, diante do povo, que acorreu logo, de todos os lados. Pôs-se a falar muito fortemente contra a corrupção dos costumes, e, tomando para isso o texto das palavras de São João: Tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, e orgulho da vida, anunciou de maneira ameaçadora, a próxima ruína, não da cidade material, mas das almas daqueles que lá moravam.

Essa predição foi para o povo de Lima o que a profecia de Jonas tinha sido para o de Nínive. Embora o Santo não tivesse falado da ruína da cidade, mas da das almas, todos os ouvintes a interpretaram nos dois sentidos. A cidade inteira cobriu-se de luto, todos batiam no peito, e imploravam a misericórdia divina; as igrejas foram abertas, o Santíssimo Sacramento exposto: confessavam-se com grande compunção; os confessores da cidade não eram suficientes.

Aquêle terror salutar se espalhou até pelas casas dos religiosos: os de São Domingos fizeram penitências extraordinárias e cantaram ladainhas para aplacar a justiça do céu. O vice-rei do Peru, espantado com essa comoção repentina de tôda a cidade, foi falar naquela mesma noite com o arcebispo de Lima, São Turíbio. Uma comissão foi nomeada para procurar-lhe as causas. Ela chamou São Francisco, que lhe repetiu o sermão. O efeito foi o mesmo: todos os ouvintes foram tomados de temor e desfizeram-se em lágrimas. Ao mesmo tempo o Santo deu uma declaração por escrito de que êle não tinha falado da destruição material da cidade, mas da ruína espiritual das almas pelo pecado. Essa declaração foi lida pùblicamente; mas ela não impediu que a compunção e o terror aumentassem ainda mais. Então o vice-rei disse: Não tomemos cuidados inúteis; aqui está a obra de Deus que quis por êsse meio abrandar os corações até então, endurecidos.

O que São Francisco Solano tinha sido tôda a vida, um modêlo de fé, de paciência, de humildade, de caridade e de devoção seráfica, o foi particularmente nos dois meses que precederam a morte. Extenuado por uma febre contínua, contemplava o Senhor sôbre a cruz e o bendizia por fazê-lo suprir com suas dores e enfermidades à disciplina que êle não mais se podia dar. Entretinha-se contìnuamente com Deus, ou dêle falava com os irmãos. Muitas vêzes era arrebatado em êxtase. Na festa da Santíssima Trindade, saiu da cela, apesar da fraqueza, e entoou com voz forte: Bendigamos o Pai e o Filho, com o Espírito-Santo! Sua aspiração familiar era: Glorificado seja Deus! Na festa do Santíssimo Sacramento teve conversas de êxtase com o Cordeiro

de Deus sôbre seu leito de dor. Êle predisse que morreria no dia de São Boaventura, seu santo predileto. Três dias antes da morte, olhando o religioso que o servia, derramou lágrimas e disse: Senhor Jesus, de onde me vem isso? Vós sois pregado na cruz e eu sou consolado pelo ministério de vossos servidores; vós estais nu, e eu, coberto; vós sois esbofeteado e coroado de espinhos, e eu, cumulado de tantos bens, consolado de tantas maneiras!

No dia de São Boaventura, 14 de julho, a febre cessou, de repente e a respiração do enfêrmo exalou um suave odor; suas mãos perderam as rugas. Os religiosos rezavam o ofício divino e o doente elevou as mãos ao *Gloria Patri* e disse sua aspiração costumeira: Glorificado seja Deus! Cantaram depois o símbolo da fé, que pequenos pássaros diante da janela acompanhavam com suas vozes. Quando se chegou a estas palavras, *et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virg'ne,* o sino da igreja tocou, como na elevação da missa solene; o santo, olhando para o crucifixo e cruzando as mãos, suspirou pela última vez sua oração: Glorificado seja Deus! e morreu a 14 de julho de 1610, na idade de sessenta e um anos. Milagres sem número atestaram logo sua santidade. As atas contam-lhes mais de cem, para sua beatificação. O processo de canonização cita ainda mais de vinte outros. Êle foi beatificado por Clemente VII e canonizado por Bento XIII, em 1726. Sua festa foi fixada para o dia 24 de julho.

* * *

BEM-AVENTURADA CUNEGUNDA (*)

Virgem

Cunegunda era sobrinha de Santa Isabel da Turíngia. Filha do rei da Hungria, Bela IV, diz-se que, ao nascer, ao invés de chorar lamentosamente, como o fazem as crianças, disse, com grande perfeição:

— Salve, Rainha dos céus, Mãe do Rei dos Anjos!

Cunegunda, ou Kinga, teve esmerada educação. Casada com Boleslau V, rei da Polônia, ambos viveram na continência. Fundou em Sandeck um mosteiro das clarissas. Terciária de São Francisco, à morte do espôso foi solicitada para tomar as rédeas do govêrno, e que recusou, encerrando-se no mosteiro que fundara. Ali viveu por treze anos. Quando a receberam, com grandes deferências, disse, muito simplesmente:

— Vim para servir. Esqueçais o que fui. A comunidade recebe tão sòmente uma irmã a mais.

Serviu na cozinha, onde lavava a louça, na enfermaria, e como varredoura de todo o convento.

Amável, simpática, muito doce, escolheram-na como abadêssa. Como abadêssa, faleceu a bem-aventurada em 1292, em grande paz.

O papa Alexandre VIII aprovou-lhe o culto em 1690. Um decreto da Sagrada Congregação dos Ritcs, de 1715, confirmado por Clemente XI, fêz de Cunegunda a padroeira da Polônia e do Grão-ducado da Lituânia.

* * *

BEM-AVENTURADO JOÃO DE TOSSIGNANO (*)

Bispo e Confessor

João de Tossignano, que foi bispo de Ferrara, nasceu na cidade da qual traz o sobrenome, em 1386. Filho de Antônio Tavella e de Margarida, nobre e rico casal, João estudou direito em Bolonha, mas não seguiu a carreira: em 1408, com vinte e dois anos, procurou os pobres jesuítas de Santo Eustáquio de Bolonha, e dêles tomou o hábito.

Enviado, anos depois, para Veneza, nos tempos do cisma de Pedro de Luna contra o papa Gregório XII, declarou-se o bem-aventurado do partido que apoiava o pontífice. Imediatamente, com alguns companheiros, embarcou para Rímini, a reconfortar o Santo Padre.

Nomeado, então, superior do convento de Ferrara, corria o ano de 1426, ali ficou João de Tossignano até 1431, quando foi elevado ao episcopado, vago com a demissão do velho bispo de Ferrara, cansado dos seus trinta anos de govêrno.

Procurando, por humildade, fugir do cargo, pretextando o recebimento, e tão só, das ordens menores, o bispo de Mântua, um bravo dominicano, conferiu-lhe as ordens maiores e o episcopado.

João inicicu a visita da diocese pela catedral, a 22 de janeiro de 1432. Tôda a diocese foi visitada, inspecionada, ora a pé, estafantemente, ora sôbre o lombo dum burro, monòtonamente.

Diz-se que entre as relíquias que contava a catedral havia cinco espinhos da coroa do Salvador: o novo bispo, muito zelosamente, procurou prová-los. Tomou, com todo o respeito, dos cinco espinhos, ditos da coroa, e levou-os a um turíbulo aceso: três foram ràpidamente consumidos pelo fogo, e dois dêles permaneceram intatos, tintos de sangue. Foram, então, carinhosa e delicadamente encerrados num relicário de cristal guarnecido de prata.

O bem-aventurado João de Tossignano foi padrinho de batismo de Hércules e de Sigismundo, filhos do marquês Nicolau III.

Conta-se do santo bispo que, transbordando, certa feita, o rio Pó, ordenou às águas que se conformassem ao leito e às margens, o que aconteceu no mesmo instante.

Caridosíssimo, socorria a pobreza constante, alegremente. Um dia, surgiu-lhe um leproso em lamentabilíssimo estado. Suplicou-lhe alguma coisa, já que nada tinha. O bispo deu-lhe roupas. Nem bem lhas entregara, o doente desapareceu, deixando no chão o que lhe fôra dado: era uma visita do céu.

João de Tossignano morreu sexagenário (1446), acabado pelas vigílias, pelas penitências. Deixou duas obras: uma sôbre a religião perfeita, escrita em italiano, no início do episcopado, e outra sôbre a Regra dos Jesuítas, com uma pequena Vida de Colombini, em latim.

* * *

BEM-AVENTURADO ANTÔNIO TURRIANI (*)

Confessor

Antônio nasceu em Milão. Formado em medicina, exerceu a profissão, e a todos os clientes dizia que, sendo os pecados a causa das doenças, necessário seria confessar-se para que se obtivesse cura.

Antônio Turriani operou maravilhas, curas miraculosas, e muitos dos seus clientes deixaram o século para entregar-se à vida dos conventos.

Finalmente, o bem-aventurado mesmo acompanhou muitos dos que curou: abraçou a religião, entrando na ordem dos Ermitães de Santo Agostinho da província de Milão.

De conduta exemplar, logo se viu alçado à profissão e às ordens sacras. Pouco depois, escolhido para prior, suplicou que elegessem outro mais afeito para o cargo. E, rogando ao provincial que lhe permitisse transferir-se para Foligno, para lá seguiu. Por três anos, procurou empregar todo o tempo nos hospitais.

De Foligno, passou para São Tiago de Compostela. Foi uma peregrinação *sui-generis*: propondo-se cuidar dos doentes que encontrasse pelo caminho, fêz coisas maravilhosas pela rota que se traçou.

Antônio permaneceu três anos em São Tiago. Admirado por tôda a gente, considerado como o médico mais sábio de quantos por ali passaram, acima mesmo das leis da natureza, contraiu inimigos.

Um domingo de Ramos, recebeu um ramo de oliveira. Plantou-o. O ramo pegou, deitou raízes, encheu-se de fôlhas, produziu. Do fruto, extraiu-se o óleo, óleo que, já morto o bem-aventurado, curou inúmeras pessoas.

Antônio Turriani ressuscitou dois mortos. Desaparecido aos setenta anos, aos 24 de julho de 1484, em Aquila, um sem-número de milagres foi observado à beira do túmulo onde lhe depositaram o corpo. Clemente XIII, em 1759, honrou-o com um culto público.

* * *

BEM-AVENTURADA LUÍSA DA SAVÓIA (*)

Viúva

De linhagem real, por parte de pai e mãe, Luísa era filha do bem-aventurado Amadeu IX, duque da Savóia, e de Iolanda. Neta de Carlos VII, sobrinha de Luís XI e prima da bem-aventurada Joana de Valois, Luísa nasceu no dia em que se comemora os santos Inocentes.

Moça, desejosa de levar vida religiosa, acabou por casar-se, em obediência aos pais, com Hugo de Chalons, ótimo cristão.

Luísa confessava-se seguidamente e comungava nas festas. E, "quando recebia Nosso Senhor, permanecia no quarto para ficar longe da mundanidade". Diz-se que nas vigílias de Nossa Senhora a bem-aventurada rezava trezentas e sessenta e cinco Ave-Marias, e, pela festa das Onze Mil Virgens, dizia onze mil. Esmolas, fazia-as secretìssimamente, e, à mesa, contentava-se com o que lhe serviam pela primeira vez. Doente, a sorrir encorajava os circunstantes, "porque não tinha nada."

Paciente, caridosa, humilde, amável, sempre que havia festa no castelo, sòmente apreciava, "porque se

dançava, algumas vêzes, no castelo de Nozeroy." Hugo, ao seu lado, também se limitava a presidir, como senhor da casa.

Luísa enviuvou em 1490. Desde então viveu na sombra, o castelo transformado em verdadeiro convento, onde só faltava, segundo o dito dum visitante, "apenas a sinêta."

Tendo aprendido o latim com o Padre Perrino, que a deixou apta para corrigir falhas de santos textos, levava a vida na oração, na contemplação, a jejuar, a fazer penitência.

Comendo pouquíssimo, tornou-se mais delicada e esguia.

Em junho de 1492, depois de se despojar de tudo aquilo que possuía, procurou as clarissas de Orbe, na Suíça. Professa aos 29 de junho de 1493, entregou-se tôda inteira à vida monástica, obedecendo o sino com uma pontualidade admirabilíssima. Sem o assentimento da abadêssa, nada fazia. E a abadêssa, encantada, sempre lhe dava ordens, "ùnicamente para vê-la deixar o que estava fazendo, no mesmo instante".

Dos trabalhos da comunidade, os que mais amava eram os afazeres da cozinha. As irmãs eram os "seus anjos", anjos que em Luísa encontraram refúgio, consolação, rumo e paz.

Falecida em 1503, enquanto rezava a Nossa Senhora, em 1531, por temor aos protestantes, os restos da bem-aventurada Luísa da Savóia foram levados para Nozeroy, depois para a capela do palácio real de Turim.

O papa Gregório XVI, em 1839, confirmou-lhe o culto.

No mesmo dia, no Mans, São Pavácio, bispo e confessor (século IV ou V). De São Pavácio nada mais se sabe senão que foi o décimo-segundo ou décimo-terceiro bispo do Mans, e que é invocado contra cobras.

Na Grã-Bretanha, Santa Lewinn, virgem e mártir, morta por pagãos saxões. No dia 24 de julho de 1058 teve as relíquias transportadas do Sussex para Bergues, Flandres, para a igreja de São Winnoc. Um monge de Bergues, Drogon, escreveu uma peça dramática intitulada *Translatio Lewinnae*, onde desfilam inúmeros milagres que a santa virgem operara.

Em Ardmore, na Irlanda, São Declan, bispo e confessor (século V ou VI). Possìvelmente originário do condado de Waterford, na costa meridional da Irlanda, quando menino uma língua de fogo lhe apareceu sôbre a cabeça, durante o sono, prelúdio da futura santidade a que chegou.

Em Troclar, na diocese de Albi, Santa Sigolena, abadêssa, ou Segolena e Segulena.

Em Mouzon, Santo Arnolfo, mártir. Santo Arnolfo foi um peregrino que bandidos teriam assassinado em Gruyères, nas proximidades de Mezières. No dia 24 de julho de 971, o arcebispo de Reims, Adalberão, transferiu as relíquias do santo mártir para o mosteiro de Mouzon. Sua atenção fôra atraída para o mártir quando êste protegera miraculosamente a igreja de madeira de Warques, onde o santo corpo descansava, quando do incêndio do lugar pelo conde Otão. Um monge escreveu a narração da translação.

Em Stone, na Inglaterra, os santos Wolfrad e Rufino, mártires, no século VII.

No Grão-ducado de Kiev, os santos Romano e Davi, também chamados Boris e Gleb, mártires, em 1015.

Em São Trond, Bélgica, Santa Cristina, a Admirável, virgem, falecida em 1224.

Na Suécia, o bem-aventurado Nicolau Hermanasson, bispo de Linkoping e confessor, falecido no ano de 1391.

Na Inglaterra, os bem-aventurados mártires de Durham, João Bost, Jorge Swallowell e João Ingram, mortos em 1594.

Vigília de São Tiago, apóstolo. — Em Tiro, sôbre o lago de Bolseno, na Toscana, Santa Cristina, virgem e mártir, que, tendo acreditado em Jesus Cristo, quebrou os ídolos de ouro e prata de seu pai e os deu aos pobres; depois, estraçalhada por golpes e torturada por outros horríveis tormentos, atirada ao lago com uma grande pedra ao pescoço, por ordem dêsse pai bárbaro, foi libertada por um anjo; outro juiz, que tinha sucedido a seu pai, exerceu maiores crueldades, que ela suportou com inalterável constância. Enfim, sob o governador Juliano, atiraram-na a uma fornalha ardente, onde ficou cinco dias, sem sofrer o menor mal; soltaram contra ela serpentes, de que ela foi preservada pelo poder de Jesus Cristo. Por fim, cortaram-lhe a língua e, atravessada de flechas, terminou o martírio. — Em São Vitorino, nos Abruzzos ulteriores, o martírio de oitenta e três soldados, santos. — Em Mérida, na Espanha, São Vítor, homem guerreiro, que pelos diversos suplícios que sofreu com seus dois irmãos, Estercácio e Antenógenes, terminou felizmente sua carreira, durante a perseguição de Diocleciano. — Na Síria, as Santas Niceta

e Aquilina que, tendo-se convertido pela pregação de São Cristóvão, mártir, e tendo sido decapitadas, conseguiram a palma do martírio. Ainda, os santos Meneu e Capiton. — Em Sens, Santo Ursicino, Bispo e confessor.

* * *

25.º DIA DE JULHO

SANTA GLOSSINDA

Virgem

Santa Glossinda, cuja vida foi escrita por São João de Vandières, nasceu no fim do século-sexto, na Gália bélgica, chamada depois França. Sua família era das mais ilustres. Seu pai, Vintron tinha o título de duque; Fredegário nos diz que era duque da Champanha e que no terceiro ano do reinado de Teodeberto, em 598, foi morto pelas intrigas de Brunehaut. Glodesinda ou Glossinda, praticou a virtude desde a infância, na casa paterna, onde foi educada com o maior cuidado. Desde cedo consagrou-se a Deus, não desejando outro espôso que o das virgens. Entretanto, quando chegou à idade, seus parentes casaram-na com um jovem nobre, chamado Obolen; no dia mesmo em que êle a devia levar para casa, com grande aparato, para celebrarem as núpcias, foi chamado ao palácio do rei. Era no tempo de Brunehaut e de Fredegunda, tempo de facções e de assassínios políticos. Obolen foi acusado perante o rei de crimes enormes e atirado a uma masmorra durante um ano; depois, condenado à morte. Ficando assim virgem, Glossinda resolveu só ter como espôso a Jesus Cristo. Seus pais, todavia, pensavam em um segundo

matrimônio; mas ela, resistia-lhes com tôdas as fôrças. Seu pai tinha em Trèves uma irmã chamada Rotlinda, abadêssa de um mosteiro. Pensava em lhe levar a filha, para que a persuadisse a aceder aos seus desejos e aos dos parentes. Glossinda, tendo sabido disso, dirigiu-se à cidade de Metz e refugiou-se na igreja de Santo Estêvão, que é a catedral. Seus pais seguiram-na, puseram guardas em tôdas as portas, para a prender se ela viesse a sair. Glossinda ficou na igreja seis dias, não sòmente sem sair, mas sem beber, nem comer. Deus a alimentava com o pão dos anjos. No sétimo dia, que era o dia do Senhor, um personagem de aspecto angélico, seguido de duas belas crianças, na presença de todos, caminha diretamente para o lado do altar, onde Glossinda se tinha refugiado e, sob as vistas dos assistentes, coloca-lhe o véu da religião sôbre a cabeça. Depois, com os dois que a seguiam, desaparece de repente, à vista de todos, que ficam mudos de surprêsa, de temor e de admiração, na presença da virgem, coberta com seu véu. Todos reconhecem que um anjo de Deus acabava de lhes aparecer. Os guardas mesmos vêm prostrar-se aos pés de Glossinda e lhe pedem perdão pela violência que tinham pensado em lhe fazer. Ela perdoa-lhes de todo o coração, volta para casa de seus pais e humildemente vai visitar a tia em Trèves; aprende dela tudo o que se refere à vida religiosa e volta à querida cidade de Metz onde reúne certo número de piedosas moças; obtém de seus pais um terreno que tinham no recinto dos muros e lá funda um mosteiro, onde reúne bem depressa cem religiosas. Governou-as durante seis anos e aí morreu na idade de trinta, em 640, pois se diz que morreu antes de Santo Arnolfo, cuja morte se deu em 645.

O mosteiro tomou o nome de São Pedro ou de Santa Glossinda. No altar dêsse mosteiro João de Vandières devia servir por semana, na razão de seus benefícios. Lá conheceu religiosas, que lhe rogaram escrevesse a vida de Santa Glossinda, com a história de suas transladações e de seus milagres. Êle escreveu a vida sôbre outra mais antiga, porém, mais curta e de um estilo inculto, que nós temos também. O fundo de uma e de outra é o mesmo.

Vinte e cinco anos depois da morte, o corpo da santa foi transferido da igreja dos Apóstolos ou de Santo Arnolfo, fora da cidade, a uma nova igreja da Santa Virgem, junto ao mosteiro e que serviu de sepultura às religiosas. O corpo foi encontrado sem corrupção. Uma segunda transladação ocorreu daquela igreja à do mosteiro mesmo, sob Luís, o Bonachão, por seu irmão Drogon, Bispo de Metz. Uma terceira, em 851, sob o Bispo Adalberon, quando foi preciso restaurar-se a Igreja; João de Vandières ou de Gorze, que foi testemunha da última, descreveu então os milagres de tôdas as três.

As religiosas de Santa Glossinda, antes de serem expulsas de seu mosteiro em 1792, preservaram da profanação o corpo da santa padroeira e o conservaram com cuidado. Quando da restauração da religião, entregaram-no ao bispo diocesano, a fim de que êle fôsse ainda exposto à veneração dos fiéis, como outrora. Repousa em sua antiga igreja que se tornou capela do bispado. Santa Glossinda é honrada na Lorena, a 25 de julho.

* * *

SÃO TIAGO, O MAIOR (*)

1.º Século

Apóstolo e Mártir

São Tiago, o Maior foi um dos doze apóstolos, irmão de São João, o Evangelista, filho de Zebedeu e dono duma barca de pesca no lago de Genesaré. Apelidaram-no "o Maior" para distingui-lo do "irmão" do Senhor.

"Depois que João foi prêso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o Evangelho do reino de Deus, e dizendo:

"— Está completo o tempo e aproxima-se o reino de Deus; fazei penitência, crede no Evangelho".

"Passando ao longo do mar da Galiléia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, (pois eram pescadores). Jesus disse-lhes:

"— Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens".

"Imediatamente, deixadas as redes, seguiram-no. E tendo passado um pouco adiante dali, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam também numa barca, consertando as redes; e cha-

mou-os logo. Êles, tendo deixado na barca seu pai Zebedeu com os jornaleiros, seguiram-no". (1)

Também Mateus (IV) e Lucas (V) nos falam da vocação de Tiago. O filho de Zebedeu, pois, fêz parte dos doze, tendo aparecido nalgumas circunstâncias memoráveis, tais como na cura da sogra de Pedro, na ressurreição da filha de Jairo, na Transfiguração.

Jesus, cuja fama logo se espalhou por tôda a Galiléia, foi à casa de Simão e de André, com Tiago e João.

"A sogra de Simão estava de cama com febre; e falaram-lhe logo a respeito dela. Jesus, aproximando-se e tomando-a pela mão, levantou-a; e imediatamente a deixou a febre, e ela pôs-se a servi-los". (2)

— — — —

"Tendo passado Jesus novamente para a outra banda na barca, concorreu a Êle muita gente, e Êle estava junto do mar. Chegou um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo, o qual, vendo-o, lançou-se a seus pés, e pedia-lhe com instância, dizendo:

"— Minha filha está nas últimas; vem, impõe sôbre ela a mão, para que seja salva, e viva".

"Jesus foi com êle, e uma grande multidão o seguia e o apertava.

"Então uma mulher, que há doze anos padecia um fluxo de sangue, que tinha sofrido muito de muitos médicos, e tinha gasto tudo quanto possuía, e que, longe de ter sentido melhoras, antes cada vez se achava pior, tendo ouvido falar de Jesus, foi por

(1) Mc 1, 14-20.

(2) Mc 1, 28-31.

detrás, entre a turba, e tocou o seu vestido; porque dizia:

"— Se eu tocar, ainda que seja só o seu vestido, ficarei curada".

"Imediatamente parou o fluxo do seu sangue, e sentiu no seu corpo estar curada do mal. Jesus, conhecendo logo em si mesmo a virtude que saíra d'Êle, voltado para a multidão, disse:

"— Quem tocou os meus vestidos?"

"Os seus discípulos diziam-lhe:

"— Tu vês que a multidão te comprime, e perguntas: "Quem me tocou?"

"E Jesus olhava em roda para ver a quem tinha feito isto. Então a mulher, que sabia o que se tinha passado nela, cheia de mêdo, e tremendo, foi prostrar-se diante d'Êle, e disse-lhe tôda a verdade. E Jesus disse-lhe:

"— Filha, a tua fé te salvou; vai em paz e fica curada do teu mal".

"Ainda Êle falava, quando chegaram de casa do chefe da sinagoga, dizendo:

"— Tua filha morreu; para que incomodar mais o Mestre?"

"Porém Jesus, tendo ouvido o que êles diziam, disse ao príncipe da sinagoga:

"— Não temas; crê sòmente".

"E não permitiu que ninguém o acompanhasse, senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

"Chegaram à casa do príncipe da sinagoga, e viu Jesus o alvorôço e os que estavam chorando e fazendo grandes prantos. E, tendo entrado, disse-lhes:

"— Por que vos perturbais e chorais? A menina não está morta, mas dorme".

"E zombavam d'Êle. Mas Êle, tendo feito sair todos, tomou o pai e a mãe da menina, e os (*três discípulos*) que levava consigo, e entrou onde a menina estava deitada. E, tomando a mão da menina, disse-lhe:

"— *Talitha kum*".

"Que quer dizer:

"— Menina, eu te mando, levanta-te".

"Imediatamente, levantou-se a menina, e andava; pois tinha já doze anos; e ficaram cheios de grande espanto. E (*Jesus*) ordenou-lhes rigorosamente que ninguém o soubesse; e disse que dessem de comer à menina". (3)

— — — —

Seis dias depois de Jesus predizer a Paixão e de ter falado sôbre a necessidade da abnegação, tomou consigo "Pedro, Tiago e João, e conduziu-os sós à parte a um alto monte, e transfigurou-se diante dêles. Os seus vestidos tornaram-se resplandecentes e em extremo brancos, tanto que nenhum lavadeiro sôbre a terra os poderia tornar tão brancos. E apareceu-lhes Elias com Moisés, que estavam falando com Jesus. Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus:

"— Mestre, é bom que estejamos aqui: façamos três tendas, uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias".

"Porque não sabia o que dizia; pois estavam atônitos de mêdo. E formou-se uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e saiu uma voz da nuvem, que dizia:

---

(3) Mc 5, 21-43.

"— Êste é o meu Filho caríssimo, ouvi-o".

"E, olhando logo em roda, não viram mais ninguém com êles senão Jesus. Ao descerem do monte, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, senão quando o Filho do homem tivesse ressuscitado dos mortos. E êles guardaram para si o segrêdo, investigando entre si o que queria dizer: Quando tiver ressuscitado dos mortos. Interrogaram-no, dizendo:

"— Por que dizem pois os fariseus e os escribas que Elias deve vir primeiro?"

"Êle lhes respondeu:

"— Elias, quando vier primeiro, reformará tôdas as coisas; e como está escrito acêrca do Filho do homem, terá de sofrer muito, e será desprezado. Mas digo-vos que Elias já veio, (e fizeram dêle quanto quiseram), como está escrito dêle". (4)

Os escribas diziam que Elias devia vir antes do Messias, a preparar-lhe o caminho, baseados em Malaquias: *Eis que eu vos mandarei o profeta Elias, antes que venha o dia grande e tremendo do Senhor.* (5)

João Batista foi o primeiro precursor da primeira vinda de Nosso Senhor Jesus. Elias há de ser o da segunda — daí aquêle *Elias já veio*, referindo-se a São João Batista.

— — — —

Chamados *Filhos do Trovão* pelo Salvador, porque desejavam que o fogo descesse do céu sôbre

(4) Mc 9, 1-13.

(5) Mal 4, 5.

São Tiago Maior. Gravura sôbre madeira do século XV.

uma cidade inospitaleira, à maneira de Elias, São Tiago e São João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se, um dia, de Jesus, dizendo:

"— Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir".

"Êle lhes disse:

"— Que quereis vós que eu vos conceda?"

"Êles disseram:

"— Concede-nos que, na tua glória, um de nós se sente à tua direita e outro à tua esquerda".

"Mas Jesus disse-lhes:

"— Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu vou beber, ou ser batizados no batismo em que eu vou ser batizado?"

"Êles lhe disseram:

"— Podemos".

"E Jesus disse-lhes:

"— Efetivamente haveis de beber o cálice que eu vou beber, e haveis de ser batizados no batismo em que eu vou ser batizado; mas, quanto a estardes sentados à minha direita ou à minha esquerda, não pertence a mim o conceder-vo-lo, mas é para aquêles, para quem está preparado".

Jesus perguntou-lhes se tinham coragem para sofrer e morrer por Êle, assim como ia sofrer e morrer pelos homens. Quanto ao lugar no céu, falava como homem, e, como tal, não tinha o poder de distribui-lo no reino de Deus, mas, como Deus, é igual ao Pai e tem os mesmos poderes.

Os outros apóstolos, ouvindo o que diziam Tiago e o irmão, "começaram a indignar-se contra Tiago e João. Mas Jesus, chamando-os, disse-lhes:

"— Vós sabeis que aquêles que são reconhecidos como chefes das nações as dominam, e que os seus

príncipes tem poder sôbre elas. Porém entre vós não deve ser assim, mas o que quiser ser o maior será o vosso servo; e o que entre vós quiser ser o primeiro, será o servo de todos. Porque também o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida para redenção de muitos". (6)

Que grande, imensa lição de humildade!

— — — —

Estava próximo o fim de Nosso Senhor.

"Quando saía do templo, disse um dos seus discípulos:

"— Olha, Mestre, que pedras e que construções".

"Jesus disse-lhe:

"— Vês êstes grandes edifícios? Não ficará pedra sôbre pedra, que não seja derribada".

"Estando sentado sôbre o monte das Oliveiras, defronte do templo, interrogaram-no à parte, Pedro, Tiago, João e André:

"— Dizei-nos quando sucederão estas coisas? E que sinal haverá, quando tudo isto estiver para se cumprir?"

Jesus falou-lhes, então, dos sinais da sua vinda, da destruição de Jerusalém, dos sinais do fim do mundo, finalizando com uma exortação à vigilância:

"— A respeito, porém, dêsse dia ou dessa hora, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho (7),

---

(6) Mc 10, 35-45.

(7) Jesus, como Deus, sabia, e nada ignorava sôbre o dia do juízo: o que não tinha era recebido a missão de revelá-lo aos homens. Nem o Filho o sabe para revelar aos outros.

mas só o Pai. Estai de sobreaviso, vigiai, porque não sabeis quando será o tempo. (*Será*) como um homem que, empreendendo uma viagem, deixou a sua casa, e deu autoridade aos seus servos, (*indicando*) a cada um a sua tarefa, e ordenou ao porteiro que estivesse vigilante. Vigiai (visto que não sabeis quando virá o senhor da casa, se de tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã), para que, vindo de repente, não vos encontre dormindo. O que eu pois digo a vós, digo-o a todos: Vigiai! (8)

A grande hora mais e mais se aproximava.

— — — —

No capítulo LXVIII da sua *Vida de Jesus,* Plínio Salgado assim nos apresenta, *Na Hora do Pavor,* a Jesus, Pedro, Tiago e João:

"Passaram pela porta do Oriente, atravessaram o riacho do Cedron, penetraram no Jardim das Oliveiras, envolvido nas trevas.

"Caminhavam cautelosamente. Sem rumor, pisando os trilhos cobertos de fôlhas mortas, umedecidas pelo orvalho noturno.

"Falavam em voz baixa, ciciada aos ouvidos. Às vêzes, detinham-se, prendiam a respiração, escutando, como se colassem o ouvido no peito negro da noite. E, no silêncio completo, apenas distinguiam vagos murmúrios; o rumorejar quase imperceptível do arvoredo, quando o vento levíssimo bolia nas frondes; e o abafado soluço da torrente que deslizava no fundo do vale.

---

(8) Mc 13, 1-37.

"Punham-se a caminhar de novo. Os corações palpitavam. À medida que avançavam para os recessos do hôrto, sentiam-se, ao mesmo tempo, mais seguros e mais apavorados.

"Pedro e Tiago apertavam os copos das espadas; João ia ao lado do Mestre, detendo-se, a cada instante, quando o vulto de um tronco lhe parecia um homem à espreita.

"Chegaram à parte mais profunda e quieta do bosque. Detiveram-se.

"Era quase meia-noite. Uma noite sem estrêlas, porque as nuvens fechavam a face do firmamento. Apoderou-se do Mestre e dos três discípulos o terror que deve empolgar a caça, no recanto da floresta, ao sentir-se apertada e sitiada pelas matilhas, ouvindo, ao longe, o ressoar das trompas dos caçadores e o ladrar dos cães".

— — — —

"Os ânimos mais fortes abatem-se nesses momentos. O esconderijo sugere impressões catastróficas. Quanto mais isolado e seguro, mais se torna sobressalente; porque rondam em tôrno dêle o Imprevisto, o Inesperado, o Indefinível.

"É a magia do Desconhecido.

"Na solidão do isolamento, todos os impossíveis se tornam possíveis.

"Um ôlho invisível pode ter visto tudo.

"Alguém teria ouvido o rumor velado de passos precípites.

"Por detrás dos troncos e das moitas, parece esconderem-se espiões. O estalido de um galho, o suspiro de uma fôlha sacudida pelo vento, o ciciar de um inseto, crescem na escuridão como torvas ameaças".

— — — —

"Quem já viveu êsses momentos cruéis: os escravos fugidos, os criminosos açoitados, os que, inocentes ou não, por êste ou aquêle motivo, já se viram na dura contingência do refúgio — êsses podem avaliar o que deveriam ter sido aquelas horas esgotantes, de um pêso opressivo, esmagador, no hôrto de Getsemani.

"Os sentidos estão alerta. A sensibilidade apura-se, sutiliza-se, atenta aos mínimos rumores. A imaginação superexcitada, trabalha, improvisa hipóteses instantâneas como relâmpagos, tece a teia das conjecturas, amortece os colapsos ou se apaga em síncopes, para refulgir de novo, em novas urdiduras emaranhantes, que asfixiam.

"Os inimigos estão longe, talvez nem suspeitem a direção que tomou a sua vítima. O foragido sabe, entretanto, que êsses inimigos se agitam, farejam, confabulam, conspiram, estendem a sua trama.

"Esconder-se, esconder-se ainda mais, imobilizar-se numa imobilidade de pedra, num silêncio de pedra, confundindo-se com os relevos do cenário agreste, com as raízes salientes, os calhaus e os arbustos — eis o desejo, a angústia daquele que mil olhos procuram e mil ouvidos perscrutam.

"Na escuridão impenetrável, as árvores tomam formas estranhas, como grandes animais acolhedores.

"As oliveiras de Getsemani esgalham na treva espêssa os braços convulsionados numa aflitiva cumplicidade".

— — — —

"Jesus está inteiramente entregue à sua natureza humana. Chegou o instante supremo em que tôda a sua carne, o seu sangue, os seus nervos, fremem à vibração das inenarráveis agonias, que o pressentimento da morte desperta no íntimo do sêr.

"Êle sabe que Jerusalém, durante essa noite, vela com os olhos muito abertos. O grande crime está em marcha. Os membros do Sinédrio conservam-se em vigília. O palácio de Anás e de Caifás acha-se iluminado. Pelos átrios, movimentam-se os servos; nos pátios das casernas, os soldados, de prontidão, cingiram os sabres e aguardam as ordens. Pelas ruas escuras, entrecruzam-se espiões.

"Tudo aquilo é motivado por um homem, é destinado a uma vítima. Êsse homem, essa vítima, é Êle.

"A missão apostolar foi cumprida: resta cumprir o destino designado no princípio dos tempos eternos: vencer a morte, salvando os homens do império da morte.

"Para vencê-la, é preciso passar por ela, experimentar o máximo das angústias com que ela atormenta a humanidade.

"Mas Deus é maior do que a morte; a morte não pode conter a Deus; não pode abrir as asas negras e estreitar o Infinito.

"Quem vai morrer é o Cristo, o Deus-Homem, mas a experiência da morte só pode ser tomada através da carne, do sangue, dos nervos, da sensibilidade e da emotividade do Filho do Homem.

"Todos os terrores humanos se apoderam de Jesus".

— — — —

"A sua palidez é marmórea. A sua voz é repassada de amargura suprema. Êle está envolvido pelos pavôres daquela noite, que se povoa de sustos, e penetrado por aquêles minutos, que se enregelam e se confrangem, apertando o coração em estremecimentos estranhos.

"Pedro, Tiago e João, abatidos pelas emoções do dia e da noite, conchegam-se uns aos outros, o ouvido e os olhos alerta.

"O Mestre diz-lhes:

"— A minha alma está profundamente triste; está numa tristeza de morte".

"Pedro, em voz ciciante, responde:

"— Mestre, aqui estamos contigo!"

"E Jesus:

"— Ficai aqui, pois irei orar um pouco mais adiante".

— — — —

"Ajoelhado, no escuro bosque, Jesus exclama:

"— Pai!"

"E tôda a aflição dos homens, desde os tempos mais remotos até os tempcs mais futuros, vibra, pal-

pita e cresce na oração daquele perseguido, daquele desamparado contra o qual o mundo se levanta".

— — — —

"— Pedro! João! Tiago!"

"O Mestre voltou e chama os amigos.

"Os amigos, porém, estão dormindo.

"Tantos sustos, tantas superexcitações e emoções daquela noite, exauriram-nos. Os membros distenderam-se, as bôcas abriram-se em bocejos, as pálpebras pesaram como chumbo.

"— Amigos, onde estais?"

"Estremunhados e assustados, os três ergueram-se da relva.

"— Eis-ncs aqui, Senhor!"

"— Oh, Simão! Vós dormis! Não podeis vigiar uma hora!"

"— Mestre, o sono surpreendeu-nos..."

"Jesus diz-lhes:

"— Vigiai e orai, para não cairdes em tentação. O espírito, em verdade, está pronto, mas a carne é fraca".

— — — —

"Novamente Jesus se ajoelha no recesso do hôrto.

"A idéia do sacrifício abate-o. As horas correm e os inimigos não tardam. Aumenta a pressão do pavor.

"— Pai! Tôdas as coisas te são possíveis! Evita esta terrível provação! Livra-me do horrendo sacrifício!

"Um clarão, à maneira de névoa luminosa, resplandece na treva. Diante de Jesus está aquêle que um dia apareceu à Virgem, num entardecer em Nazaré. Não traz agora o semblante de júbilo; uma doce tristeza irradia-se dos seus olhos. Tem nas mãos um cálice, um grande cálice, que estende para Jesus.

"Os homens, um por um, provarão também uma gôta dessa bebida tão antiga e tão estranha. Mas Jesus deverá beber todo êsse líquido, feito de sombras, da agonia dos sóis extintos e da melancolia das flôres ao emurchecer.

"O licor da agonia... O esquisito sabor, o indescritível perfume dos minutos consumando-se, dos movimentos ao passarem para a inércia, dos lábios que empalidecem no silêncio...

"Jesus exclama, com horror humano:

"— Pai! Afasta de mim êste cálice!"

"Todos os clamores da terra, tôda a angústia dos sêres viventes, as vozes desordenadas dos instintos, o pranto da carne revoltada e do sangue em tumulto — explodem nessas palavras.

"Mais acima, porém, paira o Espírito. É como o sol brilhando sôbre as águas. O Espírito que supera a morte e as suas formas, que se chamam sofrimentos. E Jesus brada:

"— Não seja, porém, o que eu quero, mas sim o que tu queres, Pai!"

— — — —

"— Pedro! Tiago! João!"

"Pedro (*despertando*):

"— Quem me chama?"

"Jesus:

"— Sou eu, Pedro. Novamente dormis?"
"Tiago:
"— O sono venceu-nos..."
"João:
"— O cansaço abateu-nos, Mestre".
"Jesus:
"— Eis que eu velo".
"Pedro:
"— Que quereis que façamos, Senhor?"
"Jesus:
"— Vigiai e orai".

— — — —

"(Como é difícil vigiar com os insones! Como fatiga assistir aos longos sofrimentos! Como é pesado o fardo alheio!

"E como é fácil dizer ao Amigo: acorda-me, se precisares!)"

— — — —

"No fundo, escuro bosque, o Mestre ajoelha-se pela terceira vez.

"Agora, uma serenidade infinita resplandece na sua fronte. A resignação adormeceu os tumultos da carne, que porejou nas tuas têmporas o suor de sangue, cujas gôtas ainda lhe caem lentamente pela barba. Só o Espírito domina.

"Teorias de anjos descem das alturas. São aquêles mesmos que despertaram os pastôres, há trinta e três anos, pelos campos de Belém.

"Cantam. Que cantam? Cantam os misteriosos salmos dos astros rolando nos insondáveis abismos;

as harmonias da Criação; o ritmo das fôrças; a transubstanciação da luz e do som, da forma e da côr, nesse jôgo incessante da beleza, nos mágicos louvores a Deus. Cantam o poema de Deus e o drama de Homem, tangendo, à maneira de harpas, o Sestustelo e os ráios do sol esticados como cordas nas cravelhas eternas do Zodíaco. E, num hino sem vozes para ouvidos humanos, cantam a glória do Verbo, que era em Princípio: Luz, Pensamento, Ação e Palavra no desmesurado Universo; do Verbo que era com Deus e está com Deus; do Verbo que se fêz carne e habitou entre nós".

— — — —

"— Pedro! Tiago! João!"

"João (*despertando*):

"— Tiago! Pedro! O Mestre chama-nos!"

"Pedro (*acordando*):

"— Não pude resistir..."

"Tiago:

"— Onde estamos? Ah! Sim! No Jardim das Oliveiras..."

"Jesus:

"— Agora podeis dormir!"

"Tiago:

"— Já não há mais perigo, uma vez que êle nos manda repousar".

"Pedro:

"— Por que dizeis que agora podemos dormir?"

"Jesus:

"— Dormi agora e descansai. Basta de vigiardes. É chegada a hora. Eis que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores!"

"Os três:
"— Mestre! Que nos dizes?"
"(*Ouvem-se vozes em redor do hôrto*).
"Jesus:
"— Levantai-vos e vamos. Eis que está perto o que o trai".

— — — —

"(*Brilham, por entre as árvores, lanternas e archotes. Vultos numerosos esgueiram-se por tôdas as aléias do hôrto. Crescem as vozes, aproximando-se*).
"Pedro (*em voz baixa, a Tiago*):
"— Quem são êsses?"
"Tiago:
"— Os polícias do Sumo Sacerdote".
"Pedro:
" — Ainda não nos viram".
"João (*trêmulo*):
"— Talvez não nos vejam..."
"Pedro:
"— Escondamo-nos atrás daquele tronco!"
"Jesus:
"— Não, Pedro!"
"João (*com um estremecimento*):
"— Mestre!"
"Jesus (*a João*):
"— Olha por minha Mãe; e que ela olhe por todos vós".
Pedro (*apontando*):
"— Vê, Mestre, quem vem à frente daquele grupo?"
"Tiago e João (*assombrados*):

"— Judas de Cariot!"

"(*O grupo de guardas vê o Mestre e os três discípulos*).

"Jesus (*adiantando-se*):

"— A quem buscais?"

"Judas (*interpondo-se entre o Capitão e Jesus*):

"— Mestre! Mestre!

"(*Beija-o na face*).

"Jesus:

"— É assim que trais o Filho do Homem?"

"Pedro (*avançando, de espada em punho*):

"— Que ninguém se aproxime do Mestre!"

"Malcus, esbirro de Caifás (*dando um passo e estendendo a mão para Jesus*):

"— Aproximo-me eu!"

"Pedro (*vibrando a espada*):

"— Nem mais um passo!"

"Malcus (*recuando, com as mãos na cabeça*):

"— Decepou-me a orelha!"

"Jesus (*a Pedro*):

"— Basta, Pedro! Quem com ferro fere, com ferro será ferido".

"(*Apanha a orelha de Malcus, aproxima-se do esbirro, cola-a de novo*).

"Malcus:

"— Milagre! Milagre! Êste homem curou-me!"

"Um fariseu:

"Malcus está embriagado; não sabe o que diz!

"Jesus (*avançando*):

"— A quem buscais?"

"O Capitão da Guarda:

"— A Jesus de Nazaré".

"Jesus:

"— Sou eu!"

"(*Os soldados recuam e caem aterrados*).

"O Capitão:

"— Levantai-vos, covardes!"

"Jesus (*ao Capitão*):

"— Saístes com espadas e lanças, para prender-me, como se eu fôsse um perigoso salteador. Todos os dias estava convosco, ensinando no Templo, e não me prendestes. Mas isto é para que as Escrituras se cumpram".

"(*Voltando-se para Pedro*):

"— Pensas tu, que se eu pedisse, meu Pai não me enviaria legiões de anjos a defender-me? E como se cumpririam as Escrituras?"

"(*Dirigindo-se novamente ao Capitão*):

"— Levai-me, pois, e se apenas me buscais a mim, deixai ir êstes outros em paz".

"(*Os soldados amarram as mãos de Jesus com cordas*).

"O Capitão:

"— Vamo-nos!"

— — — —

"Pedro, Tiago e João esgueiram-se por entre as sombras e detêm-se à distância. Os soldados e a turba saem com Jesus, erguendo os archotes e as lanternas, num rumor numeroso de passos.

"Os vultos misturam-se, confundem-se na escuridão. O rumor amortece, no fundo do vale, com o tinido dos sabres e das correntes das lanternas.

"Os três discípulos caminham até a porta do hôrto. Ao longe, move-se, à maneira de uma massa informe, iluminada pelos reflexos dos archotes, a

turba dos soldados e dos servidores de Caifás levando a sua prêsa".

— — — —

"Lá vai o Mestre. O hôrto, no silêncio da hora primeira, parece maior, imensamente vazio.

"Já não reside nêle o pavor. Dissiparam-se as sombras do mêdo. O que os discípulos tanto temiam, aconteceu. Agora podem andar à vontade, ir e vir, sem precisar esconder-se.

"O Mestre lá se foi . . . (*)".

— — — —

Prêso Jesus, Pedro negou-o três vêzes. E o Mestre, escarnecido, ferido, levado diante de Pilatos e de Herodes, sôlto Barrabás, foi condenado.

Eis a Via dolorosa! Eis Simão Sireneu! Eis a grande multidão de povo e de mulheres, "as quais batiam no peito, e o lamentavam", acompanhando o doce Cordeiro sem mancha!

— *Filhas de Jerusalém, não choreis sôbre mim, mas chorai sôbre vós mesmas e sôbre vossos filhos!*

Eis a Mãe Santíssima e João, o Predileto aos pés da Cruz!

— *Mulher, eis aí o teu filho!*

Ei-lo, a Doçura mesma, volvendo os olhos cansados ao que amava:

— *Eis aí a tua Mãe!*

(*) "Segundo São Mateus, cap. 26, vs. 36 a 56; São Marcos, cap. 14, vs. 32 a 52; São Lucas, cap. 22, vs. 39 a 53; São João, cap. 18, vs. 1 a 11".

Tudo consumado, sôbre a Cruz, sepultaram-no. E foi a Ressurreição. Jesus apareceu a Maria Madalena. Apareceu aos Apóstolos. Tomé, incrédulo, queria ver, nas mãos do Ressurgido dos mortos, a abertura dos cravos, meter a mão no lado do Divino Crucificado.

Oito dias depois, estavam os discípulos reunidos, e com êles Tomé, que não estivera quando Jesus surgira aos demais. "Veio Jesus, estando as portas fechadas, pôs-se no meio, e disse:

"— A paz seja convosco".

"Em seguida, disse a Tomé:

"— Mete aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos, aproxima também a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas fiel".

. . . .

"Depois disso, tornou Jesus a mostrar-se aos seus discípulos junto do mar de Tiberíades. Mostrou-se dêste modo: Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Didimo, Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu, e outros dois dos seus discípulos. Disse-lhes Simão Pedro:

"— Vou pescar".

"Responderam-lhe:

"— Também nós vamos contigo".

"Partiram, e entraram numa barca. Naquela noite nada apanharam. Chegada a manhã, Jesus apresentou-se na praia; os discípulos todavia não conheceram que era Jesus. Disse-lhes, pois, Jesus:

"Ó moços, tendes alguma coisa de comer?"

"Responderam-lhe:

"— Nada".

"Disse-lhes (*Jesus*):

"— Lançai a rêde para o lado direito da barca, e encontrareis".

"Lançaram, pois, (*a rêde*) e já não podiam tirar, por causa da grande quantidade de peixes. Então aquêle discípulo, a quem Jesus amava, disse a Pedro:

"— É o Senhor".

"Simão Pedro, ao ouvir dizer que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu), e lançou-se ao mar (9). E os outros discípulos foram com a barca (porque não estavam distantes de terra, senão duzentos côvados) (10), tirando a rêde cheia de peixes.

"Logo que saltaram em terra, viram umas brasas preparadas, e um peixe em cima delas, e pão. Disse-lhes Jesus:

"— Trazei dos peixes que agora apanhastes".

"Subiu Simão Pedro (*à barca*), e tirou a rêde para terra, cheia de cento e cinqüenta e três grandes peixes. E, sendo tantos, não se rompeu a rêde. Disse-lhes Jesus:

"— Vinde, jantai".

"E nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? sabendo que era o Senhor. Aproximou-se Jesus, tomou o pão, e deu-lho, e igualmente do peixe. Foi esta já a terceira vez que Jesus se manifestou aos seus discípulos, depois de ter ressuscitado dos mortos (11).

---

(9) Não pròpriamente nu: estava sòmente revestido com a túnica interior, levemente vestido, como era uso entre os pescadores.

(10) Cem metros mais ou menos.

(11) Jo 20, 24-31; 21, 1-14.

Dez foram as aparições do Salvador ressuscitado: duas às mulheres, perto do sepulcro; a São Pedro; aos dois discípulos de Emaús; aos discípulos de Jerusalém; aos discípulos na ausência de São Tomé; na presença dêste; aos sete discípulos, no lago, como vimos linhas acima; aos onze, no monte da Galiléia na última refeição; e no dia da Ascensão.

— — — —

Depois que jantaram, Pedro recebeu o primado. Estando para deixar o mundo, Nosso Senhor confiou-lhe o rebanho da sua Igreja. E desejoso de que o impetuoso Apóstolo reparasse a tríplice negação, por três vêzes perguntou-lhe se o amava; a cada resposta positiva, acrescentava: "Apascenta as minhas ovelhas".

— — — —

Nos Atos dos Apóstolos, estão as últimas instruções de Jesus aos discípulos. Estava prestes a subir ao céu. "Estando à mesa com êles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual ouvistes (disse êle) da minha bôca; porque João na verdade batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, daqui a poucos dias".

E tendo dito outras coisas, "elevou-se à vista dêles; e uma nuvem o ocultou aos seus olhos. Como estivessem olhando para o céu, quando êle ia subindo, eis que se apresentaram junto dêles dois personagens vestidos de branco, os quais lhes disseram:

"— Homens da Galiléia, porque estais (*aí parados*) olhando para o céu? Êsse Jesus que, separando-se de vós, foi arrebatado ao céu virá do mesmo modo que o vistes ir para o céu".

"Então voltaram para Jerusalém, do monte chamado das Oliveiras, que está perto de Jerusalém à distância da jornada de um sábado (12). Logo que chegaram, subiram ao cenáculo, onde permaneciam (*habitualmente*) Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelador, e Judas, irmão de Tiago. Todos êstes perseveravam unânimemente em oração, com as mulheres, e com Maria Mãe de Jesus, e com os irmãos dêle" (13).

— — — —

Depois da escolha de São Matias, para substituir o traidor, e quando se completaram os dias de Pentecostes, desceu o Espírito Santo sôbre os Apóstolos. Pedro, discursando, converteu três mil pessoas.

Desenvolveu-se a Igreja de Jerusalém. Próxima estava a morte do primeiro mártir — Estêvão. Logo, São Tiago teria a mesma sorte, em nova perseguição contra a Igreja de Jerusalém.

"Naquele mesmo tempo, o rei Herodes mandou prender alguns membros da Igreja para os maltratar. Matou à espada Tiago, irmão de João" (14).

---

(12) Jornada de um sábado era a distância de cêrca de um quilômetro, a qual podia ser palmilhada ao sábado sem que se violasse a lei de repouso.

(13) At 1, 4-14.

(14) At 12, 1-2.

Era nas proximidades da festa da Páscoa, e São Tiago, o Maior, foi o primeiro dos apóstolos a dar o sangue por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Diz uma tradição, recolhida por Clemente Alexandre, que o guarda que fôra incumbido de vigiá-lo, convertera-se, tal a firmeza, o calor, a imperturbabilidade que o discípulo de Jesus mostrara: decapitado, também derramou o sangue pelo Mestre sublime.

— — — —

No século VIII, quando os muçulmanos se apoderaram da Terra Santa, o corpo de São Tiago foi transportado para Compostela, na Espanha, sendo, desde aquêles tempos, um dos Santos mais venerados na península Ibérica.

A proteção de São Tiago àquela nação tem-se manisfestado de modo extraordinário nas lutas dos católicos contra o sarraceno infiel.

Por volta do século X, o túmulo do santo apóstolo começou a atrair estrangeiros, e no século XII, tantos eram os peregrinos que obstruiam completamente as estradas, os caminhos e os trilhos. Crê-se que foram os grandes abades de Cluny que organizaram, a principiar do século XI, tais procissões de fiéis para a Espanha: era um meio para alevantar ainda mais a fé católica da católica península e incitá-la a redobrados esforços contra a mourama. Conta-se, a propósito, que São Tiago, um dia, apareceu no mais quente de uma batalha contra os muçulmanos, e, imenso, dispersou-os com a rapidez do raio — em Clavijo, no ano de 834. Passaram, então, a chamá-lo, carinhosa e orgulhosamente, *El Caballero Matamoros*.

Representado com o Evangelho nas mãos, São Tiago logo passou a figurar um peregrino, de sacola a tiracolo e bastão.

— — — —

No décimo domingo depois de Pentecostes, pela festa de São Tiago, o Maior, ao Evangelho, lêem-se o trecho em que a mãe dos filhos de Zebedeu, aproximando-se de Jesus com os dois jovens, depois de adorá-lo, pede-lhe que no céu tenha a um dêles à direita e ao outro à esquerda (15), e, na Primeira Secreta, *O bem-aventurado martírio do vosso Apóstolo São Tiago faça, Senhor, com que vos sejam agradáveis as nossas oblações, e, sendo os nossos merecimentos insuficientes, aceitai-as devido à suas preces. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina em unidade do Espírito Santo Deus.*

— — — —

Dignai-vos, Senhor, santificar e proteger o vosso povo, a fim de que, sustentado pela assistência do vosso apóstolo Tiago, vos agrade por sua vida e vos sirva na paz.

* * *

(15) Mt 20. 20-23.

SÃO COCUFÁS (*)

Mártir

Século IV

Cocufás seria originário de Cila, mais ou menos perto de Cartago. Para escapar à furiosa perseguição do imperador Diocleciano, procurou outras terras, chegando à Espanha.

Em Barcelona, onde aportou, logo foi prêso pelo prefeito Daciano. Induzido a apostatar, recusou-se com grande firmeza. Torturado de mil e um modos, foi, afinal, decapitado.

Existe, na diocese de Barcelona, desde o século VIII, uma abadia dedicada a São Cocufás, abadia que desapareceu em 1835. Ali, dizia-se, conservavam-se as relíquias do santo mártir, cuja cabeça fôra levada para a França.

Com efeito, em 835, São Cocufás era veneradíssimo naquele país, muito particularmente em Paris. Há, nas proximidades de Rueil, em meio a um bosque, um pequenino alagado que se chama de São Cocufás.

O nome do Santo prestou-se para várias deformações, entre elas Cucufato, Quinquenfato, Guinefato, Cuato, Cofano, etc.

* * *

SÃO CRISTÓVÃO (*)

Mártir

(Século III?)

São Cristóvão (1) é o padroeiro dos motoristas e, por extensão, dos viajantes. Segundo a lenda grega, São Cristóvão era um bárbaro antropófago, da tribo dos cinocéfalos — homens com cabeça de cão — que se converteu, foi engajado nos exércitos imperiais e se recusou a apostatar, morrendo sob inomináveis torturas.

A lenda ocidental, apresenta-o diferentemente: um gigante com mania de grandezas. Servindo um rei poderoso, que, supunha, fôsse o maior da terra, deixou-o, quando soube que Satanás era maior e mais poderoso.

Ouvindo qualquer coisa a respeito de Jesus, muitíssimo superior a Satanás, Cristóvão procurou informar-se. Buscou elucidações com um ermitão, e ficou sabendo que Nosso Senhor era absolutamente o reverso do demônio, apreciando os homens pela bondade para com o próximo, não pela grandeza.

---

(1) Christophoro, Christopho, Cristóvão: **Aquêle que carregou o Cristo.**

Tendo-se fixado à beira de um rio caudaloso, para fazer bem aos semelhantes, propôs-se atravessar de uma margem a outra aquêles que disso necessitavam, valendo-se da fôrça imensa de que era dotado.

Uma noite, um belo menino requereu os préstimos do gigante. Cristóvão tomou-o nos ombros e encetou a travessia da corrente.

À medida que avançava pelas águas, mais aquela tenra criaturinha lhe pesava assustadoramente. Que significava aquilo? Como pesava! Era de derrear! Dir-se-ia que levava aos ombros o pêso do mundo! E o gigante, arfando e bufando, arrimado no bordão que arcava ao estranho pêso, depois de lutar contra a fadiga, todo cansaço, conseguiu atingir a margem oposta, que levara um tempo infindo para ser alcançada.

Limpando o suor do rosto afogueado, Cristóvão, de narinas dilatadas, sorvendo sôfregamente o ar que lhe fugia dos pulmões, exclamou ao menino, já em terra firme:

— O mundo não é mais pesado do que tu!

E o menino, sorrindo-lhe muito docemente, retrucou:

— Tu levaste sôbre os ombros mais do que o mundo todo — levaste o seu Criador! Eu sou o Jesus que tu serves!

Mais tarde, por aquêle Jesus que teve a sublime ventura de transportar às costas, o bom gigante inabalàvelmente daria a vida, sem se importar com a crueldade dos algozes.

São Cristóvão, logo, passou a ser invocado pelos condutores de veículos e pelos viajantes. E a fórmula *Christophorum videas, postea tutus eas* tornou-se co-

mum através dos tempos. E aos que iam viajar, para que o fizessem com segurança e sem atrapalhações, aconselhava-se:

— Olha São Cristóvão e vai tranqüilo!

Diz o martirológio, numa síntese:

"Na Lícia, São Cristóvão, mártir, que, sob o imperador Décio, tendo sido ferido com varas de ferro e preservado da violência do fogo pelo poder de Jesus Cristo, foi, afinal, atravessado de flechas e recebeu o martírio, pela decapitação (III século?).

* * *

SÃO MAGNERICO (*)

Bispo

Bispo de Trèves, São Magnerico teve grande devoção por São Martinho de Tours. Dedicou-lhe várias igrejas e um mosteiro. Quando peregrinou a Tours, fêz amizade com o bispo São Gregório, que o menciona na sua *História Eclesiástica dos Francos.*

Discípulo, e sucessor de São Nizier em 568, acolheu Teodoro, bispo de Marselha, exilado por Gontran da Borgúndia em 585, ano em que, convidado por Teodoberto II, foi padrinho de batismo do príncipe Childeberto II.

Em 587, acompanhou o rei à côrte de Gontran, onde trataram da causa do prelado exilado.

São Magnerico, que formou homens de valor, dentre êles destacando-se Gery, ou Galgerico, que foi bispo de Cambrai, faleceu a 25 de julho de 596.

* * *

BEM-AVENTURADO PEDRO DE MOGLIANO (*)

Confessor

Franciscano, nascido em Mogliano, na Marca de Ancona, em 1442, Pedro estudou direito na universidade de Perusa.

Ordenado padre, tornou-se pregador e diretor de almas. O duque de Camerino, Júlio César Varani, e a filha Batista, clarissa num mosteiro da cidade, tomaram-no como conselheiro.

Pedro de Mogliano foi, por três vêzes, eleito provincial das Marcas, e, por uma vez, de Roma. Faleceu em 1490 em Camerino, no dia 25 de julho, a murmurar o santo nome de Jesus, Querido de todos, chamavam-no o *Santo Padre*. Atacado de dolorosíssimo mal, até o fim carregou-o com bom humor, o que levou o povo a dizer que se fôra do mundo "a sorrir para a morte" — que, afinal, é a porta para a verdadeira vida, onde o sorriso é eterno.

No mesmo dia, em Huy, Liège, São João, apelidado o *Cordeiro*, bispo de Maestricht, falecido em 646.

Em Córdova, Espanha, São Teodemiro, monge e mártir, morto em 851.

Em Angers, o bem-aventurado João Soreth, confessor. Nascido na Normandia, bem jovem procurou os carmelos. Ordenado, freqüentou a universidade de Paris. Doutorado, foi escolhido como provincial da França. Tendo levado vida dura, de árduo trabalho, faleceu a 25 de julho de 1471. Foi geral, reeleito por três vêzes. Pio IX, em 1865, confirmou-lhe o culto.

Na Índia, o bem-aventurado Rodolfo Aquaviva e companheiros, mártires, em 1583. De nobre família italiana, Rodolfo, aparentado com São Luís Gonzaga, era sobrinho do Padre Cláudio Aquaviva, da Companhia de Jesus, camareiro secreto do Santo Padre. Tendo partido para a Índia, Goa, cinco anos depois, com os companheiros padres Afonso Pacheco, Pedro Berna, Antônio Francisco e o irmão coadjutor Francisco Aranha, foram todos massacrados pelos naturais. Um laico, Rodrigues e catorze indus cristãos, foram igualmente imolados.

Em Oroer, na diocese de Beauvais, Santo Evroult, abade no século VI. — Na Palestina, São Paulo, que, durante a perseguição de Maximiano Galério, sob o governador Firmiliano, sendo condenado à morte, obteve alguns momentos para orar a Deus; recomendou-lhe primeiramente seus concidadãos, depois, os judeus e os gentios, a fim de que êles reconhecessem a verdade da fé, depois tôda a multidão que o rodeava, enfim o juiz, que o tinha condenado à morte e o carrasco que o devia executar; depois disso, foi-lhe cortada a cabeça e êle recebeu a coroa do martírio. — No mesmo lugar, Santa Valen-

tina, virgem, que, ameaçada diante de um altar, para sacrificar e tendo-o derribado com um pontapé, foi cruelmente torturada; depois, atirada ao fogo com uma das companheiras, foi apresentar-se ao divino espôso. — Em Forcônio, nos Abruzzos ulteriores, os santos mártires Florêncio e Félix, nascidos em Siponto.

* * *

26.º DIA DE JULHO

SÃO JOÃO COLOMBINI

Em Siena, um primeiro magistrado da cidade, que aí tinha ao mesmo tempo uma banca, voltava para casa para jantar: ainda não estava pronta a refeição, mas êle estava com fome. Por isso o magistrado encolerizou-se contra a espôsa. Para o acalmar e levá-lo à paciência, ofereceu-lhe um livro para êle ler. O magistrado irritou-se ainda mais, atirou o livro ao chão e insurgiu-se contra todos os de casa. Todavia, alguns momentos depois, envergonha-se de si mesmo, apanha o livro, que era a *Vida dos Santos*. Abre-o e caem-lhe os olhos na vida de Santa Maria, do Egito; sente tal prazer na leitura, que tendo-o a espôsa avisado de que o jantar já estava pronto, respondeu: Espera um pouco, até que eu tenha terminado minha história. A mulher, contente, entrou num quarto vizinho e caindo de joelhos, rogou a Deus que terminasse a boa obra começada. Sua oração não foi inútil. João Colombini, que era o nome de seu espôso, desde aquêle momento ficou outro homem. Levado à avareza, habituado a discutir por um nada, tornou-se bom e caridoso. Quando comprava alguma coisa, aumentava sempre o preço que se lhe pedia; quando vendia, diminuía o preço de costume. Os concidadãos não sabiam como explicar a mudança em seu

modo de proceder. Bem longe de cometer um êrro, dava, triplicado ou quadruplicado, àqueles aos quais pensava ter prejudicado; distribuía aos pobres abundantes esmolas, visitava os hospitais, freqüentava as igrejas e dedicava muito tempo à oração. Sua mulher, Blasie, rogava a Deus que o confirmasse naqueles bons sentimentos e foi ouvida, muito mais do que esperava.

Primeiro, propôs-lhe viverem, para o futuro, juntos como irmão e irmã; ela ficou admirada, mas consentiu. Fêz também voto de continência perpétua. Para o observar fielmente, dava-se êle a jejuns, cada vez mais austeros, deitava-se sôbre tábuas, dormia pouco, consagrava a maior parte da noite à oração e à contemplação, ouvia a missa pela manhã e empregava o resto do dia em servir aos doentes nos hospitais, em reconciliar os inimigos, em defender a causa das viúvas e dos órfãos, em consolar os aflitos, em colocar em tôda parte uma palavra de edificação, em fazer bem a todos, quer por conselhos, quer com donativos.

Veio-lhe então ao espírito a palavra do Salvador ao moço: Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá-lo aos pobres; depois, vem e segue-me. João Colombini pôs-se a pensar que não teria feito assaz, enquanto não renunciasse a tudo, para seguir, como pobre, a Jesus Cristo, pobre. Tinha um amigo íntimo, Francisco Vicente, dos primeiros de Siena, por sua origem e riquezas. Depois de ter consultado a Deus na oração, comunicou-lhe o intento de deixar tudo, para viver à maneira dos apóstolos. Vicente teve dificuldade em aceitar o projeto; por fim, submeteu-se e os dois amigos resolveram pô-lo em prática.

Colombini deixou as vestes elegantes, tomou a dos pobres, distribuiu largamente seus tesouros aos infelizes; recolhia depois os enfermos nas ruas e os levava a um lugar onde pudessem ser atendidos. Seus amigos observavam-lhe que era preciso usar de muita prudência e não se reduzir à mendicidade. Colombini respondeu com franqueza: Muita precaução é também infidelidade. O que tenho em vista, é distribuir todos os meus bens aos pobres, ser reduzido à maior indigência e mendigar o pão; e difiro-lhe a execução, sòmente por motivos de caridade e de justiça, que querem se tenha alguma consideração às pessoas de sua casa. Minha grande felicidade será ter como única riqueza o senhor do mundo e cantar com o profeta: Minha herança, é o Senhor. Quando viram os dois amigos tão firmes em sua resolução, deixaram de lhes fazer observações e acabaram por se recomendar às suas orações, o que era uma maneira de aprovação.

João Colombini caiu doente, com grave febre. A espôsa e os criados serviram-no com tôdas as atenções possíveis. Mas êle quisera ser tratado como pobre. Certa manhã a mulher e o amigo Vicente entraram no quarto e não o encontraram mais; tinha desaparecido, com um cobertor; procuraram-no todo o dia; no dia seguinte, também, e sòmente ao terceiro dia acharam-no no hospital mais pobre da cidade, onde à noite se havia apresentado, envolto no cobertor e sem se dar a conhecer; seu desejo era experimentar a felicidade de ser pobre. A mulher e o amigo Vicente, tiveram imenso trabalho para o persuadir a voltar para casa; êle lhes dizia que, jamais as iguarias que antes lhe tinham sido dadas o tinham feito tão feliz como o chá pobre do hospital.

A espôsa queixava-se da vida pobre e desprezível que êle levava. Colombini procurava, mas em vão, consolá-la e fazê-la participar de seus mesmos sentimentos. Acabou por lhe dizer: se minha irmã não pode tolerar ver-me neste estado, há um remédio: já estamos separados de leito, separemo-nos também de moradia. Aquela proposta afligiu-a muito mais ainda. O fato que se segue levou ao máximo seu mau humor e o terminou, bem como, ao mesmo tempo a curou.

Colombini e Vicente iam à igreja principal ouvir a missa: à porta, entre outros mendigos, viram um homem seminu, coberto de horrível lepra da cabeça aos pés. — Não seria bom, — disse Colombini, — se o levássemos à nossa casa, para cuidarmos dêle? Vicente aprovou a idéia e o levaram ambos, através das ruas, com admirável ternura. Mas, quando Blasie o viu aproximar-se, exclamou muito alto: Afastai essa peste, do contrário abandonarei a casa e êste lugar. Colombini disse-lhe docemente que aquêle pobre era uma criatura de Deus, como ela, e, como ela resgatada pelo Sangue de Jesus Cristo, e rogou-lhe mesmo que achasse bom, por amor de Jesus Cristo, o deitassem, por um momento em sua mesma cama, pois êle já não a tinha e dormia no chão. Lembrava-lhe estas palavras: O que fizestes ao último dos meus, a mim mesmo o fizestes. Mais insistia, mais ela se indignava, protestando que jamais se aproximaria de um leito contaminado por tal infecção. Entretanto, os dois amigos pegaram o leproso, levaram-no a um banho, limparam-no, e o beijaram com muito afeto. Por fim, embora ela protestasse, deitaram-no no leito da mulher. Colombini rogou-lhe que ela mesma, depois, tivesse cuidado dêle, enquanto

ia assistir à missa. Ela retirou-se a um quarto vizinho, para devorar sua tristeza. Refletindo, vieram-lhe pensamentos melhores; começou a admirar a grande caridade do espôso, a compará-la com sua própria teimosia; temia que Deus fôsse para ela, sem misericórdia, se ela o fôsse para os infelizes. Além disso, convinha bem a uma mulher bem ducada questionar com o marido, a uma mulher cristã, repelir os pobres, e não ser piedosa com os indigentes? Comovida por tais reflexões, aproximou-se do quarto do leproso e abriu um pouco a porta. Imediatamente sentiu um cheiro delicioso, como de flôres as mais perfumadas e do mais delicado perfume.

Suspeitando que naquilo houvesse algo de divino, não ousou entrar; fechou a porta e pôs-se a chorar. Colombini e Vicente encontraram-na naquele estado, ao voltar da missa. Entraram com ela e sentiram o mesmo perfume inefável, mas não encontraram mais o leproso. O leito estava arrumado, como por uma doméstica, mui cuidadosa. Todos reconheceram, então, que o Salvador mesmo, sob forma de leproso, tinha querido gozar de seus cuidados caridosos: João Colombini teve disso depois uma revelação expressa, na noite seguinte. Desde aquêle dia, sua mulher não teve mais coragem de o censurar.

Os dois amigos, sentiam um desejo cada vez mais ardente de deixar os bens dêste mundo, não sòmente de coração, mas mesmo de fato e de nada mais ter absolutamente com êles. O que os embaraçava era o meio de o executar. Consultaram, então, a respeito várias pessoas de ciência e de piedade. Seu principal oráculo foi o bem-aventurado Pedro Petrônio, cartuxo, cuja vida os dois amigos mais tarde

escreveram. Êle disse-lhes, com São Gregório: Há daqueles que, possuindo as riquezas do século, delas se servem sòmente para aliviar os necessitados, defender os oprimidos e fazer outras obras da caridade; êsses oferecem a Deus sacrifícios ordinários. Há daqueles que nada se reservam mas imolam a Deus sua vida, seus sentidos, sua língua, seus haveres; oferecem, ou melhor, transformam-se em holocausto, como Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se tornou pobre, por nosso amor. Aquêles aos quais é dado segui-lo no caminho real da pobreza caminham com segurança e chegam com certeza ao reino dos céus. Os perfeitos servidores de Jesus Cristo sòmente querem a êle. Seu tesouro é amá-lo e imitá-lo. Os dois amigos resolveram, então, renunciar absolutamente a tudo. Mas como sabiam do apóstolo que quem não tem cuidado dos seus, é pior que um infiel, procuraram antes de tudo, prover convenientemente às famílias. Francisco Vicente tinha uma filha de cinco anos e a colocou em casa de excelentes religiosas de São Bento; João Colombini tinha uma de treze, que pedia para entrar na mesma casa, para abraçar a ordem. João dividiu em três partes os bens: deu uma ao grande hospital de Siena, a segunda ao mosteiro onde estava a filha, e a terceira a uma confraria da Santíssima Virgem, recém-erecta, reservando sôbre as duas últimas uma renda vitalícia para a espôsa, como ela mesma pediu. Para êle, não conservou nem um ceitil, bem como seu amigo Vicente. Começaram ambos a mendigar o pão, de porta em porta, vestidos como pobres e vivendo como tais.

Foi um espetáculo bem esquisito para os habitantes de Siena, ver o antigo gonfaloneiro, primeiro magistrado, feito mendigo voluntário. Coisa que não

os deixou menos admirado: enquanto João Colombini vivia nas delícias, estava sempre adoentado e era de estomago fraco; depois que começou a viver de esmolas, viram-no cada vez mais de boa aparência e robusto: mal vestido durante o inverno, sentia um calor que se comunicava aos outros. Outrora ávido de glória, era-o, agora, de humilhações. O chefe da cozinha do palácio comunal, precisava de auxílio; João Colombini pensou em ocupar o lugar; e viram o senador de Siena, o antigo magistrado da república, fazer as funções de ajudante de cozinheiro, no mesmo palácio onde êle mesmo ocupava o primeiro lugar. Lembrando-se de como outrora gostava de se apresentar nas ruas e nas praças, montado num belíssimo cavalo, para atrair o aplauso do povo, tomou um burrico, dos mais mesquinhos, montou-o e em suas vestes de mendigo, deu uma volta pela cidade, para provocar e receber as zombarias de todos.

O som do sino ou a voz do povo diziam-lhe que alguém acabava de morrer; logo corria, levava-lhe o corpo, arrumava-o no esquife e o levava, êle mesmo, ao lugar de sepultura. Como os amigos o quisessem afastar dêsses atos tão pouco convenientes à sua alta origem, rogava-lhes, por amor de Deus, que não o privassem daquela consolação e exclamava de vez em quando: Viva Jesus sòmente no coração de todos os que vivem! Assim foi sua vida durante dois anos e essas as ocupações dos dois amigos, João Colombini e Francisco Vicente.

O fervor de João não mais se podia conter; ouviam-no exclamar continuamente: Viva Jesus Cristo! Louvado seja Jesus Cristo para sempre! No meio de suas orações e de suas boas obras, rezava em público e em particular, converteu grande número

de pecadores; muitos lhe abraçaram o gênero de vida. Os primeiros dêsse número foram três homens da família ilustre dos Picolomini, isto é, Bartolomeu e seus dois filhos, Bindo e Afonso. Quando se apresentaram a Colombini, êle disse ao pai: Vai, vende tudo o que tens, dá-lo aos pobres; depois, vem e segue a Jesus Cristo. O pai foi, dividiu os bens em três partes, distribuiu a primeira aos pobres, consagrou a segunda para servir de dote a duas moças pobres, ou para se casarem, ou para entrarem na religião; dividiu a terceira entre os parentes. Nada deixou aos filhos, que, como êle, tinham escolhido o Senhor por herança. Os três se despiram dos hábitos do século, revestiram-se de uma túnica pobre e de um manto mesquinho, e, de cabeça e pernas descobertas e pés descalços, puseram-se a cantar pela cidade: Viva Jesus Cristo, louvado seja para sempre Jesus Cristo! O exemplo atraiu muitos outros, embora Colombini os tivesse submetido a rudes provações. Finalmente, ao fim do segundo ano. tinha consigo setenta dos mais nobres, entre outros, três de Florença, que também haviam abraçado aquêle gênero de vida.

Como o santo contágio ganhasse os moços das primeiras famílias, os parentes queixaram-se vivamente ao senado, que condenou João Colombini ao exílio. O santo partiu imediatamente, com alguns de seus discípulos. Mas pouco depois, ante a reclamação de tôda Siena, o senado mandou-lhe embaixadores pedir-lhe desculpas e rogar-lhe que voltasse. Foi que, depois de sua partida, a cidade se viu vítima de tôda sorte de calamidades; não havia quase casa onde não se realizasse um entêrro. O santo recebeu os embaixadores com grande benevolência, encarregou-os de levar à sua querida pátria suas bênçãos,

com a garantia de que, pelo seu arrependimento, as calamidades cessariam e enfim que voltaria, logo que pudesse. Mas não o podia fazer no momento, detido que estava por obras importantes.

A primeira cidade, onde se deteve, ao sair de Siena, foi Arezzo; sua primeira palavra foi clamar no meio das ruas: Viva Jesus Cristo! Aí pregou, como alhures, e como alhures converteu grande número de pessoas, reconciliou uma multidão de inimigos e restaurou o primeiro fervor numa casa de religiosos. Aproximando-se de Tiferno, outrora cidade de Castelo, encontrou um lavrador que guiava o arado; olhou-o e disse: Vem e segue-me. O lavrador deixou o arado, sem olhar para trás, seguiu o santo e tornou-se um de seus mais fervorosos discípulos. Entrando na cidade, encontrou numa praça um velho tabelião, que lá estava por curiosidade, para ver aquêle novo espetáculo. O santo disse-lhe: Velho mau, vem. renuncia a tudo e segue a Jesus Cristo. Êle o seguiu à igreja. onde o santo o ofereceu a Deus. Mas o tabelião, tinha um obcesso na orelha: como andar de cabeça descoberta. Tinha gôta nos pés; como andar descalço? — Não vos inquieteis com isso, respondeu Colombini, vinde comigo e segui a Jesus Cristo. O velho tabelião obedeceu e teve boa saúde. O santo não obteve melhores frutos em outras cidades da Toscana. Foi sobretudo bem recebido em Pisa. Eis como disso escreveu às religiosas de Santo Abôndio, de Siena.

Minhas mui caras madres, em Jesus Crucificado: quanto desejo ver-vos e falar convosco; mal o posso exprimir com palavras, embora tenhamos encontrado aqui um grande número de homens e de mulheres, que são excelentes em tôdas as virtudes e abrasados

de santos desejos, de modo que podem bem justamente atrair cem mil, para os ver, aquêles que disso tiverem conhecimento. Certamente, não podemos sem confusão comparar sua vida com a nossa. Encontramos aqui duzentos homens, que crucificam sua carne com mui rudes cilícios de sorte que temos de agradecer ao Senhor pelo que se reservou, sobretudo em Pisa, um maior número de fiéis servos, do que pensamos, que não dobram os joelhos diante dos ídolos dos pecadores. Contamos ainda muitas nobres matronas, que se desprezam de tal modo, por amor a Jesus Cristo, que não temem ir descalças e vestidas pobremente de modo que tôdas as nossas devotas, tão delicadas de Siena, não são comparáveis a uma só pisana.

Mas não poderia eu dizer bastante por escrito, que graças a Deus concede aos que põem sua confiança nêle. Eu vos darei motivo de uma alegria particular, falando-vos da sua solicitude paterna por nós. Chegou a não tolerar que tivéssemos o menor incômodo que sofrer. Pois, por todo o tempo de nossa viagem, nem a chuva, que caía do céu molhou nossos mantos, nem o frio, embora rigoroso, se fêz sentir aos nossos membros. Ó bom Jesus, felizes aquêles que esperam em vós e se entregam à vossa Providência, a qual jamais deixa de os alimentar liberalmente. Confesso que meu companheiro Francisco e eu, tínhamos antes algum temor, como conseqüência da dor que nossos pés tinham contraído, de sorte que eu tinha um pequeno receio de me pôr a caminho; mas, mal tínhamos começado a pisar o solo, o bom Jesus nos concedeu a saúde. Aquêle que põe em Deus sua confiança, sua graça livra-o de qualquer pena. Jamais os pés de Francisco esti-

veram melhor. Eu, para evitar as picadas dos espinhos, tinha untado com pixe a sola dos pés. Mas fui castigado pela temeridade, pois fiquei todo ferido, porque eu, João, não confiei em Jesus Cristo. Também resolvemos ambos nada mais levar conosco de ora em diante, que a Jesus Cristo, sòmente em nosso coração, e não mais nos inquietarmos com o que nos poderia ser vantajoso. Digne-se Jesus Cristo conceder-nos essa graça, a nós, a vós e a todo o gênero humano!

Em suas viagens apostólicas, o santo veio a passar por uma terra que lhe tinha pertencido. Imediatamente, lembrando-se das injustiças que lá tinha cometido, despiu-se de suas vestes, pôs uma corda ao pescoço, obrigou os companheiros a arrastá-lo por tôdas as ruas da aldeia vizinha, batendo-o com varas e gritando para a multidão: Eis aquêle usurário, aquêle avarento que sentia prazer em vos oprimir e em vos fazer morrer de fome! Eis aquêle que vos emprestava mau grão e depois exigia o dôbro no bom tempo da colheita! Eis aquêle que vos vendeu trigo tão caro! Oh, cruel inimigo dos pobres e dos infelizes! Batei-o, fustigai êsse celerado, êsse ímpio, que merece a prisão e a morte! Do povo que, correu àquele estranho espetáculo ninguém ousou abrir a bôca; grande número de pessoas chorava de compaixão. Colombini testemunhou-lhes seu agradecimento, bem como àqueles, que, por sua ordem lhe tinham batido.

De volta a Siena, formou, no mesmo espírito de pobreza, de humildade, de abnegação e de penitência, uma congregação de mulheres, das quais a primeira foi uma de suas primas. Enfim, no ano 1367, como o número de seus discípulos aumentasse

cada vez mais, foi procurar o papa Urbano V, que voltava de Avinhão para Roma, a fim de lhe pedir a aprovação de sua ordem. Colombini entrou em Viterbo, com um grande número de seus religiosos, cantando: Viva Jesus Cristo! Seja louvado para sempre Jesus Cristo! O povo recebeu-os com muito afeto; as crianças puseram-se a gritar: Eis os Jesuados! Fazei bem aos Jesuados! Êsse ficou sendo o nome da nova ordem.

Colombini e os seus, tendo sabido que o soberano Pontífice devia desembarcar em Corneto, para lá se dirigiram, e trabalharam com zêlo nos preparativos da recepção; postaram-se no pôrto com ramos de oliveiras e galhos nas mãos e quando o Papa pôs os pés em terra, exclamaram a uma voz: Viva Jesus Cristo! Viva o Papa Urbano, vigário do Cristo! O Pontífice, vendo-os de cabeça descoberta e descalços, sabendo ademais quem eram e o que pediam, admirou-lhes a simplicidade e os recebeu favoràvelmente. Tendo interrogado a João Colombini e a Francisco Vicente, anunciou que lhes daria hábitos, mas que deveriam cobrir a cabeça e trazer nos pés pelo menos, sandálias de madeira. Voltaram com o Papa a Viterbo. Pessoas mal intencionadas acusaram-nos de serem Fratricelos. Urbano V deu o encargo ao cardeal Guilherme Sudre, Bispo de Marselha, de examinar-lhes a doutrina e, como se justificassem plenamente, o Papa lhes aprovou solenemente o instituto, e deu-lhes com suas próprias mãos os hábitos que deveriam usar. Era uma túnica branca com um capuz da mesma e um manto de côr marron. O povo chamou-os de Jesuados, porque tinham sempre na bôca o nome de Jesus; abraçaram a regra de Santo Agostinho e tomaram São Jerônimo por patrono. São

João Colombini viveu ainda trinta e cinco anos, depois da aprovação da ordem. Quando voltava a Siena caiu doente e morreu em viagem, no sábado, 31 de julho de 1367, dia em que a Igreja lhe honra a memória. (1) Antecipamos sua interessante vida para o dia 26, porque no dia 31 já está a de Santo Inácio de Loiola.

* * *

(1) Acta SS., Julii, Item Godescard et Hélyot.

SANTA ANA (*)

Mãe da Santíssima Virgem

I.º Século

Santa Ana, espôsa de São Joaquim e mãe de Nossa Senhora, é a padroeira principal das arquidioceses de São Paulo e do Rio.

Desde os primeiros séculos, a mãe da Santíssima Virgem Maria foi venerada na Igreja Oriental. Na liturgia romana a festa foi introduzida no século XII, propagada pelas cruzadas, e teve o apogeu nos séculos XIV e XV, em correlação com a devoção à imaculada conceição de Maria.

Sôbre os pais de Maria, não nos dizem nada os evangelhos canônicos. Sôbre tal questão, diz muito sutilmente o Padre Luís Francisco de Argentan, capuchinho do século XVII:

"Se as grandezas de Maria tiveram o pai e a mãe como fontes, era necessário que aparecessem como primeiros, a fim de que espalhassem os raios da própria glória sôbre ela, como o sol comunica a luz aos astros que o rodeiam; todavia, esta ordem é invertida, porque a Santa Virgem recebeu tôda a glória de Jesus Cristo, seu Filho, e, pois, São Joaquim e Santa Ana receberam muito maior glória da

filha, pela qual levam esta incomparável vantagem sôbre o resto dos Santos, de ser os mais próximos parentes, segundo a carne, do Salvador do mundo, uma vez que são verdadeiramente pai e mãe da Virgem Maria" (1).

Se os quatro inspirados evangelistas não se referiram a Santa Ana e a São Joaquim, não ficaram os pais de Maria, entretanto, totalmente apagados: três evangelhos apócrifos falam dos dois bem-aventurados Santos: o *Proto-Evangelho de Tiago*, o *Evangelho do pseudo-Mateus* e o *Evangelho da Infância*.

Segundo o primeiro dêles, cuja composição é olhada como muitíssimo antiga, Joaquim e Ana eram de piedosos e ricos israelitas da tribo de Judá, possuidores de grandes rebanhos. Não tinham filhos, e isto, para os judeus era motivo de ignomínia.

Um dia, Joaquim, que foi ao templo apresentar uma oferenda, viu-a, tristíssimo, ser recusada pelo sacerdote, justamente por causa da esterilidade da espôsa. Arrazado pelo sucesso, o bom homem, ao invés de voltar para casa, com os rebanhos buscou a montanha, desesperado.

Durante cinco meses, ninguém, nem mesmo a espôsa, ouviu falar de Joaquim. Desaparecera, e dêle, notícia alguma chegava ao lugar em que vivia.

A dor de Ana foi imensa. Dir-se-ia que enviuvara. Mas, um dia, quando, como de costume, fazia as suas preces, um anjo apareceu-lhe, para enchê-la de alegria: Joaquim, muito breve, tornaria, e ambos, novamente juntos, haveriam de ter o que tanto desejavam — um filho.

---

(1) **As Grandezas da Santis. Virg. Maria, Mãe de Deus** — do P. L-F. d'Argentan, Paris, 1687.

Encontro de São Joaquim e de Santa Ana à porta de Ouro.
Segundo uma gravura de Albert Durer. Século XVI.

Joaquim, na montanha, também recebeu aquêle enviado de Deus, que lhe prometeu a mesma alegria e lhe ordenou que descesse e voltasse para a espôsa.

Quando o Santo se aproximava, tornou o anjo a visitar Ana, dizendo-lhe que o marido se avizinhava e, pois, fôsse-lhe ao encontro, na Porta Dourada.

Ana, deslumbrada, tôda numa alegria sem par, deixou a casa correndo e se precipitou nos braços do espôso.

Assim, exultando, voltaram para o lar, a bendizer a Deus incessantemente.

Nove meses mais tarde, nasceu-lhes uma filha — a qual deram o nome de Maria.

— — — —

Nasceu-lhes aquela Maria sublime, pela qual "grandes coisas fêz Aquêle que é poderoso", aquela Maria sublime que "resplandeceu de tal abundância de dons celestes, de tal plenitude de graça e de tal inocência, que se tornou como que o milagre de Deus por excelência, ante a culminância de todos os seus milagres, e digna Mãe de Deus — de modo que, colocada, tanto quanto é possível a uma criatura, como a mais próxima de Deus, ela se tornou superior a todos os louvores dos homens e dos Anjos", a Maria sublime que, com o auxílio divino, quebrou, inutilizou a violência e o poder da serpente.

Nasceu-lhes o Lírio entre os espinhos, a Terra absolutamente intata, virginal, ilibada, imaculada, sempre abençoada e livre de todo contágio de pecado — "da qual foi formado o novo Adão" .

Nasceu-lhes o Jardim "ordenadíssimo, esplêndido, ameníssimo, de inocência e de imortalidade,

Santa Ana instruindo a Virgem Maria. Segundo uma miniatura das **Horas de Ana de Bretanha.** Século XV.

delicioso, plantado por Deus mesmo e defendido de tôdas as insídias da serpente venenosa".

Nasceu-lhes o Lenho imarcescível, "que o verme do pecado jamais corroeu". Nasceu-lhes a Fonte sempre límpida, o Templo diviníssimo, o Escrínio da imortalidade.

Nasceu-lhes a Co-redentora dos homens, a Medianeira poderosíssima, o Caminho mais seguro e mais fácil para Jesus, a que sofre por nossa causa, a *Mulher vestida do sol, que tinha a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrêlas sôbre a cabeça,* de São João, a qual, *estando grávida, clamava com dores de parto e sofria tormentos para dar à luz* (Apoc. 12, 1-2).

Que parto? "Por certo o nosso, pois que, retidos ainda neste degrêdo, carecemos de nascer para o perfeito amor de Deus e felicidade eterna. As dores do parto que nos estão a demonstrar o amor ardente com que Maria zela e trabalha, lá no céu, por suas preces incessantes, para levar o número dos eleitos à sua plenitude (Pio X).

— — — —

Quando a menina completou dois anos, Joaquim disse a Ana:

— *Conduzamo-la ao Templo do Senhor, a fim de cumprir o voto que formulamos.*

Ana respondeu:

— *Esperemos até o terceiro ano, porque talvez a menina venha a procurar o pai e a mãe.*

Joaquim concordou, dizendo:

— *Esperemos.*

Quando Maria entrou nos três anos de vida, foi desmamada, e Joaquim disse:

— *Chamai as jovens virgens santas de Israel. Que cada qual tome uma lâmpada e a tenha acesa, para que a menina não volte atrás e seu coração não se apegue às coisas de fora do Templo do Senhor.*

E assim foi feito.

— — — —

A glória maior de Santa Ana reside no fato de ter sido mãe da Imaculada. Foi espôsa modêlo, humilde, casta, submissa a Deus em tudo, e ao marido. Devotadíssima à filha, colaborou com a obra do Espírito Santo, para fazer frutificar os dons maravilhosos daquela alma.

Avó de Jesus! Eis uma nova, imensa glória, porque de Santa Ana veio o ser humano de Maria, e de Maria todo o ser humano de Jesus. E não foi no seio de Santa Ana que se cumpriu o mistério da imaculada conceição, que se deu o prelúdio da Encarnação e da Redenção? Maria, por uma aplicação antecipada do sacrifício de Jesus, não foi a primeira alma resgatada, e, assim, a primeira vitória de seu Filho? Tudo se cumpriu no seio de Santa Ana. E "tudo o que podia ficar profanado, maculado na herança carnal dos reis de Judá, escreveu Osbert de Clare, beneditino inglês, foi inteiramente purificado na carne santa da gloriosa e bem-aventurada Ana".

— — — —

A iconografia da Santa Mãe de Maria seguiu fielmente os progressos da ciência teológica. Até o

século XIII, os artistas representaram-na naquela cena comovente que se efetuou na Porta Dourada.

A partir daquele século, com o avanço da crença na imaculada conceição, novos temas surgiram. No fim da Idade-Média, tendo aprendido dos místicos que Jesus conhecera a avó aqui na terra, os artistas entraram a representá-lo entre ela e Maria. Assim apareceram as mais belas obras em que figura Santa Ana: a do Mestre de Francfort, no museu de Berlim; a de Leonardo da Vinci, no Louvre; a de Quentin Metsys, em Bruxelas, e a do Mestre da Sagrada Família, em Colônia.

Curiosas as esculturas que representam Santa Ana levando ao colo a Maria, que, por sua vez, traz consigo, nos braços, o divino Filho.

A mais comum das representações, todavia, é a da Santa tendo a Filha pela mão, mostrando-lhe o livro da Lei, sempre sóbria, de rosto grave, mas o sereno, doce e benfazejo rosto das avós.

* * *

SANTO ERASTO (*)

1.º Século

Santo Erasto, tesoureiro da cidade de Corinto, foi convertido por São Paulo e abandonou o cargo para dedicar-se ao apostolado. Seguiu o Apóstolo nas suas viagens, deixando-o em Éfeso para ir à Macedônia.

Segundo os gregos, Erasto foi um dos setenta e dois discípulos de Jesus, que passou a Corinto, depois a Jerusalém e, dada a competência de financista, viu-se elevado a ecônomo da Igreja.

Bispo, talvez de Cesaréia, a de Filipos, ali faleceu.

Na Epístola aos Romanos lê-se:

Saúda-vos Erasto, tesoureiro da cidade (1).

Na II Epístola a Timóteo:

Erasto ficou em Corinto (2).

Nos Atos dos Apóstolos:

Concluídas estas coisas, Paulo concebeu o projeto de ir a Jerusalém, atravessando a Macedônia e

---

(1) Rom 16, 23.

(2) 2 Tim 4, 20.

a Acaia, dizendo: "Depois que eu tiver estado lá, é necessário que veja também Roma". E, enviando à Macedônia dois dos que lhe assistiam, Timóteo e Erasto, êle se demorou algum tempo na Ásia (3).

Os gregos honram-no a 10 de novembro e a 30 de junho. Os latinos, no dia de hoje, 26 de julho.

No mesmo dia, em Roma, São Pastor, sacerdote, sob o nome do qual existe um título cardinalício, no Viminal, perto de Santa Prudenciana (?).

No mosteiro de São Bento, no território de Mântua, São Simeão, monge e ermitão, célebre pelos numerosos milagres, que faleceu em paz e em idade bastante avançada (1016).

Na Bretanha, Santa Pompéia, viúva, e Santa Seva, virgem (século IV?). Santa Pompéia, Pompaia ou Kupaia é honrada como mãe de São Tugdual, primeiro bispo de Treguier. Seva, filha de Pompéia, é venerada no mesmo dia que a mãe.

No território de Brescia, São Glisent, ermitão (século IX?). Possìvelmente um soldado de Carlos Magno, deixou o exército e foi fixar-se numa ermida não longe de Brescia, onde viveu com uma ursa e uma ovelha.

Em Limoges, São Turpion, bispo e confessor. Conhecido também como Turpin, o santo prelado teve um longo episcopado.

---

(3) At 19, 21-22.

Em Termonde, Flandres, Santa Cristina, virgem (século VIII?), ou Cristina, talvez filha de um rei inglês.

Em Malcesina, diocese de Verona, os santos Benigno e Caro, ermitães, no século IX.

Em Melk, na baixa Áustria, o bem-aventurado Gothalm, confessor, falecido antes de 1020.

Em Betuna, o bem-aventurado Jório ou Joro, bispo e confessor, desaparecido em 1033.

Em Verona, na Itália, os bem-aventurados Evangelista e Peregrino, ermitães de Santo Agostinho, confessores (século XIII?), cujo culto foi aprovado pelo papa Gregório XVI em 1837.

Na Itália ainda, a bem-aventurada Camila Gentili, mártir, no século XV. Pertencente à nobre família, foi morta pelo marido, crudelíssimo homem sem fé. Camila Gentili é honrada em São Severino, província de Macerata. Gregório XVI aprovou-lhe o culto em 1841. Comemorada também a 18 de maio.

Em Tyburn, na Inglaterra, o bem-aventurado Guilherme Ward, mártir, em 1641, beatificado em 1929, no século Webster. Morreu pela verdadeira religião, a exclamar: "Jesus! Jesus! Jesus! Recebe minha alma!"

Em Lovera, Lombardia, a bem-aventurada Bartoloméia Capitaneo, virgem, companheira de Vicenta Gerosa, antes Catarina Gerosa, do Instituto de Maria-Menina. Faleceu em 1833. Pio XI beatificou-a em 1926, no dia 30 de maio.

Em Roma, na via Latina, os santos Sinfrônio, Olímpio, Teódulo e Exúpero, que, tendo sido devo-

rados pelas chamas, como narram as atas do papa Santo Estêvão, chegaram à glória do martírio. — Em Pôrto, São Jacinto, mártir, que antes foi atirado ao fogo depois precipitado a um rio, de onde saiu são e salvo; por fim, o consular Leôncio, fê-lo morrer pela espada, sob o imperador Trajano, uma dama romana chamada Júlia, enterrou-o perto de Roma, em sua casa de campo. — Em Verona, São Valente, Bispo.

* * *

27.º DIA DE JULHO

O BEM-AVENTURADO NEVOLON

Operário

O bem-aventurado Nevolon, nascido no século XIII, em Faença, na Romanha, exercia o mister de sapateiro. Teve a infelicidade de se afastar na juventude das santas veredas do Evangelho; uma doença grave que sofreu na idade de vinte e quatro anos foi um meio da graça para o reconduzir à virtude. Reconquistando a saúde, deu provas de sincera conversão, primeiro, por uma mudança completa no procedimento, depois, pelo sacrifício do pouco que possuía, em favor dos pobres, aos quais consagrou todo o fruto de seu trabalho.

Não contente com praticar as obras de misericórdia, o novo convertido, a fim de castigar o corpo, abraçou o gênero de vida mais austera; jejuava três vêzes por semana, a pão e água, quando os jejuns eram ordenados pela Igreja. As peregrinações estavam muito em uso naquele século; por espírito de mortificação, Nevolon empreendeu a do túmulo dos Santos Apóstolos, a Roma e a de São Tiago, na Galícia; fê-las como verdadeiro penitente e terminou a segunda, descalço.

De regresso à pátria, o servo de Deus teve muito que sofrer do mau humor de sua espôsa, que ao vê-lo ocupar-se ùnicamente de sua salvação e fazer abundantes esmolas, queixava-se amargamente. Êle suportava-lhe as queixas com paciência e continuava a caminhar com coragem na estrada da perfeição. Um dia, um mendigo lhe pediu uma esmola e êle disse à espôsa que lhe desse um pedaço de pão. Não temos mais nada no armário, respondeu ela. Como êle insistisse, ela deu-lhe várias vêzes a mesma resposta. — Em nome do Senhor, vai, disse êle por fim, e dá a esmola a êsse pobre. — Comovida por tais palavras, ela abriu o armário, e qual não foi o seu espanto! Encontrou lá uma grande quantidade de pão. Aquêle prodígio a comoveu de tal modo, que mudou de sentimento sôbre seu santo espôso, e o acompanhou, desde então, em suas viagens de devoção. Ela morreu, de volta de uma dessas peregrinações, e Nevolon, que não deixava passar nenhuma ocasião para aliviar os indigentes, distribuiu às viúvas, aos órfãos e aos pobres, todos os objetos que constituíam a herança recolhida de sua espôsa.

Sua generosidade para com os pobres, o reduziu também à extrema indigência e êle abrigou-se na casa do irmão Lourenço, assim chamado, porque um eremita dêsse nome, da ordem de Valumbrosa, morava lá com cinco irmãos e levava um gênero de vida muito austera. Nevolon dormia sôbre uma tábua ou sôbre a terra nua, dava pouco tempo ao sono e o tomava de maneira que aquêle descanso se tornava para êle, um ato de mortificação. Êle deixava às vêzes êsse lugar, para fazer peregrinações. Um dia, quando estava a caminho e sentia fome, pediu inùtilmente a um hoteleiro que lhe desse um pedaço de pão; não o pôde

conseguir, porque não tinha dinheiro e aquêle homem disse-lhe que o fôsse pedir de porta em porta. A essas palavras o servo de Deus, ergueu os olhos ao céu e rogou ao Senhor que o socorresse na sua necessidade. Depois os abaixou e viu a seus pés uma moeda que lhe serviu para pagar o pão que antes tinha pedido por esmola. O socorro inesperado da Providência comoveu o hoteleiro que, lembrando-se de que Deus lhe pediria contas um dia, em seu juízo, se tinha auxiliado os pobres, tornou-se daquele momento menos insensível às suas necessidades.

O bem-aventurado Nevolon, chegou à mais provecta velhice, morreu santamente em Faença a 27 de julho de 1280. Afirma-se que os sinos da igreja na qual ia rezar, tocaram sòzinhos, para anunciar sua morte. Admirado com aquêle prodígio, o vigário da igreja foi com várias testemunhas à pequena casa onde morava o servo de Deus e o encontrou de joelhos, pensando que estava em oração; mas logo, examinando-o, de perto viu que estava morto. O vigário procurou informar de tudo o Bispo. O prelado acompanhado por uma grande multidão de povo, veio buscar o santo corpo e o depositou em sua catedral, onde lhe foi erguido um monumento de mármore. A confiança dos fiéis nesse bem-aventurado foi autorizada por vários milagres, que êle operou. Seu culto foi aprovado pelo Papa Pio VII, a 31 de maio de 1817. (1)

* * *

(1) Godescard e **Acta SS.** — 27 jul.

SANTOS URSO E LEUBAIS (*)

Abades

(V-VI Séculos)

"O abade Urso, conta-nos São Gregório de Tours, era originário da cidade de Cahors e, desde a meninice, foi muitíssimo devoto e cheio do amor de Deus.

"Deixou, um dia, a terra natal e se foi para Berry, onde fundou três mosteiros, um em Heugnes, outro em Toiselay e um terceiro em *Pontiniacum.* (1) Deixando naquelas fundações priores recomendáveis pela santidade de vida e sábia economia, passou à Turena, a um lugar que os antigos chamaram Sennevières.

"Ali, construiu um oratório e um mosteiro, que deixou ao prior Leubais com a recomendação de que fizesse observar a Regra, e foi fundar um outro, que se chama agora Loches, situado às margens do Indre, na garganta duma montanha, sôbre a qual se eleva um castelo que tem o mesmo nome do mosteiro. Reuniu uma comunidade e tomou, no coração, a resolução de não mais ir a outro lugar, mas de ali trabalhar com as próprias mãos com tôda a comunidade

---

(1) Lugar desconhecido, não localizado.

para ganhar a vida com o suor do próprio rosto, recomendando, entre outras coisas, aos irmãos, aquilo que São Paulo dissera, ou seja, que se deve trabalhar para que se possa dar aos que estão na necessidade, e, também aquêle outro dito, qual seja, quem não trabalha não deve comer.

"Conferiu-lhe o Senhor o dom de curar, de sorte que, quando êle soprava sôbre os energúmenos, o demônio deixava o corpo imediatamente. O Senhor também se dignou conceder-lhe a realização doutros milagres.

"Urso era dado a grandes abstinências. Sem cessar, recomendava o pouco comer e o pouco beber, ao mesmo tempo que vivia alertando os monges contra a luxúria, da qual deviam desviar o pensamento e os olhos.

"Vendo que os irmãos, a mão, giravam a mó que trabalhava o grão, donde obtinham a farinha necessária para o pão, surgiu-lhe ao pensamento, para lhes diminuir a fadiga, a idéia de estabelecer um moinho no Indre. E se pensou, melhor o fêz. Desviou as águas para um canal e pôs em prática o que idealizara. Dêste modo, amenizou o trabalho dos monges, de maneira que um só irmão tratava daquele setor do grão.

"Ora, um godo, chamado Sichlario, favorito do rei Alarico, quis apropriar-se do moinho. Foi procurar o abade e lhe disse:

"— Dá-me o moinho, para que fique debaixo da minha jurisdição, e, em troca, eu te darei tudo aquilo que quiseres".

"Respondeu-lhe o abade:

"— Nossa pobreza não nos estabelece senão a pena. Se lhe der o moinho, meus irmãos morrerão de fome".

"— Se tu me deres o moinho de boa vontade, voltou a falar o outro, eu te agradecerei, caso contrário, tomá-lo-ei à fôrça, ou então, farei outro, para o qual desviarei as águas que tu canalizaste, fazendo com que a tua roda jamais se mova.

"— Tu farás, respondeu-lhe o abade, sòmente aquilo que Deus quiser que se faça; nem tu nem eu o demoveremos do que há de suceder".

"Então, Sichlario, todo numa grande cólera fervente, construiu outro moinho. Desviou as águas do canal dos monges, dirigindo-as para o seu. E, uma noite, o guardião foi dizer ao abade e aos irmãos, reunidos em oração no oratório:

"— Reza, com os irmãos, suplica devotamente ao Senhor, porque a roda do nosso moinho jaz parada".

"No terceiro dia, a roda girava como de hábito. Então o abade deixou o oratório e foi ver o moinho de Sichlario. Mas o moinho de Sichlario, por mais que o procurasse, não o encontrou. Dêle não havia qualquer traço, desaparecera. Ninguém jamais viu nem madeira, nem ferro, nem o que quer que seja. E só se podia conjecturar que a terra, abrindo-se, engolira-o, fazendo com que desaparecesse da vista dos homens.

"Cheio de tantas virtudes, acabados os dias de sua vida, o abade se foi para o Senhor. À beira do seu túmulo, os energúmenos foram curados e os cegos recuperaram a vista.

"Depois da sua morte, os priores que êle colocara à frente dos mosteiros que fundara foram feitos abades pela benevolência dos bispos. Leubais foi instituído abade do mosteiro de Sennevières, na Turena. Viveu em grande santidade, alcançando uma avançada idade, e morreu e foi sepultado". (1)

Santo Urso é honrado a 27 de julho na diocese de Tours. A 28 na de Bourges; e a 24 na de Cahors.

São Leubais é o padroeiro da paróquia de Sennevières. A diocese de Tours celebra-lhe a festa no dia 24 de janeiro.

Dom Martênio, que visitou o decantado moinho, em 1708, escreveu:

"Uma das maiores curiosidades de Loches é a mó do moinho de Santo Urso, que, depois de duzentos anos mais ou menos, ainda lá existe, e tôda inteira, sem nenhuma diminuição, embora os moleiros a piquem todos os dias". (2)

* * *

(1) S. Greg. de Tours, **Vitae Patrum**, c. XVIII.

(2) Mart. e Dur., **Viagem Literária de Dois Religiosos Beneditinos da Congregação de São Mauro.**

SÃO LOURENÇO (*)

Bispo e Confessor

São Lourenço foi o vigésimo-quarto bispo de Milão, de 489 a 510 ou 511.

Eleito e consagrado em 489, na primavera, viu a diocese devastada pela guerra entre Teodorico, rei dos ostrogodos, e Odoacro, chefe dos hérulos, germanos do ramo gótico, que tinham vindo da Sarmácia e estavam a sôldo dos imperadores romanos. Teodorico derrotou os hérulos nos Alpes e submeteu tôda a Itália, resistindo Odoacro dois anos e assassinando-o depois da rendição.

Lourenço trabalhou com grande ardor para restaurar a Milão devastada. A êle se deve a igreja de São Sisto, perto da basílica de São Lourenço.

Uma inscrição composta por Enódio estabelecia um paralelo entre o nosso Lourenço e o ilustre diácono mártir, ambos devotados a São Sisto.

São Lourenço assistiu ao sínodo de novembro de 502, realizado na presença do papa Simaco. Em 503, o mesmo Enódio compunha uma peça em honra do santo bispo, que governou a diocese por vinte e dois anos com mão firme e coração leve.

Morto, foi enterrado em São Cassiano ou, como querem outros, em Santo Hipólito.

* * *

BEM-AVENTURADO BERTOLDO I (*)

Abade e Confessor

Bertoldo foi abade de Garsten. Nasceu em fins do século XI, perto do lago de Constâncio. Pertencia a família de condes. Casado, enviuvou quando nos trinta anos. Fêz-se, então, monge de São Brás, na Floresta Negra.

Logo, foi nomeado prior de Goettweig, diocese de Passau, e, em 1111, era promovido a abade de Steyr-Garsten.

Foi o bem-aventurado Bertoldo que deu asilo ao arcebispo Conrado I de Salzburgo, ilustríssimo pela santidade.

Homem de mortificações, que amava extraordinàriamente a oração, faleceu em 1142.

No mesmo dia, em Éfeso, a morte dos santos Sete Dormentes: Maximiano, Malco, Martiniano, Dionísio, João, Serapião e Constantino. Sob Décio, mais ou menos em 250, sete fiéis se refugiaram numa caverna perto de Éfeso. Deus enviou-lhes um sono profundo e longo, de modo que acordaram sòmente quando de Teodósio II (401-450), falecendo depois, pelo testemunho de Deus.

Festa de São Desidério, bispo de Besançon (século V?), que faleceu em Lens, "ali acabando sua santíssima vida". São Desidério é festejado a 27 de julho na diocese de São Cláudio e na de Besançon como bispo de Besançon e confessor, sob o rito duplo.

No País dos Homeritas, na Arábia, a comemoração dos Santos Mártires, que o tirano Dunão ordenou que atirassem ao fogo, vítimas do fanatismo judeu.

Em Ravena, Santo Eclésio, bispo de Ravena e confessor (532?).

Em Lescar, Bearn, São Galactario, bispo e mártir, no século VI. O mais antigo bispo conhecido de Lescar, assistiu ao concílio de Agda em 596. Surpreendido e morto pelos visigodos, quando conduzia os diocesanos para a segurança, junto aos francos, teve as relíquias dispersas pelos protestantes.

Em Lincoln, na Inglaterra, o bem-aventurado Hugo, menino, mártir. Imolado por judeus em 1255, os famigerados renovaram as cenas da Paixão, acabaram por crucificá-lo, depois do que lhe arrancaram as entranhas.

Em Amélia, na Úmbria, a bem-aventurada Lúcia Bufalari, virgem. Irmã do bem-aventurado João de Rieti, nasceu em Castel Ponziano, chegando a priora do convento de Amélia. Depois da morte passaram a invocá-la contra as possessões diabólicas. Faleceu em 1350.

Em Constantinopla, a bem-aventurada Antusa, virgem. Sob Constantino Coprônimo, depois de ter sido batida com varas e banida pelo culto das santas imagens, foi-se para o Senhor (século VIII).

Em Nimes, São Félix, bispo e mártir.

Em Troyes, Santo Urso, bispo e confessor, predecessor de São Lôbo. Falecido em 426, no dia 25 de julho, é honrado na diocese de Troyes a 27.

Em Metz, São Fronimo, bispo e confessor.

Em Córdova, na Espanha, os santos mártires Jorge, diácono, Aurélio e Natália, sua espôsa, Félix e Liliosa, sua espôsa, que sofreram durante a perseguição dos árabes (852).

Em Brescia, na Lombardia, a bem-aventurada Maria Madalena Martinengo, virgem, beatificada por Leão XIII acs 3 de junho de 1900.

Em Nicomédia, São Pantaleão, médico, que o imperador Maximiano mandou prender com ferros, pela fé de Jesus Cristo, aplicar depois ao tormento do cavalete e queimar com tochas acesas; mas, no meio de tantcs tormentos, aliviado pela aparição de Nosso Senhor, consumou por fim o martírio, pela espada. — No mesmo lugar, São Hermolau, padre, que, por suas salutares instruções, tinha convertido São Pantaleão, os santos Hermipo e Hermócrates, irmãcs, os quais, depois de ter sofrido muito pela fé de Jesus Cristo, foram mortos por ordem do mesmo Maximiano. — Em Nola, os santos mártires Félix, Júlia e Jucunda. — Em Bizeilles, na Apulha, os santos Mauro, Bispo, Pantalemon e Sérgio, martirizados sob Trajano. — Em Auxerre, Santo Etéreo, bispo e confessor.

* * *

28.º DIA DE JULHO

SÃO VÍTOR

Papa e Mártir

E SANTO INOCÊNCIO I

Papa

Africano de nascimento, Vítor, foi eleito Papa depois da morte de Santo Eleutério, acontecida em 193 e mostrou-se digno sucessor de São Pedro. Anatematizou e expulsou da Igreja vários hereges que nela queriam introduzir seitas de perdição. Não empregou menor zêlo pela unidade do culto na celebração da Páscoa.

A Igreja romana, tôdas as Igrejas da Europa e da África, quase tôdas as do Oriente, celebravam a festa da Páscoa, no domingo que segue o dia 14 da lua de março. Algumas igrejas da Ásia Menor celebravam a grande festa, não no domingo com os cristãos, mas no dia 14 da lua com os judeus. Até então os pontífices romanos tinham tolerado êsse uso singular, de algumas igrejas, manifestando o desejo que elas se pusessem de acôrdo, com tôdas as outras na celebração da principal festa do ano. No tempo do Papa São Vítor, certos espíritos temerários puseram-se a ensinar que para a celebração da Páscoa,

a Igreja romana e tôdas as outras igrejas da Ásia Menor estavam sòzinhas na verdadeira fé. As coisas estavam então nesse estado e Vítor julgou que não se deveria dissimular mais, e que era seu dever trabalhar eficazmente em estabelecer uma perfeita uniformidade em tôdas as igrejas. Para êsse fim, reuniu em Roma um concílio dos Bispos da Itália, no qual foi solenemente decidido que se deviam terminar os jejuns e celebrar a Páscoa, no dia de domingo, consagrado desde o tempo dos apóstolos à memória da gloriosa ressurreição do Cristo; e que não mais se tolerariam para o futuro aquêles que se obstinassem em conservar os usos dos judeus, na celebração dessa solenidade. Vítor mandou a carta sinodal, que tinha no alto seu nome, aos principais Bispos das províncias. (1) Segundo as cartas do Papa e de seu concílio, Teófilo de Cesaréia convocou os Bispos da Palestina; Irineu de Lião, os da Gália; Bachilo, de Corinto, os da Acaia e segundo outros Demétrio de Alexandria, os do Egito e Palma de Amastris, os do Ponto. Em todos os concílios, bem como no de Osroena ou da Antiga Assíria, aplaudiram-se unânimemente os decretos de Roma e em suas cartas sinódicas, mandadas ao Papa, para serem por êle comunicadas a todos os fiéis, professando todos a mesma fé; estão de acôrdo ainda em estabelecer a mesma regra, que declaram vir da tradição dos apóstolos.

Polícrates, Bispo de Éfeso, também reuniu seu concílio, mas, em vez de se submeter aos decretos de

(1) Constant., **Epistolae rom. Pontif., in Victor, § 1, n.º 1** e segs.

Roma e de se conformar com as outras igrejas do universo, declarou que continuaria a celebrar a Páscoa com os judeus, de acôrdo com o Evangelho e à regra da fé, acrescentando que nisso obedeceria a Deus, antes que aos homens o que supunha que a Igreja romana e tôdas as igrejas do universo desobedeciam a Deus, à regra da fé e ao Evangelho: nisso há uma heresia manifesta. Também o Papa São Vítor excomungou aquêles que afirmavam semelhante êrro. Muitos bispos entre outros, Santo Irineu de Lião, tentaram uma conciliação. Os recalcitrantes renunciaram ao êrro de crer que seu uso particular era ordenado e o de tôda a Igreja condenado pelo Evangelho; assim o Papa tolerou seu uso, ao qual se vê, todavia, que renunciaram pouco depois.

Os bispos que nos dão os recenseamentos mais interessantes sôbre essa controvérsia são os da Palestina, entre os quais Eusébio assinala Teófilo de Cesaréia, Narciso de Jerusalém, Cássio de Tiro e Claro de Tolemaida. Teófilo tendo recebido do Papa Vítor, são os têrmos do concílio, segundo o fragmento que o Venerável Beda nos conservou (1), a autoridade para governar nos mesmos lugares onde o Salvador do mundo tinha conservado sua cátedra, de alguma maneira tôdas as igrejas católicas deviam celebrar a Páscoa, reuniu não sòmente os bispos da sua província mas também os dos diferentes países.

(1) Labbe, t. I, co 1596. Papa Vítor Romanae urbis episcopus direxit auctoritatem, ad Theophilum caesariensis Palestinae antistitem... Percepta igitur auctoritate... omnes episcopos evocavit. Tunc Theophilus episcopus protulit auctoritatem ad se missam Victoris papae, et quid sibi operis fuisset injunctum, ostendit. Ex Beda, **De aequinoctio vernali.**

Quando todos se reuniram, apresentou-lhes a autorização que tinha recebido do Papa Vítor e expôs o trabalho que tinha sido encarregado. Depois de bem esclarecida e decidida a questão, os bispos dirigiram a Vítor uma carta sinodal. Depois de ter amplamente estabelecido a tradição apostólica sôbre o dia da

Em oração, ou cristão em prece.
Segundo um afrêsco das Catacumbas.

Páscoa, terminavam com estas palavras: "Fazei de sorte que as cópias de nossas cartas sejam mandadas a tôdas as igrejas, a fim de que não nos julguem cúmplices daqueles que se desviaram fàcilmente da senda da verdade." Essa maneira de escrever mostra que os Bispos da Palestina consideravam os da Ásia homens afastados do caminho da crença verdadeira,

e estavam persuadidos de que não se lhes podia tolerar o proceder, sem se tomar parte em seu crime. (2)

A controvérsia nos fêz ver como, desde antes do fim do segundo século, a autoridade principal do Pontífice romano era reconhecida por tôdas as igrejas do mundo e em todos os concílios. Vemos a mesma coisa no comêço do século quinto, na vida do Papa Santo Inocêncio I.

Depois da morte do Papa Santo Anastácio, acontecida em 27 de abril de 402, sagrou-se para o suceder na cátedra apostólica a Inocêncio, com o consentimento dos santos Bispos, de todo o clero e do povo. Êle era filho de outro Inocêncio, e nascido na cidade de Alba. Durante sua vida e depois da morte, foi lcuvado pelos gregos e pelos latinos, como pontífice perfeito. Deu logo aviso de sua eleição a Santo Anísio de Tessalônica, como a um excelente servo de Deus, para lhe confiar ao mesmo tempo o cuidado de todos os negócios da Ilíria oriental, como o tinham feito, antes dêle, os santos Papas Dâmaso, Sirício e Anastácio.

São Victrício, Bispo de Ruão, tinha rogado ao Papa que lhe desse esclarecimentos sôbre diversos pontos de disciplina e lhe marcasse de que modo eram observados na Igreja romana. Numa carta de 15 de fevereiro de 404, Inocêncio louva-o muito por essa pergunta e com o auxílio de São Pedro, por quem começou o apostolado e o episcopado cristão, lembra-lhe as regras que todo bispo católico deve observar, e o encargo de os notificar aos bispos das províncias limítrofes. As causas maiores, diz-se nessa decretal, serão devolvidas à Santa Sé, segundo

(2) Euseb., l. V, c. XXV.

a determinação do Concílio de Sárdico e o costume. A 20 de fevereiro do ano seguinte, escreveu outra semelhante a Santo Exupero, Bispo de Toulouse, que o tinha consultado sôbre várias dúvidas e lhe pedira sua decisão sôbre cada uma delas. O papa declara entre outras coisas que se devem conceder a penitência e a comunhão a todos os que a pedem, em ponto de morte. Na sua decretal de 19 de março de 416, a Decêncio, Bispo de Engúbio, na Úmbria, lembra que tôdas as igrejas, particularmente as do Ocidente, devem seguir as regras da Igreja Romana, e indica essas regras notadamente sôbre os sacramentos da confirmação e da extrema unção. No ano 415, Santo Alexandre, Bispo de Antioquia, tendo reunido todos os católicos da cidade, informou disso o Papa, que confirmou a autoridade da Igreja de Antioquia sôbre tôdas as do Oriente, visto que ela foi a primeira sede do primeiro dos apóstolos. O santo Papa escreve igualmente aos Bispos da Espanha e da África, para responder-lhes às consultas e regular os negócios daquelas igrejas.

O que ocupava sobretudo o santo Papa eram as igrejas do Oriente. O mais apostólico e o mais eloqüente dos seus pontífices, São Crisóstomo, via-se acusado, condenado, perseguido, exilado por seus colegas no episcopado, e encontrava apoio só no sucessor de São Pedro. O zêlo com que Crisóstomo trabalhava na reforma do seu clero e do seu povo fêz-lhe inimigos, no seu clero e na côrte; com o tempo a imperatriz Eudóxia, que, depois da queda do eunuco Eutrópio, governava o imperador Arcádio, pôs-se à sua frente. A vida austera e ativa de Crisóstomo indispunha contra êle os prelados negligentes. A

inveja, as prevenções de outros a êles vinham unir-se e formou-se assim uma como tempestade que só terminou com a morte do santo.

O Papa defendeu constantemente a inocência de Crisóstomo contra a fraqueza do imperador Arcádio, contra o humor vingativo da imperatriz Eudóxia, e contra as complacências ambiciosas dos bispos da côrte. Crisóstomo morreu nos rigores do seu exílio e o sucessor de Pedro que o tinha defendido durante a vida, defendeu-o depois da morte e só admitiu à sua Comunhão os Bispos de Constantinopla, Antioquia e Alexandria, depois que restauraram sua memória e fizeram voltar os Bispos exilados por sua causa. (1)

Viu-se então, sob uma nova face, a verdade destas palavras: Tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Pois, viu-se essa Igreja, de tôdas as coisas humanas a mais frágil, sustentar-se e triunfar, onde o império romano, de tôdas as coisas humanas a mais forte, veio a se quebrar: a invasão dos povos bárbaros. O império aí encontrou sua ruína, a Igreja aí encontrou nações mais próprias para formar a nova humanidade.

No ano 410, o Papa Inocêncio foi a Ravena, para negociar a paz entre o Imperador Honório e Alarico, rei dos godos, que ameaçava Roma. A côrte de Ravena não sabia nem fazer a guerra nem a paz; até em Roma a maior parte do senado era ainda pagã e, em vez de adorar a Cristo, invocava os ídolos para afastar Alarico e reconquistar o império do mundo. Alarico tomou a cidade por traição, a 24

(1) Pallad., Ceillier, Tillemont, etc.

de agôsto de 410. Permitiu aos soldados que a saqueassem; mas recomendou-lhes poupassem o sangue dos homens e a honra das mulheres; proibiu-lhes queimar os edifícios consagrados ao culto divino. E como Rômulo, para povoar Roma, tinha estabelecido um asilo, Alarico, saqueando-a, abriu-lhe dois, para salvar do furor dos soldados os deploráveis restos dos habitantes: declarou que a Igreja de São Pedro e a de São Paulo seriam respeitadas como um refúgio inviolável. Tinha escolhido essas duas igrejas não sòmente pela veneração por êsses dois grandes fundadores de Roma cristã, mas também porque, sendo as mais espaçosas, podiam salvar um número maior de infelizes.

Essas ordens punham um freio à crueldade. Mas, que ordens poderiam conter vencedores ferozes, na embriaguez do saque? Os godos, esparsos por Roma, saquearam as casas, incendiaram-nas, principalmente as que encontravam fechadas; e atirando-se ao meio das chamas, não contentes com as riquezas, que encontravam nas mãos dos habitantes, supondo que escondiam mais do que entregavam, não poupavam nem ameaças nem tormentos para os obrigar a entregar o que tinham e o que não tinham. A carestia tinha de antemão devastado a cidade; havia poucas casas que não gemiam pelo luto e não ofereciam aos olhos dos soldados bárbaros cadáveres insepultos. Êsse espetáculo não comovia os corações impiedosos: mulheres e crianças foram degolados sôbre os corpos de seus maridos e de seus pais. A brutalidade só respeitou as mulheres e as moças que se haviam refugiado nas igrejas. O rumor das casas que ruíam no incêndio, os insultos, os gritos, o espanto, a fuga

espalhavam uma terrível confusão; as chamas, que devoravam uma parte da cidade, iluminavam todo êsse horror; e, como se o céu se tivesse armado de comum acôrdo para castigar a metrópole da idolatria, uma furiosa tempestade se uniu à devastação dos godos; o raio derribou vários templos, derreteu o bronze, reduziu a pó aquelas estátuas outrora adoradas, que os imperadores cristãos tinham conservado para a decoração da cidade.

No entretanto, o respeito dos godos pela santidade do cristianismo poupou muito sangue aos romanos. O furor dos inimigos deteve-se às portas dos lugares santos; os godos mesmos para lá conduziam aquêles que queriam salvar do massacre. Se algumas igrejas foram incendiadas, foi sòmente pela comunicação das chamas, que destruíam as casas vizinhas e a religião sustentou-se gloriosa no meio de tantas ruínas e de lágrimas.

Um oficial godo dos mais importantes, encontrou na casa de uma igreja, uma virgem consagrada a Deus e adiantada em anos; pediu-lhe honestamente o dinheiro. Ela disse-lhe com verdade que tinha bastante e que lho ia mostrar. De fato, expôs aos olhos dêle tão grandes riquezas, que o bárbaro ficou atônito pelo número, pelo pêso e pela beleza de tantos vasos, dos quais nem sabia o nome. São, disse ela, os vasos do apóstolo São Pedro; tomai-os, se ousais, e respondereis por isso: como os não posso defender mais, não os ouso reter. O bárbaro, tocado de respeito, comunicou-o a Alarico, que ordenou imediatamente se levassem todos os vasos à basílica de São Pedro e para lá também se levasse, com escolta, a virgem sagrada e todos os cristãos que a ela se unis-

sem. Aquela casa estava longe da igreja de São Pedro, de sorte que era preciso atravessar tôda a cidade; o transporte dos vasos sagrados foi também um espetáculo e uma pompa magnífica. Levavam-nos um por um à cabeça, descobertos, e dos dois lados caminhavam soldados com espadas na mão; romanos e bárbaros cantavam juntos hinos em louvor a Deus. Os cristãos acorriam de todos os lados; muitos pagãos fingiram ser cristãos, naquela ocasião, e mais se juntavam romanos, para se salvar, mais os bárbaros se reuniam também, em tôrno dêles para os defender. (1)

As mulheres cristãs pareciam ter recolhido a coragem que os homens tinham perdido. Santa Marcela, ilustre pela nobreza e pelas virtudes, viúva havia setenta anos, ocupava uma casa no monte Aventino; lá vivia na oração e na meditação das Sagradas Escrituras, com uma moça muito bela, chamada Princípia, que ela formava à piedade. Vários soldados entraram em sua casa e pediram-lhe o ouro. Ela respondeu que o tinha distribuído aos pobres e que tinha reservado apenas a túnica com que se cobria. Os bárbaros, persuadidos de que aquilo era apenas uma desculpa, bateram-na ferozmente. Insensível à dor, ela pediu-lhes como único favor, não a separarem daquela moça, cuja beleza expunha a insultos mais cruéis ainda que a morte. Aquela firmeza tocou-os: conduziram ambas à basílica de São Paulo. (2)

Em outro lugar, uma mulher católica, de notável beleza, caiu nas mãos de um jovem godo ariano; o bárbaro, não tendo podido fazê-la consentir aos seus

(1) Oros., l. II, c. XXXIX. August., De Civit Dei.
(2) Hieron, Epist., 16.

maus desejos, arrancou da espada para a amedrontar, passou-lha sôbre a pele e a pôs à garganta, em sangue. Ela apresentou corajosamente a cabeça e o bárbaro, tocado por sua virtude, levou-a à Igreja de São Pedro, recomendou-a aos guardas e deu-lhe seis peças de ouro, com ordem de a entregar ao marido. (1)

Êsse foi, no Ocidente o fim de Roma pagã e de sua idolatria e o doloroso início de Roma cristã.

Enquanto os povos bárbaros destruíam o império romano, dois hereges, Pelágio e Celéstio, procuravam destruir a fé e a humildade cristãs, dizendo que a glória dos céus e a visão clara de Deus não era efeito de um dom sobrenatural, efeito da graça divina, mas puro efeito da natureza humana. Êsses erros foram condenados no concílio de Cartago e no de Miléve: os dois concílios mandaram seus decretos ao Papa que os confirmou com suas respostas. Eis como dêles fala Santo Agostinho. Diz a São Paulino de Nola, ao qual mandava tôdas as peças em questão: "Os concílios de Cartago e de Miléve mandaram à Sé Apostólica relações de tudo o que se tinha passado sôbre êsse assunto. Nós a isso acrescentamos cartas particulares que escrevemos ao bem-aventurado Papa Inocêncio e que tratavam dessa matéria um pouco mais longamente, e, a tudo, êle nos tornou a escrever da maneira como devia o pontífice da Sé Apostólica." (2)

No mesmo tempo, dizia, pregando em Cartago, sôbre os pelagianos: "O que foi dito aos judeus, nós o vemos nestes. Êles têm zêlo de Deus, eu lhes dou

(1) Soz., l. IX, c. X.

(2) Aug., Epist., 186.

êsse testemunho, mas êles não o tem segundo a ciência. Que quer dizer isso? Ignorando a justiça de Deus e querendo estabelecer a sua, não se submeteram à justiça de Deus. Meus irmãos, compadecei-vos dêles comigo. Quando encontrardes alguns dêles, não os repilais, não tenhais para êles uma misericórdia perversa; ainda uma vez, quando os encontrardes, não os expulseis para longe de vós. Repreendei os que contradizem, levai-nos aquêles que resistem. Pois já mandamos a êsse respeito o resultado dos dois concílios à Sé Apostólica, os rescritos já vieram. A causa está terminada; possa enfim o êrro terminar também. (1)"

Eis o que Santo Agostinho pensava das cartas doutrinais do Papa Inocêncio; julgava-as dignas, em tudo, da Sé Apostólica. Eis o que pensava de sua autoridade; depois dessas cartas, a causa estava, não sòmente *julgada*, como Fleury se permitiu traduzir, mas — *terminada* — tratava-se sòmente de se submeter a ela, para pôr fim ao êrro.

O papa Santo Inocêncio morreu a 12 de março de 417, e teve por sucessor Zózimo, que foi igualmente um santo.

* * *

(1) Aug., **Sermo,** 131 n. 10.

SÃO SANSÃO (*)

Século VI

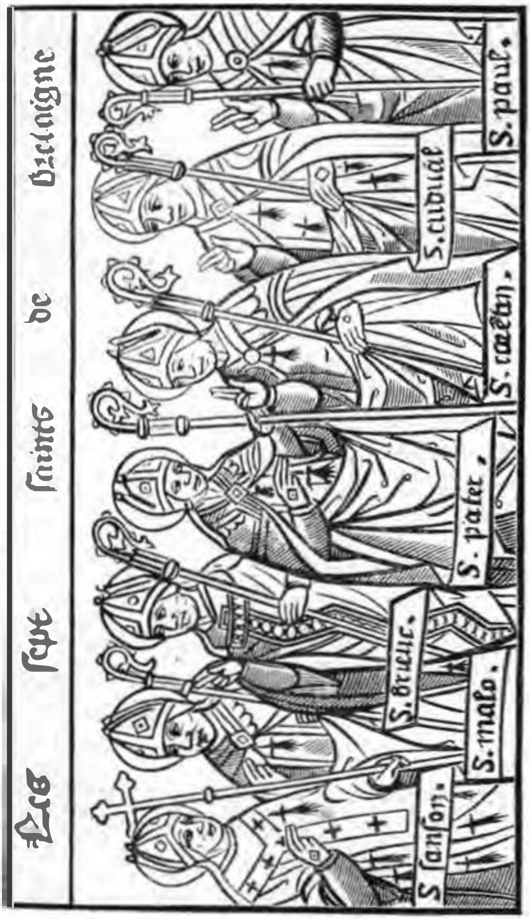
Sansão nasceu ao sul do País de Gales, nas imediações de Dyved. Era filho de Ammon e de Ana, casal que estava a serviço do chefe da região.

Desde muito jovem consagrado a Deus, Sansão iniciou a vida religiosa em *Llantwit Major*, mosteiro vizinho à aldeia em que nascera. Naquele tempo, Iltut era o abade da fundação, monge de grande renome, tal a santidade e o saber.

Pela aplicação ao trabalho, bem como pelas virtudes, o jovem Sansão logo atraiu para si a atenção do bom abade, conquistando-lhe, num piscar de olhos, a afeição, e não só a do mestre, mas também a dos colegas, que o procuravam pela bondade, simplicidade e contagiante alegria de viver.

Dois jovens monges, porém, sobrinhos de Iltut, maus religiosos, e invejosos, entraram a detestá-lo. E, um dêles, enfermeiro do mosteiro, propôs-se envenenar o virtuoso e querido jovem. Apoiado pelo outro desalmado, preparou ao Santo uma tisana.

Sabendo-a envenenada, Sansão disse ao que lha apresentara, com um sorriso:



Os sete santos da Bretanha: Sansão, Malo, Brieuc, Paterno, Corentino, Tugdual e Paulo. Fac-símile de uma gravura sôbre madeira das **Crônicas de Bretanha**, Século XVI.

— Meu irmão, a tisana que me preparaste estava deliciosa. Possa Deus, em troca, curar-te do mal que te aflige.

Tal caridosa exortação produziu tremendo efeito: o malvado, a soluçar, converteu-se.

A impenitência do outro, porém, valeu-lhe severo castigo vindo de Deus.

Promovido ao diaconato, dois anos mais tarde Sansão era ordenado padre pelo bispo Dubric, que viu uma pombinha branca pousada num dos ombros do virtuosíssimo jovem.

Desde então, o Santo foi modêlo em tudo.

Tendo deixado o mosteiro, embora fôsse deveras afeiçoado ao velho Iltut, buscou a ilha de Caldey, onde havia uma abadia, e ali ficou, primeiramente como ecônomo, depois como abade.

De volta à terra natal, onde converteu quase todos os conterrâneos, levou vida eremítica por uns tempos.

Passando à Armórica, para evangelizá-la, depois do apostolado entrcu na Cornualha britânica, com o mesmo fim.

Presenteado com um vasto terreno, por Privatus, um piedoso galo-romano, nêle ergueu m mosteiro — ao redor do qual nasceu a cidadezinha de Dol.

Pregador infatigável, São Sansão — depois de fundar outros mosteiros, de tomar o partido do príncipe Judwal, filho do rei Iona, assassinado pelo usurpador Conomor, para o qual príncipe conseguiu a ajuda dos francos, em Paris — faleceu em paz. Dol mostrou-se a mais ardente defensora da lembrança do Santo. Durante muitos séculos, reivindicou mesmo,

em face de Tours, o título de metrópole da Bretanha, sempre a cultuar o santo confessor do velho mosteiro surgido nas terras do piedoso galo-romano Privatus.

No mesmo dia, São Cameliano, bispo e confessor (século VI). Bispo de Troyes, foi discípulo de São Lôbo. Tendo recebido Santo Avelino, nomeou-o ecônomo de sua igreja.

Em Constantinopla, Santa Irene, virgem (séculos IX-X).

Em Soissons, São Gerano, bispo de Auxerre, de grande talento musical. Faleceu em 914.

Nas costas da Suécia, São Botvid, mártir, em 1100. Pagão, convertera-se na Inglaterra. Pregando no país natal, foi assassinado no litoral por um escravo que batizara e alforriara. Enterrado em Botkirk, foi muito querido de Santa Brígida, em cujos textos brigitianos figurou.

Em Plaisance, na Emília, São Raimundo Palmério, confessor. Nascido em 1140, faleceu em 1200, sendo enterrado na igreja dos Doze Apóstolos. O culto dêste Santo, existente desde o século XIII, foi reconhecido por Gregório XIII em 1576.

Em Como, na Lombardia, o bem-aventurado Antônio Della Chiesa, confessor. Dominicano, nasceu em São Germano, no Piemonte, da nobre família Della Chiesa de Roddi, que mais tarde deu à Igreja o papa Bento XV (1914-1922). Faleceu em 1459, depois de levar vida tôda dirigida para o Senhor.

Em Milão, a festa dos santos Mártires Nazário e Celso, menino, que o juiz Anolino mandou decapitar depois de os ter conservado por muito tempo numa

prisão rigorosa, durante a perseguição de Nero. — Na Tebaida, no Egito a memória de vários santos mártires, que foram mortos durante a perseguição de Décio e a de Valeriano, quando os cristãos, desejando com ardor morrer pelo nome de Jesus Cristo, seu artificioso inimigo, que procurava menos perder-lhes os corpos, que as almas, imaginava cada dia suplícios mais lentos. Um dêles, depois de ter vencido o tormento do cavalete, as lâminas em fogo, as caldeiras ardentes, foi untado de mel, tendo as mãos prêsas às costas e assim exposto, durante o calor mais ardente do sol, aos ferrões das vespas e dos moscardos: outro, deitado molemente sôbre flôres e atado de sorte que não podia escapar, vendo uma mulher impudica que se aproximava dêle, para o solicitar ao pecado, cortou-se a língua com os dentes e lhe cuspiu no rosto. — Em Ancira, na Galácia, Santo Eustato, mártir, que foi primeiro atormentado por cruéis torturas depois atirado a um rio, de onde um anjo o tirou; enfim, uma pomba vinda do céu anunciou que era chamado para receber a eterna recompensa. Morreu logo depois. — Em Mileto, Santo Acácio, mártir, que, sob o imperador Licínio, depois de muitos tormentos, foi atirado a uma fornalha, onde o conservou o socorro de Deus: enfim, tendo a cabeça cortada, recebeu o martírio. — Em Lião, São Peregrino, padre. Seus milagres dão a conhecer a felicidade de que goza no céu.

* * *

29.º DIA DE JULHO

SANTO OLAVO OU OLAUS

Rei e mártir

Olavo ou Olaus, era filho póstumo de Haraldo, rei da Noruega. Privado do reino paterno na juventude, desempenhou primeiro o ofício de rei do mar ou pirata. Veio depois à França em socorro dos normandos, à Inglaterra, em socorro do rei Ethelred. Na sua expedição à Normandia, abraçou o cristianismo, recebeu o batismo em Ruão, no começo do século onze. Voltando à Noruega, foi reconhecido como rei no ano 1015. Mandou vir da Inglaterra padres e monges recomendáveis pela ciência e virtude. Um dêles chamava-se Grimkéle; foi eleito bispo de Drontheim, capital dos estados de Olaus. Êsse príncipe nada fazia sem o consultar. Foi por seu conselho que promulgou várias leis, cheias de sabedoria e aboliu tôdas as que eram contrárias ao Evangelho, não sòmente na Noruega, mas também nas ilhas de Orkney, de que se tinha apoderado na Islândia. Tendo-se estabelecido a paz em todos os países de sua obediência, trabalhou para lhes extirpar a superstição da idolatria. Percorria as cidades em pessoa, para excitar seus súditos a abrirem os olhos

à luz do Evangelho que lhes pregavam os missionários de que era seguido. (1)

Santo Olaus da Noruega desposara a filha de outro Olaus, rei da Suécia; a aliança serviu para revelar o cristianismo a êsse país, de onde tinha desaparecido depois da missão de Santo Anscário. O rei Santo Olaus da Noruega fêz vir da Inglaterra uma nova colônia de missionários, cujo chefe era São Sigfrido, parente próximo do rei inglês; mandou-os ao reino de Olaus, seu sôgro, na Suécia. Sigfrido lá chegou e teve a felicidade de batizar o rei e grande parte da nação. Primeiro pregou em Wexiow, na Gótia meridional, onde estabeleceu uma sede episcopal, de acôrdo com o arcebispo de Hamburgo, legado apostólico para os países do norte; percorreu, depois, várias outras províncias que ganhou para Jesus Cristo. Jamais missionário algum se mostrou mais fiel imitador dos apóstolos. Era de uma caridade e de um desinterêsse que excitavam a admiração dos mesmos pagãos. Eis uma prova: Três sobrinhos seus, que tinham sido deixados em Wexiow, enquanto êle pregava o Evangelho em outras províncias, foram desumanamente assassinados por idólatras. O rei, indignado, com ação tão negra e que podia ter conseqüências bem perigosas, se ficasse impune, resolveu condenar os assassinos à morte. O santo, informado do que se passava, intercedeu por êles e o fêz com tal instância que obteve se lhes deixasse a vida. O príncipe condenou-os, todavia, a uma grande multa em favor de Sigfrido; mas não foi possível convencê-lo a receber algo, embora vivesse em extrema pobreza e tivesse necessidade urgente de

(1) Godescard. **Et Acta SS.** 29 Julii.

dinheiro para garantir a fundação da nova igreja. Sigfrido viveu até o tempo em que Adão de Bremen escrevia e morreu pelo ano 1030. Foi enterrado na catedral de Wexiow, onde o túmulo se lhe tornou célebre, por grande número de milagres. O Papa Adriano IV que também tinha trabalhado com muito zêlo para a conversão da Noruega e de várias outras regiões do norte, canonizou-o no ano 1158. Os suecos honraram São Sigfrido como apóstolo, enquanto perseveraram na fé que êle lhes tinha pregado, isto é, enquanto permaneceram católicos. (1)

Os dois reis, Olaus da Noruega e Olaus da Suécia, eram êmulos um do outro, no zêlo da propagação da fé e da piedade cristãs. Aquêle procurava sobretudo purificar a Noruega dos adivinhos, dos mágicos e dos encantadores, de que estava cheia e tinha perto de si, santos bispos, que o ajudavam com sua doutrina e conselhos. Mandou embaixadores ao arcebispo Unvan, de Bremen, com presentes, suplicando-lhe recebesse favoràvelmente seus bispos e lhe mandasse de sua parte, os seus, para confirmar a religião da Noruega. (2) O arcebispo de Bremen ou de Hamburgo, era legado da Sé Apostólica, para a conversão dos povos do Norte.

Olaus da Suécia, recém-cristão, cuja filha Olaus da Noruega tinha desposado, não era menos zeloso que seu genro, pela religião cristã. Fêz grandes esforços para derrubar o templo dos ídolos, que havia em Upsala no meio de seu reino, e os pagãos, temendo que êle o conseguisse, combinaram, pois que queria ser cristão, escolhesse o melhor lugar da Suécia para

(1) Godescard. Et Acta SS. 15 Feb.

(2) Adam Brem, l. II, c. XL.

lá estabelecer sua igreja e o exercício de sua religião, sem fazer violência a ninguém, para deixar o serviço dos deuses. O rei muito contente com o tratado, fundou uma igreja e uma sede episcopal, na Gótia ocidental, perto da Dinamarca, e da Noruega. Foi em Scaren, cidade então muito grande, agora pouco importante, onde, ante o pedido do rei da Suécia, Turgot foi sagrado primeiro bispo, pelo arcebispo Unvan; e cumpriu tão bem seu ministério, que converteu ao mesmo tempo dois povos célebres dos godos. O rei Olaus da Suécia fêz batizar sua espôsa e seus dois filhos, Edmundo e Amundo. A êste fêz dar o nome de Tiago, no batismo; o príncipe, jovem como era, superou em sabedoria e piedade todos os predecessores e nenhum rei foi tão agradável aos suecos. (1)

Entretanto, Olaus, rei da Noruega, foi expulso de seu reino, pela facção dos senhores, cujas mulheres tinha feito morrer, por causa de seus malefícios. O rei Canuto, que lhe fazia a guerra, prevaleceu-se da revolta, e foi reconhecido rei da Noruega, o que ainda não havia acontecido a nenhum rei da Dinamarca. Olaus pondo tôda a esperança em Deus, determinou estabelecer-se para reprimir a idolatria; e, com o auxílio do rei da Suécia, seu sôgro, e dos insulares, reuniu um grande exército e reconquistou seu reino. Então, julgou que Deus o tinha restaurado a fim de não mais perdoar a ninguém, que quisesse continuar mágico ou que se recusasse a tornar-se cristão. E o conseguiu em grande parte. Mas, segundo uns, os poucos mágicos que restaram fizeram-no morrer, para vingar aquêles que êle tinha condenado;

(1) Adam Brem., l. II, c. XLI.

segundo outros, foi morto numa batalha; outros, ainda, diziam que foi morto secretamente, para se agradar a Canuto, que se apoderou do reino. Como quer que seja, segundo o gênero particular de sua morte, Olaus foi considerado mártir. Enterraram-no com honras em Drontheim, capital do reino: operaram-se muitos milagres em seu túmulo, que depois tiveram em grande veneração, todos os povos vizinhos. Morreu no ano 1028, a 29 de julho, dia em que a Igreja lhe honra a memória. Seu filho Magno, que tinha recuperado o trono em 1035, contribuiu muito para estender a devoção dos povos para com seu pai, que a catedral de Drontheim escolheu por seu patrono titular. (1)

* * *

(1) Adam Brem. l. II, c. XLIII. **Acta SS.** 29 Jull.

SANTA MARTA (*)

Virgem

I.º Século

Marta era irmã de Maria e de Lázaro. Seu nome poderia vir do aramaico e significar *senhora, ama, patroa, dona de casa.*

Durante uma viagem apostólica, Jesus passou por Betânia, não longe de Jerusalém, e entrou na casa de Marta, onde já era conhecido e venerado.

Marta era a mais velha, a senhora da casa. Como no oriente os cuidados da hospitalidade formam como que um rito que se deve celebrar com tôda a consciência, a santa virgem, tendo o Mestre amado sob seu teto, pôs-se a tratar do que se fazia necessário. E, azafamada, ia e vinha, de tudo cuidando, enquanto a irmã, Maria, sentada aos pés de Jesus, ouvia-o embevecida.

Eis senão quando, Marta, aproximando-se de Jesus, disse-lhe:

"— Senhor, não se te dá que minha irmã me tenha deixado só com o serviço da casa? Dize-lhe, pois, que me ajude".

Jesus respondeu-lhe:

Jesus em casa de Marta e Maria. Segundo um quadro de Le-Sueur.
Século XVII.

"— Marta, Marta, tu te afadigas e andas inquieta com muitas coisas. Entretanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada".

Nosso Senhor não diz, de modo expresso, qual a única coisa necessária. Todavia, não é aquilo que ocupa Marta no momento, e sim o que Maria escolheu: aplicar-se tôda inteira a ouvir a palavra do Mestre, a palavra divina — e por isso buscando a salvação da alma, a parte que escolheu, a melhor e *que lhe não será tirada,* já que a contemplação a que Maria se entregou durará eternamente no céu.

Por outro lado, não se aduza que as palavras de Jesus, dirigidas a Marta, sejam de repreensão. Marta trabalhava para Êle, desdobrava-se carinhosamente para bem servi-lo. Vão naquelas palavras uma preferência pela contemplação, que é superior à atividade.

Marta simbolizava a vida ativa, tratava de Jesus. Maria era a vida contemplativa, tratava com Jesus. Marta ocupava-se dos acessórios, daquilo que não era fundamental, ao contrário da irmã, sempre atenta com as coisas de Deus, fundamentais.

Na ceia da Betânia, enquanto Marta servia, Maria, tomando uma libra de bálsamo feito de nardo puro, de alto preço, ungia os pés de Jesus, aos quais enxugou com os próprios cabelos. Marta servia, ocupava-se *de* Jesus; Maria, aos pés do Mestre, ocupava-se *com* Jesus. Aquilo, naturalmente, era agradável a Jesus-Deus. Tanto que ao dito de Judas: *Por que não se vendeu êste bálsamo por trezentos dinheiros, e não se deu aos pobres?* — Jesus retrucou, benèvolamente: *Deixai-a; ela reservou isso para o*

dia da minha sepultura, ou seja, Maria, ocupando-se com o Senhor, profetizara, sem o saber, o próximo sepultamento do bem-amado Mestre.

— — — —

"Estava enfêrmo um homem, chamado Lázaro, de Betânia (1), aldeia de Maria e de Marta, sua irmã. (Maria era aquela que ungiu o Senhor com bálsamo, e lhe enxugou os pés com os seus cabelos, cujo irmão Lázaro estava enfêrmo). Mandaram, pois, suas irmãs dizer a Jesus:

"— Senhor, eis que está enfêrmo aquêle que tu amas".

Aqui deve dizer-se que não pediram a Jesus que fôsse curar Lázaro. Expõem-lhe apenas o estado em que o amigo se encontrava.

"Ouvindo isto, Jesus disse:

"— Esta enfermidade não é de morte, mas é para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja glorificado por ela".

Jesus pensava na ressurreição do amigo. A doença de Lázaro terminou com a glorificação de Nosso Senhor.

"Ora, Jesus amava a Marta e a sua irmã Maria e a Lázaro.

"Tendo, pois, ouvido que Lázaro estava enfêrmo, ficou dois dias no mesmo lugar".

Diz o Padre Eusébio Tintori, O. F. M. em suas *Notas* ao Evangelho de São João:

---

(1) Betânia ficava um pouco além do monte das Oliveiras, a três quartos de hora de Jerusalém.

"Não obstante o afeto de Jesus para com a família de Lázaro, não seguiu imediatamente para Betânia, a fim de evitar os perigos armados contra Êle em Jerusalém. Com isto o Mestre quis ensinar-nos que nem sempre é covardia evitar os perigos, a fim de nos conservarmos para o desempenho dos nossos deveres de estado. Quis, outrossim, tornar mais grandioso o milagre, pois decorridos quatro dias de sepultura, quando já o cadáver estava em decomposição, ninguém mais poderia pôr em dúvida a morte de Lázaro".

"Depois disto, disse a seus discípulos:

"— Voltemos para a Judéia".

"Disseram-lhe os discípulos:

"— Mestre, ainda agora te queriam apedrejar os judeus, e tu vais novamente para lá?"

"Jesus respondeu:

"— Não são doze as horas do dia? Aquêle que caminhar de dia, não tropeça, porque vê a luz dêste mundo; porém, o que andar de noite tropeça porque lhe falta a luz".

"Assim falou, e, depois disto, disse-lhes:

"— Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo".

"Disseram-lhe então os seus discípulos:

"— Senhor, se êle dorme, curar-se-á".

"Mas Jesus tinha falado da sua morte; e êles julgavam que falava do repouso do sono. Disse-lhes, pois, Jesus então claramente:

"— Lázaro morreu, e eu, por amor de vós, folgo não ter estado lá para que creiais; mas vamos ter com êle".

"Disse então Tomé, chamado Dídimo, aos condiscípulos:

"— Vamos nós também para morrer com êle".

"Chegou, pois, Jesus, e encontrou-o já há quatro dias no sepulcro. (Betânia distava de Jerusalém cêrca de quinze estádios). Muitos judeus tinham ido ter com Marta e Maria, para lhes dar os pêsames pela morte de seu irmão. Marta, pois, logo que ouviu que vinha Jesus, saiu-lhe ao encontro; e Maria ficou em casa sentada. Disse então Marta a Jesus:

"— Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também sei agora que tudo o que pedires a Deus, Deus to concederá".

"Disse-lhe Jesus:

"— Teu irmão há de ressuscitar".

"Disse-lhe Marta:

"— Eu sei que haverá de ressuscitar na ressurreição (*que haverá*) no último dia".

"Disse-lhe Jesus:

"— Eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Crês isto?"

"Ela lhe disse:

"— Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que vem a êste mundo".

"Dito isto, retirou-se, e foi chamar em segrêdo sua irmã Maria, dizendo:

"— O Mestre está aqui, e chama-te".

"Ela, logo que ouviu isto, levantou-se ràpidamente, e foi ter com êle; porque Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas estava ainda naquele lugar, onde Marta saira ao seu encontro. Então os

judeus, que estavam com ela em casa, e a consolavam, vendo que Maria se tinha levantado tão depressa e tinha saído, seguiram-na, julgando que ia chorar ao sepulcro. Maria, pcrém, tendo chegado onde Jesus estava, e vendo-o, lançou-se aos seus pés, e disse-lhe:

"— Senhor, se estivesses estado aqui, não teria morrido meu irmão".

"Jesus, porém, vendo-a chorar, a ela e aos judeus que tinham ido com ela, comcveu-se profundamente e perturbou-se, e disse:

"— Onde o pusestes?"

"Êles responderam:

"— Senhor, vem ver".

"Jesus chorou. Disseram por isso os judeus:

"— Vejam como êle o amava".

"Porém, alguns dêles disseram:

"— Êste, que abriu os olhos ao que era cego de nascença, não podia fazer que êste não morresse?"

"Jesus, pois, novamente comovido no seu interior, foi ao sepulcro. Era êste uma gruta à qual estava sobreposta uma pedra.

"Jesus disse:

"— Tirai a pedra".

"Disse-lhe Marta, irmã do defunto:

"— Senhor, êle já cheira mal, porque já aí está há quatro dias".

"Disse-lhe Jesus:

"— Não te disse eu que, se tu creres, verás a glória de Deus?"

"Tiraram, pois, a pedra. Jesus, levantando os olhos ao céu, disse:

"— Pai, dou-te graças, porque me tens ouvido. Eu bem sabia que me cuves sempre, mas falei assim

por causa do povo que está à roda de mim, para que creiam que tu me enviaste".

"Tendo dito estas palavras, bradou em alta voz:

"— Lázaro, sai para fora".

"E saiu o que estivera morto, ligado de pés e mãos com as ataduras (2), e o seu rosto envolto no sudário.

"Jesus disse-lhes:

"— Desliguem-no, e deixai-o ir".

"Então, muitos dos judeus que tinham ido visitar Maria e Marta, vendo o que Jesus fizera, creram nêle. Porém, alguns dêles foram ter com os fariseus, e contaram-lhes o que Jesus tinha feito". (3)

— — — —

Plínio Salgado, que já citamos páginas atrás, abordando a ressurreição de Lázaro, muito enfàticamente escreve, no capítulo LVIII — *O Viajante do País Desconhecido,* impressionantemente:

"Jesus e os doze pernoitaram em Betânia.

"Lázaro, novamente, era o bom hospedeiro.

"Brilhava, na casa, uma viva alegria; mas já não era uma alegria vulgar, uma alegria da terra.

"Lázaro andava, sorria, comia do pão que todos comiam, bebia do vinho que todos bebiam, e era o motivo de todos os júbilos. No entanto, era também um motivo de terror.

"As irmãs, os discípulos de Jesus, os amigos da família olhavam-no e temiam-no.

---

(2) No Oriente enfaixam-se os cadáveres.

(3) Jo 11, 1-46.

"Porque êle conhecera a morte. A morte estivera nêle. A treva do sepulcro fôra sua companheira durante quatro dias. O espírito de Lázaro andara em regiões desconhecidas.

"Ninguém ousava perguntar ao estranho viajante as suas aventuras na misteriosa viagem".

— — — —

"Lázaro era um enigma.

"Quais seriam suas recordações daqueles quatro dias terríveis? Que pensamentos pensava? Que visão tinha da vida, êle, que tivera as visões da morte?

"Lázaro comia, bebia e falava, mas era impressionante ficar alguém sòzinho com êle. As irmãs, os amigos fitavam-no e sentiam arrepios, porque o tinham visto no esquife, ao som dos alaúdes e das flautas, envolvido nas faixas funerárias.

"Lázaro era um morto vivo. Tinha sido um defunto; e agora andava, conversava, sorria... Nas caladas da noite, dormindo sob o mesmo teto que êle, as irmãs e os amigos estremeciam, quando despertavam, escutando os uivos do vento nas frondes do jardim".

— — — —

"A alegria em Betânia já não podia ser uma alegria vulgar e terrena. O ressuscitado era um documento da Eternidade, uma revelação, em carne e osso. O regozijo não podia ser mais pelas conseqüências físicas do milagre.

"Todo aquêle que pede um milagre ao céu, busca uma felicidade terrena, e quando ela vem, verifica

esta coisa extraordinária: que existe uma felicidade maior. Ser atendido significa ouvir uma voz que fala:

"— Eu existo, e é para mim que deves vir".

"Que importa, agora, a Lázaro, haver ressurgido? Que importa às irmãs haverem recuperado o irmão? Saindo do túmulo e volvendo à vida, Lázaro verificou, como suas irmãs verificaram, que o milagre maior não foi a ressurreição, porém o próprio Jesus revelando-se Filho de Deus-Vivo.

"Diante dessa maravilha, que interessa o esplendor efêmero das venturas terrenas?"

— — — —

"O milagre não é apenas um deferimento: é um chamado.

"Todos os que se tornam objeto feliz do milagre, foram recrutados por Deus. Continuar a viver a mesma vida é uma deserção.

"Eis porque Lázaro já não é o mesmo, nem suas irmãs são as mesmas. Em redor dêles, a paisagem risonha, a casa confortável, a delícia da vida, tudo se tornou uma coisa sem importância.

"Êles conhecem agora o Absoluto".

— — — —

"É pelo sentido do Absoluto que os espíritos amedrontados aceitam Lázaro apesar de todo o mistério que, de agora em diante, êle carregará consigo.

"Lázaro veio do *outro lado*. Essa idéia amedronta, porque o homem está sempre cheio de mêdo

em face do desconhecido. Mas essa idéia infunde também um secreto regozijo: a certeza da vida eterna.

"— Lembras-te de alguma coisa, Lázaro?"

"A resposta é o silêncio. O terrível silêncio".

— — — —

"Que importa? Talvez não possa a linguagem que se fala no país dos mortos ser usada pelos que regressam ao país dos vivos.

"Mas os mortos estão vivos e falam no seu país. Se Lázaro voltou para *êste lado* é porque existe o *outro lado,* pois só se volta de *algum lugar,* e ninguém retorna de onde ninguém pode estar.

"Os sepulcros não devolvem suas prêsas. Arrancamos o cadáver inerte da bôca da treva. Só o *dono do cadáver*, que há de estar além do sepulcro, poderá animá-lo para que êle caminhe por seus próprios pés, tão vivo como era antes de morrer.

"Cristo revelou-nos a outra face do Universo, o outro Espaço, o outro Tempo, a outra Vida, chamando Lázaro e determinando-lhe que erguesse o seu próprio corpo apodrecido e, insuflando-lhe de novo a vida, caminhasse. Revelando o mistério da Morte, Cristo revelou-se a si próprio, isto é, o mistério da Vida".

— — — —

"É preciso aceitar Lázaro sem temor. O sangue palpita nas suas veias; seu corpo é quente e saudável; seus olhos brilham; seus lábios sorriem.

"Eis que ergue a taça e bebe o vinho. Fala. Não é o defunto animado, um habitante dos sepulcros

a conviver com os vivos aterrorizados. A vida canta nêle como esplende na paisagem colorida e na asa dos pássaros.

"Mas é preciso, ao mesmo tempo, que em Lázaro se leia o sentido de uma nova alegria de viver, uma alegria que começa na terra, mas só se realiza no desconhecido país de onde êle regressou..."

— — — —

Os fariseus e os príncipes dos sacerdotes, ao invés de crerem em Jesus, com a multidão que cria, conspiraram, para matá-lo. Cuidaram, mesmo, de matar também a Lázaro — já que um grande número de judeus ia passando para o lado de Nosso Senhor, abandonando aquêles incréus.

Êste ódio dos judeus incrédulos não se apaziguou nem com a morte de Jesus Cristo. Em meio a perseguição que se elevou contra os fiéis, depois do martírio de Estêvão, apoderaram-se de Lázaro e das duas irmãs, mais de Maximino, um dos setenta e dois discípulos, e expuseram-nos, num barco sem vela, no Mediterrâneo, barco sem leme e sem navegador, mesmo bisonho, a fim de que perecessem nas águas.

A divina Providência, contudo, conduziu-os sãos e salvos até as costas da Provença, que assim ganhava os seus apóstolos.

São Lázaro, como veremos, em dezembro, no dia 17, seria o primeiro bispo de Marselha. São Maximino o primeiro prelado de Aix. Maria ilustraria, pela penitência, o deserto de São Baume. A Marta

estava reservado o Tarascon, do qual seria a principal padroeira.

Tarascon possue uma igreja dedicada a Santa Marta. Como em vida a Santa foi a boa e perfeita hospedeira de Jesus, escolheram-na os hoteleiros como padroeira.

Em 1263, a festa de Marta aparecia no breviário franciscano.

* * *

SÃO FÉLIX II

Papa e Mártir

São Félix II, papa e mártir, foi expulso, pela fé católica, por Constâncio, imperador ariano. Morreu apagadamente, mas com glória, pela espada, na cidade de Cevetro, na Toscana, em 365.

Alguns clérigos, tomando-lhe o corpo, levaram-no e colocaram num túmulo que existia na Via Aurélia.

Levado, mais tarde, para a igreja de São Cosme e São Damião e colocado sob o altar-mor, aí foi encontrado durante o pontificado de Gregório XIII com as relíquias de São Marcos, Marcelino e Tranqüilo, com as quais foi recolocado no mesmo lugar, no último dia de julho.

Encontraram também, sob o mesmo altar, os corpos dos santos mártires Abúndio, sacerdote, e Abundâncio, diácono, que foram, algum tempo depois, na véspera do mesmo dia de sua festa, transportados solenemente para a igreja da Companhia de Jesus.

* * *

SANTOS SIMPLÍCIO, FAUSTINO E BEATRIZ (*)

Mártires

Quando de Diocleciano, na Roma de 304, atiraram-se ao Tibre, do alto da agora *Ponte Rotto,* vários cristãos, entre êles Simplício e Faustino, irmãos.

Beatriz, a irmã, ajudada por dois padres, Crispo e João, recolheu-lhes os corpos, enterrando-os em *Sextum Philippi,* que ficava à margem direita daquele rio, perto do caminho que levava a Pôrto, nas terras de Generosa, fervente cristã.

Denunciada a jovem por pagãos, foi prêsa. Continuando, inabalàvelmente, a confessar Nosso Senhor, estrangularam-na no cárcere, sendo enterrada ao lado dos irmãos e dum outro mártir, Rufo ou Rufiniano.

Nas terras daquela piedosa Generosa, mais tarde, encontrou-se uma basílica dedicada aos três irmãos martirizados, terras então servindo como cemitério, com o nome mesmo da ardorosa cristã Generosa.

* * *

BEM-AVENTURADO URBANO II (*)

Papa e Confessor

Eudes, variante de Odon, Oton, Oto, depois Urbano II, nasceu em Chatillon-sur-Marne, diocese de Soissons, atualmente de Reims, em 1040, numa nobre família.

Aluno daquele que seria o fundador da Cartuxa, São Bruno, Eudes, em 1064, era arcediago de Reims, e, logo depois, cônego.

Em 1073, estava em Cluny, onde se formou sob a Regra beneditina.

Quando o grande papa reformador, São Gregório VII, solicitou de Santo Hugo, o Pai, o abade de Cluny, alguns caracteres de valor que os elevasse ao episcopado, Eudes foi-lhe apresentado e, em seguida, feito bispo de Óstia, em 1078.

Depois duma legação na Alemanha, destinada a defender o papado contra os desmandos do imperador Henrique IV, Eudes tornou à Itália. Pouco depois, o grande papa desaparecia.

Vítor III sucedeu ao Santo Padre morto. Todavia, logo deixou o mundo.

A 12 de março de 1088, Eudes foi eleito, assentando-se com muitíssima humildade na cátedra impe-

recível do Príncipe dos Apóstolos, para governar a cristandade.

A Alemanha, então em guerra, era um fardo pesado para a Santa Sé. Henrique IV, com seu antipapa, Clemente III, provocava sérios embaraços na vida religiosa, mas o calmo Urbano eloqüente soube contornar as maquinações que se urdiram.

A condêssa Matilde, grande amiga da Santa Sé, casou-se, em agôsto de 1089, com o jovem Welf, duque da Baviera. Esta aliança da Toscana e da Alemanha do Sul foi o maior obstáculo que se deparou ao imperador. No entanto, conseguiu invadir a Itália, mas em 1092 foi obrigado a retroceder. E o seu papa, que estava em Roma, deixou a cidade, indo-se para Ravena.

Destarte, mais e mais, agrupou-se a Itália em tôrno de Urbano II, cada vez mais firme no pôsto supremo.

Foi no concílio de Clermont, de 1095, convocado pelo santo papa, que a idéia da cruzada contra os infiéis triunfou.

No século VII, com as conquistas árabes, tomada por êles a Palestina, as peregrinações dos cristãos europeus à Terra Santa não sofreram solução de continuidade. Todavia, os peregrinos, que eram bem tratados por aquêle povo, tiveram a situação invertida com a invasão dos turcos seldjúcidas, originários do Turquestão, ao norte da Pérsia.

Maomé recomendara a guerra santa para difusão da doutrina. Prometera recompensas aos que morressem combatendo pela fé.

Espírito belicoso, os árabes seguiram, sem hesitar, as recomendações do profeta, e, desta maneira,

ainda no ano da morte de Maomé, deram início à guerra santa.

Em menos de um século de lutas, conquistaram a Palestina, a Síria, a Mesopotâmia, a Armênia, a Índia, a Pérsia, todo o norte africano, a península Ibérica.

A civilização árabe foi brilhantíssima. As ciências, a literatura, a história, a arquitetura, a indústria, o comércio e a agricultura tiveram grande desenvolvimento.

Os novos conquistadores, porém, de espírito mais belicoso, que se tinham feito maometanos, fanáticos maometanos, não manifestaram para com os cristãos a mesma atitude tolerante dos árabes. Apoderando-se de Jerusalém em 1078, principiaram a perseguição aos peregrinos que para lá se dirigiam, perseguição essa que sempre cominava com as mais bárbaras atrocidades. E as crueldades que se perpetravam cresciam dia a dia.

Logo a idéia de libertar a Terra Santa do jugo infiel começou apoderar-se dos espíritos cristãos. A poesia épica medieval está repleta de versos onde transparece aquêle grande desejo do mundo que abraçara a fé católica.

Foi no concílio de Clermont, de 1095, como dissemos, convocado por Urbano II, que tal desejo se viu alçado às alturas da realização.

A 27 de novembro daquele ano mesmo de 1095, Urbano II deixou a igreja, onde o concílio terminara, e, num vigorosíssimo discurso, solicitou aos cavaleiros do Ocidente que partissem para a libertação dos irmãos do Oriente, oprimidos pelo turco cruel, para

a libertação da terra que Deus feito homem pisara e santificara.

Não demorou muito, o brado ardoroso, entusiástico de "Deus o quer!" correu a terra. E o povo cristão, sequioso de alistar-se no exército que iria libertar o túmulo de Cristo, acorria em massa.

Urbano II, ousadamente, tomou a direção daquela cruzada. A figura de Pedro Eremita impressionava a tôda a cristandade, cristandade que jazia como tomada da febre do zêlo. E a flor da cavalaria marchou com imensa alegria para a tomada de Jerusalém.

Foi um êxodo colossal. Bandos infindos de homens, mulheres e crianças rumaram, desordenadamente, para a Terra Santa, e foram morrendo pelo caminho, vítimas da fome, da sêde, do cansaço e das doenças. Não poucos foram massacrados na Alemanha e na Hungria em represália às devastações que iam realizando à medida que passavam, qual nuvem de gafanhotos depredadores.

O restante, melancòlicamente, foi quase que totalmente exterminado pelos turcos depois da travessia do Bósforo.

Mais felizes do que aquêles da primeira arrancada não foram os seiscentos mil infantes e cem mil cavaleiros organizados que partiram no afã sem par de mover guerra aos profanadores. Tomaram Nicéia, depois Antioquia defendida por quatrocentos e cinqüenta tôrres.

Daquele exército, porém, só uma minoria conseguiu avistar Jerusalém. Cairam todos, então, de joelhos. E, a soluçar de emoção, choraram de alegria. Era a 15 de julho de 1099.

Poucos dias depois, a 29 do mesmo mês, o grande Urbano II deixava a terra, indo-se para a "bem-aventurada Jerusalém, visão de paz", sem saber do sucesso que lhe coroava os esforços despendidos.

Morto o pontífice, atribuiram-lhe uma infinidade de milagres.

Em 1881, a 14 de julho, Leão XIII confirmou-lhe o culto, culto rendido desde os mais recuados tempos.

* * *

SÃO LÔBO

Bispo

São Lôbo, nascido em Toul no ano de 338, foi bispo de Troyes, e precursor dos grandes bispos da Idade Média.

De nobre família, desde os tempos de estudante caracterizou-o a eloqüência. Casado com uma irmã de Santo Hilário de Arles, de comum acôrdo com a espôsa, separou-se dela. Vendendo todos os bens que possuía para servir os pobres, logo depois se entregava ao serviço de Deus.

Em 426, com a morte do bispo de Troyes, Urso, foi escolhido para preencher a vaga.

Penitente, sempre fiel ao ideal monástico, o novo bispo foi duro adversário da heresia pelagiana.

A invasão do rei huno Átila marcou uma fase gloriosa na vida de São Lôbo. *O Flagelo de Deus,* graças ao santo bispo, não devastou Troyes.

Falecido entre 478-480, teve a Vida escrita logo após a morte. São Gregório de Tours, no *In Gloria Confessorum,* assinala um milagre que se realizou na basílica de São Lôbo, o anti-pelagiano de grande energia e invejável sangue frio.

Resumo do martirológio:

"Em Troyes, na Gália, São Lôbo, bispo e confessor, que, com o bem-aventurado Germano, foi à Grã-Bretanha para combater a heresia dos pelagianos. Pelas orações contínuas, defendeu a cidade de Troyes do furor de Átila, que então devastava tôda a Gália. Afinal, depois de ter dignamente cumprido os deveres do sacerdócio durante cinqüenta e dois anos, repousou na paz".

No mesmo dia, na cidade de Saint-Briec, na Gália, São Guilherme, bispo e confessor. Nascido em 1180, faleceu em 1234. Sucessor de Silvestre, bispo de Brieuc, em 1220, foi eleito para aquela sé. Desprendido dos bens da terra, caracterizou-se por uma grande simplicidade de vida.

Em Roma, Santa Serápia, virgem. Sob o imperador Adriano, foi impelida a dois jovens libertinos que não lhe puderam fazer violência. Em seguida, não podendo ser queimada com tochas ardentes, foi morta a golpes de porretes por ordem do juiz Derilo, sendo, depois, decapitada. A bem-aventurada Sabina sepultou-lhe o corpo (29 de agôsto e 3 de setembro).

Em Dol, São Genevo, bispo e confessor.

Em Constantinopla, São Constantino, patriarca. Governou a Igreja de Constantinopla sòmente por dois anos, num período de grande calma e bons têrmos com Roma. Faleceu no dia 29 de julho do ano de 677.

Em Roma ainda, os santos mártires Lucila e Flora, virgens, Eugênio, Antonino, Teodoro, e seus companheiros em número de dezoito, que sofreram o

martírio sob o imperador Galieno. — Em Gangres, na Paflagônia São Calínico, mártir, vergastado com fios de ferro, entregue depois a outros suplícios, e enfim atirado a uma fornalha, onde entregou a Deus a alma. — No mesmo dia, a morte de São Próspero, Bispo de Orléans. — Em Todi, São Faustino, confessor. — Na cidade Mamie, Santa Serafina.

* * *

30.º DIA DE JULHO

SÃO GERMANO

Bispo de Auxerre

Germano era duque de Auxerre, isto é, general das tropas da província. Nascido na mesma cidade, de uma família ilustre, tinha estudado literatura, principalmente jurisprudência nas Gálias e em Roma. Havia desposado uma mulher também distinta pelo nascimento e virtudes. Seu grande divertimento era a caça: gostava de pendurar as cabeças dos animais que tinha caçado, numa pereira, que estava no meio da cidade. O Bispo de Auxerre, Amador de nome, repreendeu-o muitas vêzes, por isso, como de um resto de superstição pagã. Germano não o quis ouvir. Um dia, em sua ausência, o santo Bispo mandou cortar a árvore e atirar os despojos dos animais ferozes. O general ficou de tal modo irritado que ameaçou o bispo de morte e, para executar a ameaça, voltou de repente à cidade, com um grupo de soldados. Amador, vulgarmente chamado Amâtre, respondeu aos que o advertiam do perigo: Não sou digno de derramar meu sangue como os mártires. Depois soube por revelação que seu fim estava próximo e que teria por sucessor aquêle mesmo Germano que o ameaçava de morte. Partiu imediatamente para Autun, onde residia Júlio, prefeito das Gálias.

O santo Bispo de Autun, que se chamava Simplício, tendo sabido que o Bispo de Auxerre tinha chegado, foi procurá-lo com seu clero: o prefeito Júlio fêz o mesmo, com seus oficiais. No dia seguinte, Santo Amador pediu audiência e o prefeito, encaminhando-se para o receber, pediu-lhe a bênção. O pontífice deu-lha; depois, falou-lhe nestes têrmos: O Senhor deu-me a conhecer que meu fim não está longe e que ninguém tomará o govêrno da santa Igreja, senão o ilustríssimo Germano: eu peço portanto a vossa alteza a permissão de o tonsurar. Assim narra o Padre Constâncio, que escreveu a vida de Germano, quarenta anos depois de sua morte: o que mostra que desde então os clérigos eram distinguidos pelo corte dos cabelos e mesmo por uma veste particular, como veremos mais adiante. O prefeito respondeu: Embora Germano seja muito útil e mesmo necessário à nossa república, entretanto, pois que Deus o escolheu, como vossa beatitude afirma, não posso ir contra a ordem de Deus. Amador, de volta a Auxerre, reuniu todo o povo no átrio da igreja de sua casa, para lhes declarar que tinha apenas alguns dias de vida e rogou-lhes que escolhessem um sucessor. Como visse que todos ficaram em silêncio, saiu para se dirigir à igreja. Todos o seguiram; Germano e vários outros estavam armados e se dispunham a entrar também na igreja, segundo o costume dos gauleses, que usavam armas em tôda parte. Mas Santo Amador os deteve à porta e lhes disse: Meus caros filhos, deixai êsses dardos e êsses escudos, pois esta é uma casa de oração e não um Campo de Marte. Obedeceram. Então o bispo, vendo Germano sem armas, mandou fechar as portas e rodeado por um cortejo de nobres e de clérigos, pôs sôbre

êle a mão, cortou-lhe o cabelo, tirou-lhe os ornamentos do século e o revestiu do hábito da religião, advertindo-o de que se tornasse digno do sagrado ministério, porque Deus o tinha escolhido para seu sucessor. Depois, dirigindo a palavra ao povo: Meus bem amados filhos, disse-lhes, o Senhor receberá bem depressa minha alma; rogo-vos que escolhais nosso irmão Germano. Tôda a multidão respondeu: Amém, não sem derramar lágrimas pois todos estavam aflitos por perder tal pastor. O que os consolava, em parte, era o pensamento de que seu sucessor não lhe seria diferente.

No primeiro dia de maio do mesmo ano, 418, Santo Amador sentiu-se mal, recolheu as fôrças e fêz um discurso, onde procurou consolar os presentes, por sua morte. Ao mesmo tempo, para entregar seu espírito a Deus, no mesmo lugar onde êle costumava abençoar dia e noite, êle fêz transportar-se à igreja. O clero caminhava adiante, o povo à direita e à esquerda, as mulheres vinham depois. Apenas o colocaram no trono episcopal, êle morreu. Aos seus funerais, um paralítico recobrou a saúde, por meio da água com que tinham lavado o corpo, antes de o sepultar.

Imediatamente, todo o clero, tôda a nobreza, o povo da cidade e do campo, a uma voz, pedem Germano por Bispo. Foi preciso fazer-lhe uma espécie de guerra civil. Êle tinha combinado com algumas pessoas de confiança para resistir às vozes de todos. Mas aquelas pessoas, reuniram-se a outras e êle foi obrigado a aceitar o episcopado, contra a vontade, um mês depois da morte do predecessor. Sua sagração teve lugar a 7 de julho, que, naquele ano era um domingo.

Jamais se viu mudança mais rápida e mais radical que em Germano, de general, transformado em padre e bispo. De então considerou a espôsa irmã e seus bens, como dos pobres. Desde o dia em que foi sagrado até à morte, êle não comeu mais pão de trigo, carne, vinho, vinagre, óleo, sal, nem legumes. Começava as refeições tomando um pouco de cinza, depois comia pão, feito com cevada, que êle mesmo tinha batido e moído. E êsse alimento, pior que o jejum, tomava-o sòmente pela tarde, algumas vêzes no meio da semana, e mui freqüentemente ainda apenas no sétimo dia. Seus hábitos consistiam num cilício que usava sempre, em uma túnica com capuz e outra de pano simples e grosseiro, sem que o rigor do inverno o fizesse acrescentar outro agasalho, nem o calor do verão, tirar alguma das vestes.

Um quadrado de pranchas, cheio de cinzas até em cima, sôbre o qual estendia um cilício e um saco, era seu leito. Nêle, deitava-se vestido como estava, sem travesseiro, o mais das vêzes sem tirar os sapatos, nem o cinto, pois usava sempre um cinto de couro, ao qual estava prêso um relicário. Exercia a hospitalidade para com tôda espécie de pessoas, lavava êle mesmo os pés dos hóspedes e dava-lhes de comer, sem quebrar seu jejum. Para criar-se uma solidão, mesmo no meio do mundo e atrair os povos todos à fé católica e à vida religiosa, construiu um mosteiro em frente de Auxerre, do outro lado do rio Yonne, em honra dos santos Cosme e Damião. Lá, retirava-se freqüentemente e lá colocou como primeiro abade Santo Alódio, a quem sucedeu São Mamertino. (1)

---

(1) **Acta** SS. 31 Jul.

Sendo ainda duque de Auxerre, Germano via na côrte um jovem mui distinto, chamado Lôbo. Oriundo de mui nobre família de Toul, tinha estudado nas escolas dos reitores e conseguido grande fama de eloqüência. Desposou Pemeníola, irmã de Santo Hilário, Bispo de Arles. No sétimo ano do casamento, separaram-se de comum acôrdo, para levar vida mais perfeita. Lôbo deixou a casa paterna e retirou-se ao mosteiro de Lerins, sob a direção de Santo Honorato, que então lhe era abade. Depois de lá ter passado vários anos, no jejum e nas vigílias, fêz em 426 uma viagem a Mâcon, para distribuir aos pobres os bens que lhe restava. Mas, quando menos pensava, chamaram-no para ser bispo de Troyes e governou aquela igreja, por cinqüenta e três anos. (1)

Um pelagiano procurava espalhar a heresia entre os católicos da Grã-Bretanha. Aquêles povos resistiam ao êrro mas não eram suficientemente instruídos, para a combater. Recorreram então ao Papa e aos Bispos das Gálias. O Papa Celestino mandou para lá o diácono Paládio, que lhe pediu para levar também socorro. Às suas instâncias, São Celestino mandou como legado São Germano de Auxerre. Ao mesmo tempo, os Bispos das Gálias, reunidos em concílio, rogavam ao mesmo Santo, com seu amigo São Lôbo, de Troyes, que se encarregassem daquele assunto. Passou-se tudo no ano de 429.

Os dois pontífices puseram-se a caminho para a Grã-Bretanha e chegaram à aldeia de Nanterre, perto de Paris. Os habitantes, ante a fama de sua santidade, vieram encontrá-los, em massa. São Ger-

(1) **Acta SS.**, 20 Jul.

São Germano dá uma medalha à Santa Genoveva. Segundo uma antiga gravura.

mano fêz-lhes uma exortação e olhando o povo que o rodeava, viu de longe uma jovem na qual notou algo de celeste. Era Santa Genoveva, cuja vida temos a 3 de janeiro.

São Germano e São Lôbo embarcaram no inverno, sofreram assim uma grande tempestade, que São Germano aplacou com algumas gôtas de óleo atiradas ao mar, em nome da SS. Trindade. Chegando à Bretanha encontraram uma grande multidão reunida para os receber, pois sua chegada tinha sido predita por espíritos malígnos, que expulsaram dos possessos, e que, ao sairem, confessaram que tinham suscitado a tempestade. Os santos Bispos encheram logo a Bretanha com suas instruções e sua fama. Pregavam não sòmente nas igrejas mas também nos caminhos e nos campos, tanto a multidão que os seguia era grande de sorte que fortificavam por tôda parte os católicos e convertiam os hereges. Tudo nêles era apostólico; a virtude, a doutrina, os milagres. Os pelagianos ocultavam-se; mas, enfim, envergonhados de se condenarem por seu silêncio, vieram a uma conferência. Apresentaram-se bem acompanhados e notáveis pelas riquezas e pelos hábitos luxuosos. Uma multidão imensa de povo se reuniu a êsse espetáculo. Os santos bispos deixaram os hereges falar por primeiro e, depois que haviam discorrido por muito tempo, responderam-lhes com grande eloqüência, sustentados pela autoridade das Escrituras, de sorte que os reduziram à impossibilidade de contestar. O povo tinha dificuldade em evitar as palmas e testemunhava o juízo com exclamações. Um homem, que tinha a dignidade de tribuno ou de general, avançou com a mulher, apresentando aos santos bispos a filha de dez anos, cega. Disseram-

lhes que a apresentassem aos pelagianos, mas êstes se uniram aos pais, para pedir aos santos bispos a cura da menina. Fizeram uma breve oração; depois, São Germano invocou a SS. Trindade, e, tendo tirado do pescoço, o relicário que trazia, tomou-o na mão e o aplicou diante de todos, sôbre os olhos da menina, que imediatamente recobrou a vista. Os pais ficaram radiantes, o povo atônito; e depois daquele dia, todos se dirigiam à doutrina dos santos bispos.

Êles foram dar graças a Deus no túmulo do mártir Santo Albano, o mais famoso da Bretanha. São Germano fêz abrir o sepulcro e lá colocou as relíquias de todos os apóstolos e de vários mártires, que tinha reunido de diversos países; depois, tomou ali mesmo pó, ainda tinto do sangue de Santo Albano e o levou consigo e, ao regresso, construiu uma igreja em sua honra na cidade de Auxerre, onde colocou as relíquias.

Os inglêses vindos da Saxe e os pictos faziam guerra aos bretões. Os pictos eram bárbaros da parte setentrional da ilha, assim chamados, porque pintavam o corpo de diversas côres. Os anglos ou inglêses eram povos germânicos vindos da Saxônia e de lá chamados anglo-saxões, que os bretões tinham chamado em auxílio contra os pictos. Mas logo se uniram aos pictos contra os bretões, a fim de se estabelecerem na Bretanha, como fizeram vinte e cinco anos depois. Os bretões, espantados, recorreram aos santos bispos. Estava-se na quaresma: e por suas instruções, muitos pediram o batismo: de sorte que uma grande parte do exército o recebeu na Páscoa, numa igreja de folhagens, que se ergueu em pleno campo. Depois da festa, prepararam-se para marchar contra o inimigo, animados pela graça que acabavam

de receber e esperando com grande confiança o auxílio de Deus. São Germano pôs-se à sua frente; e, lembrando-se ainda do ofício que tinha desempenhado na juventude, mandou exploradores por todo o país, para um reconhecimento, postou os homens escondidos num vale, nas passagens dos inimigos, que esperavam surpreendê-los. São Germano avisou os seus que dessem todos o mesmo grito que o ouvissem dar. Gritou três vêzes: Aleluia! O grito, repetido logo por todo o exército e multiplicado pelos ecos da montanha, fêz um ruído tão terrível, que os bárbaros ficaram atônitos. Atiraram as armas, fugiram desordenadamente, abandonaram a bagagem e muitos se afogaram ao passar um rio. Os santos bispos tendo assim libertado a Bretanha dos pelagianos e dos anglo-saxões, voltaram à Gália, regressando às suas terras. (1)

Germano foi chamado segunda vez à Grã-Bretanha para socorrer a Igreja contra a heresia pelagiana, que começava a se estender ali, em 417. Seu zêlo fê-lo esquecer as enfermidades de uma idade já avançada. Tomou como companheiro São Severo, Bispo de Trèves, que tinha sido discípulo de São Lôbo de Troyes e que então pregava o Evangelho aos povos da primeira Germânia, outrora Mogúncia, Estrasburgo, Espira e Worms. Os dois prelados tomaram o caminho, por Paris. Os habitantes dessa cidade, tendo sabido que chegavam, saíram ao seu encontro e rogaram a São Germano lhes desse sua bênção. Pediu-lhes êle notícias de Genoveva que de Nanterre tinha vindo morar em Paris, onde se tinha solenemente consagrado a Deus, recebendo o véu

(1) **Acta SS., 24 e 26 de Jul.**

das mãos do bispo. Compreendeu pelas respostas que sua reputação era violentamente atacada por diversas calúnias. Êle, que a conhecia perfeitamente, foi diretamente à sua casa, saudou-a tão humildemente, que todos ficaram surpreendidos. Falou ao povo por sua justificação e, como prova de sua virtude, fêz ver, no lugar onde ela tomava seu descanso, a terra banhada de lágrimas. Tendo persuadido a todos de sua inocência, continuou a viagem e chegou felizmente à Bretanha.

Os demônios, que ia combater, publicaram-lhe contra a vontade a chegada. Elafio, um dos principais habitantes da ilha, sem ter tido disso, outra notícia, apresentou-se a êle com grande multidão de povo, acompanhado do filho, tolhido dos membros, que São Germano curou. Os dois bispos tiveram a consolação de encontrar os povos constantemente firmes na fé, com exceção de um pequeno número de inovadores, que os católicos lhes trouxeram e que foram expulsos da ilha.

Germano era o recurso de todos os infelizes. Ao seu regresso a Auxerre, os armoricanos vieram implorar sua intercessão. A dureza do govêrno de Aécio tinha-os levado à revolta. Para os castigar, mandou caminhar contra êles Eucário, rei dos alanos. Êsse príncipe, pagão e bárbaro, entrava já na Armórica, para levar a desolação e a devastação, quando Germano o encontra à frente de seu exército. Fala-lhe por intérprete e suplica-lhe poupar a província; suas orações, nada podem e êle fêz-lhes censuras; por fim, tomou as rédeas de seu cavalo, deteve-o e com êle todo o exército. O bárbaro, espantado da ousadia, ouviu as propostas de paz, voltou a seu lugar e concordou em não devastar a província, con-

tanto que obtivesse seu perdão de Aécio ou do imperador.

Germano tomou imediatamente o caminho da Itália para ir procurar Valentiniano, em Ravena. Visitou, a caminho, o padre Senador, seu amigo, e curou, a seu pedido, uma moça muda da idade de vinte anos, mais ou menos. Despedindo-se dêle, abraçou-o ternamente e disse-lhe: Adeus, meu caro irmão, até à eternidade! Que o Senhor nos conceda a graça de nos vermos sem confusão, no dia do juízo: não nos veremos mais nesta terra. Passando por Autum, onde fêz seus primeiros milagres, foi rezar sôbre o túmulo de São Cassiano, bispo daquela cidade. Uma grande multidão de povo o acompanhava de uma cidade a outra, e como se detinha de vez em quando, para rezar com êles, ou para pregar para êles, erigiram-se, em vários lugares dêsses caminhos, cruzes ou oratórios, que ainda se podiam ver, quando o autor que narra êstes fatos os escrevia.

Passando os Alpes, Germano carregou o peixe de um pobre lenhador, cuja idade e enfermidade faziam sucumbir e levou êle mesmo, o velho às costas, na passagem de uma torrente. Quis entrar na igreja de Milão num dia de festa, sem dar-se a conhecer. Mas um possesso exclamou do meio do povo: Germano, por que vens procurar-nos na Itália! Contenta-te de nos ter expulsado das Gálias e de ter vencido o Oceano conosco por tua oração. O povo, espantado, perguntava quem era Germano. Enfim apesar da pobreza de suas vestes, reconheceram-no ante a majestade do rosto. Confessou quem era: os bispos saudaram-no com respeito e rogaram-lhe libertasse o possesso. Obedeceu, retirou-o de um lado, na sacristia, e o trouxe curado.

Saindo de Milão, encontrou vários pobres que lhe pediram uma esmola. Comovido, informou-se de seu diácono quanto ainda tinha de dinheiro para a despesa da viagem. O diácono respondeu-lhe que não tinha mais de três soldos de ouro. O santo disse-lhe que os desse aos pobres; mas o diácono, sem nada dizer, reservou um para as mais urgentes necessidades e deu os outros dois. Germano, continuando o caminho, viu vir a êle alguns cavaleiros, que, lançando-se-lhe aos pés, lhe rogaram se afastasse do rumo, para visitar seu senhor, Lepório, enfêrmo com quase tôda a família. Germano prometeu-lhes fazê-lo e imediatamente lhe apresentaram duzentos soldos de ouro. Disse êle a seu diácono: Recebei-os e reconhecei a injustiça que fizestes com os pobres; pois se tivésseis dado o que eu vos tinha dito, sabei que o Senhor nos teria mandado trezentos. A saúde que o santo restituiu a Lepório e às outras pessoas de sua casa, foi a recompensa daquela caridade.

Embora tivesse determinado chegar pela noite a Ravena, para evitar as honras, sua entrada aí foi um triunfo. O povo, a nobreza, o clero, à frente do qual estava o santo Bispo Pedro Crisólogo, deram-lhe à porfia, demonstrações de sua veneração. A imperatriz Placídia mandou-lhe uma grande bacia de prata cheia de tôda espécie de alimento, exceto carne, pois se sabia que não a comia. O santo distribuiu a comida aos servos e guardou a bacia para as necessidades dos pobres. Mandou como presente à imperatriz um pão de cevada sôbre uma bandeja de madeira; e a princesa recebeu aquêle presente com tanto respeito, que mandou encerrar a bandeja de madeira numa guarnição de ouro e guardou o pão

para dêle servir-se como remédio contra as enfermidades.

Os milagres que São Germano fêz em Ravena foram tão surpreendentes que sobrepujaram a espectativa dos povos, e o fizeram parecer ainda maiores que sua fama. Quando passava um dia diante da prisão cheia de criminosos, os prisioneiros clamaram em altas vozes, que os ajudasse. Êle pediu que lhe abrissem a porta; mas os carcereiros esconderam-se. Recorreu às armas ordinárias, pôs-se em oração, diante de todo o povo, à porta da prisão. No mesmo instante esta se abriu sòzinha e as cadeias dos prisioneiros caíram. Acorreram a dar graças ao libertador que os levou, como em triunfo, à igreja, trazendo em suas mãos os ferros que a virtude de sua oração tinha quebrado.

O filho de Volusiano, secretário do patrício Sigisvulto, estava gravemente enfêrmo, nas últimas; pediram a Germano que fôsse vê-lo e o fizeram por meio dos prelados que o acompanhavam, pois, durante sua permanência em Ravena, seis bispos não o deixaram, para lhe prestar homenagens. A caminho, para ir visitar o enfêrmo, vieram dizer-lhe que era inútil fôsse além. pois o doente acabava de morrer. Quis voltar, mas os bispos não o deixaram, rogando-lhe pedisse a Deus, restituir a vida ao morto. Êle resistiu por muito tempo; por fim, mandou que todos se retirassem e, tendo-se prostrado em oração sôbre o corpo do defunto, regou-o com suas lágrimas. Depois de ter rezado por algum tempo, o restituiu cheio de vida e de saúde aos parentes.

Curou também, a pedido da imperatriz, um jovem doméstico do eunuco Acólio, prefeito de quarto do imperador. Homem tão poderoso em obras teria

fàcilmente obtido o perdão dos povos da Armórica, que tinha vindo solicitar de tão longe, se não o tivessem impedido por uma nova revolta.

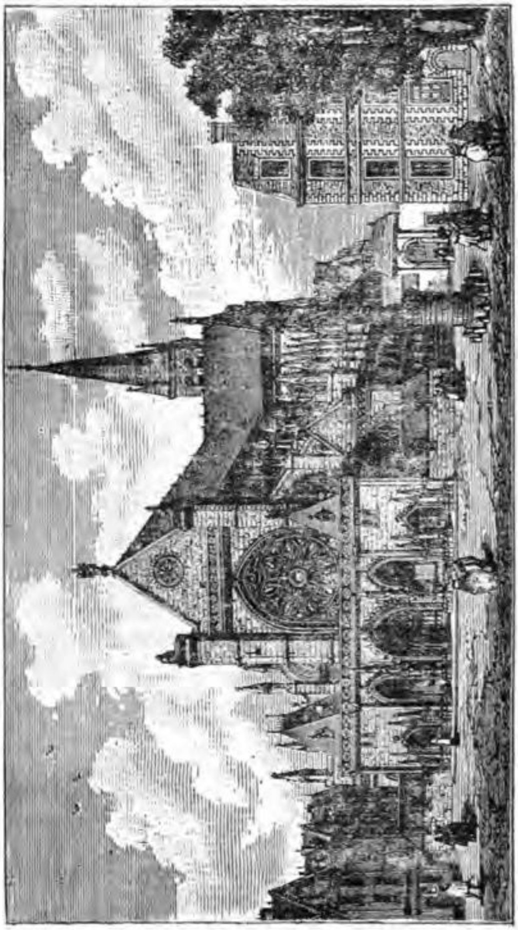
Os bispos que acompanhavam Germano admiravam-se mais do esplendor de suas virtudes, do que do de seus milagres. Não se cansavam de o ver, nem de o ouvir, porque encontravam sempre algo que admirar ou com que se edificar. Mui depressa ficaram privados daquela consolação. O santo bispo, falando um dia das coisas de Deus depois do ofício da manhã, disse-lhes: Meus bem-amados irmãos: eu vos recomendo meu trânsito. Pareceu-me ouvir esta noite Nosso Senhor, que me dava o viático, para uma grande viagem e como eu lhe perguntasse o motivo e o têrmo dela, disse-me: Não temais, é vossa pátria que vos chama. De fato, caiu doente alguns dias depois. Tôda a cidade de Ravena ficou alarmada, e o quarto se lhe enchia contìnuamente dos mais conspícuos personagens que o vinham visitar; a imperatriz foi também em pessoa. O santo bispo rogou-lhe que mandasse o corpo para sua Igreja, o que ela prometeu, com pesar. Morreu no sétimo dia da doença, no último dia de julho do ano 448, depois de trinta anos e vinte e cinco dias de um episcopado tão glorioso na igreja das Gálias.

Depois que morreu, procuraram logo prestar-lhe honras ainda maiores das que lhe tinham prestado durante a vida. As pessoas mais ilustres quiseram ter alguma coisa que lhe pertencera; e tudo o que tinha sido usado por êle, por mais simples que fôsse, tornou-se mais precioso que o ouro e as pedrarias. A imperatriz Placídia pediu o relicário que levava à cintura. São Pedro Crisólogo tomou a capa com o

capuz e o cilício: e os seis bispos que tinham sido nomeados para o acompanhar, dividiram entre si as outras vestes. Acólio mandou embalsamar o corpo, e a imperatriz o revestiu de hábitos preciosos. Vemos ainda hoje seu sudário adornado de águias romanas. O imperador fêz tôdas as despesas do transporte, que foi magnífico, e os bispos tiveram cuidado de que durante uma viagem tão longa, se lhe prestassem honras da religião por onde êle passava. Delegaram os clérigos para acompanhar o corpo até as Gálias. Uma mulher paralítica ficou curada em Plaisance, deitando-se sôbre o ataúde que tinham depositado na igreja durante a noite.

O padre Saturno, discípulo de São Germano, soube de sua morte, em Auxerre, por revelação e a anunciou ao povo e foi com vários outros encontrar o corpo nos Alpes. Não se pode descrever que honras se prestaram, por tôda parte, àquele precioso depósito, durante a viagem. Uns cantavam salmos, outros levavam círios acesos, aplainavam-se os caminhos, restauravam-se as pontes e todos acorriam apressadamente para ter a honra de carregar o esquife. Quando chegavam a uma cidade, depositavam-no na igreja e ao mesmo tempo aí celebrava-se o ofício divino.

Havia em Siena, um santo padre chamado Severo, vindo das Índias para as Gálias, onde se tinha tornado célebre pela santidade e pelos milagres. Acabava de mandar construir uma igreja em honra de Santo Estêvão, sôbre as ruínas do templo que tinha derribado e onde os pagãos honravam cem deuses, São Germano, que tinha visitado Severo, passando para a Itália, tinha-lhe prometido encon-



Igreja de São Germano, l'Auxerrois, em Paris, no século XVII.

trar-se ali para a dedicação daquela igreja; e seu corpo chegou justamente no dia em que isso se devia fazer, antes que o ofício começasse. Por fim, chegou a Auxerre, cinqüenta e três dias depois da morte. Para contentar a devoção do povo foi preciso que o deixassem dez dias exposto à veneração do povo. Foi depois enterrado, a primeiro de outubro na igreja de São Maurício, que tinha feito construir e que se tornou mais tarde a célebre abadia de São Germano de Auxerre. Sua vida poi escrita pouco tempo depois da morte pelo padre Constâncio, autor contemporâneo e célebre pela probidade e eloqüência. (1)

* * *

(1) **Acta SS.**, 26 Jul.

SANTO ABEL (*)

Justo

Antigo Testamento

Abel foi o primeiro homem morto sôbre a face da terra, aquêle que Nosso Senhor mesmo canonizou, chamando-o Justo, no seu Evangelho. Foi pastor, sacerdote e mártir: pastor de ovelhas, ofereceu a Deus, como sacerdote, dos primogênitos do seu rebanho as primícias de sacrifício, sendo, depois imolado como mártir pelo irmão.

Abel, *ablu*, do assírio, *filho*, foi o segundo rebento de Adão e Eva.

"E Adão conheceu sua mulher Eva, a qual concebeu e deu à luz Caim, dizendo:

"— Alcancei um homem por auxílio de Deus".

"E, depois, deu à luz seu irmão Abel. Abel foi pastor de ovelhas, e Caim lavrador.

"Passado muito tempo, aconteceu oferecer Caim, em oblação ao Senhor, dos frutos da terra. Abel também ofereceu dos primogênitos do seu rebanho, e das gorduras dêles. O Senhor olhou para Abel, e para os seus dons; não olhou, porém, para Caim, nem para os seus dons. Caim irou-se extre-

mamente, e o seu semblante ficou abatido. E o Senhor disse-lhe:

"— Por que estás irado? E por que está abatido o teu semblante? Porventura, se tu obrares bem, não receberás "(por isso galardão)? Se obrares mal, estará logo o pecado à tua porta. Mas sob ti está o teu desejo, e tu o dominarás".

"Caim disse a seu irmão Abel:

"— Saiamos fora".

"E, quando estavam no campo, investiu Caim contra seu irmão Abel, e matou-o.

"E o Senhor disse a Caim:

"— Onde está teu irmão Abel?"

"E êle respondeu:

"— Não sei. Porventura sou eu o guarda de meu irmão?"

"E o Senhor disse-lhe:

"— Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão ergue o seu clamor da terra até mim. Agora, pois, serás maldito sôbre a terra, que abriu a sua bôca, e recebeu da tua mão o sangue de teu irmão. Quando a cultivares, ela não te dará os seus frutos; serás vagabundo e fugitivo sôbre a terra".

"E Caim disse ao Senhor:

"— Insuportàvelmente grande é o meu castigo, grande demais para que eu mereça perdão. Eis que tu hoje me expulsas desta terra, e eu me esconderei da tua face, e serei vagabundo e fugitivo na terra; portanto, todo o que me achar, matar-me-á".

"E o Senhor disse-lhe:

"— Não será assim; mas qualquer que matar Caim será castigado sete vêzes mais".

"E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que o não matasse ninguém que o encontrasse. E Caim,

tendo-se retirado de diante da face do Senhor, andou errante sôbre a terra, e habitou no país de Nod, que está ao nascente do Éden.

"E Caim conheceu sua mulher, a qual concebeu e deu à luz Henoch. E edificou uma cidade, que chamou Henoch, do nome de seu filho. Ora, Henoch gerou Irad, Irad gerou Maviael, Maviael gerou Matusael, e Matusael gerou Lamec. E êste tomou duas mulheres (1), uma chamada Ada e outra Sela. E Ada deu à luz Jabel, que foi o pai dos que habitam sob tendas e entre rebanhos. O nome de seu irmão foi Jubal, que foi o pai (*ou mestre*) dos que tocam cítara e órgão. Sela também deu à luz Tubalcaim, que foi artífice de todos os instrumentos de bronze e de ferro. E a irmã de Tubalcaim foi Noema. E Lamec disse a suas mulheres, Ada e Sela:

"Ouvi a minha voz, mulheres de Lamec,
escutai as minhas palavras:
eu matei um homem que me feriu,
e um adolescente que me contundiu.
Caim será vingado sete vêzes,
mas Lamec setenta vêzes sete".

"E Adão conheceu outra vez sua mulher, a qual deu à luz um filho, e pôs-lhe o nome de Set, dizendo:

"— O Senhor deu-me outro filho em lugar de Abel, que Caim matou".

---

(1) Lamec foi o primeiro homem que violou a unidade do matrimônio, estabelecida por Deus no princípio: **Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher, e os dois serão uma só carne** (Gen 2, 24).

"E nasceu também um filho a Set, que êle chamou Enós. Êste começou a invocar o nome do Senhor" (2).

— — — —

A história de Abel avisa-nos que Deus não olha senão para as disposições do coração nas oferendas que lhe fazemos. Caim desgostou ao Senhor porque era maldoso, ciumento: tinha tudo aquilo que se fazia necessário para se tornar homicida. Os profetas, mais tarde, desenvolveriam o pensamento de que o culto não deve ser formalista, mas a expressão de uma vida santa.

Abel é bem o símbolo da vida patriarcal, nômade e pastoral. Caim, ao invés, é o agricultor sedentário, todo dado à civilização urbana, sempre e sempre a corromper-se.

Nosso Senhor, no Evangelho de São Mateus, coloca o justo Abel entre os profetas e os santos. Diz:

"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! que edificais os sepulcros dos profetas, e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: Se nós tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas. Assim dais testemunho contra vós mesmos de que sois filhos daqueles que mataram os profetas. Acabai, pois, de encher a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno? Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; matareis e crucificareis uns, e açoi-

(2) Gen 4, 1-26.

tareis outros nas vossas sinagogas, e os perseguireis de cidade em cidade, para que caia sôbre vós todo o sangue justo que se tem derramado sôbre a terra, desde o sangue justo de Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem mataste entre o templo e o altar. Em verdade vos digo, isto virá sôbre esta geração" (3).

Abel, pelos Padres, sempre foi apresentado como uma prefiguração de Jesus Cristo. Para o grande Santo Agostinho, o segundo filho de Adão e Eva é o tipo da Igreja perseguida:

"A Igreja apareceu sôbre a terra desde os primórdios do gênero humano. Suas primícias são Abel, o Santo, também imolado em testemunho do sangue que o Mediador verteria e devia espalhar um irmão ímpio. Por êle disse desde o princípio: Êles serão dois na mesma carne. E o Apóstolo Paulo, expondo êste grande mistério, precisa: Aqui, eu falo do Cristo e da Igreja, Abel é o fundador da cidade de Deus, Caim da cidade do mal".

Abel, como o proclamou São Cipriano, é o primeiro dos mártires.

Na Epístola aos Hebreus, São Paulo, falando dos exemplos de fé tirados da história primitiva, diz:

"Ora, a fé é o fundamento das coisas que se esperam, e o argumento das que não se vêem. Foi por a terem possuído que os antigos obtiveram um (*bom*) testemunho (*de Deus*). Pela fé reconhecemos que o mundo foi formado pela palavra de Deus, de sorte que o visível foi feito pelo invisível.

---

(3) Mt 23, 29-36.

"(*Animado*) pela fé ofereceu Abel a Deus sacrifício melhor que Caim; por ela foi declarado justo, tendo Deus aprovado os seus dons; e por ela fala ainda depois de morto (*por meio dos seus exemplos*)" (4).

Depois, mais adiante, nas instruções sôbre as virtudes que os cristãos devem praticar, escreve:

"Vós, porém, aproximastes-vos do monte de Sião e da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celeste e da multidão de muitos milhares de anjos, da Igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e de Deus, juiz de todos, e dos espíritos dos justos perfeitos, e de Jesus, mediador da nova aliança, e da aspersão daquele sangue que fala melhor que o de Abel" (5).

E São João, na Primeira Epístola, abordando o pecado, característica dos filhos do demônio:

"Aquêle que comete o pecado, é (*filho*) do demônio, porque o demônio peca desde o princípio. Para destruir as obras do demônio é que o Filho de Deus veio ao mundo. Todo o que nasceu de Deus, não comete o pecado, porque a semente de Deus (*que é a graça santificante*) permanece nêle, e não pode pecar porque nasceu de Deus. Nisto se distinguem os filhos de Deus dos filhos do demônio, Todo o que não é justo, não é (*filho*) de Deus, e (*também não o é*) o que não ama seu irmão, visto que a doutrina que ouvistes desde o princípio é que vos ameis uns aos outros. Não como Caim, que era

(4) Heb 11, 1-4.

(5) Heb 12, 22-24.

(*filho*) do (*espírito*) maligno e matou seu irmão. E por que o matou? Porque as suas obras eram más e as de seu irmão justas" (6).

— — — —

O canon da missa latina suplica a Deus que aceite o "Pão santo da vida eterna e o Cálice da salvação perpétua", rezando:

"Por esta razão, Senhor, nós, vossos servos e todo o vosso povo santo, lembrados da bem-aventurada Paixão do mesmo Cristo, vosso Filho e Senhor nosso, assim como da sua Ressurreição dos mortos e da sua gloriosa Ascensão aos céus, oferecemos à vossa augusta majestade, os mesmos dons que nos foram dados, a Hóstia pura, a Hóstia santa, a Hóstia imaculada, o Pão santo da vida eterna e o Cálice da salvação perpétua".

Depois:

"Dignai-vos lançar um olhar propício e benévolo sôbre êstes dons e aceitá-los como vos dignastes aceitar as oblações do vosso servo, do justo Abel, o sacrifício do nosso Patriarca Abraão", etc.

Santo Abel é comemorado a 2 e a 25 de janeiro, e a 30 de julho.

* * *

(6) Ep. S. Jo 3, 8-12.

SANTA JULITA (*)

Mártir

Santa Julita viveu nos tempos de Diocleciano, falecendo em Cesaréia da Capadócia no ano de 303.

Conhecemos o martírio de Santa Julita graças a São Basílio, bispo de Cesaréia.

Julita era uma rica viúva, que um considerável homem da cidade, inescrupuloso, aos poucos foi empobrecendo, lesando-a fraudulentamente.

Levado ao tribunal, o ursupador, caviloso, depois que a santa viúva expôs os fatos, provando a veracidade do que revelara, disse:

— A parte contrária não está apta a sustentar ação em juízo. É incapaz, jurìdicamente, uma vez que fora do direito comum, porque se recusa adorar os deuses dos imperadores e renegar a crença de Jesus Cristo.

Um edito recente, de 303 mesmo, excluía da comunidade, não podendo, pois, ter vida ativa dentro daquela comunidade, aquêles que não adorassem os deuses da paganidade.

O presidente do tribunal, imediatamente, mandou que trouxessem incenso e um altar portátil, e, dirigindo-se à queixosa, convidou-a a agir de modo que pudesse intentar a ação. Bastaria um único grão-

zinho de incenso, e recuperaria todo o patrimônio. Tudo dependia de um simples grão de incenso, da fumaça que dirigisse aos ídolos.

Julita recusou-se por amor a Jesus. E, como não quisera queimar um só grãozinho, ela, então, foi condenada a ser queimada.

Com grande coragem, a santa viúva enfrentou o martírio, a exortar, com voz pausada e firme, os amigos sinceros que assistiam à demanda, no tribunal:

— Nós fomos, disse ela, criados da mesma matéria que o homem, à imagem de Deus, como êle. A virtude é acessível tanto às mulheres como aos homens. Carne da carne de Adão, ossos dos seus ossos, é necessário que ofereçamos ao Senhor constância, coragem e paciência viris.

Ditas estas palavras, dirigiu-se para o fogo, com denôdo e altivez.

* * *

SANTO URSO (*)

Bispo

Santo Urso foi bispo de Auxerre, o décimo da lista dos bispos daquela cidade.

Segundo a tradição popular, Urso vivia recluso ao lado da basílica de Santo Amatro, cuja cela, no século IX, transformou-se num pequeno oratório daquela basílica.

Pelas orações, conjurou um incêndio que ameaçava destruir inexoràvelmente, tôda a cidade. Reconheceram, assim, os méritos do santo recluso, e os habitantes todos de Auxerre, unânimemente, escolheram-no para substituir o bispo que falecera.

Urso era já velho, mas aceitou o episcopado, falecendo com oitenta e um anos.

Enterrado ao lado dos predecessores, na basílica de São Germano, ali descansou das lutas que empreendeu, por tôda a longa vida, para conquistar o reino daquele que era manso e humilde de coração e que êle procurara imitar.

* * *

SANTAS MÁXIMA, DONATILA e SEGUNDA (*)

Virgens e Mártires

Conhecidas como as *Mártires de Tuburbo,* na África, ou as *Santas de Tuburbo* (1), Máxima, Donatila e Segunda foram celebérrimas no continente negro.

A *Paixão* destas santas chegou-nos dêste modo: escrita por um católico, teve retoques de um donatista, finalmente, corrigida por um segundo católico, completou-se.

Sob a perseguição de Maximiano, em 304, o procônsul Anulino apresentou-se ao sul de Cartago para executar os editos dos imperadores. Enquanto a maioria dos cristãos, tomada de grande pavor, apostatava em massa, duas jovens, valorosas e cheias de fé, Máxima e Donatila, ousaram permanecer firmes na crença, e resistiram aos mandados de Anulino.

Meninas-moças, ambas enfrentaram, com coragem fora do comum, um longo interrogatório. Anu-

---

(1) Diz o calendário de Cartago, do século VI, aos 30 de julho: "Sanctarum Tuburbitanarum".

lino, sem obter qualquer resultado favorável, cansado, ordenou que as transferissem para Tuburbo, para a morte; depois de vários tormentos e de serem expostas aos animais ferozes, sem que nada lhes adviesse de mal, foram degoladas.

A parte de Segunda, retocada por um donatista, e que é falsa, dizia que aquela santa virgem, à janela de sua casa, viu as amigas Máxima e Donatila passarem, quando as iam conduzir para Tuburbo. Então, do alto, atirou-se ao solo para morrer e assim também merecer a palma do martírio, à maneira dos donatistas — o suicídio.

Altar e estátua de Apolo.

Os heréticos seguidores de Donato, cismático do século IV, honravam como verdadeiros mártires os adeptos da seita que, por motivos religiosos, tiravam-se a vida.

Em Geral, precipitavam-se de grandes alturas ou se expunham, aos contrários que se achavam armados, procurando a morte (1).

(1) Ver Santo Agostinho — Cartas.

Segunda, naturalmente, diz o católico que corrigiu aquela grosseira versão, saltou da janela, com efeito, para morrer, mas não ali, no momento em que viu as amigas passando: saltou, sim, para juntar-se a elas e ir morrer onde Máxima e Donatila morreram, sofrendo os mesmos cruéis tormentos, sendo exposta às feras e acabando pela espada, heròicamente e da clássica maneira cristã.

* * *

BEM-AVENTURADO MANIQUEU DE GUZMAN (*)

Confessor

São Domingos, o fundador dos Irmãos Pregadores, tinha dois irmãos: Antônio e Maniqueu. O primeiro era cônego de São Tiago, e Maniqueu, que nasceu em Calaruega, província de Burgos, era um contemplativo, todo no afã de buscar a Deus na solidão em que se ateve até que a atividade de Domingos o entusiasmou e arrancou do retiro.

Enviado a Paris com seis religiosos, fundou o convento muito celebrado de São Tiago, logo grande e movimentado centro intelectual.

Mais tarde, Domingos enviou-o a Madri. Ali, por muitos anos, ocupou-se com os religiosos, até a morte, em 1230.

Gregório XVI ratificou-lhe o culto em 1834.

No mesmo dia, em Smithfield, na Inglaterra, os bem-aventurados Eduardo Powell, Ricardo Featherstone e Tomas Abel, mártires, em 1540. O primeiro, nascido no País de Gales em 1478, encarregado de aconselhar a rainha Catarina de Aragão

sôbre a questão do divórcio, pronunciou-se sôbre a indissolubilidade do matrimônio. Com Tomás Abel, escreveu trabalho sôbre aquêle ponto, trabalho que os levaria à prisão, depois à morte. Ricardo Featherstone, doutor em teologia, foi capelão da rainha e preceptor de Maria Tudor. Pronunciando-se também pela indissolubilidade do casamento real, foi condenado com Fisher, Powell e outros. Acusados de alta traição, foram enforcados e depois despedaçados.

Em Tyburn, na Inglaterra, o bem-aventurado Evrardo Hanse, mártir, em 1581. Como quase todos os mártires da Inglaterra, que foram enforcados por alta traição ou como persuasor, Evrardo pereceu quando ainda enfadonhamente se martelava a excomunhão da rainha Isabel.

Em Metz, Santo Explécio, bispo e confessor (século V).

Em Saint-Pierre-sur-Erve, no Maine, São Silvano, ermitão (século VI?).

Em Faenza, São Terêncio, confessor.

Em Cantorbery, São Tatwin, bispo, falecido em 734.

Na Frísia, Santo Hathebrand, abade e confessor, desaparecido em 1198.

Em Assis, Úmbria, São Rufino.

Em Roma, os santos mártires Abdo e Sene Perrans, que sob o imperador Décio, tendo sido levados a Roma, carregados de cadeias, aí foram primeiro chicoteados com cordas de chumbos na extremidade, depois decapitados pela fé de Jesus Cristo.

* * *

31.º DIA DE JULHO

SANTO INÁCIO

Fundador da Companhia de Jesus

Havia várias semanas que Inácio de Loiola, oficial espanhol, nascido em Biscaia, no ano 1491, esperava sua perfeita cura da perna, que tinha sido quebrada em 1521, por uma bala de canhão, no cêrco de Pamplona. Já fôra curada, mas, mal; foi preciso quebrá-la de novo concertá-la segunda vez. Por fim, ficou curada; mas êle percebeu um ôsso que avançava demais, abaixo do joelho e lhe causava uma deformidade notável. Como queria a todo custo conservar uma perna bonita, mandou cortar o ôsso. Teve então que ficar de cama ainda várias semanas, embora gozasse de boa saúde. Com isso, ficou enfadado. Pediu romances para se distrair. Mas não os encontraram. Deram-lhe uma Vida dos Santos. Êle a leu, primeiro, para passar o tempo; mas pouco a pouco, tomou gôsto pela leitura e a ela se dedicou inteiramente, de tal sorte, que passava assim dias inteiros. Não se cansava de admirar nos santos o amor da solidão e da cruz. Dizia para si mesmo: Como! E se eu fizesse o que fêz São Francisco? E então? Se eu fizesse como um São Domingos? Aspirava

sempre a coisas difíceis e grandes e parecia-lhe que tinha fôrça para isso, por êste único motivo: São Domingos o fêz, então eu o farei também. Depois, a êsses pensamentos de Deus, sucediam pensamentos do século.

Mas notou uma grande diferença entre uns e outros: os pensamentos do século alegravam apenas por um momento, para depois o deixarem de novo triste e árido; ao passo que quando pensava na peregrinação a Jerusalém, em comer sòmente ervas, em praticar outras austeridades que tinha lido na Vida dos Santos, não sòmente tais pensamentos o alegravam no momento, mas o deixavam ainda alegre. A única resolução que tomou então, foi, após sua cura, ir a Jerusalém e praticar tôda sorte de austeridades, para fazer penitência.

Pensando no que faria ao seu regresso de Jerusalém, veio-lhe à mente entrar na ordem dos cartuxos de Sevilha, sem se dar a conhecer, para ser menos estimado, e comer apenas ervas; mas lembrando-se das penitências que se propunha fazer, temia não poder, entre os cartuxos, praticar o ódio que tinha concebido contra si mesmo. Um de seus criados, indo a Burgos, recomendou-lhe tomasse informações sôbre a vida dêsses religiosos. A narração causou-lhe prazer, mas êle ficou lá, preocupado com sua próxima partida.

Tendo-se despedido da família, sem dar a conhecer seus projetos, foi sòzinho a Monte-Serrat. É um mosteiro de beneditinos, a um dia de Barcelona, construído sôbre uma montanha tôda coberta de rochedos e famoso pela devoção dos peregrinos, que, de todos os lugares do mundo, vêm implorar socorro da virgem e honrar-lhe a imagem milagrosa. Inácio

Nossa Senhora do Monte-Serrat. Segundo uma gravura sôbre madeira do século XVI.

aí fêz uma confissão geral a um religioso do mosteiro. Foi o primeiro confessor ao qual manifestou seu plano de vida. Com seu conselho, deu a mula ao mosteiro, as vestes preciosas, a um pobre mendigo, vestiu o hábito dos peregrinos, pendurou a espada e o punhal a uma pilastra, perto do altar de Nossa Senhora, diante do qual passou em oração a noite que precedeu a Anunciação da Santa Virgem, em 1522. Ao despontar do dia, recebeu a Santa Comunhão e pôs-se a caminho para Manresa, pequena cidade, a três léguas, que só tinha de importante um mosteiro de São Domingos e um hospital para os peregrinos e enfermos.

Inácio foi diretamente ao hospital. Lá teve grande alegria de ser pôsto no número dos pobres e em estado de fazer penitência sem ser conhecido. Começou a jejuar tôda a semana a pão e água, exceto no domingo, quando comia um pouco de ervas cozidas ainda misturando-lhes um pouco de cinza. Cingiu a cintura com uma corrente de ferro e tomou um cilício sob as vestes de pano, de que se cobria. Castigava severamente o corpo três vêzes por dia, dormia pouco e por terra. Maltratando-se assim, não teve outra vista no comêço que imitar os santos penitentes e expiar suas desordens passadas. Concebeu, depois, um desejo ardente de procurar a glória de Deus, em suas ações; e o desejo tornou o motivo de sua penitência mais puro e nobre.

Refletindo sôbre seu proceder, julgou que as macerações da carne o fariam adiantar pouco nas estradas do céu se não procurasse sufocar em si os movimentos do orgulho e do amor próprio. Por isso, mendigava o pão de porta em porta, apresentando um exterior grosseiro e sujo. Também, quando apareceu

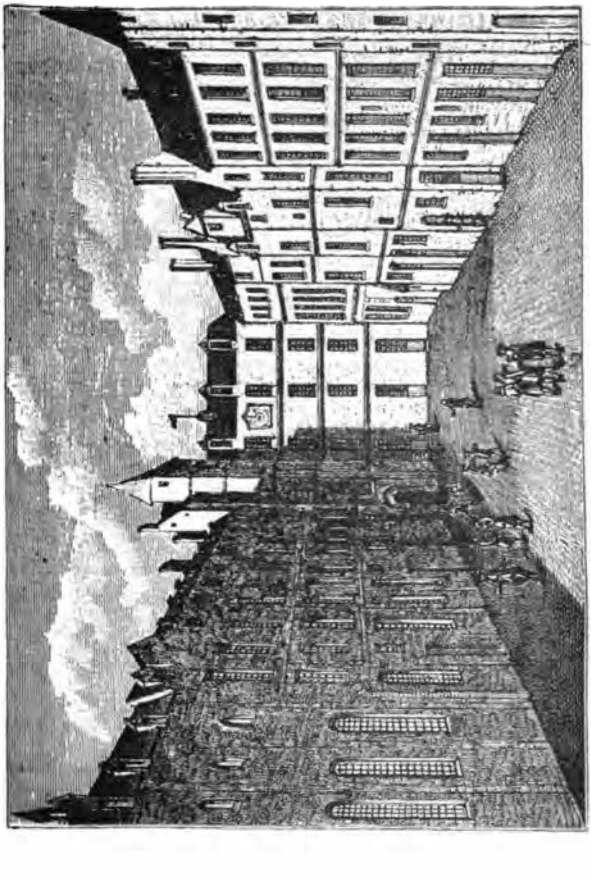
em Manresa, as crianças o apontavam, atiravam-lhe pedras e o seguiam pelas ruas com forte assuada. Entretanto, corria o boato de que um gentil-homem desconhecido tinha dado as vestes a um pobre, que êsse pobre tinha sido prêso como ladrão, até que o cavalheiro desconhecido tivesse declarado à polícia que lhe tinha dado aquelas vestes. A essa notícia, os habitantes de Manresa começaram a suspeitar de que o peregrino mendigo, de quem todos zombavam, poderia bem ser um homem ilustre que fazia penitência. Inácio, percebendo que o olhavam com vistas diferentes, retirou-se a uma caverna quase inacessível, nos arredores, e deu-se a penitências extraordinárias; aí foi provado por tentações diversas, como Nosso Senhor no deserto. Algumas pessoas que descobriram seu retiro, à fôrça de o procurar, encontraram-no um dia desmaiado à entrada da caverna e o levaram, contra vontade, ao hospital de Manresa, onde logo se perdeu a esperança de que vivesse. Os religiosos dominicanos que lhe dirigiam a consciência, tiveram piedade dêle e o levaram a um mosteiro por caridade. Os sofrimentos do corpo não eram os únicos nem os maiores. O espírito das trevas atormentava-lhe a alma com tentações horríveis de desânimo e de desesperação. Por fim, entretanto, Deus restituiu-lhe a saúde do corpo e a tranqüilidade da alma; deixou-lhe mesmo entrever os mistérios do céu.

Até aí, Inácio só tinha pensado em glorificar a Deus por sua própria santificação. Compreendeu então, que Deus seria muito mais glorificado se trabalhasse também para a santificação de outros. Não é muito, dizia, que eu sirva o Senhor; é preciso que todos os corações o amem e que tôdas as línguas o bendigam. Saiu da solidão, moderou as austeridades,

tomou um exterior menos repelente e pôs-se a falar aos homens das coisas do céu. Aquelas conversas produziram grande fruto de salvação; muitos pecadores se converteram. Inácio aproveitou a experiência para redigir a continuação e o conjunto dos seus exercícios espirituais, próprios para tirar o homem do pecado e guiá-lo para a perfeição. Como aquela obra de Inácio lhe granjeasse novos louvores e a admiração do povo, deixou Manresa, do mesmo modo como tinha deixado Monte-Serrat, e fêz uma peregrinação a Jerusalém, como peregrino dos mais pobres, passando por Barcelona, Roma e Veneza. Seu desejo não era mais sòmente honrar os santos lugares mas também trabalhar pela salvação dos cismáticos e dos infiéis. Durante a viagem, teve tempo de fazer muitas reflexões. Pensou que, para trabalhar na conversão das almas, era preciso ter conhecimentos que lhe faltavam, e que jamais poderia fazer algo de sólido, sem o fundamento das letras humanas. Voltou, então, a Barcelona para estudar, a começar pela gramática latina. Tinha trinta e três anos quando se pôs a freqüentar todos os dias a classe com os meninos. Como fazia para a maior glória de Deus e pela salvação das almas, nenhuma dificuldade o detinha. Para se manter sempre no espírito de piedade, lia freqüentemente a *Imitação de Jesus Cristo* que considerava, depois do Evangelho, o mais piedoso do Espírito de Deus.

Depois de dois anos, foi estudar filosofia nas universidades de Alcalá e Salamanca.

Continuava, ao mesmo tempo, a trabalhar pela salvação das almas, catequizando as crianças, exortando os enfermos. Como a heresia de Lutero e de



Colégio de Montaigu. (Universidade de Paris). Século XVII.

Calvino mandava então por tôda parte seus emissários, Inácio também foi suspeito de ser um dêles; mas as autoridades eclesiásticas, examinando-o de perto, reconheceram que era fiel filho da Igreja. Tendo vindo de Salamanca para aperfeiçoar-se em Paris nos seus estudos, aí comunicou seu zêlo a uma meia dúzia de companheiros com os quais se consagrou a Deus, no dia da Assunção da Santíssima Virgem, em 1534, na capela subterrânea da igreja de Montmartre. Foi essa origem da Companhia de Jesus, que tanto bem fêz à Igreja de Deus, para a conversão dos infiéis, dos hereges, dos pecadores e para o progresso dos justos nas vias da perfeição. Entre os primeiros discípulos de Santo Inácio, admiramos sobretudo São Francisco Xavier, apóstolo da Índia. Oh! quem poderia dizer os frutos incontáveis de salvação, que produziu aquela leitura casual da Vida dos Santos?

A resolução de Inácio e dos companheiros era ir a Jerusalém, trabalhar pela salvação das almas, ou então, se a Providência pusesse obstáculo à viagem, ir oferecer-se ao Papa para servir à Igreja, sob suas ordens. Com tal fim determinaram encontrar-se em Veneza, para de lá ir ao Oriente.

Inácio, para regular os negócios, viajou para a Espanha, onde suas instruções operaram um grande bem. Passando da Espanha a Veneza, lá viu companheiros chegar a 8 de janeiro de 1537. Eram onze ao todo e, esperando navegação favorável, entregaram-se a tôda sorte de boas obras, como catequizar os ignorantes, e servir aos enfermos nos hospitais.

Passando o ano e não havendo nenhuma probabilidade de que a navegação fôsse livre, ficou resol-

Voto dos primeiros companheiros de Santo Inácio na igreja de Montmartre. Segundo um quadro da escola de Simão Vouet. Século XVII.

vido que Inácio, Lefèbvre e Laynez, iriam a Roma expor ao Santo Padre suas intenções e de todo o grupo; que os outros, entretanto, se distribuiriam pelas universidades mais famosas da Itália, para inspirar a piedade aos jovens que estudavam e recrutar ainda alguns dêles. Antes de se separarem, determinaram uma maneira de viver uniforme e comprometeram-se a observar as regras seguintes:

1.º Que se hospedariam nos hospitais e viveriam de esmolas; 2.º Que aquêles que estivessem juntos, seriam superiores por sua vez, cada um uma semana, para que o fervor não os levasse muito longe, se não marcassem limites uns aos outros, para as penitências e o trabalho; 3.º que pregariam nas praças públicas e em outros lugares onde lhes fôsse permitido fazê-lo, que em sua pregação êles falariam da beleza e das recompensas da virtude, da feiura e do castigo do vício; mas que o fariam de uma maneira conforme à simplicidade do Evangelho e sem os vãos ornamentos da eloqüência; 4.º que ensinariam às crianças a doutrina cristã e os princípios dos bons costumes; 5.º que não receberiam dinheiro por suas funções e que servindo o próximo, procurariam ùnicamente a Deus. Inácio disse-lhes ainda que, estando todos reunidos para combater as heresias e os vícios, sua sociedade tinha sòmente o nome de Companhia de Jesus.

O Papa Paulo III recebeu com alegria o oferecimento de Inácio e de seus companheiros. Para começar a servir-se dêsses novos operários, desejou que Laynez e Lefèbvre ensinassem teologia no colégio da Sapiência; aquêle, a escolástica, e êste, a Escritura Sagrada. Inácio, empreendeu, sob sua autoridade apostólica, a reforma dos costumes, por meio dos

exercícios espirituais e das instruções cristãs. No entretanto, os novos apóstolos em Veneza e em Roma, mais de uma vez foram acusados e caluniados, especialmente por um emissário da heresia; mas sua inocência foi sempre constatada e a calúnia, confundida. Finalmente Paulo III confirmou o instituto de Inácio, sob o nome de Companhia de Jesus, por sua bula de 27 de setembro de 1540. Essa bula contém o elogio dos dez primeiros Padres e traz em têrmos formais, que só há coisas boas e santas nesse novo instituto de que ela apresenta o plano e o conjunto. O Papa permitiu-lhes, pela mesma bula, estabelecer as constituições tais como êles julgassem mais próprias para sua perfeição particular, para a utilidade do próximo e para a glória do Senhor. É verdade, que êle limitou o número dos professos, e os restringiu a sessenta. Mas tirou aquela restrição dois anos depois, por outra bula; e foi o interêsse da cristandade que o obrigou a assim fazer, como êle mesmo declarou.

Depois que a Santa Sé aprovou a Companhia de Jesus, Inácio julgou que devia começar por escolher um chefe. Êle mesmo foi o escolhido. Seu confessor, que era um religioso de São Francisco, declarou-lhe claramente que resistia ao Espírito Santo, resistindo à sua escolha e ordenou-lhe, da parte de Deus, aceitar o cargo de superior-geral. Inácio rendeu-se e no dia de Páscoa, 17 de abril de 1541, aceitou o govêrno da Companhia de Jesus. A primeira função do novo geral foi dar o catecismo às crianças de Roma, durante quarenta e seis dias; então para lá acorreram tôda espécie de pessoas, mesmo homens e mulheres de posição, teólogos e canonistas; os frutos foram maravilhosos; a seu exemplo, os supe-

riores da Companhia dão quarenta dias de catecismo, quando assumem o cargo.

Antes disso, já, o embaixador do rei de Portugal tinha pedido seis de seus companheiros para evangelizar as Índias orientais. Meu Deus, respondeu Inácio, se dos dez que somos, seis forem para as Índias, que restaria para os outros países do mundo? O embaixador levou sòmente Simão Rodrigues e Nicolau Bobadilha, o qual, tendo caído enfêrmo foi substituído por Francisco Xavier: dois homens para conquistar a Índia e o Japão. Ainda, para lá, foi um sòmente, por que o outro ficou em Portugal.

Inácio continuava suas obras em Roma. Assistindo aos enfermos nos hospitais e alhures, constatou que a maior parte só se confessava nos últimos momentos de vida. Obteve então de Paulo III se renovasse a decretal de Inocêncio III que ordena que o médico só veja os doentes, depois de êles se terem confessado. O novo Papa trouxe a isso uma modificação: permitiu duas visitas do médico, antes da confissão do doente, e proibiu a terceira sob penas rigorosas. Uma prática tão cristã se observa ainda na Itália. Inácio converteu muitos judeus e procurou vários estabelecimentos e determinações em favor dos neófitos. Trabalhava ao mesmo tempo na conversão das moças e mulheres de má vida e reuniu um grande número delas e as colocou num estado conveniente, onde, sem serem obrigadas a fazer votos religiosos, podiam, a salvo do perigo, levar vida cristã. Diziam-lhe às vêzes que perdia o tempo e que aquelas infelizes não se converteriam jamais, de coração. Quando lhes impedisse sòmente ofender a Deus uma noite, respondia êle, julgaria meu trabalho bem empregado.

Fundou um mosteiro para as moças ainda não perdidas, mas expostas a êsse perigo; ainda mais, duas casas para órfãos, uma para os meninos e outra para as meninas que êle mesmo dirigiu, e que subsistiram por muito tempo. O processo que mantinha, nessa espécie de boas obras, era nelas incluir o mais possível pessoas ricas e devotas, escolher um cardeal, homem de bem, que lhe fôsse o protetor, e estabelecer administradores para o temporal e diretores para o espiritual, que governassem sàbiamente as casas segundo os estatutos que êle combinava. Mas, quando a coisa estava bem firme e tudo já caminhava por si mesmo, tinha o costume de se retirar, para não causar inveja a ninguém e para empreender outra coisa útil ao público.

Êsse era o espírito de Santo Inácio: preparar o terreno, semear o bom grão, depois deixar-lhe a cultura e a messe a outros; fundar boas obras, fundar novas igrejas e de tôdas as obras, a mais excelente; depois, o mais depressa possível confiar-lhe a administração a um clero indígena, para correr a novos desbastamentos, a novas construções. O mundo não conhecia aquêle espírito. É o espírito de Jesus, que semeia o bom grão, rega-o com seu sangue e deixa a colheita aos apóstolos; é o espírito de São Paulo, que funda por tôda parte igrejas, para as confiar a padres e bispos e ir fundar outras igrejas em outros lugares. Bendito seja para sempre o cristão, o missionário, a ordem religiosa que cuidar e conservar êsse espírito de São Paulo e de Santo Inácio!

O que ainda o ocupava noite e dia era o plano das constituições de sua ordem. Para lhe sentir bem o espírito e o conjunto, temos que lhe tomar o opôsto,

do que vemos em Lutero, Calvino e Henrique VIII. No heresiarca de Witembert e companhia, há a Babel, a confusão, confusão das línguas, das idéias e das coisas: é uma imagem do inferno, onde não há ordem alguma, mas um horror e confusão eternas. Não uma verdade inteira, nem pura, tudo está partido, contornado, falso: é uma casa em ruínas, onde não há mais uma pedra em seu lugar. Em Santo Inácio e na companhia, há Jerusalém, a visão da paz, a vista da ordem; é uma imagem fiel do reino de Deus, da Igreja de Deus, no céu e na terra; tudo aí está em seu lugar, como no corpo humano: a razão e a fé, a natureza e a graça, tudo tende para a glória de Deus e a salvação das almas.

As maneiras são como o espírito, o fim e o conjunto. No auge da cólera o monge apóstata forja suas doutrinas ímpias: nas tavernas, entre copos de vinho e de cerveja e entre as mais grosseiras injúrias; abraços impuros de uma religiosa apóstata. Santo Inácio, ao contrário, escreve suas constituições entre tôda espécie de obras de caridade cristã. Nisso empregava, no silêncio do retiro, todos os dias, várias horas e passava mesmo uma parte da noite. No plano de sua companhia, vemos tudo, ao contrário de Lutero e de Calvino.

Os dois heresiarcas rompiam a união de Deus com a humanidade, afirmando que essa união, diversamente da Igreja católica, tinha perecido havia mil anos. Os dois heresiarcas rompiam a unidade entre as nações cristãs, negando o centro da unidade, o vigário de Jesus Cristo. Os dois hereges rompiam a união dos séculos e dos indivíduos, quebrando a unidade hereditária da fé comum, para deixar a cada

qual apenas as variações de seu espírito próprio. Tiram mesmo ao homem, seu caráter de homem, tirando-lhe o livre arbítrio, para lhe imprimir um caráter de animal, de planta e de máquina.

Como chefe da Companhia de Jesus, Santo Inácio tinha o espírito de seu senhor, como o apostolado de Lutero tinha o espírito do seu. Jesus, Deus eterno, fêz-se homem, entregou-se à morte por amor à sua Igreja, a fim de a santificar e de a apresentar a si mesmo, como uma espôsa sem mancha; afirma estar com ela todos os dias até à consumação dos séculos, manda-lhe o Espírito-Santo, para ficar com ela eternamente. Jesus, Deus eterno, diz ao apóstolo que êle chamou de Pedro: Tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e eu te dei as chaves do reino dos céus e tudo o que ligares na terra será ligado no céu, e o que desligares na terra será desligado no céu. Apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas. E sòmente um rebanho e um só pastor. — Dizer agora que Jesus, Deus eterno, Jesus a mesma verdade, não manteve sua palavra, que abandonou sua Igreja e que o inferno prevaleceu contra ela... Viva Deus!... é uma mentira dessa velha serpente, que seduziu uma parte dos anjos, que seduziu nossos primeiros pais, que seduziu as nações pagãs nos ídolos: é uma blasfêmia dêsse rei do orgulho, que não se tendo podido tornar semelhante ao Altíssimo, quer tornar o Altíssimo semelhante a êle, falso e mentiroso. — Cristãos, soldados de Cristo, alerta! Eis o inimigo! — Para refutar essa mentira do inferno, para destruir seus perniciosos efeitos deveis trabalhar, a exemplo de Inácio. Deus o suscita

com sua companhia, não para fazer tudo, mas para servir de modêlo a todo o exército cristão, a fim de que todos, homens, mulheres, crianças, façam o mesmo. O mundo mesmo nos fará compreender um dia, o mundo e o inferno, darão um dia o nome de jesuíta a todo cristão generoso, que puser Deus e sua Igreja acima de sua pessoa, de sua família e de sua nação: para os outros, o mundo e o inferno não se inquietarão, mais que com pessoas neutras ou cúmplices.

Levar a Deus todo o homem e todos os homens pela unidade da fé, da esperança e da caridade, sem distinção de grego, nem de bárbaro, é êsse o fim da Igreja católica, êsse o fim da Companhia de Jesus, êsse o voto de todo cristão fiel. Para êsse objetivo tendem as constituições de Santo Inácio, à sua companhia. Como a mesma Igreja, êle abraça a vida contemplativa e a vida ativa, tôdas as ciências e tôdas as boas obras.

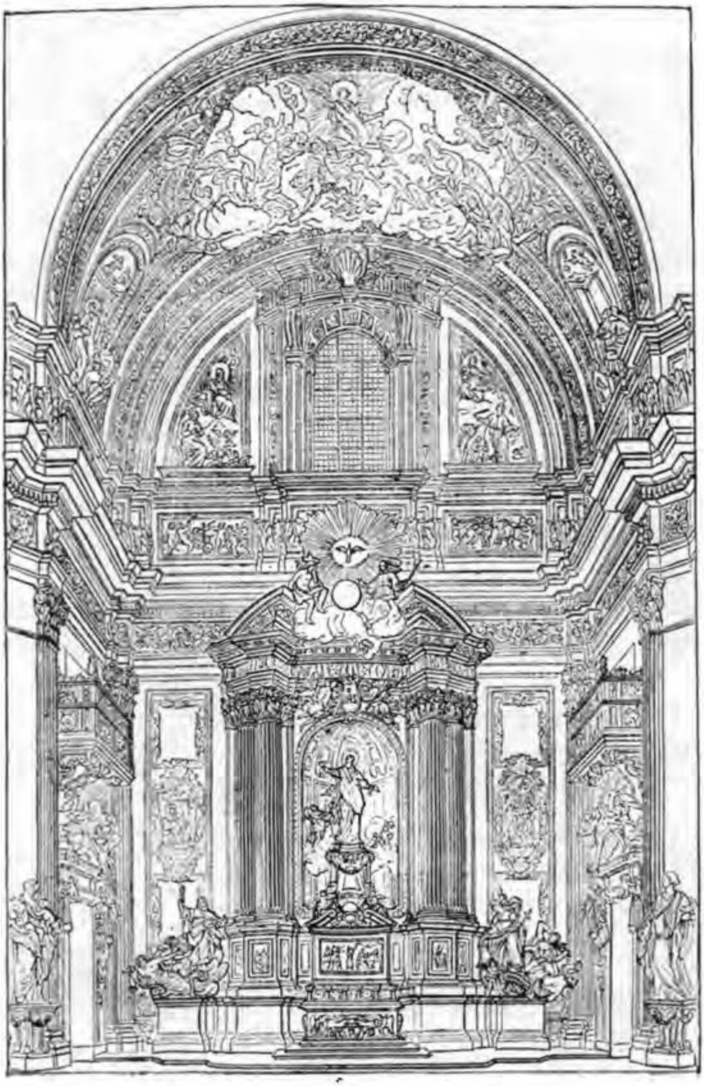
Como meio de chegar a êsse grande fim, Santo Inácio fundou colégio por tôda parte; para a educação cristã da juventude, fundou em Roma o colégio Germânico, para a restauração católica da Alemanha, fundou ainda o colégio romano, para a regeneração cristã e científica do inteiro universo.

Havia muito tempo a saúde de Santo Inácio, minada pelo trabalho ininterrupto, ameaçava ruína. Êle via aproximar-se o fim; não deixava porém, de se ocupar dos cuidados que a companhia reclamava; por fim o mal foi mais forte que sua coragem. Laynez, mais jovem, mas também tão enfraquecido como o mestre, estava num estado mais ou menos desesperado. Nessa situação, Inácio julgou oportuno

ter o auxílio de um padre que envelhecesse por êle. Não quiz fazer êle mesmo a escolha; reuniu todos os padres da sociedade residentes em Roma e pediu-lhes que lhe dessem um vice-geral. O Padre Jerônimo Natal foi o indicado.

Inácio depositou sôbre êle o cuidado dos assuntos mais importantes: reservou-se para si sòmente o dos doentes, não julgando poder em consciência descarregá-lo sôbre outrem, julgando que um superior era obrigado a prover êle mesmo às necessidades dos outros, que o reconheciam como pai. Assim, tôda sua atividade se reduzia a isso e não se pode imaginar quanto sua ternura paterna o tornou sensível aos menores incômodos de seus filhos. Êle dizia que era por uma ordem particular da Providência, tinha pouca saúde, que as diversas indisposições às quais estava sujeito, faziam-no sentir mais os males de outrem e davam-lhe a compaixão por tôda sorte de enfermidades. Mas por maiores cuidados que tivesse em consolar e aliviar aquêles que estavam doentes, jamais estava satisfeito e disse um dia que o cuidado dos enfermos o fazia tremer, quando pensava nas obrigações de um bom superior.

Embora suas enfermidades, que aumentavam todos os dias com a idade, não lhe permitissem agir por fora, queria que lhe dessem conta das boas obras de vulto, que se faziam na Itália e alhures. Soube um dia que jovens de Macerata tinham preparado uma comédia pouco decente, para as alegrias do carnaval; os padres que para lá tinham ido em missão, de Loreto, tinham exposto o Santíssimo Sacramento, numa capela magnìficamente adornada, que se tinha feito a oração das quarenta horas, durante três dias,



Capela de Santo Inácio, na igreja de Jesus, em Roma.
Século XVII.

os três dias que precedem à quarta-feira de Cinzas, e que o povo, atraído por uma cerimônia nova, deixa o teatro para ir adorar a Jesus Cristo no altar. Essa devoção agradou tanto a Inácio, que quis que ela se praticasse todos os anos, nas casas da companhia. A êle devemos essas orações solenes, que se fazem hoje por tôda parte, durante os últimos dias de carnaval, para afastar os fiéis da devassidão e das loucuras da estação.

Sentindo-se um dia mais fraco que de costume e considerando que a obediência era a alma e o caráter de sua ordem, mandou chamar o companheiro de seu secretário, e depois de lhe ter dito que não poderia viver por muito tempo, acrescentou: Escrevei. Desejo que a companhia saiba os meus últimos pensamentos sôbre a virtude da obediência e ditou-lhe o que segue:

1.º Desde que eu entrar na religião, meu primeiro cuidado será abandonar-me inteiramente ao govêrno de meu superior. 2.º Seria de se desejar que eu caísse nas mãos de um superior que determinasse dominar meu juízo e que se desse todo a isso. 3.º Em tôdas as coisas onde não há pecado, é preciso que eu siga o juízo de meu superior, e não o meu. 4.º Há três maneiras de obedecer. A primeira, quando fazemos o que nos é mandado em virtude da obediência e essa maneira é boa; a segunda, que é melhor, quando obedecemos a simples ordens; a terceira, e a mais perfeita de tôdas, quando não esperamos a ordem do superior, mas a prevenimos e adivinhamos sua vontade. 5.º Devo obedecer indiferentemente a tôda espécie de superiores, sem distinguir o primeiro do segundo, nem mesmo do último; mas deve considerar

em todos igualmente, a Nosso Senhor, de quem êles ocupam o lugar, e lembrar-me de que a autoridade se comunica ao último por aquêles que estão acima dêle. 6.º Se o superior julga que o que manda é bom e eu creio não poder obedecer sem ofender a Deus, a menos que isso me seja evidente, devo então desobedecer. Se no entretanto tenho dificuldade, por algum escrúpulo, consultarei duas ou três pessoas de bom senso e ater-me-ei ao que me disserem; e se não me render depois disso, estou muito longe da perfeição que a excelência do estado religioso pede. 7.º Enfim, não devo ser para mim mesmo, mas para meu Criador e para aquêles sob cujo govêrno me pôs. Devo estar nas mãos de meu superior como a cêra mole, que toma a forma que se quer e faz tudo o que agrada: escrever cartas ou não escrever, falar a uma pessoa ou não lhe falar, e outras coisas semelhantes. 8.º Devo considerar-me um corpo morto, que, de si mesmo não tem movimento algum e como o bastão de que um velho se serve, que toma ou deixa, segundo sua comodidade, de sorte que a religião se serve de mim, segundo julgar que lhe serei útil. 9.º Não devo rogar ao superior que me ponha neste ou naquele lugar, ou que me dê êste ou aquêle emprêgo: posso, no entretanto, declarar-lhe meu pensamento e minha inclinação, contanto que eu me entregue a êle de todo, e que o que êle ordena me pareça o melhor. 10.º Isso não impede que não se peçam coisas que não têm conseqüência, como seria visitar igrejas ou fazer outras devoções para se obter de Deus alguma graça. Todavia, com a condição que, estejamos numa igual situação de espírito, seja que o superior nos conceda ou recuse o que lhe tives-

semos pedido. 11.º Devo depender sobretudo do superior no que se refere à pobreza, não tendo nada de próprio e usado de tudo, como uma estátua, que se pode despojar sem que ela se oponha nem se queixe.

Êsse o testamento de Santo Inácio de Loiola, que morreu na sexta-feira, 31 de julho de 1556, às cinco horas da manhã, pronunciando o nome de Jesus. Tinha sessenta e cinco anos. Havia desejado três coisas sôbre a terra: ver os soberanos Pontífices confirmar seu instituto, ouvi-los aprovar o livro dos Exercícios espirituais e saber que as constituições da ordem tinham sido promulgadas por tôda parte, onde trabalhavam alguns de seus discípulos. Seus três desejos se haviam realizado: Inácio morreu feliz. Foi beatificado em 1609, por Paulo V e canonizado em 1622, por Gregório XV. Enterraram Santo Inácio na pequena igreja dos jesuítas, colocada sob a invocação da Mãe de Deus.

Em 1587, transportou-se seu corpo para a igreja da casa professa, chamada *Jesus* que o cardeal Alexandre Farnese tinha feito construir; puseram-no em 1637 sob o altar da capela, que tem o nome de Santo Inácio. Está encerrado numa caixa rica e muito preciosa.

* * *

SÃO FÁBIO (*)

Mártir

Diocleciano, dálmata, nascido de mãe escrava e que começara a vida como soldado raso, chegando à mais alta posição do império, foi quem imaginou a tetrarquia, como remédio para pôr fim aos assassínios, norma que era de sucessão. Por meio de um imperador associado e de dois coadjutores e herdeiros, os dois Augustos eram Diocleciano e Maximiano. O primeiro reinava em Milão, e o segundo na Nicomédia, na Ásia Menor. Os dois coadjutores, Galero e Constâncio, governavam, como sucessores presuntivos, as mais afastadas e turbulentas províncias.

Diocleciano deu, finalmente, ao império um aspecto, que fôra assumido paulatinamente o duma monarquia oriental, caracterizada por tôdas as formas exteriores de servilismo.

Vestido de sêda, ricamente, todo ouro, de diadema de pérolas, principiou a ser tratado como deus. Sob Diocleciano, sofreram os cristãos uma das mais duras e mais desapiedadas perseguições. Tidos como demolidores de outras crenças, proclamando com imensa coragem a falsidade dos deuses pagãos que o Estado reconhecia, professando uma religião que era a doutrina da esperança, da promessa duma vida

eterna de bem-aventurança, no seio mesmo do Criador de tudo e de todos, religião que tanto servia para o pobre e humilde, como para o rico e o poderoso, o catolicismo, com a promessa da vida futura, cada vez mais adquiria adeptos, já que a outra vida, no paganismo, era falha e não satisfazia os espíritos sequiosos duma existência eternamente feliz, depois da morte.

Por volta de 303 ou 304, Fábio era soldado e se encontrava em serviço na guarnição de Cesaréia da Mauritânia. Quando foi do *concilium* da província, nos tempos de Diocleciano e Maximiano, de Constâncio e de Galero, o nosso soldado, que era cristão, recebeu ordens de tomar parte num cortejo, sendo, ao mesmo tempo, designado para levar as insígnias do império, veneradas.

Fábio teria achado idolatria, por isso que se negou a tomá-las? Se sim ou não, não o sabemos. O fato é que, tido como bom cristão, desobedeceu aquela ordem. E o castigo não tardou. Foi imediato. Metido no cárcere, poucos dias depois era conduzido ao tribunal e interrogado.

O juiz inquiriu-o em duas audiências. Procurando convencê-lo da excelência dos deuses e assim levar o bravo soldado a apostatar, nada conseguiu, de modo que, já irritado na primeira, na segunda audiência, completamente encolerizado, condenou-o à decapitação.

Floro compôs, segundo a *Paixão,* uma longa notícia de São Fábio, mártir, que se acha resumida no martirológio romano.

No mesmo dia, em Ravena, São Pedro II, bispo e confessor (1), consagrado no dia 15 de setembro de 494. Faleceu em 519.

Em Metz, São Gonselino ou Ansolino, bispo e confessor (século VI).

Festa de Santo Himetério, confessor (século VI).

Em Trèves, São Bento, confessor (século VII).

Em Coblence, São Bento, confessor (século VII).

Em Constantinopla, Santo Eudócimo, confessor (século IX). Duma grande família da Capadócia, salientou-se pela defesa das santas imagens, sob o imperador Teófilo (829-841).

Na Inglaterra, São Neot, ermitão.

Na Suécia, Santa Helena de Skovde, mártir, no século XII. Nobre, casada, enviuvou. Tendo prometido a Deus que cuidaria da pobreza desvalida, depois duma peregrinação a Jerusalém, foi assassinada sob pretexto de vingança, coisa sem nenhum fundamento. Inscrita no catálogo dos santos pelo papa Alexandre III, por causa dos milagres que operou, figura nas armas de Skovde.

Perto de Hebo, na Abissínia, o bem-aventurado Justino de Jacobis, bispo de Nilópolis e confessor. Nascido em São Félix, em 1800, província de Basilicata, na Itália meridional, foi o primeiro vigário apostólico da Abissínia. Humilde, desprendido, zeloso, abnegado, modesto, verdadeiro apóstolo, faleceu em 1860. Beatificado por Pio XII em 1939, aos 25 de junho.

---

(1) O primeiro foi São Pedro Crisólogo.

Em Milão, São Calimério, bispo e mártir, que, tendo sido prêso durante a perseguição de Antonino, foi primeiro coberto de feridas, teve a cabeça atravessada por um golpe de espada e por fim, foi precipitado num poço onde terminou seu martírio. — Em Siunada, na Frígia pacaciana, os santos mártires Demócrito, Segundo e Dionísio. — Na Síria, os santos monges mártires em número de trezentos e cinqüenta, que foram massacrados pelos hereges, pela defesa do concílio de Calcedônia. — Em Ravena, morte de São Germano de Auxerre, cuja vida colocamos no dia precedente. — Em Tagaste, na África, São Firmo, que mereceu ser pôsto no número dos gloriosos confessores de Jesus Cristo. — Em Siena, na Toscana a festa do bem-aventurado João Colombini, de quem antecipamos a vida no dia 26 dêste mês.

* * *

ÍNDICE

JULHO

14.º dia de julho

São Boaventura, Doutor da Igreja 9
São Félix, Bispo 26
Santo Héraclas, Bispo e confessor 27
Bem-aventurado Humberto de Romanos, confessor 29
Bem-aventurado Gaspardo de Bono, confessor 31
Bem-aventurado Ricardo Langhorne, mártir 33

15.º dia de julho

Santo Henrique, Rei da Germânia e Imperador 38
São Tiago de Nísibis, Bispo e confessor 51
São Barhadbesaba, mártir 52
Santo Atanásio, Bispo 55
Bem-aventurado Inácio de Azevedo e companheiros, mártires 57
São Pompílio Maria Pirrotti, confessor 62

16.º dia de julho

Santo e Venerável Beda 67
Santa Rainelda, virgem e mártir no Brabante 83
Santo Eustáquio, Bispo 84
São Sisenando, diácono mártir 85
Bem-aventurado Bartolomeu dos Mártires 86
Santa Maria Madalena Postel, virgem 88
Nossa Senhora do Monte Carmelo 91

17.º dia de julho

Os doze mártires cilitanos de Cartago 95
São Leão IV, Papa 100
Santo Enódio, Bispo 117
As bem-aventuradas carmelitas de Compiègne 118

18.º dia de julho

São Camilo de Léllis, fundador da Ordem dos Clérigos Regulares para o serviço dos enfermos 125
Santo Arnolfo, Bispo de Metz 130
São Pambon, abade 146
Bem-aventurado Simão de Lipnica, confessor 148

19.º dia de julho

São Símaco, papa 151
São Épafras, discípulo de São Paulo, I século 176
Santa Macrina, a jovem 178
São Pedro Crisci de Foligno, confessor 180

20.º dia de julho

São Jerônimo Emiliano, fundador dos Somascos 183
Santo Elias, profeta, antigo Testamento 195
São José Barsabas, confessor, 1.º século 214
Santa Margarida, virgem e mártir 216
Santo Aurélio, Bispo 219
Bem-aventurado Gregório Lopes, confessor 221

21.º dia de julho

São Daniel, profeta 225
Bem-aventurado Oddin Barotti, confessor 247

22.º dia de julho

Santa Maria Madalena 250
São Lourenço de Bríndisi, confessor 268
Bem-aventurados Filipe Evans e João Lloyd, mártires 270

23.º dia de julho

Santa Brígida da Suécia 273
São João Cassiano, confessor 285
São Valeriano, Bispo 288

24.º dia de julho

São Francisco Solano, franciscano 291
Bem-aventurada Cunegunda, virgem 299
Bem-aventurado João de Tossignano, Bispo e confessor 301
Bem-aventurado Antônio Turriani, confessor 303
Bem-aventurada Luísa da Savóia, viúva 305

25.º dia de julho

Santa Glossinda, virgem 310
São Tiago, o Maior, 1.º século, Apóstolo e mártir 313
São Cocufás, mártir, século IV 340
São Cristóvão, mártir, século III (?) 341
São Magnerico, Bispo 344
Bem-aventurado Pedro de Mogliano, confessor 345

26.º dia de julho

São João Colombini 348
Santa Ana, mãe da Santíssima Virgem, 1.º século 361
Santo Erasto, 1.º século 369

27.º dia de julho

O bem-aventurado Nevolon, operário 373
Santos Urso e Leubais, abades, V e VI séculos 376
São Lourenço, Bispo e confessor 380
Bem-aventurado Bertoldo I, abade e confessor 381

28.º dia de julho

São Vitor, papa e mártir e Santo Inocêncio I, papa 384
São Sansão, século VI 396

29.º dia de julho

Santo Olavo ou Olaus, rei e mártir 401
Santa Marta, virgem, 1.º século 406
São Félix II, papa e mártir 419
Santos Simplício, Faustino e Beatriz, mártires 420
Bem-aventurado Urbano II, papa e confessor 421
São Lôbo, Bispo 426

30.º dia de julho

São Germano, Bispo de Auxerre 429
Santo Abel, Justo, Antigo Testamento 446
Santa Julita, mártir 453
Santo Urso, Bispo 455
Santas Máxima, Donatila e Segunda, virgens e mártires 456
Bem-aventurado Maniqueu de Guzman, confessor 459

31.º dia de julho

Santo Inácio, fundador da Companhia de Jesus 461
São Fábio, mártir 482

Composto e impresso nas
oficinas gráficas da
EDITORA DAS AMÉRICAS
São Paulo — 1960